



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
Núcleo de Ciências e Tecnologia (NCT)
Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente

IREMAR ANTONIO FERREIRA

FACHOS ACESOS NA MATA

Porto Velho (RO)
2009



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
Núcleo de Ciências e Tecnologia

FACHOS ACESOS NA MATA

IREMAR ANTONIO FERREIRA

Orientador: Prof. Dr. Artur de Souza Moret

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de PósGraduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Área de Concentração em Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável, para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

Porto Velho (RO)
2009

P4375a Ferreira, Iremar Antonio
Fachos Acesos na Mata / Iremar Antonio Ferreira.
Orientador Artur de Souza Moret – Porto Velho, 2009.
168f.

Dissertação apresentada à Fundação Universidade Federal
de Rondônia para obtenção do título de Mestre em
Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente

1. Meio ambiente 2. Relação homem e ambiente 3.
Seringueiros I. Título

CDU: 504 (811.1)

Catalogado por: Mônica Regina Peres – CRB11 nº 542

IREMAR ANTONIO FERREIRA

FACHOS ACESOS NA MATA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Artur de Souza Moret

(Orientador)

Prof. Dr. José Marta

(Membro)

Prof. Dr. Antônio Cláudio Barbosa Rabello

(Membro)

Porto Velho, 27 de Fevereiro de 2009.

Resultado_____

DEDICO

A meus pais, Salvador e Maria, que não mediram esforços e apoio nas decisões tomadas;
A Benedito, José, Aparecida, Liomar (in memória), Rosângela, Cláudio, Claudete, Claudelina
(in memória), Valmir, Vlademir e Claudemir, meus irmãos... uma grande família...

À Márcia, pelo companheirismo, cumplicidade e apoio;

Ao Lucas e Tanan que partilham desde a infância do ambiente de construção do
conhecimento, em casa e nas aldeias, beiradões e seringais;

Aos membros do Instituto Madeira Vivo, na pessoa da Vânia Tomaz;

Aos moradores da RESEX do Rio Ouro Preto, de modo particular, em nome destes, ao Sr.
Napoleão e D. Francisca, verdadeiros “fachos acesos na mata” cuja partilha de momentos
resultou nesta pesquisa;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Artur de Souza Moret, pela parceria na construção do
conhecimento e amizade.

A G R A D E C I M E N T O S

Aos amigos e colaboradores do Grupo de Pesquisa Energia Renovável e Sustentável (GPERS)
e do Instituto Madeira Vivo (IMV), pelo aprendizado coletivo;
Ao Celso, Xênia, Raimundinha e Brent pelas contribuições;
Ao meu orientador, Prof. Dr. Artur de Souza Moret;
Ao CNPq, pela bolsa de mestrado;
Aos mestrandos e professores do PGDRA/2007, pela partilha do conhecimento;
A toda minha família, pela compreensão nos momentos de ausências, compensados pelos
reencontros... de modo particular a Márcia, pelas contribuições teóricas, partilha, reflexão e
troca de conhecimentos;
Aos Seringueiros agroextrativistas da RESEX do Rio Ouro Preto;
As Associações representativas dos Seringueiros ASAEX e ASROP;
Ao Instituto Chico Mendes de Preservação da Biodiversidade, na pessoa do Sr. José Maria
dos Santos, que apoiou, desde o início, esta iniciativa;
À Banca Examinadora, pela avaliação e compreensão;
À Universidade Federal de Rondônia na Coordenação do PGDRA.

EPÍGRAFE

Eu tenho um sonho... Esta dissertação é parte dele!

RESUMO

Esta dissertação trata de um modo específico do Desenvolvimento Sustentável na Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto. Da compreensão conceitual à historicidade da RESEX, gotejada pelos discursos oficiais e dos colaboradores entrevistados, mediante Análise dos Discursos, foi possível a interpretação de uma realidade, a partir da ferramenta e das análises baseadas no ferramental teórico, que não corresponde com a perspectiva da sustentabilidade desejada pelos moradores. Portanto, os caminhos percorridos foram diversos para analisar como este desenvolvimento foi impulsionado e seus resultados. Isto leva à percepção de que o planejamento de futuras intervenções de políticas públicas ou privadas sejam resultados das propostas dialogadas, que reflita o espaço, a cultura, meio ambiente, dos diferentes atores que tem em comum a Reserva Extrativista.

Palavras chaves: Seringueiro, RESEX, Desenvolvimento, Sustentabilidade.

ABSTRACT

This dissertação deals with a specific way of the Sustainable Development in the Extrativista Reserve of the River Ouro Preto. Of the conceptual understanding to the historicidade of the RESEX, dripped for the official speeches and of the interviewed collaborators, by means of Analysis of the Speeches, the interpretation of a reality was possible, from the tool and of the analyses based on the theoretical tool rack, that does not correspond with the perspective of the support desired for the inhabitants. Therefore, the covered ways had been diverse to analyze as this development was stimulated and its results. This leads to the perception of that the planning of future interventions of public or private politics is resulted of the dialogued proposals, that the space reflects, the culture, environment, of the different actors whom the Extrativista Reserve has in common.

Key words: Seringueiro, RESEX, Development, Support.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustra as colocações e as estradas de seringa_____	38
Figura 2 - Localiza terras indígenas nas proximidades da RESEX do Rio Ouro Preto_____	39
Figura 3 - Localização atual da RESEX do Rio Ouro Preto_____	40
Figura 4: Representação do desmatamento no sentido pressão externa-interna_____	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Análises dos discursos oficiais, colaboradores e pesquisador	65
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AD – Análise de Discurso

ARENA - Aliança Renovadora Nacional;

ASAEX – Associação dos Seringueiros Agroextrativistas do Baixo Rio Ouro Preto;

ASGM – Associação dos Seringueiros de Guajará Mirim;

ASROP – Associação dos Seringueiros do Rio Ouro Preto;

BASA – Banco da Amazônia;

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento;

BMDs - Bancos Multilaterais de Desenvolvimento;

CNPT – Centro Nacional de Populações tradicionais;

CNS – Conselho Nacional dos Seringueiros;

CMMAD - Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento;

DS – Desenvolvimento Sustentável;

FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação;

FDL – Folha Líquida Defumada;

GPERS – Grupo de Pesquisa Energia Renovável Sustentável;

IBAMA – Instituto Brasileiro dos Recursos Naturais Renováveis e Meio Ambiente;

IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal;

IEF – Instituto Estadual de Florestas;

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária;

LNPMA - Lei de Política Nacional do Meio Ambiente;

MDB - Movimento Democrático Brasileiro;

ONG – Organização Não-Governamental;

OSR – Organização dos Seringueiros de Rondônia;

PAE – Programa de Assentamento Extrativo;

PDA – Projetos Demonstrativos Tipo - A;

PGDRA – Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente;

PLANAFLORO – Plano Agropecuário e Floresta de Rondônia;

PNRA – Programa Nacional de Reforma Agrária;

PPG7 – Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil;

PROECOTUR - Programa de Ecoturismo de Rondônia;

PRODEPEF - Projeto de Desenvolvimento e Pesquisa Florestal;

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; FAO/IBDF

PROJETO RESEX – Projeto Reservas Extrativistas do PPG-7;
PRONAF - Programa Nacional da Agricultura Familiar;
RESEX – Reserva Extrativista;
SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza;
SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia;
SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia;
SUFRAMA - Superintendência da Zona Franca de Manaus;
UNIR – Universidade Federal de Rondônia;

SUMÁRIO

	LISTA DE FIGURAS	
	LISTA DE QUADROS	
	LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	
	RESUMO	
	ABSTRACT	
	INTRODUÇÃO À PESQUISA	15
	CAPÍTULO I – PERCURSOS DA PESQUISA	22
I.1	O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AO EXTRATIVISMO	22
I.2	RESERVAS EXTRATIVISTAS: CONQUISTA DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL	31
	CAPÍTULO II - O RIO OURO PRETO	35
II.1	A CONSOLIDAÇÃO DA RESEX	35
II.2	A RESEX DO RIO OURO PRETO: AUTONOMIA?	40
II.3	O DESAFIO DE MANTER A RESEX PARA OS EXTRATIVISTA	46
II.4	DO PROGRAMA EMERGENCIAL AO PROJETO RESEX: QUAL O CUSTO DO DESENVOLVIMENTO?	48
	CAPÍTULO III – PERCURSOS E RESULTADOS	54
III.1	MATERIAIS E MÉTODOS DA PESQUISA	54
III.2	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	60
III.3	ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DISCURSOS	67
	CONCLUSÃO	74
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
	ANEXOS	
	ANEXO 1	81
	ANEXO 2	82
	Entrevista Colaborador C1	83
	Entrevista Colaborador C2	91
	Entrevista Colaborador C3	96
	Entrevista Colaborador C4	104
	Entrevista Colaborador C5	116
	Entrevista Colaboradora C6	125
	Entrevista Colaborador C7	131
	Entrevista Colaboradora C8	139
	Entrevista Colaboradora C9	144
	Entrevista Colaborador C10	152

INTRODUÇÃO À PESQUISA

“O elemento popular “sente”, mas nem sempre compreende ou sabe; o elemento intelectual “sabe”, mas nem sempre compreende e muito menos “sente”. (...) O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa “saber” sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado” (GRAMSCI, 1966, p. 138-9).

Esta dissertação tem sua origem no contato estabelecido com os Seringueiros da Comunidade Nossa Senhora dos Seringueiros, da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto (RESEX), situada nos municípios de Guajará-Mirim e Nova Mamoré. Ao longo de três anos (de janeiro 2006 a dezembro 2008), de execução do projeto desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Energia Renovável Sustentável denominado “Geração de Energia com óleos vegetais em comunidades isoladas – estudo de caso da RESEX do Rio Ouro Preto”, no qual fui coordenador de campo. Diversas foram as viagens a campo: de ônibus, de táxi, de carro próprio e de “rabeta”¹ pelo rio que emprestou o nome à RESEX e propiciando observações e reflexões nos diálogos mantidos, bem como confiança entre pesquisador e comunitários.

O contato também se deu em momentos de assembléias, capacitações, reuniões, conversas noite adentro, iluminadas pela luz elétrica ou da lamparina, com o senhor Napoleão, Dona Francisca, seus vizinhos e familiares. Nessas conversas destacava-se a insatisfação diante de tantos projetos frustrados, do papel conservacionista e dos desafios do dia-a-dia, de se criar os filhos e os netos, num contexto de quase abandono pelos gestores da unidade de conservação e serviços de saúde, educação, escoamento da produção, marcava as narrativas.

Estes discursos instigaram-me a propor um projeto de mestrado almejando uma pesquisa que pudesse contribuir para uma análise e compreensão do papel da reserva extrativista; se tem contribuído para a construção da autonomia de seus habitantes. O percurso da pesquisa foi me conduzindo a novos caminhos, originando esta dissertação, com um foco de análise no Projeto RESEX, projeto este que contribuiu para a consolidação das Reservas Extrativistas, tanto no campo institucional jurídico como na infra-estrutura física.

A reserva extrativista é aqui compreendida como territórios de propriedade da União, destinadas ao usufruto coletivo dos seringueiros extrativistas, inspirados no modelo das terras indígenas, e que não devem, portanto, serem entendidas como “reservas de recursos naturais

¹ Rabeta é o nome dado a um modelo de motor de popa, com aste na qual é fixada a palheta, impulsionando a canoa ao acelerar. Bastante utilizada na região pelo baixo custo e facilidade na navegação principalmente no período de verão, quando o rio está razo.

para extração”, e sim como “reservas de florestas para extrativistas”, como propõe ALMEIDA (p. 14 apud PANTOJA, 2001).

Minha formação de bacharel em História pela Universidade Federal de Rondônia (1994-97), (cuja construção do conhecimento neste período foi) orientada no envolvimento com povos indígenas da região, impulsionou-me, a partir das reflexões tecidas no mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (PGDRA/UNIR/2007-2008), a desenvolver pesquisa junto a esta população considerada tradicional², por sua especificidade cultural e histórica, que desde os tempos do “barracão”³ esteve submetida a um sistema de isolamento geográfico e social, à margem da sociedade que a mantinha dessa forma, dividindo espaços e gerando conflitos com povos indígenas que já habitavam a região do Rio Outro Preto. A similaridade de vida entre indígenas e seringueiros torna importante as contribuições desta pesquisa para minha formação e ao programa de mestrado.

Na definição de um título que melhor representasse esta pesquisa decidi por **Fachos Acesos na Mata**, que cria identificação e um sentido simbólico para a percepção de mundo dos Seringueiros extrativistas, com os quais realizei esta pesquisa. Os fachos acesos iluminam a vida dos Seringueiros, o caminho, ainda de madrugada, rumo às estradas para o corte da seringa; iluminam a ida e a volta de um festejo ou de uma caçada, afastam as feras, conferem uma maior sensação de segurança na caminhada.

O Seringueiro utiliza diversos materiais e instrumentos que produzem luz, para iluminar a mata: a lamparina, a lanterna (farol), o lampião ou ainda o facho - elaborado com cipó, casca, fibras que fixados na ponta de um pedaço de madeira, que embebido em diesel, querosene ou gasolina, aceso produz a iluminação desejada na noite escura da floresta. Esta é a explicação material e necessária para a função do facho aceso na mata.

Por outro lado, a resistência silenciosa ao sistema do barracão, o sentimento de liberdade do arrendamento de colocação, até a construção do movimento social, pela criação das reservas extrativistas nas décadas de 1980 e 1990, representam simbolicamente estes fachos acesos na mata, pois iluminaram a vida dos Seringueiros. Chico Mendes, um líder que denunciou a violação de direitos e contribuiu para organizar os seringueiros, esteve em Guajará-Mirim em 1986, fortalecendo os pequenos fachos dispersos, rumo à conquista da

²

Decreto N. 6.040 de 7 de Fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, em seu Artigo 3º, Línea I descreve que: “*Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condições para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição*”.

³

Tempo do “barracão” é uma referência ao tempo que os patrões tinham pontos fixos adiantadores de mercadorias e compra de látex, com isso os seringueiros dependiam exclusivamente do patrão, cuja valorização das mercadorias adiantadas eram sempre maiores que o látex produzido e entregue, ficando sempre na dívida o seringueiro, ou seja, nas mãos do patrão.

Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, é um exemplo de facho que continua a iluminar iniciativas.

Entendo que outros “fachos” devam ser considerados neste processo de conquista da RESEX pelos Seringueiros, pois contribuíram para seu fortalecimento enquanto Movimento Social expressivo de uma categoria *invisível* na região de Guajará-Mirim - os denominados “projetos” de desenvolvimento das comunidades que ajudaram na consolidação do espaço físico e organizacional dos Seringueiros, são exemplos de fachos que propiciaram clarão, luz na mata.

O *Projeto Reservas Extrativistas* foi o principal projeto desenvolvido pelo Governo Federal em meados dos anos 1990 junto às RESEX. Antes deste, iniciativas privadas foram desencadeadas para dar suporte aos Seringueiros após o “declínio do patrão” e ausência do arrendatário, entre os anos 1970 e 1980. É a partir deste *Projeto* que pretendo orientar esta pesquisa, já que se consolida, por meio deste, a presença do Estado brasileiro no planejamento da criação e uso dos recursos naturais existentes neste espaço, até então ausente. Portanto, almejo analisar o alcance deste “facho”; e se o Projeto RESEX, a partir de sua implantação altera a dinâmica social, ambiental e econômica (positiva ou negativamente) na Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto.

Compreende-se que este Movimento Social audacioso e não-planejado, que surge com o declínio dos padrões e chega à conquista de territórios coletivos, é mais um facho aceso na mata, que propõe um novo modelo de preservação, também não-planejados, mas em função da necessidade de garantir um espaço de sobrevivência física e cultural para os Seringueiros.

Pode-se afirmar que aos poucos surgem alternativas tradicionais, para manter um modo de vida para a sobrevivência (tipo de moradia, distâncias, difícil acesso, ausência de serviços de saúde e educação, por exemplo), e modernas, como acontece no processo organizacional (associativismo), e que resulta num modelo ou proposta de unidade de conservação, pensando nas futuras gerações: baseadas unicamente na incerteza de como e onde filhos e netos vão viver.

O Seringueiro agro-extrativista ocupa seu espaço através do diálogo, narrativas e a partir da compreensão de histórias individuais (PANTOJA, 2004, p. 50). Ao invés de manter a visão de sobreposição do dominador sobre o dominado, como se o dominado fosse um mero reflexo do dominador, na relação histórica social do Seringueiro, sustenta-se a idéia defendida por GOMES (2005) de que o dominado também desenvolve ações e estratégias de poder, apesar dos desequilíbrios entre as forças. O processo de organização social: representação local comunitária, associação formada de comunidades, comitê gestor da RESEX, pode ser

uma resposta à ineficiência das políticas públicas governamentais, na tentativa de propiciar melhor qualidade de vida.

Pelas análises das entrevistas é possível reafirmar o olhar sobre os seringueiros e seringueiras extrativistas como atores de sua própria história, distinguindo-se dessa maneira, de outros estudos acadêmicos produzidos sobre este RESEX, nos quais a realidade nas reservas extrativistas é reduzida a ideias e noções preconcebidas, sem qualquer preocupação com a compreensão da forma como os sujeitos concretos vivenciam e dão sentidos “à sua situação de vida” (PANTOJA, 2004, p. 46). Essa perspectiva de estudo introduzida recentemente na História, dialoga com a Antropologia, enfocando diferentes aspectos da sociedade do seringal e da história dos seringais com base na observação etnográfica, compreendendo sua complexa rede de relações (sociais, econômicas, ambientais e culturais) com o meio em que vive.

Perceber a formação do espaço de “desenvolvimento regional e meio ambiente”, como algo formado pelas relações sociais, para compreender a dinâmica atual, requer a compreensão da constituição destas relações, que passa pela narrativa, o discurso do vivido, a memória.

De acordo com NORRA (2006) a memória é:

a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORRA, 2006, p. 09).

As interpretações e leituras de mundo são sempre construções de olhares. CUNHA (1994) comparou o trabalho do seringueiro a uma empresa, referindo-se à sua condição como de “devedor para sempre insolvente”. A partir desse olhar firmou-se a imagem do trabalhador isolado na selva, laborando solitariamente para pagar uma dívida que começou a se formar no momento em que saiu do Ceará e que sempre se avoluma. Entretanto, o desafio é construir outras compreensões deste trabalhador a partir de suas concepções, traduzidas pelos discursos:

E vê-se completamente só na faina dolorosa. A exploração da seringa, neste ponto pior que a do caucho, impõe o isolamento. Há um laivo siberiano naquele trabalho. Dostoievski sombrearia as suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constrangido a calcar durante a vida inteira a mesma estrada, de que ele é o único transeunte, trilha escurecida, estreitíssima e circulante, ao mesmo ponto de partida. Nesta empresa de Sísifo a rolar em vez de um bloco o seu próprio corpo – partindo, chegando e partindo – nas voltas construtoras de um círculo demoníaco, no seu eterno giro de encarcerado numa prisão sem muros, agravada por um ofício rudimentar que ele aprende em uma hora para exercê-lo toda a vida,

automaticamente, por simples movimentos reflexos – se não o enrija uma sólida estrutura moral, vão-se-lhe, com a inteligência atrofiada, todas as esperanças e as ilusões ingênuas, e a tonificante alacridade que o arrebatam àquele lance, à aventura, em busca de fortuna. (CUNHA, 1994, p.59.)

As reservas extrativistas são consideradas pelo ambientalismo governamental brasileiro como propulsoras de um novo modelo de desenvolvimento, talvez por suas limitações: dificuldades de acesso, pouca formação social e organizacional, pouca capacitação para o manuseio dos recursos entre outros. No entanto, a compreensão de equilíbrio ecológico e sustentabilidade da Amazônia passa eminentemente pela distribuição espacial do homem, nos moldes tradicionais do extrativismo, em função da distribuição espacial das espécies vegetais e animais, segundo RUEDA (1995), ou seja, partir-se-ia para um novo conceito de ocupação humana caracterizando como “ótimo” aquele que assegura a sustentabilidade para seringueiros, castanheiros e pescadores, cinco km² por família (ou seja, 1 habitante por km²), garantindo manejo integral da Vida na área ocupada (RUEDA, 1995, p.1-2).

Portanto, para RUEDA (1995), com o advento da Revolução Industrial, sob influência do materialismo histórico de Marx, cuja ordem econômica torna as riquezas naturais em “matérias-primas”, indispensáveis para transformação em produtos a serem consumidos, exportados, um século depois, com o avanço da tecnologia, o crescimento populacional e a utilização excessiva das “matérias primas”, o homem começou a mudar seus conceitos sobre o extrativismo, percebendo que os recursos naturais são esgotáveis e que é preciso reproduzi-los para que permaneçam, e cheguem a outras gerações (RUEDA, 1995, p.11).

A criação das RESEX é apenas uma etapa rumo à consolidação do conceito pela prática, com todos os desafios a ela ligados. A perspectiva do desenvolvimento sustentável e o extrativismo se enquadram neste novo conceito em formação. Porém, com uma nova cara. A defesa dos recursos naturais surge na luta pela terra, ou seja, não só um desenvolvimento sustentável, mas acima de tudo “Socialmente Justo”. As Reservas Extrativistas neste aspecto, conservam as características da Justiça Social, mediante a distribuição da terra na sua função social e de uso coletivo (RUEDA, 1995, p. 11).

Para ARNT (1994), no contexto destes sistemas modernos, surge o agro-extrativismo, saindo da produção - economia de consumo para a economia de troca, em complementaridade às demandas criadas pela convivência com a economia de mercado. Estes sistemas podem ser compreendidos como agricultura branca (arroz, feijão, macaxeira, milho) voltada para a subsistência e comércio de excedente; criação de pequenos animais (galinhas, patos, porcos) para consumo e comércio; criação de algumas cabeças de gado; corte de madeira manejada ou não; extração de látex, colheita de castanhas e colheita de cipós, ambos para trocar por alguma

moeda. Ou seja, para enfrentar as dificuldades de acesso a bens de consumo, muitas famílias dedicam maior tempo e trabalho à agricultura, quando não alocando membros da família a outras atividades complementares. Famílias cuja maioria é composta de pessoas adultas, podem facilmente conciliar extrativismo e agricultura (ARNT et al, 1994).

Ao propor esta pesquisa, lancei mão da Análise do Discurso (AD) como ferramenta, num contexto de análise histórica, com a clareza de que a AD visa construir um método de compreensão dos objetos de linguagem. Para isso não trabalha com linguagem enquanto dado, mas como fato, elaborado por sujeitos, neste caso específico, sujeitos de uma reserva extrativista.

COURTINE (1986 apud ORLANDI, 1990.p. 26-35) procura “compreender as formas textuais de representação do político”. Ou seja, a relação da AD com o texto não é extrair o sentido, mas apreender a sua historicidade, o que significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos. O discurso é histórico porque é produzido em condições determinadas e projeta-se no “futuro”, mas também é histórico porque cria tradição e influencia novos acontecimentos, novas formulações de políticas públicas.

Para ORLANDI (1990, p. 124-178) o discurso histórico é o lugar da territorialização, da identidade do homem na relação tempo-memória; em nosso caso, a Reserva Extrativista, o seringueiro e o agro-extrativista. A identidade aqui é compreendida como um movimento – relação identidade/alteridade e, além disso, ela se faz como um movimento na história, ou seja, ela tem historicidade. É um discurso feito por sujeitos em condições determinadas. Este sujeito não é um sujeito-em-si, livre de toda determinação (da ideologia), ele é um sujeito socialmente (culturalmente, historicamente) constituído (determinado). Sua prática discursiva é oriunda de sua “comunidade” – rede de contatos e seus “discursos”; narrativa/história se dão a partir de seus modos de vida, organização social e material.

PÊCHEUX (apud ORLANDI, 1990, p. 28) diz que o instrumento da prática política é o discurso, ou seja, “a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social”. As representações sociais assumidas pelos Seringueiros durante e depois do processo de criação da RESEX, através de suas organizações sociais, na relação com instâncias governamentais ou não, é um exemplo desta prática discursiva; constroem novos espaços junto a estas instâncias, saem do anonimato para a cena política institucional.

A percepção do discurso será possível por meio da interpretação das entrevistas. Estas entrevistas constituem um instrumento de investigação que se caracteriza pela busca da compreensão do contexto da vida das pessoas na relação com o tema proposto. Foram obtidas

mediante conversa estabelecida entre pesquisador e entrevistados, aqui compreendidos como *colaboradores*⁴, mediante identificação do grau de envolvimento social no contexto da luta política; através de convite e prévio conhecimento para colaborar na construção da pesquisa, cuja intervenção do pesquisador é i) dar organicidade aos discursos, ii) diálogo entre os discursos e iii) construir interpretações a partir dos discursos dos Seringueiros, dos documentos oficiais e de referências bibliográficas.

No diálogo estabelecido no trabalho de campo entre pesquisador e colaborador constrói-se a compreensão do modo de vida, propicia-se a troca de idéias, que poderá desencadear em propostas para orientar intervenções de políticas públicas ou privadas para o desenvolvimento da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, visando à melhoria da qualidade de vida e a geração de renda.

Para organizar a construção das análises desta dissertação, optou-se por três Capítulos de forma a introduzir o leitor num processo crescente de informação, a saber:

O Capítulo I promove a compreensão dos conceitos de sustentabilidade e extrativismo, assim como o processo histórico de formação da Organização Social até a constituição das Reservas Extrativistas.

No Capítulo II contextualiza-se historicamente a constituição do espaço da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto: da ocupação indígena aos Seringueiros agro-extrativistas e suas formas de resistências;

No Capítulo III são apresentados os materiais e métodos, os resultados da pesquisa e as conclusões possíveis.

⁴ colaborador – nome dado por Meihy ao depoente que têm seu papel mudado, deixando de ser meros informantes, atores, objeto de pesquisa.

CAPÍTULO I - PERCURSOS DA PESQUISA

I.1 – DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AO EXTRATIVISMO

“Não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens” (Paulo Freire, 2001).

O discurso de que o esgotamento dos recursos do planeta está associado aos padrões de consumo estabelecidos pelos seres humanos, promovido principalmente pelas revoluções agrícola e industrial, sendo esta última a que impulsionou a disponibilização de produtos, intensificando o consumo, conturbando o Meio Ambiente, parece que nas últimas duas décadas é aceito como uma verdade. O Relatório Brundtland da Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD): “Nosso Futuro Comum”, publicado em 1987, define o desenvolvimento sustentável como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades” (CMMAD, 1987). O referido relatório já denunciava que as proporções desta crise é “um futuro ameaçado” e esse futuro é o nosso futuro e que as “ameaças” são: o crescimento da população em situação de miséria; a concentração de renda e da riqueza; a insegurança alimentar; a deteriorização de parcelas da biosfera; a fragilidade e inadequação das instituições; a perda da memória cultural; o crescimento da violência contra a pessoa (CARVALHO 1994, p. 361).

O desenvolvimento não significa aumento contínuo do acúmulo da renda. Necessita-se de uma revisão dos padrões de consumo e estilos de vida da sociedade moderna, para uma melhor redistribuição de renda e da riqueza; construção de novos parâmetros de participação social e de uma relação diferenciada com a natureza, não somente como fonte de recursos.

Compreende-se que o desenvolvimento não pode ser medido apenas por valores econômicos, mas, sobretudo, por disponibilização de saúde, segurança, qualidade de vida, qualidade ambiental e garantia do território às populações tradicionais, por valores éticos – *justiça produtiva e justiça distributiva* (GUIMARÃES, 2001, p. 51-59).

Para SACHS (2004), “o desenvolvimento é distinto do crescimento econômico, na medida em que os objetivos do desenvolvimento vão bem além da mera multiplicação da riqueza material”. Afirma ainda que, “o crescimento é uma condição necessária, mas de forma alguma suficiente para se alcançar a meta de uma vida melhor, mais feliz e mais completa para todos”. Entretanto, no contexto histórico em que surgiu,

“a idéia de desenvolvimento implica a expiação e a reparação de desigualdades passadas, criando uma conexão capaz de preencher o abismo civilizatório entre as antigas nações metropolitanas e a sua antiga periferia colonial, entre as minorias ricas modernizadas e a maioria ainda atrasada e exausta dos trabalhadores pobres”(SACHS, 2004, p. 13).

Por outro lado, “o desenvolvimento traz consigo a promessa de tudo – a modernidade inclusiva propiciada pela mudança estrutural” (SACHS, 2004, p. 13).

Para a superação da crise do “futuro ameaçado”, provocada pelo esgotamento dos recursos naturais pela ação humana, tem propiciado a formulação de novas propostas e conceitos pós-Burtland, entre eles o Desenvolvimento Inclusivo. A busca de um novo modelo de desenvolvimento inclusivo precisa levar em conta o fortalecimento das populações em suas organizações sociais como um todo, tendo a economia solidária como motriz de relações sócio-produtivas (MORAIS, 1991).

SACHS (1993) afirma que o equilíbrio da relação entre meio ambiente e desenvolvimento passa a ser reconhecido como desafio para a humanidade, que deve buscar novos padrões de desenvolvimento que envolva de forma mais justa as diferentes camadas sociais e que não há limites ecológicos ou tecnológicos que impeçam a superação dos problemas da pobreza e do meio ambiente, mas sim obstáculos sociais e políticos (apud DORIA, 2007).

No entendimento de SACHS (2004), a harmonização dos interesses sócio-econômicos, ecológicos, geográficos e culturais é imprescindível, pois as diferenças e particularidades culturais e regionais interferem na sustentabilidade. O autor entende que os cinco pilares do desenvolvimento sustentável são:

- a- Social: fundamental por motivos tanto intrínsecos quanto instrumentais, por causa da perspectiva de disrupção social que paira de forma ameaçadora sobre muitos lugares problemáticos do nosso planeta;
- b- Ambiental: com as suas duas dimensões (os sistemas de sustentação da vida como provedores de recursos e como “recipiente” para a disposição de resíduos);
- c- Territorial: relacionado à distribuição espacial dos recursos, das populações e das atividades;
- d- Econômico: sendo a viabilidade econômica a *conditio sine qua non* para que as coisas aconteçam;
- e- Político: a governança democrática é um valor fundador e um instrumento necessário para fazer as coisas acontecerem; a liberdade faz toda a diferença (SACHS, 2004, p. 17).

Neste contexto, ANDRADE (2001) afirma que o desenvolvimento deve primeiro responder às necessidades do país, coletiva e socialmente definidas; deve usar e aproveitar as tradições culturais existentes e não rejeitá-las, a priori, como obstáculos ao desenvolvimento;

deve também respeitar, e não destruir, o meio ambiente. Além destes pontos, a busca de um novo modelo de desenvolvimento precisa levar em conta o fortalecimento das populações em suas organizações sociais como um todo. (apud DORIA, 2007, p. 37).

Para DIEGUES (2000), as culturas tradicionais que se desenvolvem dentro do modo da pequena produção mercantil caracterizam-se por sistemas de manejo de recursos naturais marcados pelo respeito aos ciclos naturais, pela exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas. Adverte ainda contra a visão romântica atribuída aos povos tradicionais: “em muitos casos, sistemas tradicionais de manejo altamente adaptados a ecossistemas específicos caíram em desuso, seja pela introdução da economia de mercado, ou pela desorganização ecocultural, ou seja, por substituição por outros sistemas chamados modernos” (DORIA, 2007, p. 38).

No contexto dos sistemas modernos, como estratégia de resistência e sobrevivência, os povos tradicionais recriam o agro-extrativismo e promovem desenvolvimento sustentável, saindo da produção - economia de consumo para a economia de troca - em complementaridade às demandas criadas pela convivência com a economia de mercado. Estes sistemas podem ser compreendidos como: agricultura branca (arroz, feijão, macaxeira, milho), voltada para a subsistência e comércio de excedente; criação de pequenos animais (galinhas, patos, porcos) para consumo e comércio; criação de algumas cabeças de gado; corte de madeira manejada ou não; extração de látex, colheita de castanha, colheita de cipós, ambos para trocar por alguma moeda. Ou seja, para enfrentar as dificuldades de acesso a bens de consumo, muitas famílias estão dedicando maior tempo e trabalho à agricultura, quando não alocando membros da família a outras atividades complementares. As famílias cuja maioria é composta de pessoas adultas podem facilmente conciliar extrativismo e agricultura (ARNT, 1994, p. 21).

DIEGUES (2000) afirma que para “alcançar o desenvolvimento para estas comunidades requer modificar sua economia de subsistência, combinando formas antigas e novas, mantendo sua identidade, sem opor-se à evolução de suas sociedades e de seus sistemas econômicos, sem contradizer um dos princípios do desenvolvimento sustentável: a manutenção dos padrões culturais locais”, como exemplo, o uso do babaçu como alternativa sustentável na geração de energias e atividades econômicas, passa pela adoção e apropriação de novas tecnologias adaptadas à realidade local, exigindo maior organização comunitária na busca de benefícios comuns.

Quanto às implicações para a gestão local (urbano ou rural), FREY (2001) ressalta a importância da questão ecológica para o processo de desenvolvimento e que a preocupação

com o equilíbrio ecológico e climático global deveria fazer-se presente em todo pensamento sobre o desenvolvimento.

Apostando, por outro lado, na capacidade e criatividade ecológica (SACHS 1993, p. 38) do homem-planejador em modificar e manipular a natureza e as ações humanas em benefício do homem e da própria natureza, e em transformar os elementos do ambiente (natural e cultural) em recursos úteis, “a resistência e a criatividade do povo se mostram mais fortes do que as imposições do clima e do ecossistema”.

Por um lado, uma maior modéstia se reflete no princípio da prudência ecológica, como elemento norteador imprescindível do planejamento. É preciso minimizar decisões irreversíveis, harmonizar, sempre que possível, os usos múltiplos e manter em aberto opções para o futuro (FREY 2001, p. 10). Este princípio requer, diante da falta de conhecimento preciso, um comportamento altamente prudente, o que implica uma disposição à auto-limitação nas transações do homem com a natureza e a consideração do princípio da flexibilidade para, desta maneira, poder salvaguardar a diversidade e evitar situações, decisões e fatos de irreversibilidade.

Por outro lado, a alta pretensão e a complexidade da abordagem do ecodesenvolvimento⁵ ou desenvolvimento sustentável, se evidencia nos princípios adotados da *solidariedade diacrônica* com as gerações futuras e da *solidariedade sincrônica* com os contemporâneos, que frisam o caráter primordialmente cultural da proposta do ecodesenvolvimento (FREY 2001, p. 10).

O ecodesenvolvimento reconhece a possibilidade da sustentação puramente ecológica se converter em um instrumento de exclusão social por ser politicamente injusta. (FREY 2001, p. 10). Dentro desta perspectiva é crucial que não se dissocie a preocupação ecológica da preocupação de equidade social, isto é, soluções para os problemas ambientais devem ser buscadas dentro do próprio sistema social, e que se incorpore o horizonte de planejamento de longo prazo às estratégias de ecodesenvolvimento - necessidade incompatível com a lógica do mercado que, por sua vez, é orientado pela maximização do lucro econômico-financeiro à curto prazo.

⁵ Ecodesenvolvimento – o termo foi proposto por M. F. Strong, diretor do Programa Ambiental das Nações Unidas (UNEP), no primeiro encontro do conselho administrativo realizado na Suíça em 1973. Tornou-se popularizado por Ignacy Sachs pós anos 80. O Ecodesenvolvimento ou desenvolvimento sustentável baseiam-se nos pontos de vistas nas argumentações dos economistas e outros profissionais que criticam as idéias ocidentais do progresso e desenvolvimento econômico. Acentuam suas críticas na concentração de renda e a miséria agravada nos países periféricos, além da deterioração ambiental (Schumacker – 1973 – Dickinson – 1979). Assim para os defensores do desenvolvimento sustentável é necessário voltar o planejamento para a satisfação das necessidades básicas da população, redirecionando as prioridades para os pobres e para a ecologia conforme Dasmann – 1985 e Chambers – 1986, (COELHO, 1994, p. 382-83).

Projetos que desassociem geração de renda de conservação ambiental nas comunidades extrativistas podem estar fadados ao fracasso, pois perdem a motivação dos envolvidos.

Para alcançar o desenvolvimento, o planejamento terá que ser participativo e político, o que o situa em oposição ao planejamento tecnocrático e pretensamente neutro, convencido de que o desenvolvimento privilegia a si próprio e que, ademais, pode tornar-se ótimo tão-somente pela intervenção do escalão central (SACHS 1986, p. 115 apud FREY 2001, p. 11).

Questiona-se a possibilidade de implementar propostas como a do ecodesenvolvimento no quadro do atual sistema político e sob as condições de uma distribuição extremamente desigual de poder. A reforma democrática do Estado e do sistema político é considerada uma pré-condição para a implementação de uma nova concepção de desenvolvimento sustentável (FREY 2001, p. 11).

Entre os planejadores, e boa parte dos políticos, encontram-se consideráveis reservas no tocante às tentativas de conceder - mediante amplos direitos de participação - mais influência sobre os resultados de planejamento (RENN & OPPERMANN, 1995, p. 258 apud FREY 2001, p. 11). Os cidadãos são vistos como incompetentes para decidir, especialmente no caso de tarefas mais complexas de planejamento. Observa-se uma tendência a uma participação parcial, controlada e caracterizada pela cooptação dos participantes (KEIL, 1995, p. 293 apud FREY 2001, p. 11).

Para FREY (2001, p. 13), a participação popular torna-se peça fundamental da política ambiental, indispensável para uma mudança substancial do atual quadro de políticas públicas, em contraposição à abordagem ecológico-tecnocrata de planejamento, na abordagem política de participação democrática. O planejamento deve ser compreendido não apenas como orientado pelas necessidades da população, mas também como conduzido por ela. Uma vez que as condições de poder político são vistas como responsáveis para os atuais problemas ambientais, afetando em primeiro lugar os mais pobres, é fácil compreender a reivindicação em favor da alteração dessas condições de poder, o que significaria dar um peso mais forte aos interesses anteriormente marginalizados nos processos políticos de decisão.

Segundo FREY (2001), o modelo de imposição de vontade pública conduzida pela base, que, a propósito, é defendido pelo movimento ecológico como ordem política preferencial, aposta antes no confronto do que na cooperação, o princípio norteador do ecodesenvolvimento. No lugar das elites oligárquicas, deveria ser a “base”, ou seja, a própria população que deveria determinar as diretrizes políticas. A pretensão de condução e controle político pela base e a consequente necessidade de romper com o compromisso de elite exigem

a descentralização do processo de decisão e a introdução de uma democracia participativa. Só desta maneira os cidadãos podem tornar-se atores efetivos dos processos decisórios. Os interesses dos marginalizados devem entrar nas decisões não apenas através da coordenação negativa (FREY 2001, p. 13), isto é, da consideração indireta e geralmente incompleta dos interesses dos marginalizados pela elite política, mas sim pela explícita inclusão dos marginalizados como atores políticos ativos defendendo os próprios interesses nos sistemas de negociações.

No contexto do planejamento do desenvolvimento, FRIEDMANN (1998) frisa a importância de um planejamento remodelado, adotando um estilo transativo e dialógico. Este pode ocorrer a partir do momento em que as aspirações da sociedade civil se voltam das preocupações privadas para as preocupações públicas da comunidade política, envolvendo a luta pela inclusão, pela ampliação das oportunidades de autodesenvolvimento e pela justiça social (FRIEDMANN, 1998, p. 31-34 apud FREY 2001, p. 17).

A proposta de Desenvolvimento de FEARNSIDE (1996):

Seria ela orientada no sentido de buscar algum tipo de produto que pudesse ser vendido, isto é, algo que pudesse ser retirado ou mesmo plantado na floresta e que fosse a chave para o desenvolvimento sustentável da população. Contudo, para mim, esta é uma orientação que deveria ser considerada numa dimensão de curto prazo, para que se pudesse ganhar tempo enquanto se trabalham outras formas, de prazo mais longo, para a manutenção da população da região. Entendo que no longo prazo, a chave da questão está em tomar os serviços ambientais da floresta como apoio para a sustentação de sua população (...). (FEARNSIDE, 1996, p.162-163).

Os projetos de desenvolvimento propostos na Amazônia raramente são formulados com base na informação técnica sobre sustentabilidade potencial, impacto ambiental, ou mesmo rentabilidade econômica. Ao invés disso, os projetos são frequentemente motivados por fatores políticos e levados adiante mesmo que as evidências técnicas indiquem seu fracasso quase certo (FEARNSIDE, 2001, p.103).

GUIMARÃES e MAIA (1997) afirmam que a sustentabilidade de um determinado território, em sua expressão ambiental, será dada pelo nível de dependência deste em relação a ambiente externos e, em sua expressão socioambiental, pela distância entre a satisfação das necessidades básicas de seus habitantes e os padrões de consumo das elites. Neste sentido, as reservas extrativistas podem oferecer condições de vida digna a seus moradores se estas tiverem seus recursos naturais manejados de forma racional. O extrativismo tradicional (vegetal, animal e aquático), com a retomada da pequena agricultura, apresenta-se como uma alternativa ao modo de vida do Seringueiro em pleno Século XXI. É o sistema tradicional-

arcaico que dialoga com o moderno-tradicional (apud VIANA, SILVA, DINIZ org. 1997, p. 111).

Para MURRIETA e RUEDA (1995), até o início do século XIX, o mundo era dominado pelas ideias naturalistas; falava-se da “mãe natureza” e das imensuráveis riquezas nela contidas. Entretanto, com o advento da Revolução Industrial, sob influência principalmente do materialismo histórico de Marx, onde tudo passou a depender da ordem econômica, motor de todos os acontecimentos, passou-se a chamar as riquezas naturais de “matérias primas”, tidas como inesgotáveis e indispensáveis, extraídas da natureza e transformada em novos produtos para satisfazer o consumo sob controle humano (MURRIETA e RUEDA, 1995, p. 11).

O extrativismo, em geral, é utilizado para designar toda atividade de coleta de produtos naturais, seja de origem mineral (exploração de minerais), animal (peles, carne, óleos) ou vegetal (madeiras, folhas, galhos, cipós, frutos...). Há autores, como BUNKER (1985), que incluem no conceito de extração as formas de produção pelas quais uma região é progressivamente empobrecida, para enriquecer outra região, podendo ser incluída aí a pecuária e a agricultura. A extração de pau-brasil, “drogas do sertão” e ouro no Brasil Império, é um exemplo deste processo de extração, que contou com a mão-de-obra “forçada” dos trabalhadores indígenas e caboclos (BUNKER, 1985, apud RUEDA, 1995, p. 4).

Para RUEDA (1995), nos Século XIX e XX a região norte sofreu grandes influências do processo extrativista através da extração de madeiras, plantas medicinais, cacau, seringueira, babaçu, carnaúba, pesca artesanal. Na região amazônica a prática do extrativismo, principalmente da borracha *Hevea brasiliensis* e da castanha *Bertolletia excelsa* até a Segunda Guerra Mundial, merece destaque. Após este período foi intensificado o extrativismo de madeira e mineral, com o desenvolvimento dos chamados pólos industriais.

Segundo SIENA e VALIANTE (2008), alguns autores, como HOMMA (1989), enfatizam que o extrativismo vegetal está fadado ao extermínio a médio e longo prazo, em virtude do que já vem acontecendo, em relação ao desmatamento dentro das Reservas Extrativistas. Por outro lado, há autores, como KAGEYAMA (1996) e RÊGO (1996), que defendem a viabilidade do extrativismo a partir de alternativas factíveis com base em um novo sistema de produção denominado Neo-extrativismo. “[...] o sistema neo-extrativista supõe a construção de uma nova base técnica ou um desenvolvimento técnico por dentro do extrativismo, subordinado aos padrões e exigências sócio culturais dos seringueiros[...]” (REGO, 1996). Um ponto comum entre todos é a afirmação sobre o imenso atraso tecnológico existente nas regiões extrativistas e a necessidade urgente de superação desse

entreve para um efetivo desenvolvimento (REGO, 1996, p.1 apud SIENA, VALIANTE, 2008, p. 05).

O extrativismo tradicional aqui compreendido mora no coração da floresta, está ligada à coleta das riquezas naturais, borracha e castanha que é praticamente executado na mesma área, complementado pela caça, pesca e coleta de frutos como açaí, abacaba e patoá. A borracha é extraída na época menos chuvosa (maio a novembro) e a castanha no período mais chuvoso (dezembro a março). Algumas famílias extraem do babaçu o mesocarpo e o óleo para fins medicinais e alimentar. O excedente pode gerar renda no comércio local. Porém, o extrativismo tradicional não se firmou como alternativa de geração de renda para as famílias habitantes dos seringais (MURRIETA, RUEDA, 1995, p. 4-5).

Um dos fatores que provocou a diminuição do extrativismo na Amazônia está ligado a uma política de ocupação e de expansão da fronteira agrícola que se intensificou no período de 1965 a 1985, incentivada pelo Governo brasileiro. Foram abertas estradas, distribuídas terras, organizadas colônias e ofertados inúmeros incentivos, especialmente os créditos subsidiados para instalar fazendas agropecuárias e empreendimentos madeireiros na região.

Esta política capitaneada pelo POLAMAZÔNIA (Pólo de Desenvolvimento da Amazônia), propiciou a destruição da floresta e aniquilou o extrativismo em várias regiões, por exemplo no Pará e em Rondônia, cujos castanhais e seringais mais ricos do País foram derrubados ao longo das rodovias abertas. Este avanço da fronteira agrícola desestruturou o extrativismo, transformando áreas extrativistas em pasto para gado, e trabalhadores extrativistas em peões ou pequenos agricultores (RUEDA, 1995, p. 4).

No POLAMAZÔNIA, segundo FILHO (1997), estabeleceu-se “os Planos de Desenvolvimento Integrado” para cada um dos 15 pólos de desenvolvimento previstos (áreas de desenvolvimento prioritárias) e deveriam considerar “a designação de terras para Reservas Biológicas e Florestais, Parques Nacionais e Reservas Indígenas”. Trata-se do mesmo POLAMAZÔNIA - plano central do II PDA - Plano de Desenvolvimento da Amazônia, um componente do II PND – cujos devastadores efeitos sociais e ambientais foram descritos por DAVIS (1977:109-168 apud FILHO, 1997, p. 01).

Segundo GREMAUD e PIRES (1999), o cenário político legitimador do regime militar perante a população como um todo, se firmou com a vitória da ARENA (Aliança Renovadora Nacional) sobre o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) nas eleições de 1970, o que favoreceu a implantação de um ciclo denominado de milagre econômico, em cujos fatores internos e externos contribuíram: i) as bases institucionais criadas pelas reformas, possibilitando ao Estado sua capacidade de investimento bem como ao setor

privado; ii) cenário externo favorável para o crescimento das exportações nacionais; iii) e a existência de capacidade ociosa em função da crise no período de 1962-1966 (GREMAUD, PIRES, 1999, p. 42-43).

Esse cenário possibilitou o Governo de Médici lançar o Plano de Metas e Bases, documento orientador do I PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) e os demais que o segue, destaco as três normas que balizam a ação do governo:

- a) modernizar o núcleo mais desenvolvido da sociedade;
- b) proveitar ao máximo os recursos humanos;
- c) irar partido da dimensão continental do país, mediante estratégia que promova o progresso de áreas novas e a ocupação de áreas vazias, sem comprometer o ritmo do crescimento para o núcleo desenvolvido e o produto global do país (GREMAUD e PIRES, 1999, p. 45).

Para VIANA (2001), a Política de Integração Nacional e os planos nacionais de desenvolvimentos desencadeados entre os anos de 1960-1991, mudaram radicalmente a Amazônia – econômica, social, demográfica, cultural e ambientalmente, chegando ao ponto de se questionar a importância do grande bioma Amazônia. Foi estabelecido um novo padrão de ocupação territorial. Mudou-se o padrão de uso e exploração dos recursos naturais, com o extrativismo vegetal de baixo impacto cedendo lugar ao extrativismo vegetal e mineral de alto impacto ambiental. Disso resultou em mais de 60% da população abaixo da linha de pobreza e a taxa de analfabetismo alcançando 24%. Isso causou perda irreversível de biodiversidade e se estabeleceu uma contradição entre a nova e a velha política, entre a visão globalista neoliberal hegemônica no poder central, e a visão estadista da elite regional: grandes rodovias, hidrelétricas, ferrovias, hidrovias, concentração fundiária e de poder (VIANA, 2001, p. 272-78).

Sob a máxima de ocupar espaços vazios demograficamente na Amazônia é que se promove a destruição deste bioma por meio da ocupação de fronteiras e constituição de reservas de recursos naturais e para amenizar, criam-se áreas de proteção ambiental. Foi “cumprindo com este moderno conceito de desenvolvimento” e objetivando “contribuir para a realização dos *objetivos brasileiros* identificados no II PND e outras legislações concernentes à matéria”, que se estabeleceram as “prioridades em conservação da natureza na Amazônia” (Wetterberg et alli, 1976, p. 1-2, apud FILHO, 1997, 01).

Isso se deu no âmbito do PRODEPEF - Projeto de Desenvolvimento e Pesquisa Florestal -, resultado do convênio PNUD/FAO/IBDF/BRA-45, cuja finalidade era “dar assistência ao Governo, para a integração e a expansão das atividades de pesquisa florestal,

nas três principais regiões florestais do Brasil: a da Amazônia, a do Cerrado e a do Sul” (FILHO 1997, p. 01).

Em 1950, a FAO e o PNUD, agências *onusiennes* tradicionalmente orientadas para o desenvolvimento econômico, já vinham coordenando programas de conservação de recursos em diversos países. Assim sendo, a FAO recomendou que fosse incluída no Projeto uma avaliação das necessidades brasileiras de preservação da natureza, com o quê o governo brasileiro consentiu (FILHO, 1997, p. 31).

Foi, portanto, no curso de um projeto de modernização do setor florestal que se elaborou o documento-base no estabelecimento de um programa sistemático de conservação da natureza na Amazônia, que incluía um sistema hierárquico de prioridades e considerava, inclusive, a extensão desse bioma para além das fronteiras políticas nacionais. A importância programática e metodológica desse documento se expressa no fato dele constituir-se em fundamento para o Plano do Sistema de Unidades de Conservação do Brasil, elaborado e estabelecido pelo IBDF em 1979. (Wetterberg et alli, 1976 apud FILHO, 1997, p. 31).

1.2. RESERVAS EXTRATIVISTAS: CONQUISTA DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Enquanto as Reservas Extrativistas não eram criadas, mais de 70.000 Seringueiros, de modo particular (que dependiam da coleta e venda do látex, de castanha e outros produtos florestais), eram afetados pelo avanço das grandes propriedades de terra e do desmatamento. Uma das alternativas para chamar atenção para o problema que enfrentavam foram os “empates” (1976), para proteger trabalhadores individuais de despejos e evitar o avanço do desmatamento das florestas de castanhais e seringais (ELI, 1995, p. 08-09).

Em 1985, quando os Seringueiros da Amazônia fundaram o Conselho Nacional do Seringueiro (CNS), para instrumentalizar suas bandeiras de luta a nível nacional e internacional pela criação das RESEX, denunciando o crescente desmatamento financiado pelos bancos multilaterais, tendo como agente principal o Banco Mundial e os grandes proprietários de fazendas, os ruralistas criaram a União Democrática Ruralista (UDR) para a defesa de seus interesses.

A intervenção do Movimento dos Seringueiros, via CNS, juntamente com o Movimento Ambientalista do Brasil e dos Estados Unidos, concentrando esforços junto aos Bancos Multilaterais de Desenvolvimento (BMDs) e ao Congresso Americano, na pessoa de Chico Mendes (1987), denunciando as mazelas provocadas pelo POLONOROESTE, foi fundamental para alcançar seus objetivos. Denunciou-se que, através da abertura e

asfaltamento de estradas como a BR 364 - Cuiabá/MT a Rio Branco/AC, acelerou-se o desmatamento e as queimadas nos projetos de assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o que representaria em 10 anos a destruição de 6% da floresta amazônica.

Mediante este cenário catastrófico, com a pressão do Congresso Americano sob os BMDs, foram suspensos os desembolsos de recursos do BID e do Banco Mundial ao POLONOROESTE, forçando o Governo brasileiro a tomar medidas no sentido de modificar o projeto, e chegou-se ao acordo em 1988, de se criar 26 terras indígenas e 04 Reservas Extrativistas. Neste processo de negociação os desembolsos do Polonoroeste foram restabelecidos e a Lei de Política Nacional do Meio Ambiente (LNPMA) foi alterada em julho de 1989, reconhecendo as Reservas Extrativistas como instrumento da política nacional do meio ambiente (ELI, 1995, p. 10-12-13).

Portanto, na década de 1990, as Reservas Extrativistas (RESEX) foram definidas pelo Decreto Presidencial n. 98.897, de 30/01/1990, como espaços territoriais protegidos pelo poder público, destinados à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis, por população com tradição no uso destes recursos, reguladas por contrato de concessão real de uso, mediante plano de utilização aprovado pelo órgão responsável pela política ambiental do país, o Ibama. Esta modalidade de assentamento rural foi incorporada ao Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA) em 1987, sendo denominado de Projeto de Assentamento Extrativista (PAE). A partir de 1989 passou a fazer parte do Programa Nacional de Meio Ambiente e em janeiro de 1990, regulamentada com a denominação de Reserva Extrativista de Uso Sustentado (ALLEGRETI, 1994, p. 33).

As RESEX fazem parte do arcabouço de Unidades de Conservação. Segundo a Lei 9.985, de 18 de junho de 2.000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), unidade de conservação é: *"espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção"* (SNUC, 2000, art. 2º, I).

O papel institucional das RESEX segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC, 2000), é de "(...) proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente". Cabe a estas unidades desempenhar um papel relevante na produção permanente de bens e serviços; na garantia de oferta de produtos

madeireiros e outros; na redução da exploração predatória e dos desmatamentos; na geração de emprego e renda; no ordenamento territorial dos solos com vocação florestal e regulação de preços e mercados (estoques estratégicos de recursos naturais) (MMA, 2002, p. 28).

Compreende-se que a proibição de atividades “no tempo do barracão”, obedeciam a uma lógica mercantilista e hoje têm novas perspectivas. As RESEX são espaços para atividades de extrativismo (borracha, castanha, pesca, caça, criação de pequenos animais nativos entre outros). Já se admite nos Planos de Uso, a prática de outras atividades econômicas como: agricultura de subsistência, criação de animais domésticos, aproveitamento de produtos madeiráveis mediante plano de manejo, integrando estas ações ao meio em que vivem (ALLEGRETI, 1994, p.35).

As reservas extrativistas podem ser consideradas como uma das metas alcançadas, dentro da evolução histórica do extrativismo, uma vez que sintetizam vários ideais perseguidos pela sociedade contemporânea:

1. Equilíbrio entre desenvolvimento, conservação do meio ambiente e justiça social;
2. Participação da sociedade como agente e não como objeto do processo. As reservas são atuogéridas pelos moradores;
3. Resgate e aperfeiçoamento do saber popular, pois o plano de utilização das RESEX tem como base a experiência e sabedoria dos moradores que durante muitos anos ali convivem harmonicamente com a natureza;
4. Diminuição dos custos de proteção das florestas, uma vez que os moradores se constituem em seus defensores. Entretanto o quadro de evolução precisa continuar e entre as medidas mais urgentes são:
 - Fortalecimento das organizações locais, especialmente através da capacitação dos recursos humanos;
 - Fornecimento de condições materiais e ferramentas para a implementação do gerenciamento cooperativo dos recursos e da atividade extrativa;
 - Distribuição do poder sobre os recursos naturais (Concessão de Uso e Planos de Utilização);
 - Libertação dos laços de dependência dos intermediários (abastecimento de bens, insumos e comercialização da produção);
 - Acréscimo de valor aos produtos extraídos (beneficiamento ou pré-industrialização);
 - Diversificação das atividades econômicas (RUEDA, 1995, p.11-12).

Para consolidar a implantação das Reservas Extrativistas no Brasil o governo brasileiro, por meio do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente dos Recursos Renováveis – IBAMA, criou em fevereiro de 1992 (Portaria do IBAMA n. 22-N dia 10/02/92) o Centro Nacional para o Desenvolvimento Sustentado de Populações Tradicionais – CNPT, com os objetivos de:

- i) promover o desenvolvimento sustentado e ao mesmo tempo proteger as populações tradicionais;
- ii) implantar, consolidar, gerir e desenvolver as Reservas Extrativistas, trabalhando em conjunto com as populações locais; promover e

estimular o desenvolvimento de tecnologias adequadas a esse fim e preparar estudos relativos às Reservas;
 iii) promover a comercialização e industrialização de produtos resultantes das atividades das populações tradicionais;
 iv) fornecer apoio técnico e financeiro para as populações tradicionais (inclusive com visitas às áreas);
 v) fornecer apoio técnico ao Conselho Nacional dos Seringueiros e às associações das Reservas, e;
 vi) preparar um registro das populações tradicionais (ELI, 1995, p. 39-40).

O CNPT, fundado em Brasília, de acordo com seu Estatuto Interno, sua estrutura era colegiada para o processo de tomada de decisão. O Conselho Consultivo era composto de 13 membros que representavam grupos de populações tradicionais, ONG's e instituições dos Governos federal, estaduais e municipais. Para viabilizar a execução de suas metas, o CNPT criou representações/escritórios regionais, sob a supervisão de seus Conselhos Estaduais representados de acordo com as populações tradicionais: Seringueiros, Indígenas e Pescadores e instituições afins.

O saldo para o Movimento Extrativista junto ao CNPT resultou que, até 2001 haviam sido criadas 16 Reservas Extrativistas (com uma população de 27.135 habitantes) e 20 RESEX em processo de criação (com uma população estimada em 53.200 habitantes). Foram investidos entre 1995-99 cerca de US\$ 9 milhões, uma média de US\$ 1,03 por hectares/ano em ações principalmente voltados para: legalização fundiária, organização comunitária, monitoramento e fiscalização ambiental, saúde e educação (MMA, 2002, p. 20-21).

Certamente, as RESEX's têm um considerável potencial de contribuição para o desenvolvimento econômico regional. Atualmente, o questionamento da viabilidade econômica do extrativismo, comum na década de 90, perdeu a validade. É reducionista demais conceber o extrativismo pensando em determinados produtos quando se deveria pensar na floresta, da mesma forma, que é contraditório demais conceber um extrativismo que incluía a agricultura e a pecuária, quando se sabe que a domesticação é um secular fantasma que castra, ao longo da história, a economia amazônica, provocando a destruição da floresta amazônica.

CAPÍTULO II - O RIO OURO PRETO

II.1 – A CONSOLIDAÇÃO DA RESEX

A área hoje denominada de Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, como maior parte de Rondônia e da Anazônia, foi anteriormente ocupada por populações indígenas. É relevante conhecer historicamente esta região para compreender sua importância. Os conflitos que se sucederam ao longo do Rio Ouro Preto revelam que havia interesses comuns, seja dos atuais moradores Seringueiros agro-extrativistas, pela presença das árvores de seringueiras, castanhais e local de pesca farta, seja dos povos indígenas que reivindicam o alto Rio Ouro Preto como território vital de sua memória cultural, onde se situa a floresta de taboca (uma espécie de taquara), de onde extraem material para compor seus instrumentos musicais de sopro e confecção de flecha para as manifestações culturais, lugar este conhecido por “tabocal”⁶.

A reconstrução etno-histórica, segundo POMPA (2003), é compreendida por análise dos contextos narrativo e cultural, bem como a inserção social e geográfica do segmento envolvido (POMPA, 2003, p. 01). Neste sentido, MEIRELES (1986) destaca que os Pakaás Nova estavam localizados, por volta de 1840, “às margens do rio Pacaás-Novos e – provavelmente – em alguns de seus afluentes, onde permaneceram até 1930. (...)” A partir de 1940 teve início a sua grande expansão, fugindo da pressão dos Seringueiros (MEIRELES, 1986, apud VILAÇA, 1992, p.121).

Segundo MEIRELES (1986), daí em diante os Pakaas Nova foram encontrados em vários locais, em *datas* diversas; nos rios Lage e Pacaas Novos, afluentes do Mamoré, e nos rios Ouro Preto, igarapé Dois Irmãos, rio Nego e igarapé Ocaia, afluentes do Pacaas Novos; nos rios Jaci-Paraná e seu afluente Formoso, Mutum-Paraná e Ribeirão, afluentes do Madeira; e no igarapé Bananeiras, afluente do Mamoré. Para MEIRELES, “o habitat imemorial” dos Pakaas Nova é a região dos rios Pacaas Novos e o Rio Ouro Preto (MEIRELES, 1986, apud VILAÇA, 1992, p.121-3).

Conforme CONKLIN (1989), até a segunda metade do século XIX, quando ocorreu o primeiro “boom” da borracha, o Rio Ouro Preto era o centro geográfico dos territórios Wari’. Com a ocupação dos seringais na Malásia, a região de Guajará-Mirim foi intensamente ocupada por exploradores e o Rio Ouro Preto se tornou uma via importante de penetração dos extrativistas. Se antes ocorriam ataques isolados aos Wari’ pelos Seringueiros, eles se

⁶ Taboca é a definição dada pelos indígenas a uma espécie de bambú, utilizado pelos Wari na confecção de flechas e instrumentos musicais. Tabocal é o local onde concentra a reprodução desta espécie de vegetal.

tornaram verdadeiros massacres, com uso de espingardas e possivelmente de metralhadoras (CONKLIN (1989, apud VILAÇA, 1992, p. 28; 83-4).

Em resposta, os Wari' migraram em duas direções: os OroWaram, OroMon, OroWaramSijein e OroKao'OroWaji foram para o norte, em direção ao rio Lage. Os OroNao', OroAt, OroEo e OroJowin foram mais para o sul, estabelecendo aldeias nos afluentes da margem esquerda do rio Ouro Preto, na região dos rios Negro e Ocaia. Na virada do século, ocorreu uma outra fissão: um grupo que habitava o baixo rio Ouro Preto cruzou o rio Pacaas Novos, indo colonizar a área do rio Dois Irmãos. Durante a primeira metade do século XX, os Wari' estavam agrupados em três grupos: rio Negro-Ocaia, Lage/Ribeirão e Dois Irmãos (CONKLIN, 1989, apud VILAÇA, 1992, p. 29;82).

Segundo VILAÇA (1992), os revides dos Wari' amedrontavam os ocupantes que passaram a exercer pressão sobre as autoridades competentes para estabelecer a tranquilidade na extração do látex, forçando, portanto, o contato com os Wari' (VILAÇA, 1992, p.17). Pelo mapa etno-histórico, verifica-se que o Rio Ouro Preto abrigou os Wari' em períodos diferentes. Conforme se intensificou os auges da extração de látex eles foram migrando para outras áreas possivelmente mais seguras.

O território cujo rio era a referência central, era definido para cada subgrupo. Para VILAÇA (2006), as roças situadas nos afluentes da margem esquerda do rio Ouro Preto e em ambas as margens dos igarapés Santo André e da Gruta, eram ocupados por grupos locais, em sua maioria OroNao', que ainda ocupavam roças ao longo do rio Komi Wawan, afluente da margem direita do rio Negro e na margem direita do Ocaia. As raras roças na margem direita do rio Ouro Preto eram ocupadas pelos OroWaram no baixo curso, pelos OroWaramXijein e OroKaoOroWaji, no médio curso, e pelos OroMon e OroJoWin, no alto curso. Das 37 roças do rio Ouro Preto e seus afluentes, somente uma encontra-se na margem do rio principal, e mesmo assim em seu alto curso. A explicação natural consiste em que é na margem dos pequenos cursos d'água que está localizada a maior parte das manchas de solo de terra preta adequada para o cultivo de milho, muito raras nas margens dos rios caudalosos (VILAÇA, 2006, p. 80-82).

Outra estratégia da moradia diz respeito a segurança do grupo frente a entrada de invasores no território: “os brancos subiram o rio empurrando os Wari' para a serra”. Pode ser associado também à compreensão de mundo dos Wari' (“somos wari', vivemos na floresta; vocês são brancos (wijam), vivem na água”), definição de espaço – territorialidade. Ou ainda, o fato de encontrar poucos vestígios nas décadas seguintes, diz respeito à fuga para os altos rios, fugindo dos seringueiros (VILAÇA, 2006, p. 83-4).

O rio Pacaas Novos, assim como o Ouro Preto tornou-se fronteira mediante avanço das frentes extrativistas. Os grupos que habitavam os afluentes das diferentes margens ficaram realmente separados por aproximadamente três décadas. Continuaram a atravessar tomando muita precaução, geralmente à noite. Isso interrompeu a vivência cultural dos grupos. Segundo VILAÇA (2006), a partir de 1927 se registrava constantes ataques entre indígenas e seringueiros no Ouro Preto, com rapto de crianças indígenas de uma aldeia Wari'. Isto foi provocado pela intensa migração rumo aos rios cuja presença das árvores seringueiras atraía investimentos de seringalistas ávidos por lucros rápidos. Só no Pacaas Novos, em 1940, havia 789 Seringueiros. Em 1950, Rondônia estava em terceiro lugar na produção de borracha, contando com 6.567 homens dedicados a essa atividade, contra 2.632 envolvidos na agricultura (VILAÇA, 2006, p. 229).

Em 1945, os conflitos são intensificados com a criação da Colônia de IATA, pelo Governo brasileiro – primeira colônia agrícola de Rondônia, um pouco ao sul da foz do rio Laje. Em 1952, com o fim da guerra e decadência do preço do látex, as atenções nacional e internacional se voltaram novamente para Rondônia, com a descoberta de cassiterita de alta qualidade na massa granítica da serra dos Pacaás Novos. Grupos de prospectores invadiram o território wari', na região dos rios Laje e Ribeirão, raptando e pilhando aldeias. Isso forçou o governo a pacificar os indígenas “hostis”... Em 1967, a borracha tomou o lugar da cassiterita, como principal produto de exportação e novas frentes de extração se organizaram ao longo dos rios, em especial do rio Ouro Preto (VILAÇA, 2006, p. 229-30).

Os principais conflitos entre indígenas e seringueiros estavam ligados não à ocupação de espaço, mas principalmente pelo rapto de crianças por parte dos seringueiros, conforme narrativas de indígenas Wari'. No tocante ao rapto de mulheres, convém relatar este depoimento que revela a resistência à solidão da selva:

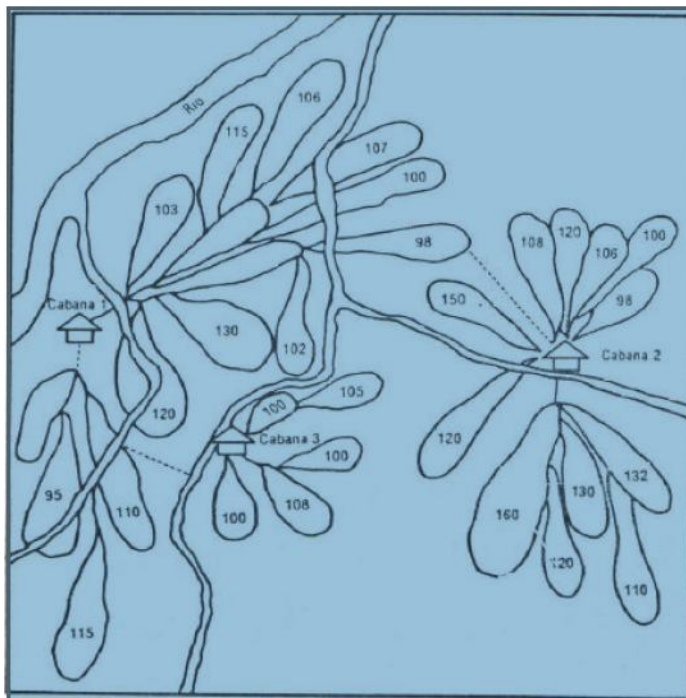
o branco vinha só para nos pegar. Ele não matava, não sabia matar. Ele não tinha raiva de nós. Só queria fazer sexo com as mulheres. O branco gostava de vagina. Todos os brancos do rio Pacaás Novos. Nós os chamávamos de fazedores de sexo. Não os chamávamos de inimigos do rio Pacaás Novos, mas de fazedores de sexo (...). Nós os flechamos e foi isso que os fez ficar com raiva (...) as mulheres eram raptadas e voltavam dias depois com terçados, presentes... muitos deles nem tinha armas, nem sabiam atirar...atiravam só com pólvora... (VILAÇA, 2006, p. 231).

Na baixa dos rios, o período conhecido por seca amazônica às suas margens, formam-se as áreas de várzeas, onde se encontram as seringueiras, distribuídas dispersivamente pela área, reagrupadas pelos seringueiros pelas estradas de seringa.

A ilustração abaixo se refere ao esquema de parte de um seringal amazônico por volta de 1900 (sem localização mais precisa). As alças, em formato de gota, entrecortadas por igarapés, são estradas e os números no seu interior indicam quantas seringueiras compõem cada estrada. Quinze estradas partem da cabana 1 (colocação); à época, isto representava moradia para cinco seringueiros; doze estradas na cabana 2, abrigando quatro seringueiros; e cinco na cabana 3, empregando 2 seringueiros. O número total de árvores inventariadas chega a 3.573, o que significa que provavelmente esta área tinha cerca de 130 quilômetros quadrados, levando-se em conta a forma de extração e produção das pelas de borracha (SANTOS, 2002, p. 15-16).

A Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto é a maior e mais antiga reserva de seringueiro do Estado, ficando próxima da Estrada de Ferro Madeira Mamoré com 420 quilômetros, ligando Guajará-Mirim a Porto Velho. Foi justamente a alta produção de borracha desta região (incluindo o lado boliviano), um dos motivos para a construção da Ferrovia Madeira Mamoré, que custou 27 toneladas de ouro”. (SANTOS, 2002, p. 16)

Figura 1: ilustra as colocações e as estradas de seringa.



Fonte: SANTOS, 2002, p. 11

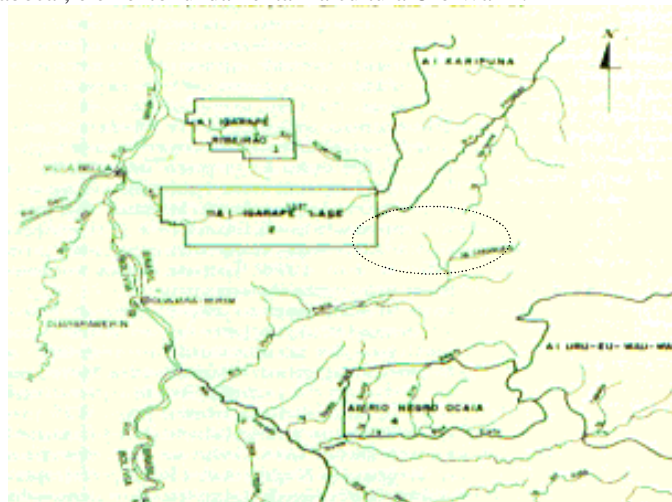
Na década de 70, com o Programa POLAMAZÔNIA, foi criado o Projeto Integrado de Colonização Sidney Girão (1971), nas margens da BR 319 (Porto Velho – Guajará Mirim), ocupando uma área de 200.000 hectares, no município de Guajara Mirim, com vistas a ordenar a migração que se dirigia ao município e a ocupação, denominada de Vila

do IATA. A partir desta organização fundiária também foram criadas as terras indígenas Wari' do Laje, Ribeirão e Pacaás Nova, juntando povos fragilizados pelo contato forçado (VILAÇA, 2006, p. 32).

A figura abaixo, permite verificar como as áreas de ocupação dos indígenas foram reduzidas para permitir a instalação da frente de colonização e a regularização fundiária de reservas extrativistas e parques ambientais. Os Wari' da Terra Indígena Laje reivindicam a parte alta da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, como território sagrado de seu povo, onde cachoeiras e tabocal constituem sua vivência cultural.

Os extrativistas, que já tiveram parte de sua área ocupada por agro-pecuaristas, vêem com apreensão esta proposta. Ao mesmo tempo, acreditam que isso pode fortalecer a proteção da área de uso coletivo.

Figura 2: Localização das terras indígenas nas proximidades da RESEX do Rio Ouro Preto. O grifo em círculo refere-se à parte pretendida pelos indígenas, nas cabeceiras do rio Ouro Preto, local de tabocal, elemento fundamental na cultura Oro Wari'.



Fonte: VILAÇA, 2006

II.2 - A RESEX DO RIO OURO PRETO: AUTONOMIA?

Figura 3: Localização atual da RESEX do Rio Ouro Preto



Fonte: IBAMA, 2005

A Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto localizada no oeste do Estado de Rondônia, na fronteira com a Bolívia, limita-se ao Norte com a Terra Indígena Lage e o Parque Estadual de Guajará-Mirim; a Leste com a Terra Indígena Uru Eu Wau Wau; a Sul e Oeste com a Reserva Biológica Estadual do Rio Ouro Preto e a Floresta Estadual Extrativista do Pacaás Novos.

A partir de Guajará-Mirim, chega-se à Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, pelos rios Mamoré, Pacaás Novos e Ouro Preto ou por estrada vicinal, através de um ramal de 40 Km, que nos leva pelo Ramal do Pompeu até o "Lago do Pompeu", às margens do rio Ouro Preto, o porto das esperanças, onde canoas aportadas esperam por seus proprietários para ir para o Alto, Médio ou Baixo Rio Ouro Preto; de todos os tamanhos e tipos: madeira, alumínio, grandes ou pequenas, de acordo com o gosto e bolso do dono. Estas canoas, com seus motores *rabetas*, possibilitam aos seringueiros agro-extrativistas o único meio de se transportar até o Pompeu, com ou sem produção, onde a espera por uma carona rumo à cidade, que pode durar horas ou dias, é questão de sorte e tempo.

Os antigos moradores do Rio Ouro Preto, principalmente no período da 2ª. Guerra Mundial (1939-1945), viviam exclusivamente da extração de borracha, num sistema de subordinação aos padrões seringalistas que exerciam controle sobre o acesso aos recursos naturais e sobre a mão-de-obra dos seringueiros - extratores de látex (IBAMA/CNPT, 1992).

O marco para a criação da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto é o I Encontro dos Seringueiros de Guajará Mirim, realizado em fevereiro de 1989, para discutir os problemas dos seringueiros do município e escolherem delegados para o II Encontro Nacional dos

Seringueiros. Este encontro contou com a participação de 278 seringueiros, dos quais 167 eram do Rio Ouro Preto (WAWZYNIAK, 1994, p. 153).

Entre os pontos abordados e reivindicações apresentadas pelos Seringueiros na conclusão dos trabalhos destacam-se: fim do pagamento da renda, garantia da permanência nas colocações, melhor preço para a borracha, criação de uma cooperativa e assistência de saúde e educação. Foi instituída uma Comissão Municipal para cobrar a efetivação das reivindicações e ampliar o trabalho de mobilização e organização social (WAWZYNIAK, 1994, p. 154).

Neste período, os Seringueiros eram proibidos de formar roçados ou pequenos plantios de subsistência, para que não atrapalhasse a extração do látex, mas no fundo, segundo RUEDA (1995), esta alegação tinha por finalidade aumentar o nível de dependência do seringueiro em relação ao patrão, pois dessa forma ele não teria meios de sobreviver sem o sistema de “aviamento”, ou seja, recebiam mercadorias com preços altamente onerados e davam em troca os produtos coletados, normalmente a preços muito baixos daqueles em vigência (RUEDA, 1995, p. 101).

Os Seringueiros começaram a se organizar ao tomar consciência de que eram explorados, e decidiram pela suspensão do pagamento da renda aos seringalistas. Isso provocou reação imediata dos arrendatários, que bloquearam o processo de “aviamento” e comercialização da produção na área da Reserva (RUEDA, 1995, p. 101). Para superar essas dificuldades, os seringueiros criaram a primeira Comissão Municipal, com apoio da Diocese de Guajará-Mirim, do Conselho Nacional dos Seringueiros dentre outros, e viabilizaram a compra de um barco e mercadorias e começaram a montar um sistema alternativo de abastecimento e comercialização da produção, o que foi o primeiro passo para a criação da Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim (ASGM), em março de 1991, com os seguintes objetivos:

- i) Defender os interesses sócio-econômicos dos seus membros, através da ajuda mútua;
 - ii) Gerar renda que permita aos associados a sua auto-manutenção e melhoria do seu padrão de vida, através da conservação dos recursos naturais da Amazônia;
 - iii) Defender Políticas para a Borracha e Extrativismo; e
 - iv) Patrocinar a promoção cultural e social dos seus sócios.
- (RUEDA, 1995, p.101)

Por outro lado, esse processo de organização parece ter provocado certa insegurança em muitas famílias, resultando num esvaziamento temporário da RESEX. Isso se deu: “em virtude de problemas no acesso aos bens de consumo surgidos depois de criada a RESEX e por não possuírem outra alternativa, além da borracha, algumas famílias abandonaram

temporariamente as colocações que ocupavam, enquanto outras as venderam” (WAWZYNIAC, 1994, p. 153).

A primeira proposta de organizar a estrutura fundiária da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, em função da pressão social, ocorreu ainda na década de 1980 - “no final de 1989 o Instituto Estadual de Florestas (IEF) propôs a criação de uma área protegida com 54.000 hectares. Verificou-se que ela abrangia apenas uma estreita faixa situada nas duas margens do rio, excluindo áreas de terra firme, os poucos castanhais existentes e alguns igarapés ocupados por seringueiros”. Mas, o Movimento Extrativista ao tomar conhecimento, discordou e se mobilizou junto ao Banco Mundial e ao Estado de Rondônia, colocando como condicionante à liberação de recursos do Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia (PLANAFLORO). A partir das intervenções, o IEF e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – (IBAMA), se viram na obrigação de ampliar a área para 204.583 hectares, englobando áreas nas margens do rio e as linhas secas, onde se encontravam os castanhais (WAWZYNIAC, 1994, p. 153).

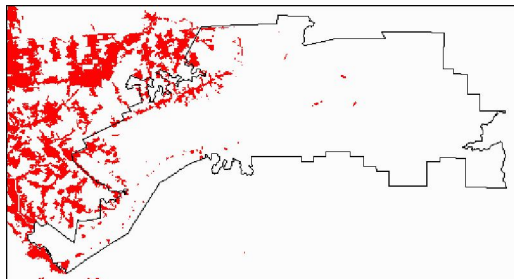
A Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto foi criada pelo Decreto Presidencial N° 99.166, de 13 de março de 1990, com uma área de 204.583ha (duzentos e quatro mil, quinhentos e oitenta e três hectares). Quando de sua criação, “a população habitante era de 419 pessoas, vivendo em sete comunidades ou colocações. Mais da metade da população é de descendentes dos migrantes que vieram do Nordeste durante a 2ª. Guerra Mundial como soldados da borracha” (IBAMA/PPG7,1999, p. 12).

A Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto passou por diferentes formas de ocupação de sua estrutura fundiária: terra indígena, propriedade de seringalistas sem titulação definitiva (licença de ocupação – requerimentos de contratos de promessa de compra e venda) e, por último, a Concessão de Uso aos Seringueiros agro-extrativistas. A área oficial da reserva abrange parcialmente os lotes pertencentes aos “Soldados da Borracha”, aos quais o INCRA concedeu titulação definitiva em 1982 (WAWZYNIAC, 1994, p. 155); e como vários deles venderam para terceiros, não-seringueiros, constituiu-se pequenas fazendas agropecuárias dentro da RESEX e gerando problemas de ordem técnica e política aos Seringueiros e ao IBAMA.

Tramita um pedido de exclusão desta parte problemática da Reserva no Congresso Nacional para resolver velhos problemas que atrapalham a atualidade, ao ponto de a RESEX do Rio Ouro Preto aparecer em nível nacional, apontando que até julho de 2007, ela havia perdido 164 Km², com 8% de sua área desmatada, registrando taxa média anual de 0,49%, como uma das Unidades de Proteção mais desmatada. E com isso, entende-se que dificulta a

entrada de investimentos públicos no desenvolvimento sócio-econômico dos habitantes (GTA, 2007).

Figura 4: representação do desmatamento no sentido pressão externa-interna



Fonte: Interpretação e Análise de Imagens do Satélite LandSat-5, órbitas-ponto: 232-67, 232-68, 233-67 e 233-68; Realizado pelo CSR - Centro de Sensoriamento Remoto – IBAMA/2007

A microbacia do Rio Ouro Preto, afluente pela margem direita do Rio Pacaás Novos, caracteriza-se numa região de vale periodicamente inundável, possuindo poucas áreas de terra firme não alagável e solos com limitado potencial agrícola.

Para WAWZYNIAK (1994, p. 152) “o rio é o eixo ao longo do qual se encontram distribuídas as colocações. A margem é a *beira* onde encontram-se natural e aleatoriamente distribuídas as seringueiras *Hevea brasiliensis*, interligadas umas às outras por estreitas e sinuosas trilhas em formato circular – estradas de seringa –, abertas no interior na floresta para permitir o acesso do seringueiro às árvores produtoras de látex no verão, já que no inverno ficam inundadas” (conforme figura 1). No inverno, isolado com sua família, ocupa as terras de *centro*, distante da margem, apropriadas à agricultura. Atualmente, aqueles que praticam a extração do látex mantêm suas estradas de seringa em forma circular, de forma que entre numa estrada, contorne e saia em outra.

Simultaneamente, percebe-se que os Seringueiros, também auto-denominados “agro-extrativistas”, cujo processo de reconversão de seringueiros extrativistas para agro-extrativista, segundo FRAZON (2004), se deu em razão da necessidade de sobrevivência, dependem exclusivamente da agricultura de subsistência (roçados de mandioca e macaxeira, arroz e café) e do extrativismo do látex, castanha, óleo de babaçu, como complemento. Ocupam-se de múltiplas atividades produtivas, nenhuma de modo exclusivo tanto da *terra* como da *floresta*, por exemplo: agricultura de subsistência, coleta de frutos nativos, caça; a *água* para sua subsistência: pesca, deslocamento, comunicação, demarcação de espaço, um modo de vivência (FRAZON, 2004, p. 50).

FRAXE (2000) classifica os seringueiros, ribeirinhos, quilombolas que vivem às margens dos rios amazônicos como “*homens anfíbios*”, por habitarem *dois ambientes – a terra e a água*. A terra em que trabalham – agricultura ou coleta/extrativismo, parte do tempo de suas vidas (na beira, várzea) - fica submersa entre quatro a cinco meses, transformando-se em uma *paisagem anfíbia*, embora camponesa por natureza, “a meio caminho entre a tribo primitiva e a sociedade industrial”:

...essas populações, compostas por significativos contingentes de homens, mulheres e crianças (não sendo primitivos nem modernos), constituem, ainda, relevante parcela da humanidade. Possuem importância histórica porque a sociedade industrial alicerçou-se sobre as ruínas da sociedade camponesa. Apresentam, entretanto, importância atual, na medida em que subsistem em pequena parte do mundo desenvolvido e em significativa parte do chamado mundo subdesenvolvido. Nessa sua longa permanência constitui um desafio e uma responsabilidade para aqueles que pretendem analisar as condições históricas concretas de sua existência. (FRAXE, 2000, p. 15-16-17).

É neste contexto de beira e várzea, ocupando mais a terra firme para o cultivo de culturas perenes, que a maior parte dos Seringueiros agro-extrativistas vive na RESEX do Rio Ouro Preto. Eles fortaleceram seu processo organizacional a partir de 1990, já que o Decreto Geral das Reservas Extrativistas (Decreto n. 98.897/90) alienava o processo de Concessão de Uso exclusivo das terras dentro da Reserva à responsabilidade jurídica de uma associação comunitária, sob a aprovação da associação ou individualmente de um Plano de Utilização da unidade. Inicialmente se organizaram na Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim (ASGM) e posteriormente cada RESEX, Federal ou Estadual, criaram suas respectivas associações para melhor representar os interesses dos seus moradores.

A regulamentação da Concessão de Uso (direito real de uso da área mediante contrato via Associação) da RESEX é feita pelo Plano de Utilização, definido pelas comunidades, aprovado pelo CNPT/IBAMA e tem como princípio básico “respeitar seus modos de vida”. No Plano de Utilização devem estar descritos:

- os meios a utilizar para manter a RESEX como unidade destinada à utilização auto-sustentável dos recursos naturais renováveis, pelos seus moradores. Constatam as condutas não predatórias incorporadas à cultura das populações tradicionais, e em harmonia com a legislação ambiental brasileira;
- o plano serve como referencial para comprovar que a utilização dos recursos é auto-sustentável, não prejudicando o meio ambiente e respeitando a legislação ambiental vigente; ele serve para que o IBAMA acompanhe o cumprimento das normas estipuladas de respeito ao meio ambiente;
- as intervenções do homem no meio ambiente, estão bem definidas, e divididas em categorias: Extrativistas e agro-pastoris (intervenções tradicionais), novas intervenções (atividades a serem introduzidas,

extraindo novos produtos na parcela ideal, como frutos, óleos, essências e até madeiras), intervenções na fauna, intervenções nas áreas de uso comum. (RUEDA, 1995, p.102)

Na RESEX do Rio Ouro Preto, atualmente, existem organizadas duas associações: a Associação de Seringueiros do Rio Ouro Preto – ASROP, composta pelas comunidades Divino Espírito Santo, Floresta, Ouro Negro, Petrópolis e Sepetiba, sendo estas duas últimas localizadas no município de Nova Mamoré; e a Associação de Seringueiros Agro-Extrativistas do Baixo Rio Ouro Preto – ASAEX, composta de quatro localidades: Nossa Senhora do Seringueiro, Nova Esperança, Ramal do Pompeu e Nova Colônia (englobando mais duas localidades: Baía Rica e Bananal), localizadas à jusante do Rio Ouro Preto e nas proximidades da estrada principal de acesso à RESEX. Em 2007 criaram a Cooperativa Energética Agro-extrativista Nossa Senhora do Seringueiro, em fase de oficialização junto às instâncias responsáveis, que terá por incumbência organizar o processo de comercialização dos produtos oriundos do agro-extrativismo, inclusive a energia gerada com óleo de babaçu, fruto do projeto assessorado pelo GPERS desde 2005.

Os Seringueiros mais antigos narram que os seringalistas, quando controlavam o Ouro Preto, chegaram a colocar 600 facas de seringa, ou seja, seiscentos seringueiros extraindo látex, algo em torno de 250 colocações, isto é, 250 famílias com uma média de quatro pessoas por família, somando aproximadamente mil pessoas nesta RESEX, o que significou a morte de muitas seringueiras pelo esgotamento do látex. Entretanto, mediante o processo de criação da Reserva Extrativista, as necessidades das famílias em manter ou aumentar o nível de produção, além de garantir um manejo mais adequado dos recursos – possibilitando tempo maior entre um corte e outro na mesma árvore, foi reordenada a ocupação humana.

II.3 – O DESAFIO DE MANTER A RESEX PARA OS EXTRATIVISTA

A Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, logo após sua criação em 1992, se viu arrolada num processo de redução de limites em 14.000ha, onde dezenas de produtores rurais haviam sido assentadas pelo INCRA – Gleba Samaúma – originária da venda de lotes pelos “soldados da borracha” (PLANAFLORO, 2002). No período de 1992 a 2000 o processo de invasão se intensificou e foi proposta a redução de 32.000ha, processo que só poderá ser efetuado mediante aprovação pelo Congresso Nacional. A redução inicial motivou a invasão e roubo de madeiras na margem direita do Rio Ouro Preto, nos ramais secos. Esse processo poderá comprometer a integridade física da RESEX, caso não haja um processo de recomposição da área desflorestada. Do contrário poderá restar aos seringueiros somente as florestas alagadas da beira do rio, que WAWZYNIAK (1994, p. 153) já alertava.

Analizando os diálogos à cerca da chamada área de exclusão, ocupada por colonos nas áreas dos ex-soldados da borracha, já antropizada, parece não atrair os seringueiros agro-extrativistas, pois alegam não ter como recuperar esta área; ela não suporta as atividades atualmente desenvolvidas. Dão a entender que esta possibilidade de excluir de vez os 140 mil hectares, também poderá gerar nova dinâmica ocupacional, podendo agravar a questão social dos pequenos colonos com a formação de aglomerado de lotes e concentração fundiária, com tendência à pecuarização maior nos limites da RESEX, que servirá de incentivo aos moradores desta, sob o argumento de ser uma forma de gerar renda, ocupando as áreas já antropizadas dentro da RESEX.

Na perspectiva de fortalecer o agro-extrativismo, como alternativa a gerar renda e qualidade de vida, compreende-se que vários esforços foram canalizados para a Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, na tentativa de melhorar a base econômica atual dos moradores, que consiste na produção de fécula de macaxeira, agricultura de subsistência ou chamada agricultura branca (arroz, feijão, milho, mandioca), açaí, castanha, borracha (extração de seringa) e óleo de copaíba. Esta produção atende prioritariamente a economia doméstica e o excedente é comercializado em Guajará-Mirim. A atividade de produção de farinha tem predominância em todas as comunidades. Alguns agro-extrativistas viabilizaram junto à unidade bancária de Guajará-Mirim financiamento do Programa Nacional da Agricultura Familiar - PRONAF, para organizar o processo produtivo agro-extrativista na unidade produtiva em suas colocações na RESEX (MORET, 2005, p. 11).

Compreende-se, pelas observações de campo, que a base de sustentação do processo produtivo na colocação passa exclusivamente pela unidade familiar e pela ligação de

parentesco: casamentos e compadrio. O desafio destes projetos, em integrar ações que torne isso mais forte e eficaz, é grande. A mulher na vida cotidiana tem papel fundamental na organização dos trabalhos diários e criação dos filhos. Algumas mães mudam-se por tempo determinado para a cidade para acompanhar a formação de seus filhos em idade escolar ou ainda para tratamento médico em caso grave.

Em concordância com as regras estabelecidas no Plano de Utilização (PU) da RESEX, na perspectiva de promover o desenvolvimento, diversos projetos foram direcionados à RESEX do Rio Ouro Preto ao longo desses 18 anos de criação da Reserva Extrativista, entre eles:

- i) Projeto RESEX - Vigilância e Estruturação da produção e transporte;
- ii) Ecoturismo;
- iii) Borracha;
- iv) PRONAF,
- v) Apicultura,
- vi) Viveiros para Sistema Agro-Florestal;
- vii) Uso do Babaçu para geração de energia elétrica;
- viii) Coleta de sementes;

ix) Centro de Produção Popular: confecção de biojóias e artesanatos; aproveitamento de sub-produtos da cadeia produtiva do babaçu, polpas de frutas nativas;

x) Criação de Cooperativa Energética Agro-Extrativista. Cada atividade apresenta resultados diferentes, e até conflituosa, do ponto de vista da sustentabilidade. Uma análise mais aprofundada com a participação de comunitários poderá levar a uma melhor compreensão desses resultados e correção de rumos.

Ao analisar a implantação destes projetos de desenvolvimento, em sua maioria propostos aos Seringueiros agro-extrativistas, como que numa tentativa de recuperar o tempo perdido, visa atender, em sua maioria, necessidades imediatas, deixando lacunas quanto a sua efetividade. Novos modelos de desenvolvimento e novas tecnologias adaptadas e facilmente reaplicáveis, que considere tanto a diversidade biológica quanto cultural de cada região que compõe a Amazônia, seria a melhor solução. É necessário que haja adaptabilidade das comunidades a novos modelos, sem a perda de suas características sócio-culturais e alterações negativas no seu modo de produção extrativista (MICHELOTTI, 2001 apud DORIA, 2007, p. 35).

As populações tradicionais almejam, com as reservas por eles conquistadas, apesar das limitações em termo de qualidade de vida, baixa escolaridade, limitações de acesso às novas

tecnologias de produção, aos mercados, à falta de condições de escoamento de produtos, falta de infra-estrutura básica, conflitos de terra e ausência de políticas públicas, construírem novas possibilidades, direcionadas ao desenvolvimento inclusivo e que atendam as suas demandas de vida saudável: social, econômica, política e culturalmente. “A idéia de desenvolvimento implica a expiação e a reparação de desigualdades passadas... e traz consigo a promessa de tudo – a modernidade inclusiva propiciada pela mudança estrutural” (SACHS, 2004, p. 13).

Uma das premissas básicas para a sustentabilidade das RESEXs é a implementação de instrumentos econômicos que estimulem alternativas produtivas que promovam o processo de inovação tecnológica. Conforme SCHUMPETER (1984), a inovação é o motor do desenvolvimento, constituindo-se no elemento fundamental de mudança econômica do mundo atual. Compreende-se que o desafio implica em até que ponto os projetos com inovação tecnológica atendem as demandas dos extrativistas, garantem reaplicabilidade, acessibilidade à reposição de peças (prensa), produtos químicos, limites produtivos dos recursos naturais, compatibilidade de anseios entre comunidades e assessoria técnica. Até que ponto não se tornam problemas, sucatas a submissão da comunidade à nova tecnologia e ao processo produtivo por mais sustentável ambientalmente que seja? (SCHUMPETER, 1984 apud VALIANTE, SIENA, 2008, p. 5)

No texto seguinte, vamos deter nossa análise na principal iniciativa de consolidação das Reservas Extrativistas, criado pelo Governo brasileiro em 1995, denominado de Projeto RESEX, entretanto destacarei uma iniciativa anterior ao Projeto RESEX, denominado de Programa Emergencial, cujos desafios nele revelados, contribuiu para as definições do RESEX. Tenho a intenção de tomar conhecida esta perspectiva de desenvolvimento e analisar, à luz dos referenciais teóricos, se o Projeto RESEX, instrumento de Política Pública governamental, contribuiu para a consolidação do modo de produção extrativista; sua execução propiciou “fachos acesos na mata”, iluminando o caminho da autonomia ou meramente cumpriu uma determinação oficial de gerar proteção à Unidade de Conservação.

II.4 – DO PROGRAMA EMERGENCIAL AO PROJETO RESEX: QUAL O CUSTO DO DESENVOLVIMENTO?

Para consolidar as Reservas Extrativistas, em janeiro de 1992 foi aprovado um Programa Emergencial para o Desenvolvimento Sustentado, com apoio do Banco do Brasil, que propunha o estabelecimento de atividades de alta prioridade que objetivavam a melhoria

do bem-estar das famílias residentes nas quatro Reservas (Alto Juruá/AC, Rio Cajari/AP, Rio Ouro Preto/RO e Chico Mendes/AC criadas em 1990). Seu orçamento era de US\$ 38,3 milhões de dólares e tinha um prazo de vinte e três meses para sua execução. Deveria ser investido entre 1992 e 1993 o valor orçado nas seguintes metas: produção e vendas (34,1%); educação (18,1%); programas especiais (17,7%); saúde (13,5%); transporte e armazenagem (9,7%); comunicações (2,1%); alimentos e nutrição (3,2%); organização comunitária (1,6%) e energia (0,1%) (ELI, 1995, p. 41-44).

Na avaliação de ELI (1995), muitos foram os problemas enfrentados, entre eles destaca-se: i) dificuldade do CNPT em coordenar as ações de outras instituições governamentais, necessárias para os resultados do Programa; ii) resistência de setores do Governo por considerar o CNPT indevido para gestar ações em saúde, educação e agricultura; iii) órgãos governamentais desconfiavam do processo de decisão do CNPT, por ser colegiado e não convencional, com participação da sociedade civil (ONGs) e beneficiários. Como resultado, muito poucos dos objetivos do Programa Emergencial têm sido implementados. Somente duas das 27 escolas foram construídas, uma em Rondônia, na Rio Ouro Preto e uma no Amapá. Somente um projeto de saúde foi implantado na cidade de Guajara Mirim. Em 1994 o CNPT tinha planos de financiar 17 novos projetos: desenvolvimento de produtos extrativistas e de mercados, criação de animal, a demarcação e avaliação das RESEX.

Entretanto, constantes mudanças na equipe técnica do IBAMA obstruiu os objetivos à implementação de muitos objetivos do CNPT, associada a constante inflação brasileira (40% ao mês) reduziu os recursos do Programa e do repasse do IBAMA ao CNPT. Pode se avaliar que os investimentos dentro das RESEX, em infra-estrutura, saúde, educação, atraiu interessados em se mudar para lá, contribuindo para o aumento populacional, ou para suas circunvizinhanças, que passou a representar uma ameaça principalmente à integridade física/ambiental da área (ELI, 1995, p. 43).

Como o Programa Emergencial para o Desenvolvimento Sustentado das Reservas Extrativistas não alcançou seus objetivos entre 1992 e 1993, sob pressão do Movimento Extrativista, através do CNS, o Governo brasileiro recorreu ao Banco Mundial para captar os recursos necessários, repassados via IBAMA, este projeto foi denominado PROJETO RESEX - Projeto Reservas Extrativistas do Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil – PPG7. Sua formulação e implantação tinham o intuito de dotar as populações tradicionais de condições suficientes para que ali permanecessem (IBAMA/PPG7, 1999, p. 7-22).

O Projeto RESEX criado em 1995, iniciou suas ações nas RESEXs Chico Mendes e Alto Juruá, no Acre, Rio Ouro Preto, em Rondônia, e Rio Cajari, no Amapá. Mediante resultados alcançados na melhoria da qualidade de vida das comunidades tradicionais, o projeto foi expandido para as demais reservas.

Tendo como órgão gestor o Centro Nacional de Populações Tradicionais – CNPT, órgão ligado ao Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais – IBAMA, visa testar, na Amazônia brasileira,

modelos de gerenciamento econômico, social e ambiental, aperfeiçoando os métodos e procedimentos utilizados pelas populações tradicionais na administração dos recursos naturais renováveis das florestas tropicais, por intermédio da co-gestão entre Governo e Sociedade. (IBAMA,PPG7,1999, p.7)

Este Projeto traz os seguintes objetivos:

- a) maximizar os benefícios ambientais das florestas;
- b) promover o desenvolvimento sustentado e
- c) promover a melhoria da qualidade de vida das populações extrativistas.

Seus objetivos específicos são:

- 1.Complementar a regularização legal das Reservas Extrativistas e outros procedimentos necessários para assegurar os direitos de acesso aos recursos naturais entre as populações tradicionais;
- 2.Fortalecer as organizações comunitárias e instalar infra-estrutura social e comunitária nas reservas;
- 3.Desenvolver, testar e divulgar tecnologias apropriadas para melhorar atividades produtivas de subsistência e comercialização, priorizando produtos florestais não madeireiros;
- 4.Aprimorar o manejo e conservação dos Recursos Naturais nas Reservas Extrativistas;
- 5.Promover um método participativo de gestão e administração do projeto (IBAMA,PPG7,1999, p.8-11).

Para cumprir esses objetivos, o Projeto RESEX foi composto por cinco componentes básicos:

1) Efetivação das Reservas Extrativistas, cujos objetivos são:

- I. Completar os requisitos organizacionais e legais para a implantação das quatro reservas extrativistas e a concessão de uso das áreas;
- II. Estabelecer planos de proteção das reservas, e;
- III. Propor e disseminar políticas pertinentes às reservas extrativistas.

As Metas estabelecidas foram:

- I. A realização de atividades necessárias para a efetivação das Reservas Extrativistas, principalmente no que se refere aos aspectos de regularização fundiária, demarcação e sinalização;
- II. A criação e fortalecimento de associações e outras entidades de representação dos extrativistas;
- III.Ações de concessão real de uso, cadastramento e licença de utilização entre os moradores das reservas;
- IV.Elaboração de Planos de Utilização;

V. Atividades de fiscalização, e;

VI. A realização de atividades no âmbito das políticas públicas no nível do Executivo e do Legislativo, no sentido de promover alterações em leis e outros regulamentos em favor das Reservas Extrativistas.

2) *Organização Comunitária e objetivo:*

I. Fortalecer a organização comunitária e gerencial nas Reservas Extrativistas, considerando um ponto-chave do projeto, bem como apoiar o funcionamento dos sistemas de saúde e educação.

As Metas principais incluem:

I. Estruturação física e operacional das associações locais;

II. Treinamento de pessoal em administração, finanças, contabilidade e gerenciamento;

III. Apoio para o sistema de educação, através da construção de escolas, treinamento de professores e programas de alfabetização de adultos, e;

IV.

poio para o sistema de saúde básica, através da construção de postos de saúde, treinamento de agentes de saúde e atividades de saúde pública.

3) *Melhoria de Atividades Produtivas e objetivo:*

I. Melhorar a qualidade de vida das comunidades locais, por meio do aprimoramento de atividades de produção de subsistência e comercial, incentivando a utilização sustentável dos recursos naturais.

As principais Metas visam:

I. Divulgação de tecnologias melhoradas de subsistência e atividades piloto, como quintais domésticos, sistemas agroflorestais, criação de pequenos animais e piscicultura;

II. Melhorias no processamento e comercialização de produtos extrativistas tradicionais, especialmente de castanha e borracha;

III. Realização de pesquisas aplicadas sobre atividades geradoras de renda, abrangendo produtos florestais nativos e domesticados (p. ex.: óleos, frutas, plantas medicinais, mel) bem como atividades-piloto em processamento e comercialização desses produtos, e;

IV.

poio para as atividades produtivas por meio de melhorias nos sistemas de armazenamento, transporte e comunicação.

4) *Gerenciamento Ambiental e objetivo:*

I. Aprimorar o gerenciamento dos recursos naturais das reservas como base para melhorar a qualidade de vida das populações locais, sem comprometer os serviços ambientais provenientes das florestas (produtividade, biodiversidade, proteção de bacias hidrográficas, fixação de carbono).

As Metas atividades estabelecidas para o alcance deste objetivo são:

I. Estabelecer uma base de dados socioambientais de referência, incluindo informações socioeconômicas e biofísicas;

II. Desenvolver e aprovar Planos de Desenvolvimento das reservas;

III. Desenvolver estudos de apoio sobre o potencial produtivo e o manejo sustentável de recursos naturais das reservas;

IV. Desenvolver e implementar um sistema global de monitoramento ambiental para cada reserva, baseado nos dados socioambientais de referência, conforme mencionado acima.

5) Consolidação e Avaliação do Projeto, seu objetivo:

I. Fortalecimento da capacidade institucional do IBAMA/CNPT para coordenar e gerenciar o projeto e, através de avaliações independentes, aprimorar as atividades do projeto e sua implementação, resgatando lições para as Reservas Extrativistas em geral.

As Metas atividades estabelecidas são:

I. O apoio logístico para o CNPT-Brasília e seus escritórios regionais para implementar o projeto;

II. Treinamento de pessoal que atua no projeto;

III. Criação e apoio para o funcionamento do Comitê Consultivo do Projeto;

IV. Instalação e operacionalização de um sistema informatizado de dados físico-financeiros, e

V. Contratação de consultores para as avaliações do projeto, ao meio-termo e no final de sua execução.

Para cumprir com todos estes objetivos e metas, o valor total do Projeto RESEX foi estimado inicialmente em U\$\$ 9,7 milhões. O projeto foi financiado conjuntamente por doações do Fundo Fiduciário das Florestas Tropicais (Rain Forest Trust Fund), do G-7 (sete países mais ricos) e pela União Européia, nos valores de aproximadamente U\$\$ 3 milhões e U\$\$ 5,8 milhões, respectivamente. Os recursos foram administrados pelo Banco Mundial, que também atuou no gerenciamento técnico do projeto por delegações dos doadores. Como contrapartida do Governo brasileiro, o projeto recebeu U\$\$ 0,9 milhões.

A elaboração original do Projeto RESEX foi realizada em 1993/1994. A missão de “appraisal” do Banco Mundial e da União Européia foi realizada em abril de 1994. A efetividade do projeto foi declarada pelo Banco em fevereiro de 1995, com início dos desembolsos em maio de 1995. Através deste projeto, segundo o IBAMA, foram melhor protegidos 2.162.989 ha., assegurando assim a terra e o futuro a 15.600 pessoas que recebem todo o apoio para se organizar e melhorar a produção. Foram realizados, também, programas de fiscalização participativa, manejo de lagos, alfabetização de lideranças, documentação e cidadania, proteção de quelônios de forma participativa etc; (IBAMA, 2008).

O Projeto RESEX pretendia testar modelos apropriados de gerenciamento econômico, social e ambiental, aperfeiçoando os métodos e procedimentos utilizados pelas populações tradicionais na administração dos recursos naturais renováveis das florestas tropicais, por intermédio da co-gestão entre governo e sociedade (SACRAMENTO. 2001, p. 48).

O Ministério do Meio Ambiente afirma que, com o Projeto RESEX, nas quatro áreas mais antigas: Chico Mendes (AC), Alto Juruá (AC), Cajari (AP), Rio Ouro Preto (RO), foi possível atingir alguns resultados decisivos, entre eles: a) avanço na efetivação das reservas no que diz respeito à regularização fundiária e demarcação; b) fortalecimento das associações e outras entidades representativas da comunidade; c) ordenamento do uso dos recursos através

da efetivação dos Planos de Utilização; d) melhoria da situação econômica lograda pela diversificação e aumento da produção (MMA, 2002, p. 21).

Entre os anos de 1995-1998, quando da primeira fase do Projeto RESEX (PPG-7, 1999), o percentual de domicílios que se dedicava ao extrativismo vegetal na RESEX do Rio Ouro Preto representavam por culturas os seguintes índices: Açaí 0 a 0%; Palmito 0 a 0%; Castanha variou entre 23 a 28%; Seringueiras, 53 a 56%. Isso significa que o extrativismo no período estava concentrado na Castanha e na Seringueira (látex), com queda acentuada nesta última.

Por outro lado, nesse mesmo período, a agricultura de subsistência nos mesmos domicílios e culturas obtiveram os seguintes índices: Mandioca, de 75 para 86%; Arroz, de 43 para 40%; Milho, de 69 para 75% e Feijão, de 38 para 57%. Esta variação pode estar ligada ao tempo de vida útil da terra na região, que em média é de 3 anos; e pela inserção de culturas como o feijão no meio do café, que merece destaque também nesse período.

A inserção de culturas permanentes, na busca de novos produtos que pudessem contribuir para consumo e a geração de renda familiar, ocuparam novos espaços e podem ser representadas por: Açaí de 0,3 - 3,4%; Café 14,2 - 21,0%; Cupuaçu de 4,4 - 9,3%; Pupunha de 0,8 - 7,7% e Seringueira de 3,10 para 6,80% (PPG-7, 1999, p. 66-68-70).

Por outro lado, a Pesca, na avaliação dos moradores (PPG-7, 1999, p. 72), quanto à oferta, 67% afirma que está mais fácil; 10%, que está igual e 24% mais difícil. Compreende-se que esta avaliação positiva se deve ao processo de fiscalização intensificada pelos próprios extrativistas.

O Projeto RESEX alcançou seus objetivos? Contribuiu para a construção da autonomia? Foi um facho aceso na vida do Seringueiro? Quais resultados podem ser percebidos e quais deles contribuem para referenciar outras comunidades extrativistas?

CAPÍTULO III – PERCURSOS E RESULTADOS

III.1. MATERIAIS E MÉTODOS DA PESQUISA

Esta pesquisa parte de uma investigação de abordagem qualitativa, devido às características das questões e objetivos que a norteiam, bem como em virtude da complexidade da realidade investigada. A pesquisa qualitativa considera que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números. Portanto, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são exigências básicas no processo de pesquisa qualitativa.

Na investigação qualitativa, o ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados. Segundo BOGDAN e BIKLEN (1994), “[...] exige que o mundo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão [...] do objecto de estudo”. Vale ressaltar que a pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso torna possível a análise e a interpretação dos dados, sem neles interferir (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 49).

O estudo de caso (cujo foco é o Projeto RESEX) é utilizado nas mais diversas áreas do conhecimento, pois permite um delineamento do universo pesquisado aceito cientificamente para a investigação de fenômeno. Nesse caso caracterizado pela análise exaustiva das entrevistas, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento, inclusive, tomando a entrevista como “estratégia dominante para a recolha de dados” (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 134).

A pesquisa foi realizada a partir de dados primários e secundários. Realizei cerca de 10 visitas sistemáticas na RESEX do Rio Ouro Preto no período de dois anos, eleita como objeto deste estudo, onde apliquei técnicas de intervenção sociológica: i) observação participante, ii) história de vida e história oral, iii) realização de entrevistas, para identificar a historicidade individual no percurso até a RESEX do Rio Ouro Preto, o envolvimento dos colaboradores no processo de organização social dos Seringueiros e de conquista da RESEX.

As informações (relatórios, estudos, artigos, projetos), foram coletadas no escritório do Centro Nacional de Populações Tradicionais (CNPT/IBAMA) em Guajará-Mirim e em Porto Velho, na Associação dos Seringueiros Agro-extrativistas do Baixo Rio Ouro Preto (ASAEX), na Associação dos Seringueiros do Rio Ouro Preto (ASROP), no Grupo de

Pesquisa Energia Renovável Sustentável (GPERS/UNIR) e biblioteca particular pessoal e de amigos.

A pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de relacionar os conhecimentos teóricos construídos com a pesquisa de campo; já a pesquisa documental encontra sua relevância na análise da atuação do Projeto RESEX, principal programa instituído para viabilizar a implantação da RESEX do Rio Ouro Preto. Toma-se por base os objetivos e a metodologia do referido programa, expressos em documentos de orientação e apresentação, somam-se aos dados construídos através de entrevistas. Porém, as informações documentais e as percepções de campo não estão desligadas dos dados construídos a partir das entrevistas.

O universo habitacional é de 180 famílias moradoras da RESEX, organizadas em duas entidades: a ASAEX e a ASROP. Ali foram realizadas 10 entrevistas, com lideranças que participaram direta ou indiretamente, que ocupam ou ocuparam cargos nestas entidades ou na já extinta Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim (ASGM). São pessoas cuja representatividade supõe-se significativa na pesquisa. Esta escolha não foi feita por mim, mas pelos colaboradores, que ao serem entrevistados indicavam quem deveria ser ouvido. Neste horizonte de 10 entrevistas, três mulheres foram indicadas para participar por seu envolvimento direto. Adicionou-se a esse universo pesquisado as anotações de campo, registro de observações durante as visitas e entrevistas, para se perceber no dia-a-dia dos comunitários sua vivência, seus desafios, presentes nos discursos.

Faz-se necessário perceber que os sujeitos se inserem dentro de um contexto histórico e cultural para entender a constituição de seus discursos sociais. Para isso, é necessário aliar a teoria da análise do discurso com a descrição etnográfica, tendo em vista sua característica interpretativa e seu alcance ao discurso social. Optou-se, como apoio teórico, pela abordagem acerca das Representações Sociais que enfatiza o que os seres humanos pensam ou fazem. SILVA e BARROS (2003, p. 93) afirmam que em MOSCOVICI (1961), Representação Social pode ser entendida como

um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no decurso de comunicações interindividuais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença nas sociedades tradicionais; elas podem até mesmo ser vistas como uma versão contemporânea do senso comum (SILVA, BARROS, 2003, p. 93).

Afirmam ainda que “quando estudamos Representação Social, o que estamos estudando são seres humanos que pensam, e não apenas manipulam informação ou agem de uma determinada maneira” (MOSCOVICI, 1961 apud SILVA e BARROS, 2003, p. 93).

A entrevista é um instrumento de investigação que se caracteriza pela busca de compreensão do contexto da vida das pessoas entrevistadas, mas não pode ser utilizada apenas para busca de informações, e sim como uma busca intensa de compreensão da maneira como os sujeitos e seus mundos se constituem. Nesse sentido, a entrevista não se esgota no momento da gravação de uma conversa, ela envolve um processo de vivência e estabelecimento de diálogo entre as partes: pesquisador e sujeitos pesquisados. Para tanto, a entrevista é realizada em um ambiente adequado e o entrevistado tem conhecimento da colaboração na construção do estudo.

Segundo TUCKMAN (2000), na entrevista, “dado que pessoas diferentes têm também diferentes perspectivas, podem emergir, assim, um quadro razoavelmente representativo da ocorrência ou ausência do fenômeno e, desse modo, propicia-nos uma base para sua interpretação” (TUCKMAN, 2000, p. 515).

Com referência em BOGDAN e BIKLEN (1994), a entrevista foi definida como “estratégia dominante para a recolha de dados”, no caso “dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 134).

Segundo LAVILLE e DIONNE (1999), na entrevista parcialmente estruturada, os dados que se pretendem levantar são expressos em “temas particularizados e as questões (abertas) preparadas antecipadamente. [...] Para cada tema [...] prepara-se uma pergunta a fim de começar a entrevista [...]”, neste caso, definidas em virtude dos objetivos da investigação (LAVILLE, DIONNE, 1999, p. 188-189).

A entrevista parcialmente estruturada é composta por questões, apresentadas verbalmente em uma ordem prevista, na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento, estabelecer um diálogo aberto, permitindo que o entrevistado desenvolva todas as colocações e pensamentos que julgar necessários sobre o tema pesquisado. Este tipo de entrevista possibilita que a questão investigada seja explorada amplamente.

No ato da entrevista, a interpretação ocorre e oferece ao pesquisador a possibilidade de descartar perguntas percebidas como pouco importante, aproveitando a oportunidade para instigar o Colaborador a sinalizar pontos de maior relevância para seu discurso, que reflita sua compreensão do real.

Realizei um planejamento prévio de viagens e uma entrevistapiloto com um Seringueiro que fazia parte do grupo de investigação, para garantir que a entrevista

possibilitasse a aquisição dos dados que respondesse às questões pertinentes à investigação. Realizei só uma entrevista-piloto, por atender a necessidade de ajuste. Poderia ter realizado outras se sentisse necessidade.

As questões para a realização das entrevistas foram semi-estruturadas, para possibilitar a compreensão do processo de constituição da RESEX do Rio Ouro Preto, sem fechar nesse direcionamento. As questões para orientar a realização da entrevista (Anexo 1), se voltam para: o processo migratório até chegar à RESEX do Rio Ouro Preto; a identificação daqueles que participaram no seu processo de constituição; o envolvimento dos sujeitos no Projeto RESEX e suas percepções quanto às interferências desse projeto em suas vidas. A técnica foi não focar diretamente no Projeto RESEX, mas compreender o contexto de vida e como este Projeto perpassa a vida do Colaborador na Reserva Extrativista.

Para o registro das informações, utilizei aparelho sistema MP3 digital. As entrevistas foram agendadas por mim com cada um dos colaboradores diretamente ou por telefone e realizadas pessoalmente nos locais em que se encontravam (residências na cidade, colocação e festejo). A cada um fiz os esclarecimentos quanto aos objetivos da pesquisa para identificar o interesse e a disponibilidade de participar. Não houve resistência de participação por parte das pessoas que foram indicadas como referência.

As entrevistas foram agendadas com antecedência, gravadas e transcritas, e se encontram no Anexo 2. LÜDKE e ANDRÉ (1986) afirmam que “a gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado”. Entende-se que a entrevista permite ao investigador maior liberdade de expressão, e, por conseguinte, maior profundidade nos elementos com os quais se pretende recolher dados (LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p. 37).

Como instrumento de registro das impressões e expressões, percebidas no contexto das entrevistas e na vivência de campo não reveladas na fala do colaborador, bem como informações adicionais à entrevista e de observações do entrevistador, foi usado o Caderno de Campo (MEIHY, 1998, p. 71).

Cada colaborador convidado assinou uma Carta de Cessão, autorizando o uso da entrevista para fins de pesquisa, ficando o entrevistador responsável direto pela proteção da mesma (MEIHY, 1998, p. 79).

Como primeiro passo, no processo de tratamento e apresentação, os dados coletados pelas entrevistas foram estruturadas de forma a possibilitar a transcrição integral das falas, realizadas com apoio de quatro auxiliares de pesquisa. Na transcrição das entrevistas (etapa

1), cada Colaborador recebeu um código de identificação (C1, C2, C3...), de forma a preservar a identidade. Em seguida fiz o procedimento de correção do áudio-texto, organizando as falas, para facilitar a compreensão do texto.

Após a transcrição foi realizada uma leitura preliminar com vistas ao conhecimento do todo. As opiniões dos Seringueiros (oriunda das entrevistas) foram analisadas a partir dos eixos discursivos, a saber: i) Breve Histórico de cada colaborador; ii) Visão sobre a Formação das RESEX; iii) o Projeto RESEX e percepção dos resultados; iv) Perspectivas da Sustentabilidade na RESEX.

Diversas posições podem ser lidas através dos enunciados e dos temas abordados. De acordo com BARDIN (1995), análise de conteúdo é definida como:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos, de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / reprodução (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 1995, p. 35).

Por tratar-se de pesquisa do tipo qualitativa, as informações colhidas foram em forma de texto – a entrevista textualizada. A análise consistiu em classificar o texto em frases ou mesmo parágrafos – enunciados - para definir as relações do conteúdo, em função de suas repetições, pois segundo BARDIN (1995), os temas que se repetem com muita frequência podem ser índices – e “se recortam do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidades de codificação para o registro dos dados” (BARDIN, 1995, p. 100).

COURTINE (1986) procura “compreender as formas textuais de representação do político”. Ou seja, a relação da Análise de Discurso (AD) com o texto não é extrair o sentido, mas apreender a sua historicidade, o que significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos. O discurso é histórico porque se produz em condições determinadas e projeta-se no “futuro”, mas também é histórico porque cria tradição, passado e influencia novos acontecimentos, novas formulações de políticas públicas (COURTINE, 1986 in ORLANDI, 1990, p. 26-35).

Para ORLANDI (1990), o discurso histórico é o lugar da territorialização, da identidade do homem na relação tempo-memória, em nosso caso, a Reserva Extrativista, o Seringal e o Seringueiro extrativista. A identidade aqui é compreendida como um movimento – relação identidade / alteridade e, além disso, ela se faz como um movimento na história, ou seja, ela tem historicidade. É um discurso feito por sujeitos em condições determinadas. Este

sujeito não é um sujeito-em-si, livre de toda determinação (da ideologia), ele é um sujeito socialmente (culturalmente, historicamente) constituído (determinado) (ORLANDI, 1990, p. 124-178).

ORLANDI (1990) afirma que o instrumento da prática política é o discurso, ou seja, “a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social”. É dentro dessa perspectiva que a prática política será entendida nessa dissertação, por meio da pesquisa de campo, na qual o pesquisador e colaborador constroem a compreensão do modo de vida e se dão a conhecer; propiciando-se, dessa maneira, a troca de idéias que se desencadeiam em propostas de desenvolvimento para a melhoria da qualidade de vida pela geração de renda. Este procedimento se dará por meio de referencial teórico, documentos, entrevistas e análises (ORLANDI, 1990, p. 28).

No conjunto da análise, a percepção dos discursos será fundamentada no diálogo com as interpretações construídas a partir da vivência de campo, onde foi possível perceber a maneira que os sujeitos, parte dessa pesquisa, inscrevem-se numa historicidade constituída em seu contexto cultural. Nesse sentido, a AD é tomada nesta dissertação enquanto instrumento teórico para pensar a interpretação do material de análise, formado pela observação de campo e entrevistas como instrumento teórico relacionado, por si só, à historicidade dos sujeitos e à interpretação do discurso social.

Dessa forma, a AD fundamentada por ORLANDI (1990) estará aliada à descrição etnográfica no processo de análise dos dados, que é vista por GEERTZ (1989) como uma interpretação que alcança o fluxo do discurso social, e essa interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito”, num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. Justifica-se dessa maneira a importância da descrição etnográfica nessa dissertação como um discurso construído a partir da vivência de campo relacionado ao embasamento teórico da AD, como instrumento de fundamentação para a localização das formações dos discursos referentes aos eixos temáticos eleitos para serem analisados (GEERTZ, 1989, p.31).

Ao analisar os documentos (projeto, manuais, cartilhas, diagnóstico, livros) e as entrevistas, busquei informações recorrentes para compreender os avanços e desafios relativos ao processo de consolidação da Reserva Extrativista, com ênfase na fase de execução do Projeto RESEX primeira etapa.

A visão de mundo dos colaboradores percebido na entrevista e permite compreender até onde o Projeto contribuiu para provocar modificações e garantir qualidade de vida às famílias. As modificações apresentam coerência ou não com a política governamental que a

sustenta. As coerências e incoerências não representam certo ou errado, mas sim, indícios de como se deu a execução do Projeto RESEX. Por outro lado, essas interpretações, cotejadas com as teorias (revisão bibliográfica), darão pistas das possíveis modificações, o que pretende ser a contribuição dessa investigação.

Para compreender a concepção de desenvolvimento sustentável do Projeto RESEX e dos Colaboradores, a referência utilizada foi Relatório Bruntland (CMMAD, 1997): “desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que satisfaz às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades”. Na opinião de SACHS (2004), a “idéia de desenvolvimento implica a expiação e a reparação de desigualdades passadas”. Talvez seja este o papel das políticas públicas.

A apresentação da análise comparativa dos resultados alcançados na execução do Projeto RESEX, na Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto em Rondônia, diante dos resultados esperados pelo programa, foi organizado um quadro onde os Objetivos Específicos do RESEX são destacados, seguido do discurso analítico dos Seringueiros Colaboradores considerando o objetivo e as metas. A partir dos discursos construí uma análise que leva em conta o planejado, o realizado e a consideração do Colaborador.

III.2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir da vivência de campo, nos diálogos informais e no processo de entrevistas, foi possível identificar “fachos acesos na mata” que os colaboradores apresentam como ponto em comum, o seu espaço de origem a “região” de Guajará-Mirim. A afirmativa “sou da região de Guajará”, dos seringais, dos igarapés, traz em si um reconhecimento próprio de que não é um estrangeiro à região, não é um “paulista” – o migrante. Ao criar esta identidade com a região se fortalece para se dizer, se igualar no conhecimento regional, como conhecedor, alguns com alguns limites admitidos, do processo histórico em que foram envolvidos e se envolveram.

Na formação desta identidade, dialoga o elemento multi-cultural, pela presença dos laços não-indígena e indígena. Outro elemento desta formação identitária é o além fronteira, a relação de pessoas da Bolívia com brasileiros, num diálogo sem institucionalização formal e que parece somar-se.

Pelos diálogos se percebe a movimentação dos Seringueiros pelos seringais da região, que de tempo em tempo procuravam os seringalistas ou eram procurados por estes, que selecionavam os melhores extratores de látex e ofereciam melhores saldos. Esta migração interna, associada à troca de atividade (pescador, trabalhador na usina, colono, jardineiro)

pode ser representada pela resistência ao processo de exploração da mão-de-obra no seringal, o “eterno devedor” de Euclides da Cunha (1994), onde o saldo não cobria a dívida anterior, provocando o endividamento do ano seguinte e assim sucessivamente.

A criação das Reservas Extrativistas pode ser compreendida como uma manifestação de discurso oficial, numa tentativa de apagamento de conflito nas áreas de fronteiras, que ORLANDI (1990) define por “política do silêncio”. É o Governo que diz como se resolve o conflito; responde a opinião pública internacional e tranquiliza os insurgentes. Cabe aos seringueiros o papel discursivo de romper com este silêncio, já que “há história no silêncio, porque há sentido no silêncio” (ORLANDI, 1990, P. 50).

As histórias de vida se fundem, entre idas e vindas em torno da formação de um espaço comum que lhes possibilitou construir uma identidade: Seringueiros agro-extrativistas, muitos antes de 1990; oficialização da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, como pode ser compreendido pelo diálogo dos Colaboradores (C) abaixo.

-C1: Meu pai que era Seringueiro na época, hoje é chamado de extrativista. Bom, nasci aqui em Guajará-Mirim, né, no município de Guajará-Mirim, mas no interior né; no Seringal Parati, que fica localizado no... hoje é a RESEX do Pacaás Novas, em 72 (C1, Anexo 2, p. 83);

-C2: É, sou natural de Guajará-Mirim mesmo...() a gente foi pro primeiro seringal o Parati que é no Pacaás Nova (...) com nove anos de idade eu fui pro Ouro Preto então foi em 69...(C2, Anexo 2, p. 92);

-C3: Sou filho de Costa Marques... fica no Vale do Guaporé... a gente trabalhou em alguns seringais, no seringal do Orlando Freire, Cardoso Freire, do seu Najá, no Rio São Miguel... (C3, Anexo 2, p. 97);

-C4: Sou Amazonense e vim pra cá pra Rondônia com 10 anos de idade sou da cidade de Canutama no Rio Purus no Amazonas...() cheguei aqui em Guajará Mirim em 69 (...) trabalhei no Rio Ouro Preto em 69, 70 e 71, em 72 fui pro Rio Cautário... (C4, Anexo 2, p. 105);

-C5: Eu nasci aqui na Reserva do Rio Ouro Preto (...) denominada colocação São José. O meu pai outro caboclo nordestino (...) teve uma sorte e a felicidade naquela época de 43 a 46 de casar com uma índia... Era filha de Macurap... (C5, Anexo 2, p. 118);

-C6: Eu vim com 11 anos da Bolívia do Brasil (...) na oitava série eu inventei de arrumar um casamento (...) tive 6 filhos (...) passei a morar com este homem que estou morando hoje e aí nós viemos para o seringal... (...) eu vim cortar seringa para termina de criar meus filhos... (C6, Anexo 2, p. 128);

-C7: Quando sai daqui da cidade eu fui morar no seringal do Rio Branco que fica nas margens do rio Guaporé isso foi em 1969. (...) o meu sogro arrendou as colocação no Rio Ouro Preto aí ele me convidou para ir para lá; isso foi em maio de 1978 (...) até hoje... (C7, Anexo 2, p. 134);

-C8: Eu nasci no Pará (...) me registrei como rondoniense. Eu morei no rio Abunã (...) eu tinha seis pra sete anos (...) e viemos pra Ouro Preto (C8, Anexo 2, p. 142);

-C9: Eu nasci no Porto Acre, ali... Dali do Porto Acre nós fomos trabalhar no Cautário. Com 13 anos eu saí da casa da minha mãe

acompanhando um homem que era meu esposo, e aí eu fui percorrer todos os seringais... (C9, Anexo 2, p. 148).

-C10: Eu iniciei morando no Rio Cautário (...) eu nasci no Rio Cautário, num lugar chamado Bom destino, eu fiquei lá até 1960 (...) A gente veio pro Rio Pacaás (...) fui pro Ouro Preto e cortei seringa no Ouro Preto de julho de 83 até 87... (C10, Anexo 2, p. 156)

A constituição histórica de RESEX do Rio Ouro Preto é resultado da organização, do Movimento dos Seringueiros, articulada inicialmente por Chico Mendes, no Acre, chegando até Rondônia, começando por Guajará-Mirim. Todo este processo era novo; embora sentissem necessidade de se organizar, não sabiam como e por onde começar. A noção de Reserva Extrativista não existia entre eles, muito menos de associação. Todos eram sobreviventes das relações sociais estabelecidas dentro de limitações geográficas e políticas. O contato direto que tiveram após o patrão foi com o marreteiro. Após a saída destes, a sobrevivência tornou-se difícil, pelo isolamento, tanto que muitos desistem da vida de seringueiro e passam a se ocupar de outras atividades de subsistência.

O Movimento se articulou e se construiu como estratégia de solução para os problemas que os seringueiros, nas mais distantes colocações, já não conseguem resolver. Aos poucos foram se organizando em várias esferas: municipal – inicialmente a Comissão Municipal –, encarregada de mobilizar os Seringueiros para a grande assembléia; posteriormente na Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim (ASGM), Conselho Nacional do Seringueiro (CNS), Organização dos Seringueiros de Rondônia (OSR), na Associação dos Seringueiros do Rio Ouro Preto (ASROP) e Associação dos Seringueiros Agro-Extrativistas do Baixo Rio Ouro Preto (ASAEX), um aprendizado coletivo.

-C4: Em dezembro de 90, a gente criou a Organização dos Seringueiros de Rondônia; eu também fiz parte da primeira Comissão Provisória, e na primeira diretoria, fui, fiquei como Conselho Fiscal... (...) Eu também fiz parte do Conselho Deliberativo do CNS em 98... (...) aí eu fiquei quase 09 anos na presidência da OSR, 08 anos e pouco fiquei de 93 a 2002 (C4, Anexo 2, p. 106).

-C5: Aí, veio a grande informação que no Acre já 90% dos seringueiros já eram donos das suas próprias colocações... (...) Aí começamos a se articular uns com os outros, aliás conversar... será que isso vai acontecer mesmo de verdade...!? Uns dizia vai, outros dizia não vai...(C5, Anexo 2, p. 118).

-C10: Na época a gente não tinha uma visão que era a Reserva Extrativista, o que que era uma associação(...). Aí se discutia: ou se é melhor criar uma associação (...) ou então um sindicato! (...) terminamos criando uma Comissão! No início do ano já de 88, é foi quando o saudoso Chico Mendes apareceu aqui em Guajará Mirim. E daí nós marcou um encontro do movimento. (...) quando tava todo nesse movimento, foi quando assassinaram Chico Mendes. (...) (C10, Anexo 2, 157).

A participação direta de pessoas escolhidas como lideranças dos e pelos seringueiros para se ocupar das negociações junto aos órgãos governamentais tiveram papel importante nas conquistas obtidas.

-C5: Na criação da reserva eu fui escolhido como presidente da Comissão Provisória, fui chamado para rever a criação de reserva (...) e aí, eu analisando sem saber como que era o mapa (...). Aí eu analisei e vi que está triplicado né... eu disse tá bom! tá bom!... e menos de duas horas do meu ok já tinham assinado a criação da Reserva de Extrativista do Rio Ouro Preto (C5, Anexo 2, p. 120).

-C10: Nas últimas horas do mandato do Sarney foi assinado o mandato da Reserva do Ouro Preto, que é o decreto de 99.960 né! Aí foi criado as quatro federal: Ouro Preto, Chico Mendes, Cajari e Alto Juruá, isso foi criado tudo num dia só! (C10, Anexo 2, p. 158).

Compreende-se que a presença de mulheres ocupando espaços de representação nas entidades constituídas fortaleceu a todos nas conquistas.

-C6: Participei da criação da reserva (...). Participei fora também (...), foi criada a secretaria das mulheres que era na OSR. Naquele tempo as mulheres, elas tinham muita vergonha, (...) elas não tinham conhecimento, não tinha estudo (...)e me apontaram para representar na Secretaria das Mulheres (C6, Anexo 2, p. 128).

-C8: Logo no começo eu não participei não. Minhas crianças eram pequenas (...).Fiz parte da diretoria (C8, Anexo 2, p. 142).

O Movimento dos Seringueiros de Rondônia, a partir de Guajará-Mirim, contribuiu para a organização e fortalecimento do movimento em todo o Estado de Rondônia. Sua atuação pontual e estratégica, durante as negociações do PLANAFLORO, juntamente com outros atores sociais, alcançou resultados além das fronteiras do Estado, como pode ser compreendido pelos discursos abaixo:

-C4: Eu participei da criação de todas as reservas dos extrativistas de Rondônia, as 04 - federal e 21 estadual (...). Foi por isso que surgiu as reservas estaduais de Rondônia, criou moda e surgiu reservas estaduais em vários outros estados (...) eu cheguei a ser ameaçado de morte... (C4, Anexo 2, p. 106).

- C5: (...) Aí, foi criando associações no Estado de Rondônia: Machadinho D'Oeste, Costa Marques, Jaci Paraná e foram criando associações municipais (...) em todo o Estado de Rondônia (C5, Anexo 2, p. 121).

-Na época o Banco Mundial estava financiando o estado de Rondônia, (...) o Planafloro (...) botou o Governo Estadual num beco sem saída; ou criaria reserva estadual ou o Governo Federal criaria reserva extrativista federal... É assim que se criou de repente, 17 reservas extrativistas... (C5, Anexo 2, p. 122).

A criação da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto parece ser ainda hoje, 19 anos após o decreto de criação, um problema a ser resolvido, ou seja, a titulação de 227 imóveis, lotes, de aproximadamente 24 hectares, com títulos definitivos concedidos pelo INCRA para os antigos soldados da borracha no início dos anos 80. Aos poucos, partes deles foram

vendidas a agropecuaristas, dentro dos limites da RESEX (área de desmembramento), que se configura como um empecilho à consolidação e ameaça à integridade física da mesma.

Posteriormente, um grupo de 170 proprietários contestou juridicamente o valor oferecido pelo IBAMA. Em 1992 foi assinado um acordo entre IBAMA, ASGM, empresários e políticos locais, visando a exclusão de 33.400 hectares, resultando num projeto de Lei no Congresso Nacional para oficializar a exclusão, pendente até dezembro de 2008 (IRVING, MILLIKAN, 1997, p. 22-23). Os colaboradores, ao tratarem deste tema, assim apresentam suas impressões:

-C2: nós temos um problema muito grande na Reserva do Rio Ouro Preto, (...) mais de 31 mil hectares que são ocupados, (...) e tem uma proposta de desmembramento... (C2, Anexo 2, p. 95).

-C4: Tinha muita oposição política, quase, quase ninguém era a favor da Reserva a não ser os extrativistas. (...) 18 anos de sua criação e até hoje não foi resolvida a questão fundiária... A RESEX do Rio Ouro Preto tem 180 famílias de extrativistas, mais 240 famílias na área de exclusão de pecuaristas e produtor rural; então que dá uma faixa de 420 famílias (...) os extrativistas são a favor da exclusão... (C4, Anexo 2, p. 106).

O Governo brasileiro, com apoio do Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais, financiado pelo Grupo dos 7 países mais ricos, para operacionalizar o processo de consolidação das Reservas Extrativistas, atendendo às solicitações do Movimento dos Seringueiros, propôs o PROJETO RESEX, conforme apresentado no Capítulo II. Portanto, a leitura que farei abaixo (em colunas) tem por objetivo perceber a partir do discurso, do olhar dos Colaboradores seringueiros, os resultados do RESEX que poderá ser melhor compreendido no contexto das entrevistas no Anexo 2. Ao final da análise, ofereço minhas impressões a partir da experiência de campo.

No quadro abaixo farei um processo de diálogo e análise de discursos que envolvem o Projeto RESEX e o Desenvolvimento Sustentável. A itenização propiciará a compreensão dos enunciados ao se reportar aos textos correspondentes.

Quadro 1: Análise dos discursos

Objetivos Específicos⁷	Análise dos Colaboradores Seringueiros	Análise do pesquisador
1.Complementar a regularização legal das Reservas Extrativistas e outros procedimentos necessários para assegurar os direitos de acesso aos recursos naturais entre as populações tradicionais (Capítulo II, p 35);	-Ainda hoje tem uma parte da RESEX ocupada por não extrativistas (C2, Anexo 2, p. 96). -O Projeto RESEX promoveu capacitação e infraestrutura necessária para o desenvolvimento dos seringueiros (C1, Anexo 2, p. 85). -O Plano de Utilização da RESEX, instrumento de planejamento do uso e ocupação da RESEX, foi elaborado pelas comunidades: pouca informação - amarras – garantia da Unidade (C7, Anexo 2, p. 136)	-A sobreposição de políticas públicas (item i, p. 67); -O processo de organização social local ganha dimensão estadual (item ii, p. 67); -Plano de Utilização, exercício da regulamentação sob pressão (item iii, p. 68); -O Movimento dos Seringueiros assume a proposição de políticas públicas (item iv, p. 68);
2.Fortalecer as organizações comunitárias e instalar infra-estrutura social e comunitária nas reservas (Cap. II, p. 35);	-O paternalismo e pagamento por trabalhos comunitários provocaram no seringueiro acomodação, que contrasta com o processo de formação de lideranças no exercício de representação social (C2, Anexo 2, p. 93); -Ocorreu descompasso de gestão da Organização dos Seringueiros com Assessoria Técnica do CNPT (C10, Anexo 2, p. 160); -Antes ninguém assinava nem o nome, nem tinha atendimento de saúde, criamos tudo...(C10, Anexo 2, p. 162);	-A infra-estrutura na RESEX e a capacitação até que ponto representou “liberdade” para os seringueiros? (item v, p. 68); -As regras, duras do jogo administrativo, vitimaram lideranças do movimento social (item vi, p. 69) -A infra-estrutura básica para saúde e educação é questão de cidadania (item vii, p. 69).
3.Desenvolver, testar e divulgar tecnologias apropriadas para melhorar atividades	-A assessoria técnica não falava a linguagem do povo (C5, Anexo 2, p. 124). A inovação	-As comunidades precisam de assessoria técnica e não assistência técnica (item viii, p. 69).

⁷ Na coluna “objetivos específicos” lê-se o que se propôs no Projeto RESEX (IBAMA, PPG7, 1999, p.8-11), citado no Capítulo II desta dissertação.

produtivas de subsistência e comercialização, priorizando produtos florestais não madeireiros (Cap. II, p. 36);	tecnológica é nova e a maioria prefere fazer farinha...(idem, p. 126). -Só trouxeram os galos, até hoje não chegaram as galinhas (C6, Anexo 2, p. 119; C7, Anexo 2, p. 135).	-Os projetos sem planejamento participativo não se concretizam (item ix, p. 69)
4.Aprimorar o manejo e conservação dos Recursos Naturais nas Reservas Extrativistas (Cap. II, p.36);	-O Plano de Utilização foi mal implementado, deveria ser um instrumento de planejamento de sustentação da vida na RESEX, na ausência do Plano de Manejo (C5, Anexo 2, p. 125).	-Os instrumentos de gestão das RESEX devem ser atualizados (item x, p.70).
5.Promover um método participativo de gestão e administração do projeto (Cap. II, p. 36).	-O Projeto RESEX, com o Plano de Utilização, conseguiu transformar os seringueiros em agricultores (C2, Anexo 2, p. 94).	-Com pouca participação social na gestão do Projeto RESEX, os resultados ficaram aquém do esperado (item xi, p. 70).
Conceito Desenvolvimento Sustentável	Discurso dos Colaboradores	Análise
1.As Reservas Extrativistas apresentam-se hoje como alternativas ao sistema de assentamento na Amazônia. Destina-se a atender a necessidades sociais e ambientais: manter a floresta em pé e assegurar vida digna a seus moradores (IBAMA, PPG7, 1999, p. 7).	-Capacitação para diversificação e romper a tradição dos moradores, este é o desafio (C1, Anexo 2, p. 88). -Os serviços básicos: saúde, educação, geração de renda e transporte é essencial para o desenvolvimento (C2, Anexo 2, p. 96). -A RESEX presta serviços ambientais para todos (C3, Anexo 2, p. 102). -PRONAF como fator de desenvolvimento na RESEX (C4, Anexo 2, p. 112).	-O desenvolvimento sustentável passa pela revisão de práticas produtivas (item xii, p. 71). -Compreende-se que o “futuro comum” na RESEX do Rio Ouro Preto está comprometido. (item xiii, p. 72). -A remuneração pelos serviços ambientais prestados pelas RESEX é justa (item xiv, p. 72).

III.3. ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DISCURSOS

Como resultados desta dissertação, apresento abaixo uma análise interpretativa dos discursos, em treze itens, cujo foco da análise foi o Projeto RESEX e a concepção de desenvolvimento que o norteia. Num diálogo intenso com as dez entrevistas, embora nem todas tenham sido citadas, o que não diminui a importância, uma vez que elas estiveram presentes em minha interpretação, com atenção para nuances próprias de cada Colaborador ou Colaboradora.

Esta análise não tem a pretensão de aprofundar os avanços e desafios do Projeto RESEX, mas construir e oferecer uma leitura de uma fase da implantação das Reservas Extrativistas, que se desdobra nos dias atuais, contribuindo para que atores de futuras intervenções junto às populações extrativistas encontrem aqui preocupações que partilho abaixo. Como o nome desta dissertação sugere, estas análises pretendem ser “fachos acesos na mata”, contribuindo para aprimorar a construção e a socialização do conhecimento.

As análises que seguem correspondem à terceira coluna do quadro acima.

i. A sobreposição de políticas públicas, de modo particular na Amazônia, tem sido muito comum ao longo do processo de ocupação. Atendendo a um processo para beneficiar os ex-soldados da borracha, o INCRA entregou títulos de terras aos mesmos. Entretanto nem todos queriam ter terra e muito menos distantes dos centros urbanos. Muitos tão logo receberam seus títulos, procederam a venda para interessados, agropecuaristas. Dessa forma, grandes fazendas foram abertas ao longo dos Ramais dos Seringueiros e dos Macacos. Portanto, com a criação da RESEX, atendendo aos pedidos dos Seringueiros, se contrapondo ao espaço de beira do rio, o Governo Federal ampliou dos 52 mil hectares iniciais para os 204 mil atuais. Nesta ampliação, para a chamada “terra firme”, muitos destes btes, já antropizados, foram incorporados e tornaram-se um empecilho, pois a criação de gado dentro da RESEX não serve como modelo de desenvolvimento sustentável, razão de ser das RESEXs. Diante da situação, os Seringueiros decidiram pela exclusão de 31 mil hectares, mas enfrentam problemas junto ao IBAMA. Lideranças políticas da região têm interesse na exclusão, pois alimentam a formação de currais eleitorais, que envolve cerca de 240 famílias de agropecuaristas de pequeno e médio porte.

ii. Da criação da Comissão Municipal à Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim (ASGM) foi um salto importante para o Movimento. Os que assumiram representação na ASGM foram protagonistas na criação da Organização dos Seringueiros de Rondônia (OSR). Entretanto, a rotatividade de liderança e a ausência de assessoramento técnico

constante, de responsabilidade do CNPT/IBAMA, deixou a desejar, provocou crises e surgimento de novas organizações (ASROP e ASAEX), como alternativas ao Movimento, com o acúmulo de experiência.

iii. A perda de oportunidades é atribuída à forma com que foi discutido e aprovado o Plano de Utilização, muito rápido e com uma provocação de que sem o Plano não teria projeto nem RESEX. Isto motivou a discussão e o foco centralizado nas atividades praticadas no momento. A limitação tem provocado reações das mais diversas: aceite das regras e negação das regras em nome das necessidades (alimentação, moradia), para os que moram na RESEX e na cidade de Guajará-Mirim. Vários conflitos são administrados ou acirrados até mesmo pelos representantes comunitários no Conselho Gestor da Unidade, frente a decisões de coerção unilateral do gestor público, não compartilhadas e aceitas pelos representantes.

iv. Com base na experiência e acúmulo dos debates sobre o papel das RESEX (federal ou estadual), possibilitou-se ao Movimento propor modelos de desenvolvimento diferenciados para as RESEX seja na saúde, educação, produção e instrumentalização jurídica para remuneração da preservação ambiental. Culminou com a criação da lei estadual do Imposto sobre Serviços Ecológicos, para repassá-lo aos municípios para investir em proteção e conservação ambiental. Entretanto, as RESEX e as Terras Indígenas nunca se beneficiaram deste tributo.

v. A viabilidade de estrutura material para os seringueiros (barcos com motores, entre outros) propiciou a “liberdade”, isto é, a possibilidade de ir e vir sem as amarras do patrão (não podia se ausentar da colocação, pois tinha prazos a cumprir), agora tem outro sentido – com os equipamentos, a visita aos parentes, amigos, transporte de produtos, mercadorias e doentes é algo possível e a qualquer tempo, basta ter o combustível e isso só dependia do trabalho dele. Mas, sem patrão ou arrendatário não há investimento ou financiamento para compra de borracha (látex). E o preço oferecido torna insustentável a produção; e a ausência de comprador, um vazio neste mercado.

Entram todos em crise, e os equipamentos perdem sentido: sem ter como manter, aos poucos vão sendo sucateados, abandonados por donos que trocam a RESEX pela cidade, em busca de subsistência. A ausência de um Plano de Capacitação dos Seringueiros para o aproveitamento integral dos recursos naturais da RESEX contribuiu para esta “crise de oportunidades”.

Todos os Colaboradores foram categóricos ao afirmar que: a infra-estrutura foi fundamental no processo de reuniões que contribuiu para a formação pessoal e organizacional do coletivo. Porém, no campo da subsistência, não avançou para além da extração da borracha

e da castanha. Isso deu margem para a ampliação do cultivo de culturas denominadas de lavoura branca: feijão, milho, arroz, macaxeira e mandioca para farinha, que se tornou a principal fonte geradora de renda para todas as famílias.

vi. O Movimento Social, ao assumir seu destino, submeteu-se às regras do jogo governamental, às regras da burocracia institucional, que por um lado os teve como parceiros na execução de ações, pelo repasse de recursos diretos, fortalecendo a representatividade, por outro lado, não ofereceu assessoria técnica suficiente para que a formação dos dirigentes acompanhasse a gestão. Vários dirigentes, para atender às demandas, nem sempre previstas nos planos operacionais, foram execrados de seus movimentos por não terem conseguido executar bem os projetos. Poucos, de fato, foram condenados por desvio ou roubo. Mas a punição interna isolou lideranças. Os parceiros governamentais não se ocuparam de evitar que novos líderes tivessem o mesmo destino.

vii. A cidadania foi alcançada pelo acesso aos serviços essenciais como saúde e educação. Por outro lado, a centralização de ações na RESEX, por meio dos órgãos gestores da Unidade, retirou ou não facilitou a parceria com o poder público local, o que aos poucos foi inviabilizando a continuidade dos mesmos quando da ausência deste com o término dos recursos financeiros do Projeto RESEX 1 e do RESEX 2, que muito pouco atendeu às demandas. Os colaboradores avaliam que a não continuidade destes serviços essenciais tem provocado o esvaziamento da RESEX. Em busca de melhor formação escolar para os filhos, “para não passar pelas dificuldades que os pais passaram”, muitos se estabelecem na cidade e poucos voltam para as colocações. Os que ainda resistem são os mais idosos, os aposentados.

viii. Para garantir a sustentabilidade dos processos produtivos com maior aproveitamento do potencial dos recursos naturais, é imprescindível que se produza conhecimentos tecnológicos de fácil assimilação e disseminação entre os trabalhadores. Não basta ter assistência técnica, mas sim assessoria técnica, que compreenda a dinâmica sócio-cultural do público beneficiário. Seu papel é o de orientar, de forma que seja um meio para a solução dos problemas enfrentados, e não o fim. Se a assessoria técnica gera dependência na comunidade é porque a troca de informação falhou e não alcança seus objetivos. Muitos projetos não prevêem assessoria técnica de acordo com a complexidade do processo produtivo, e isso provoca frustrações. Os beneficiários precisam ter conhecimento prévio do tempo e complexidade do projeto para que tenham condições de decidir por sua adoção ou não.

ix. Analisa-se que, a maior parte dos projetos propostos para as comunidades não passam pela decisão e opção das mesmas. O seu resultado prático será o abandono e o

descrédito nas instituições de fomento ou de pesquisa. Um exemplo clássico de um projeto mal elaborado sem conhecimento e participação da comunidade é o que envia o insumo na primeira etapa deste, e a infra-estrutura de armazenamento na segunda etapa. Os colaboradores desta pesquisa foram unânimes em citar como exemplo o projeto de fortalecimento da alimentação dos seringueiros pela criação de galinhas domésticas. Entretanto, enviaram-se os galos e as galinhas jamais chegaram – resultado: comeram os galos. Ou ainda, o mutirão para construir uma ponte e que os responsáveis pelo projeto enviaram o charque, parte da alimentação do mutirão, e a madeira jamais chegou... comeu-se o charque e a ponte ainda hoje não foi construída. A proposição de projetos ou políticas públicas que não dialogam com as comunidades ou não é planejada diante dos reais problemas e formas de superação, sucumbem em si próprias.

x. A gestão da RESEX deveria ser norteadada, inicialmente, pelo Plano de Utilização, seguida de um Plano de Manejo, no qual estudos completos das potencialidades e das cadeias produtivas de produtos naturais pudessem orientar os usos e os benefícios. Portanto, a primeira etapa deste processo não foi bem assimilada pelos comunitários, talvez pela forma com que se deu, preocupando-se em atender uma exigência de legalização da ocupação do que propriamente para discutir a utilização real dos recursos naturais da RESEX. Isso posto, todos os colaboradores foram unânimes em afirmar que o Plano de Utilização é uma camisa de força. O que passou a ser uma regra logo depois da criação da RESEX, num período que a borracha, castanha e farinha geravam renda a contento, com o passar dos anos, com a queda de preços e de mercado, tornou-se um problema.

Tem-se a impressão de que a população extrativista respeita o Plano como um instrumento imposto. E como culturalmente está habituada a obedecer regras impostas por agentes externos (patrão, arrendatário, gestor governamental), aceita a “lei” e até reconhece sua importância (liga a ainda existência da RESEX ao fator proibitivo), mas como não a legitima nem a discute, a faz cumprir com estranhos, e até a desafia diante das necessidades diárias.

A queima de recursos florestais na abertura de novos roçados, que poderiam gerar alguma renda com o aproveitamento múltiplo (cipó, carvão vegetal, lascas, troncos), é um exemplo da contradição da aplicação do Plano de Utilização. Por outro lado, o consentimento de abertura de 1 hectare a cada novo ano para “colocar” roça, com um total de 180 moradores, provoca, segundo uma Colaboradora (C9, Anexo 2, p. 153), o desmatamento de 180 hectares a cada ano até 2007; em 2008 foi autorizado 2 hectares por morador.

xi. Na análise dos resultados do Projeto RESEX 1, conforme discursos dos Colaboradores, as atividades que receberam incentivos foram as de implantação de cultivos da chamada agricultura de subsistência. As iniciativas que visavam aproveitar processos naturais como apicultura e viveiros de mudas de essências nativas não tiveram sucesso, pela ausência de assessoria técnica e pela demora do retorno. Dessa forma, cada vez mais os roçados de mandioca, café e arroz ocuparam áreas desflorestadas, aumentando a cada ano devido ao abandono de áreas já cansadas.

Compreende-se que a ausência de técnicos do CNPT/IBAMA, com capacidade de dialogar e planejar com as comunidades e lideranças, contribuiu para distanciar a proposta de Reserva Extrativista do dia-a-dia dos Seringueiros agroextrativistas. Um dos exemplos claro desta falta de diálogo diz respeito às famílias que têm um lote na cidade de Guajará Mirim, em sua maior parte em área de invasão, para onde deslocam seus filhos que necessitam de estudo além da 4ª. Série do ensino fundamental, ou para tratamento de saúde, e que necessitam de madeira para construir suas casas. Alguns tentaram negociar a retirada e o transporte desta madeira até o local, mas, lhes foi proibido pelo órgão gestor da RESEX e pela Comissão de Proteção da Reserva, em cumprimento ao Plano de Utilização, sob a alegação de que poderiam utilizar do Plano para negociar a madeira, o que é proibido.

Todos os colaboradores unanimemente, afirmam que se não fosse o Plano de Utilização, com todas as proibições, a RESEX não mais existiria, porque era “casa de ninguém”. Com o Plano, as pessoas se sentem co-responsáveis no papel de “cuidar do que é nosso” (C3, Anexo 2, p. 101).

A gestão administrativa colocou um grande desafio aos coordenadores das associações que gestaram este projeto de 1995 a 1999. Compreende-se que o principal deles tenha sido na gestão das relações humanas. Pessoas, amigos, compadres, vizinhos de colocação passaram a se tratar como inimigos políticos no processo eleitoral, na ocupação de cargos eletivos nas entidades representativas. O pouco conhecimento burocrático-financeiro gerou dependência de serviços de terceiros, que se utilizaram disto para provocar problemas de gestão e causar danos às pessoas envolvidas e à organização social, como o que aparece no discurso de vários colaboradores com visões diferentes do mesmo processo (C3, Anexo 2, p. 101; C7, Anexo 2, p. 135; C10, Anexo 2, p. 161).

xii. Compreende-se, pelos discursos dos colaboradores, que o principal fator para gerar desenvolvimento sustentável na RESEX passa pela capacitação, de forma que o extrativista possa diversificar sua produção e romper com a tradição. A tradição aqui é entendida como a atividade em torno da extração do látex, coleta de castanha e fabrico de

farinha. Entretanto, se não há continuidade na capacitação, passo-a-passo, diante da pouca formação escolar dos comunitários e compromisso da assessoria técnica, não avança.

xiii. Segundo o Relatório do CMMAD (1987), o desenvolvimento é sustentável se satisfizer às necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades. Entretanto, os colaboradores destacam como principais necessidades para garantir-lhes condições de avançar na sustentabilidade da Vida na RESEX: saúde, educação, geração de renda e transporte. Compreende-se que a preocupação com as novas gerações, que após a 4ª. Série escolar tem que ir para a cidade, é pertinente, pois distanciam-se e comprometem a continuidade, uma vez que os mais velhos enfrentam sérias dificuldades para freqüentar momentos de escolarização. No campo da saúde não é diferente. Embora se tenha alguma estrutura para servir de ponto de atendimento básico de malária, a maioria dos casos necessita de acompanhamento médico na cidade. Os problemas de saúde, associados ao desgaste de viagem e moradia na cidade, sem ter como se sustentar (com exceção de quem tem parente), complica ainda mais.

No que diz respeito à geração de renda, alguns poucos estão ampliando sua renda para além da venda de farinha: borracha folha líquida defumada (FDL), café orgânico, óleo, artesanato e outros derivados do babaçu. Para alguns o financiamento do PRONAF poderá representar um grande problema e não solução, pois a assessoria técnica, oferecida pela EMATER desde 2007, foi suspensa devido o término de contrato. Além dos equipamentos, este financiamento incentivou a recuperação das casas, substituindo a paxiúba e palha pela madeira e telha de amianto, que num primeiro momento poderia se dizer insustentável por levar para a RESEX produto poluente como o amianto, além de ser quente. Entretanto, diminui o trabalho que o seringueiro extrativista tem a cada dois anos com a reposição de toda casa, evitando desmatamento, tendo maior segurança nas intempéries regionais. O café, por sua vez, se trabalhado na recuperação de áreas já desmatadas, consorciado com outras espécies, e cultivado sem aplicação de agrotóxico, atenderá diretamente o uso doméstico e poderá gerar renda com agregação de valor no mercado diferenciado (café orgânico), já existente em Rondônia a ser acessado.

xiv. Analisa-se que a remuneração pelos serviços ambientais prestados pela conservação da RESEX poderia ser uma alternativa para frear a continuidade de desmate anual, associado a assessoria técnica para aproveitar as áreas já abertas nas colocações. Convém reiterar a proposta do Movimento dos Povos da Floresta em 2007, denominada de “bolsa verde”, a exemplo do programa “bolsa família”, que garantiria a distribuição de renda pelo serviço ambiental, o que parece ser justo. Pode ser uma saída para as RESEX Federais e

Estaduais, que prescindem da proposição de um projeto de lei à Assembléia Legislativa do Estado de Rondônia, que pode ser recomendado por esta pesquisa.

CONCLUSÃO

A partir do processo de construção desta pesquisa, concluo que o “futuro ameaçado” ronda as Reservas Extrativistas à medida que:

- a) Há descontinuidade de políticas públicas governamentais, comprometendo o desenvolvimento social, econômico, cultural e ambiental das Unidades;
- b) A sustentabilidade da vida na Reserva Extrativista depende da intensificação de diálogos entre beneficiários, gestores públicos e assessoria técnica, que levem em conta as especificidades culturais, o espaço em que vivem e o meio ambiente que os cerca;
- c) A consciência sócio-ambiental é exposta pelos Colaboradores de forma contundente. Há o anseio por qualidade de vida; mostram-se capazes para conduzir seus destinos e não devem ser considerados como intocáveis;
- d) A revisão dos instrumentos de regulamentação do uso dos recursos naturais (Plano de Utilização e Manejo) prescinde de um processo participativo dos comunitários, com apoio de pesquisas das cadeias produtivas com base nos recursos naturais existentes e execução das ações com início, meio e fim (pesquisa, produção e comercialização);
- e) A regularização fundiária da RESEX do Rio Ouro Preto (31 mil hectares da área de desmembramento), em tramitação no Congresso Nacional, é fator gerador de conflitos: no IBAMA, que não abre mão de parte da Unidade, o que abriria precedente para outras Reservas também ocupadas; fazendeiros e agricultores apostam na redução; os Seringueiros afirmam não lhes interessar uma área já antropizada. Esta afirmativa tem a justificativa de que o processo de recuperação desta área é demorado de alto custo e poderia incentivar os comunitários à prática agropecuária, o que os levaria a perda da identidade de Seringueiros agroextrativistas;
- f) Ao considerar as potencialidades existentes em contrapartida ao desmatamento consentido (em média 1 hectare ano por família, o que representa 180 hectares anuais), promovido pela agricultura de subsistência, influencia a diversificação do extrativismo sustentável (cipó, madeira caída, madeira de roçados, carvão vegetal, mudas de essências nativas, óleos vegetais babaçu, castanha, apicultura, piscicultura em tanque redes com repovoamento, consórcio agro-florestal em áreas encapoeiradas entre outros), e podem melhorar a qualidade de vida, gerar renda, internalizar ações cooperativas e sustentáveis, gestão compartilhada, uso da biodiversidade de forma sustentável para gerar sem alterar negativamente o ambiente;
- g) Por meio das narrativas detecta-se que há um processo de migração para a cidade, devido à ausência de políticas de desenvolvimento, de saúde, educação, lazer, formação,

transporte da produção. Assim, a cidade passou a ser o local de venda da força de trabalho para adquirir bens de consumo, bem como para a sobrevivência e formação da família;

h) Projetos como: Programa Emergencial para o Desenvolvimento Sustentado e o Projeto RESEX Segunda Etapa não tiveram sequer os recursos liberados. O Projeto de Desenvolvimento do Extrativismo e o Programa Nacional da Agricultura Familiar possibilitaram: abertura de estradas de seringa e picos de castanha, plantio de mudas de café, viveiros de essências madeiráveis e frutíferas e equipamentos para o trabalho. Poucas famílias alcançaram resultados positivos, pela ausência de assistência técnica, infra-estrutura para transporte, mercado e preço para os produtos;

i) As organizações sociais dos moradores sentem o reflexo da situação de dificuldade por que passam as famílias na RESEX. Poucos se dispõem à liderança. Não há formação de novas lideranças e ajuda de custo para a função. A divisão de tempo entre cidade e colocação, de onde retiram a subsistência, os distancia da representação. Não conseguem viabilizar recursos junto aos associados para manter funcionando normalmente o meio de transporte disponível. Essa situação é antagônica, já que os moradores pagam freteiros para ir e vir à RESEX.

As análises demonstram que na Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, o Projeto RESEX almejou ser um “facho aceso na mata”, entretanto, metas estruturantes e fundamentais como: regularização fundiária, suporte técnico organizativo e produtivo, na implantação da RESEX, não foi a contento.

Recomenda-se maior envolvimento das instituições de pesquisa e assessoria técnica nas parcerias com gestores e comunidades extrativistas, para superar os desafios propostos pelos Seringueiros extrativistas.

REFERÊNCIAS

- ALLEGRETTI, M. H. 1992. *Política de uso dos recursos naturais renováveis: a Amazônia e o extrativismo*. Revista Administração Pública. 26 (1): 145-62. Rio de Janeiro. RJ.
- ANDERSON, A. ALEGRETTI, M. ALMEIDA, M. SCHWARTZMAN, S. MENEZES, M. MATTOSO, R. FLEISCHFRESSER, V. FELIPPE, D. WAWZYNIAK, M. ARNT, R. (edição) *O Destino da Floresta: Reservas Extrativistas e o Desenvolvimento Sustentável na Amazônia*. Relime Dumará, PR, 1994.
- CARVALHO, David Ferreira. *Industrialização Tardia e Grandes Projetos* in D'INCAO, Maria Angela. SILVEIRA, Isolda Maciel da. *A Amazônia e a Crise da Modernização*. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 1994.
- CARVALHO, Horácio Martins de. *Padrões de Sustentabilidade: Uma medida para o desenvolvimento sustentável*, in D'INCAO, M. A., SILVEIRA, Isolda M. da. (org.) *Amazônia e a crise da Modernização*. Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, 1994.
- CMMDA - Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento – *O Relatório Brundtland. Nosso Futuro Comum*. 1987.
- COELHO, Maria C. Nunes. *Desenvolvimento Sustentável, Economia, Política do Meio Ambiente e a Problemática Ecológica da Amazônia*, in (org.) D'INCAO, Maria Angela. SILVEIRA, Isolda Maciel da. *A Amazônia e a Crise da Modernização*. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 1994.
- CONKLIN, Beth Ann. *Images of health, illness and death among the Wari' (Pakaas Novos) of Rondônia, Brazil*. San Francisco, University of California, 1989. Tese de Doutorado.
- Constituição da República Federativa do Brasil. Congresso Nacional, Brasília, 5 de outubro de 1988.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 2. ed., São Paulo: Ática, 2001.
- DIEGUES, A. C; MOREIRA, A. C. *A Tragédia dos Comuns: Vinte e Dois Anos Depois*. In: *Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum*. São Paulo: Núcleo de Apoio à pesquisa sobre populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP. 2001.
- _____, Antonio Carlos. *Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais*. In *Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum*. NAPAUB-USP, São Paulo, 2001.
- DÓRIA, Carolina. R. C. 2004. *Viabilidade do Ecoturismo como Alternativa de Renda para Comunidades na Amazônia*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Pará. Núcleo de altos Estudos Amazônicos - NAEA. Belém.
- ELI – An Environmental Law Institute Research Report. *As Reservas Extrativistas do Brasil: Aspectos Fundamentais de sua Implantação*. Washington, D.C., 1995.
- FEARNSIDE, P. M. *Migration, Colonization and Environment: The Potential of Amazonian Ecosystems*. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (4): 448-457, Oct/Dec, 1993.

FERREIRA, Leandro Valle. *A importância das unidades de conservação e terras indígenas em diminuir o desmatamento na Amazônia* (pdf) – Museu Emílio Goeldi, Belém do Pará, 2003. <http://www.worldbank.org/rfpp/news/debates/ferreira2.pdf>

FILHO, Henyo T. Barreto. *Da Nação ao Planeta através da Natureza*. SÉRIE ANTROPOLOGIA – 222 – Brasília 1997.

FRAXE, Therezinha J. P. *Homens Anfíbios, etnografia de um campesinato das águas*. Annablume Editora, Ceará, 2000.

FRAZON, Pedro. *Estratégias de reconversão de extrativistas em “colonos”* - Resex Rio Ouro Preto/RO. Porto Velho, 2004 – dissertação/mimeo.

FREIRE, Paulo. *Vida e Obra* – Ana Inês Souza (org), Expressão Popular, São Paulo, 2001.

FREY, Klaus. *A dimensão político-democrática nas teorias de desenvolvimento sustentável e suas implicações para a gestão local*. Revista Ambiente & Sociedade - Ano IV - No 9 - 2o Semestre de 2001.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Ed. LTC, Rio de Janeiro, 1989.

GIORDANO, Paola F., Laura M. Bellisa, Joaquín L. Navarro and Mónica B. Martella. *Bird Conservation International* (2008), 18:63-70 Cambridge University Press.

GOMES, Ângela de Castro. *História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões*. In Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história (org.) Rachel Soihet, Maria Fernanda B. Bicalho e Maria de Fátima S. Gouveia. Rio de Janeiro, Mauad, 2005.

GPERS. *Plano de Coleta e Utilização do Orbignya Barbosiana – Babaçu*. GPERS/UNIR, Porto Velho, abril de 2007.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

GREMAUD, Amaury P. PIRES, Julio M. “*Metas e Bases*” e *I Plano de Desenvolvimento – I PND* (1970-1974), in KON, Anita (org.) *Planejamento no Brasil II*. Editora Perspectiva. São Paulo, 1999.

GTA – Grupo de Trabalho Amazônico. *O Fim da Floresta? Devastação das Unidades de Conservação e Terras Indígenas no Estado de Rondônia*, mimeo, Porto Velho, 2007.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *O trabalho de Sísifo: “escravidão por dívida” na indústria extrativa da erva-mate* (Mato Grosso, 1890-1945). VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 23, nº 38: p.615-636, Jul/Dez 2007.

GUIMARÃES, Roberto P. *A ética da sustentabilidade e a formulação de políticas de desenvolvimento* in Viana, Silva, Diniz (org) *O Desafio da Sustentabilidade, um debate socioambiental no Brasil*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2001.

HASSLER, Márcio Luís. *A Importância das unidades de conservação no Brasil*. Revista Sociedade & Natureza, Uberlândia, dez. 2005.

HOMMA, A.K.O. 1993. *Uma Tentativa de Interpretação Teórica do Extrativismo Amazônico*. Em: Extrativismo Vegetal na Amazônia: limites e oportunidades. Alfredo Homma (ed). Empresa Brasileira de Agropecuária, Centro de Pesquisa Agroflorestral da Amazônia Oriental – Brasília: Embrapa-SPI.

IBAMA. *Manejo florestal sustentado da Caatinga*. Brasília, 2ª. Ed., 1999.

IBAMA/CNPT/CNS. *Documento para discussão pública – Reservas Extrativistas – termos de Referência – Plano de Manejo de Uso Múltiplo*. Brasília – set., 2001.

IBAMA/PPG7. *Projeto Reservas Extrativistas – Relatório Final da 1ª. Fase 1995-1999*. Brasília, 1999.

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - <http://www.icmbio.gov.br>. <http://www.ibama.gov.br/resex/cnpt.htm> - 24/08/08 - 23:12.

IRVING, Marta de Azevedo, MILLIKAN, Brent H. *Relatório de Avaliação Independente*. Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil. Projeto Reservas Extrativistas – avaliação de meio-termo (PNUD-Projeto BRA/92/043). Brasília, 1997 (mimeo).

KOHLHEPP, Gerd. *Conflitos de interesse no ordenamento territorial da Amazônia brasileira*. São Paulo, 2002.

KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Perspectiva, São Paulo, 1999.

LEI Nº 4.504, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1964. *Estatuto da Terra*. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. D.O.U. de 31.11.1964. http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/LEIS/L4504.htm. 17/07/2008.

LEI No 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000 - *Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza*. Presidência da República, Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 18 de julho de 2000; 179o da Independência e 112o da República.

LEI No 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000. *Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos*. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. D.O.U. de 19.7.2000. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm. 17/07/2008.

LENTINI, Marco et al. *O Estado da Amazônia*. A expansão madeireira na Amazônia. IMAZON, n.2, 2005.

MCKEAN, Margaret A. *Regimes de propriedades comum em florestas: somente uma relíquia do passado?* in Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum. NAPAUB-USP, São Paulo, 2001.

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 2ª.ed. Edições Loyola, São Paulo, 1998.
- MEIRELES, Denise Maldi: *Os Pakaas-Novos*. Brasília, Universidade de Brasília / Departamento de Antropologia – Programa de Pos-graduação em Antropologia Social, 1986. Dissertação de Mestrado.
- MENEZES, M. A., *As Reservas Extrativistas como Alternativas ao Desmatamento na Amazônia*, In: O Destino da Floresta in ANDERSON, A. ALEGRETTI, M e (edição) O Destino da Floresta: Reservas Extrativistas e o Desenvolvimento Sustentável na Amazônia. Relime Dumará, PR, 1994.
- MMA – Ministério do Meio Ambiente. *Amazônia Reservas Extrativistas – estratégias 2010*. IBAMA/CNPT – Brasília: Edições Ibama, 2002.
- MORAIS, Clodomir Santos. Teoria da Organização Social. Cartoon – IATTERMUND. Brasília, 1991.
- MORET, Artur de Souza. *Óleo Vegetal como Combustível para Energia Elétrica em Pequenos Aglomerados de Rondônia como Forma de Geração de Renda*. GPERS/UNIR, 2005.
- NORRA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto história: revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, n. 17. São Paulo, EDUC, 1998.
- OLIVEIRA, Jorge L. C. de. *A Burocracia Elitizada e o Polonoroeste em Rondônia*. Tese de Doutorado em Sociologia. USP. São Paulo, 2003.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à Vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. Cortez Editora, Edit. UNICAMP, Campinas, 1990.
- PÁDUA, José Augusto (org.). Viola, Eduardo. MINC, Carlos. VIEIRA, LISZT. GABEIRA, Fernando. GONZAGA, Paulo. *Ecologia e Política no Brasil*. Rio de Janeiro; Espaço e Tempo; IUPERJ, 1987.
- PEDROSO-JUNIOR, N. N. e SATO, M. *Etnoecologia e conservação em unidades de proteção: incorporando o saber local à manutenção do Parque Nacional do Superagui*. Braz. J. Biol., fev. 2005, vol.65, no.1, p.117-127. ISSN 1519-6984.
- PLANAFLORO. *As Unidades de Conservação em Rondônia*. Governo do Estado de Rondônia. Rondônia, 2002.
- POMPA, Cristina. *Religião como tradução; missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*, Bauru, CNPq-Anpocs/Edusc, 2003, 444 p.
- PPG-7 – *Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil*. Relatório Final da 1ª. Fase 1995-1999. CNPT/IBAMA, Brasília, 1999.
- REIS, L. B. dos e SILVEIRA, S. (org). *Energia Elétrica para o desenvolvimento sustentável*. EDUSP, 2ed. São Paulo, 2000.

República Federativa do Brasil - Decreto nº 86.029, de 27 de maio de 1981 - Programa de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil – POLONOROESTE. Brasília – DF, 1981.

ROCHA, Y. T. *História, distribuição geográfica e conservação do pau-brasil (Caesalpinia echinata Lam.): Contribuição para o seu estudo*. In: Dias, Alexandra S.. (Org.). Etnobotânica: Perspectivas, história e utilizações. Évora: Publicações Universidade de Évora, 2003, v. 1, p. 61-71.

RUEDA, Rafael Pinzón. Reservas Extrativistas. UICN Programa para a Conservação das Florestas. UICN/CCE/CNPT, Brasília, 1995.

SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro, Ed. Garamond, 2004.

SACRAMENTO, Maurício Ferreira. Extrativismo versus agropecuária na reserva extrativista do rio ouro preto – Guajará-Mirim: *diferenciais de renda e perspectivas de sustentabilidade*. Dissertação de Mestrado em Ciências Florestais. Publicação: EFLM024. Brasília-DF, setembro de 2002.

SANTOS, Nilson. *Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da Fartura*. Tese de Doutorado. USP, 2002.

SCHWEICKARDT, Kátia H. S. C. *Políticas agrárias e políticas ambientais na Amazônia: encontros e desencontros*. Revista Somanlu, ano 3, n. ½ jan./dez. 2003. Manaus: Edua/FAPEAM.

SILVA, Marilene C. da., BARROS, José F. *Uma comunidade de várzea: organização e morfologia social*. SOMANLU, Revista de Estudos Amazônicos, Ano 3, n. 12, jan./dez. Manaus-AM, 2003.

SILVEIRA, A. Isolda M. da. *Amazônia e a crise da Modernização*. Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, 1994.

VALIANTE, José Otávio, SIENA, Osmar. *Produção Sustentável em Reservas Extrativistas*. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Rio Branco, 2008.

VIANA, Gilney. *Impactos ambientais da política de globalização da Amazônia* in Viana, Silva, Diniz (org) *O Desafio da Sustentabilidade, um debate socioambiental no Brasil*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2001.

VILAÇA, Aparecida. *Comendo como Gente: formas de canibalismo wari` (Pakaa Nova)*. Rio de Janeiro Editora UFRJ, 1992.

_____. *Quem somos nós – Os Wari` encontram os brancos*. Editora UFRJ. Rio de Janeiro. 2006.

ANEXO 1

Questionário Orientativo das Entrevistas

Data:

Nome do entrevistado:

Endereço e meio de contato:

A) Antes de morar na RESEX do Rio Ouro Preto, onde você morou?

B) Você participou da criação da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto? Por que? Como foi a sua participação?

C) Você conhece o Projeto RESEX? Quais atividades foram executadas nesse projeto? O projeto RESEX trouxe melhoria para a Rio Ouro Preto? Quais?

D) Você sabe da existência do Plano de Utilização da RESEX do Rio Ouro Preto? Você participou? Como? Qual a importância desse plano de utilização?

E) O que você entende por Desenvolvimento? Na RESEX tem Desenvolvimento?

ANEXO 2

Entrevista realizada dia 24/09/2008
Local: ASAEX – Guajara Mirim-RO.

COLABORADOR C1

Iremar: Bom, vamos começar uma entrevista com colaborador C1 que vai se apresentar e vai começar então dizendo, antes de morar na RESEX do Rio Ouro Preto, aonde é que você morou, por onde foi essa trajetória de vida.

C1: É eu, é... bom, nasci aqui em Guajará-Mirim, né, no município de Guajará-Mirim, mas no interior né! No seringal Parati, que fica localizado no... hoje é a RESEX do Pacaás Novas, em 72, 1972, finalzinho de... e aí nós moramos, por vários anos, acompanhamos meu pai que era seringueiro na época, hoje é chamado de extrativista, naquela época falava seringueiro e nos moramos em vários locais. Naquele tempo era a época do patrão você, um ano trabalhava com o patrão, no outro ano já não achava bom, tava trocando de patrão né! Nós trabalhamos lá no seringal, lá do Benesby, lá no Branco, trabalhamos no Cautáio, que hoje é uma reserva extrativista também, que era o seringal do Miranda Cunha, né!? Um grande seringalista e... depois trabalhamos com o Pedro Oliveira, também lá no Cautáio. Depois voltamos, trabalhamos aí no Pacaás Novas... do Pacaás Novas, em 82, trabalhamos lá no Rio Novo, no seringal do... Soares, era um seringalista. Depois trabalhamos com o seu Pitico. É... moramos também lá! É no Rio Novo, mais outro seringal, mais á baixo, e em 86, a gente... final de 85 nós fomos trabalhar no Ouro Preto, né!... que, hoje atualmente é a Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto. Então, a gente trabalhava naquele tempo, final de 85, já não tinha mais patrão, né! Já era o tempo dos arrendatários, você já trabalhava arrendado... você ia para a colocação... no meio do ano pagava uma quantia X de... do valor da renda né! E no final do ano pagaria o restante... então, a gente já era arrendatário. Então em 85, a gente entrou no Ouro Preto e estamos lá até hoje! Naquele tempo a gente tinha 13 anos! De lá para cá a gente continuou morando lá né! morando lá no... aí até que em 90 já passou ser Reserva Extrativista aí moramos, desde do tempo já do final do patrão que era já dos arrendatário até hoje na Reserva Extrativista.

Iremar: Você participou desse processo de criação da reserva extrativista, participou de alguma atividade, como foi sua participação?

C1: É a minha participação foi muito pequena, porque naquele tempo eu era jovem, muito “pequeno” ainda... mas, sempre eu com meu pai e minha mãe tinha o costume, é... de quando ia participar da reunião a gente ia o pessoal da família inteira... pode perguntar, entrevista pessoas de dentro da reserva que é assim... sempre foi assim, quando vai pai, vai a mãe e vai os filhos né! Então a gente sempre participou, mas não participei de uma maneira direta né! Mas sempre estava presente nas reuniões! Lembro muito bem que foi uma discussão muito grande em até ser consolidado a reserva extrativista... demorou... foi uma faixa de 3... dentro dos 4 anos que foi quando, consolidado, que foi decretado a Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto... então não foi uma coisa muito fácil né!?

Iremar: Uhum... Você falou dos seus pais, que eles participaram... Como é o nome deles?

C1: O nome do meu pai é (...), conhecido como Barriga né, só que não tem barriga, parece mais um acari, aquele peixinho que não tem barriga né! E o nome da minha mãe é (...), atualmente tá morando, aqui na cidade, já é aposentada já, mas o meu pai mora na Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto.

Iremar: E qual o ramal?

C1: Ele mora lá no ramal do Pompeu, na localidade do Pompeu

Iremar: Qual sua colocação é...

C1: A minha colocação é, o nome da colocação lá é... denominado Sítio Estrela da Manhã, é né no Ramal do Seringueiro, a comunidade é Nova Esperança.

C1: Muito bem... (...), nesse processo então que vem, após a criação da reserva, teve um processo do projeto que veio para tentar fortalecer as reservas extrativistas, chamado Projeto RESEX. Você conheceu ou acompanhou? O que você sabe do Projeto RESEX?

C1: É na verdade naquele tempo, a gente morava lá dentro né! Lá foi comentado. Esse projeto a gente conhece. Eu não conheço á fundo, mais, lembro muito bem do Projeto Resex, até porque foi um projeto, que veio para dar sustentabilidade, àqueles moradores daquela reserva. No caso, foi através do Projeto Resex que começou ter feito os seminários, as capacitação, divulgação da reserva, fórum. E enfim, compras de vários equipamentos para a reserva como: motor, barco, é... compra de rádio amador, rádio fonia para melhorar a comunicação e... e outros, uma serie de... e foi construído alguns viveiros de mudas, compras de caixa de abelha, compra de despoldadeira de frutas, compra de gerador de luz, compra de freezer, é... compra de motor de voadeira, tanto rabeta, barco, para as comunidades. Então, aparelhou todas as comunidades né! Então, a comunidade ficou... talvez, até hoje eu falo, o melhor projeto de que existiu na Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto foi o Projeto RESEX, apesar de não ser bem assessorado... o que faltou na época? O que faltou é uns assessores entender a nossa língua e nós entender a língua deles... que ficou essa diferença... mais a titulo assim de fortalecimento, talvez foi um dos melhor que fortaleceu, mesmo você vê que naquela época, a Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, considerava em pessoas tinha 700 famílias, pra hoje não dá isso... quer dizer, você vê que ele estruturou a comunidade, desde a primeira comunidade até a ultima; compra de tudo isso: peladora de arroz, gerador, antena parabólica, televisão. Então, o projeto, se for avaliar é de 1 a 10 eu daria 8,5, né! Daria 8 ou 8,5, acho que o projeto foi muito interessante, para aquela comunidade.

Iremar: Você tá falando dessa parte principalmente de infra-estrutura, como uma coisa que foi, enfim, com todo esse aparato, ne? Que possibilitou um melhor aparelhamento daquela comunidade, agora quando você fala, dessa questão técnica né! O projeto ele tinha então um grupo técnico para fazer isso na sua proposta e esse grupo técnico, nunca chegaram ou não foram para o trabalho na RESEX, como é que foi isso, porque teve esse problema.

C1: Eu acho que o projeto em si tinha assessoramento técnico, tinha! agora o que faltou foi o conhecimento da região! Porque, as pessoas, técnicos que vinha, eram de outra área, maioria, não era daqui, era do sul né! Então, eles não estavam aptos, adaptados a nossa região. Então, isso ai foi o que deu um choque entre os extrativistas e esses técnicos, porque muitas vezes eles vinham do jeito que eles tinham aprendido e na verdade eles tinham que aprender com a gente para começar a desenvolver um trabalho, ou então, começar a desenvolver um trabalho em conjunto, né! ouvindo os dois lados, eles com o conhecimento deles, e nós com a nossa pratica e ai com certeza no final ia ter um resultado é... com mais sucesso. Então esse é meu ponto de vista. Quando eu falo que o técnico, eu sempre achei importante, é o técnico, o segmento, associação, qualquer grupo, para ele crescer tem que ter um bom assessoramento técnico, mas esse técnico também tem que entender aquele segmento, e foi uma das coisas que faltou.

Iremar: Quando, quando, ou seja, teve essa, essa ausência né! Como você tá colocando, a falta desse técnico compreender essa realidade, esse aparelhamento todo, para as comunidades se fixar lá, então você quer dizer, então o objetivo do Projeto RESEX nesse processo foi aparelhar essas comunidades, para dar suporte para essas famílias que moravam lá e ter um acompanhamento técnico nas atividades, isso você avalia, no sentido que era para fortalecer o modo extrativista, ou já era... ou era simplesmente para ter as famílias para ficar lá para cuidar da reserva. Como é que você avalia isso?

C1: Eu avalio isso que foi mais para as famílias ficar lá... foi um meio que de repente você vê que mudou de repente! As pessoas para ter um barco ou um motor naquela época, na época um motor de 10 hp, lembro muito bem, precisava uma tonelada de borracha para comprar um motor de 10, e de repente a comunidade ganhava dois - três motor, sem tirar um centavo do bolso... isso fez com que a comunidade, passasse a acreditar naquela idéia de Reserva

Extrativista e continuasse morando lá, como tá até hoje né! Então... de repente foi uma coisa que os extrativistas viviam amarrado e as cordas se rebentaram e as pessoas ficaram livres né! Então isso deu mais sustentabilidade para as pessoas ficarem lá! Agora, o desenvolvimento é outra coisa... eu achei que para se ter um desenvolvimento era preciso investir mais na área técnica, na área social né! Equipamentos é uma das partes para se desenvolver. A capacitação foi aonde foi a falha, foi na questão de capacitação, essas coisas assim.

Iremar: Então você quer dizer que, na parte que seria para fortalecer a parte do aproveitamento da riqueza ali de dentro... é que ali de dentro, essa parte falhou, ficou na parte de infraestrutura, provavelmente, é isso?

C1: Com certeza! isso aí... o que eu to querendo esclarecer aqui, não to achando a frase certa mas, o que faltou realmente foi isso. A infra-estrutura foi considerada 99% foi bom... o que faltou foi essa parte de fortalecer mesmo... como desenvolver, como aproveitar os extrativistas? Naquela época também, a gente trabalhava mais também a questão da borracha. A gente centralizou mais a borracha. Quer dizer, se naquela época se nós tivéssemos olhado para outras cadeias produtivas lá de dentro, hoje nos não estaríamos passando por dificuldades que no decorrer desse tempo a gente passou né! Então, foi focado mais a infra-estrutura e trabalhou só a questão da borracha e a castanha muito pouco, ficou centralizado só nisso... ao invés de tentar diversificar a produção do jeito que a reserva extrativista estava oferecendo, tinha a oferecer o mercado com certeza hoje, seria outra história, estaria uns 10 a 20 degraus acima de onde hoje nós estamos.

Iremar: Quando você avalia essa situação, de que nessa época que o Projeto RESEX ofereceu todo esse suporte, esses equipamentos, havia, ou seja, mais de 700 famílias ali dentro e depois elas foram saindo... esse sair foi com esse furo que ficou no projeto? foi a falta de assistência técnica? foi por conta disso, ou foi porque as famílias não encontraram mais razão para continuar lá, como é que você vê isso?

C1: Eu vejo... sou umas das pessoas que nunca saiu da reserva... sempre morei na reserva e acredito, estou há 8 anos residindo aqui na cidade, e não tem como dizer que eu tô residindo lá, porque tem 8 anos que estou residindo aqui na cidade. Mas, trabalho na associação... mas sempre tive um local lá, sempre cultivei não abandonei... então eu acredito que a chave para uma pessoa sair da reserva, naquele tempo, é porque elas eram tradicional, se eles sabiam mesmo era corta seringa, extrair o látex, a borracha e teve uma época que... em 97, 98 nos 98 para 99 foi a crise da borracha, teve gente que passou dois anos para vender sua borracha. Então, esse foi o motivo, pelas famílias terem saído da reserva: a falta de comércio para os produtos, quais eram esses produtos na época? só era a borracha! Tinha borracha para produzir mais não tinha para vender e hoje estão trabalhando de caseiro e hoje coitados, estão trabalhando de empregados por um salário aí nas chácaras, fazendas né! E tem muitas pessoas que tem muita vontade de voltar lá para dentro. Então, esse foi... a falta de mercado por produto, não é nem porque os produtos, mas o único produto que a gente tinha na época era a borracha e a borracha caiu é chegou um ponto de não ter mercado, não é nem baixar o preço é não ter mercado e isso desestruturou quase 30% dos moradores da reserva tiveram que sair da reserva, partir para outro rumo.

Iremar: Dentro desse contexto que a gente tá falando do Projeto RESEX, ocorreu um processo de discussão e elaboração do Plano de Utilização da Reserva, você sabe da existência desse plano, você participou da execução dele, como foi essa participação, o que você tem a dizer para nós sobre isso?

C1: Hoje tem uma discussão muito grande... Segundo comentário das pessoas que participaram na época, dizem o seguinte: que eles não conheciam não entendia direito... e por isso a gente aprovou o plano; na verdade o plano de utilização foi uma discussão sim! As reuniões em todas as comunidades... depois teve uma assembleia grande para aprovação do plano, só que esse plano foi uma montagem... Pegou o plano de outra reserva que era a reserva de Cajari e a Chico Mendes e nós, parte de reserva federal, então esse plano foi quase

copiado... Eu já tive oportunidade de pegar, o plano de utilização da reserva da Cajari do alto Juruá e Chico Mendes, aonde os pontos mais... a onde as leis.... é a mesma coisa do plano... (expressão de descontentamento). Eu particularmente tenho minha opinião e posso falar... Eu acho que não foi uma decisão justa da comunidade. Os moradores... “os moradores não querem pescar, os moradores da reserva não querem tirar lenha por esse motivo, tirar madeira por esse motivo”, foi só uma copia do... E naquela época, como não tínhamos muito conhecimento que nós tem hoje. Se pensaria... Uma idéia que a borracha não ia perder o preço não ia perder o seu valor, então,... a gente, tudo que tinha ali a gente apoiava né! Então hoje nós estamos praticamente amarrados nele plano, Plano de Utilização da RESEX. Por esse motivo, por não conhecimento, por pensar que o nosso produto não ia perder o valor, na verdade mesmo, a gente não tinha conhecimento do que que a gente tinha lá dentro, de valor, o que podia ser extraído né! Exceto lá no Plano, tirado o látex da utilização da seringa, nem a copaíba entrou. Já para extrair a copaíba tem que ter o plano de manejo, plano de utilização né! Então, se a gente tivesse previsto isso aí já não tinha nenhum problema... Então é isso aí, o plano de utilização ele veio pronto para nós... nós só fizemos aprovar ele (risos).

Iremar: Mesmo ele vindo pronto, ele contribuiu com alguma coisa pra assegurar a situação da reserva até hoje, ou contribuiu para as pessoas ficar brava com ele e fazer diferente, e fazer ao contrario que estava lá. Como é que você avalia?

C1: Eu avalio que sim. Foi positivo e vai ser sempre positivo até quando for ser alterado ele, alterado em algumas coisas. Mas, na realidade o que tá no plano realmente contribuiu e muito para a existência da Reserva, até porque foi um documento que... que assegurou a reserva do Rio Ouro Preto. O Plano de Utilização, a gente todas as leis da reserva... Então com certeza foi muito válido

Iremar: E quando a gente fala desse, do plano de utilização, a gente sempre se remete que o fator que o Projeto RESEX possibilitou o planejamento. Mas, aí você avalia que esse plano de utilização, ele não foi bem elaborado de acordo com a demanda da comunidade. Isso foi da condução de elaboração dele; esses técnicos que acompanharam que deixaram isso, como é que é: a comunidade discutiu outras alternativas, como é que você avalia?

C1: Eu acho que existe duas partes, tanto a comunidade, quanto os técnicos que fizeram essa discussão, puxando mais a comunidade, para que a comunidade visse mais... tá abrindo os olhos para o horizonte para o futuro né! Mesmo esse plano tá fechado, ficou coisa que não tá no plano, mas que poderia tá no plano... então você vê o tanto que a comunidade falhou, mas... a equipe técnica que elaborou o Plano, elaborar o plano que já estava pronto, o plano poderia ser alterado, acrescentado algumas coisas...

Iremar: Que tipo de coisas?

C1: Tipo... eu acho uma falha no plano: o Plano de Utilização da reserva fala que os rios, lagos é de uso comum... eu tenho visto em outras reserva por aí o que eles chamam de regra de convivência; são normas lá... Mas são a mesma coisa... aonde eles decidem a regra de convivência – lá aonde tem um lago X não se pesca, nem para comer. Lá é de reprodução, aquário de reprodução. Lá é uma ilha.... um local lá, caça não se caça. Você sabe que no Plano de Utilização a lei da vida proíbe que se casse... Mas, nós como moradores extrativistas, nós podemos comer, caçar, se alimentar né! E lá o plano não diz qual é o tipo de caçada e pesca... No Plano de Manejo a gente tem que ver isso aí para deixar isso aí tudo amarrado: não pode pescar, não poder caçar, local que a gente pode fazer roça, que lá no plano não diz. Olhando de longe, o plano (risos) por incrível que pareça e desde a época, nunca me aprofundei bastante no Plano, e a gente já identifica de longe as falhas que o Plano de Utilização tem. Algum espaço que você tá fazendo coisa errada é lá que o plano está sendo produzido, eu vou lá e pego... não deixa reproduzir a caça... aglomeração de caça é grande, mas não tem nenhuma regra de conscientização, aí eu vou lá pá (gesto de atirar na caça) e mato um bichinho para comer e da mesma forma na questão de roçado... Hoje na RESEX, tá trabalhando mais com agricultura... e agricultura exige todo ano você tá desmatando um

pedacinho de terra e as pessoas não têm a consciência; porque tem o palhal do babaçu... eu levantei esse questionamento nas pessoas pelo babaçu, deixa de fazer um roçado aonde não tem o babaçu para se fazer dentro do babaçual. A gente tá acabando uma riqueza que não podia e as pessoas não iam fazer o roçado lá. Esse... é verdade que o babaçu tem um potencial muito grande para nós moradores da reserva... Basta você olhar, que já tem aquele projeto que a gente tá trabalhando na extração do óleo vegetal e a sua cadeia produtiva do babaçu... e que tá prejudicando e muito é a questão do roçado... isso porque não ficou amarrado no plano de utilização, olhando de longe te digo que existe falha no plano, se antes tivesse feito, estaria melhor a reserva.

Iremar: Bacana... Nesse contexto de falar do Plano de Utilização, do Projeto RESEX, e a gente olhar um pouco mais de fora... as pessoas do entorno e eu digo também da cidade de Guajara, tem-se um discurso muito presente de que reservas são atrasos para o desenvolvimento... um discurso principalmente eleitoral, mas agora talvez até menos. Mas, na época do zoneamento, tinha uma discussão muito forte, mas o que eu queria perguntar para você, o que você entende por desenvolvimento e aliado a isso se na reserva tem desenvolvimento...

C1: Desenvolvimento é você crescer né! Construir alguma coisa... é... negócio de atraso da reserva extrativista é um empecilho aqui no crescimento da cidade... Isso aí a gente tem participado de muitos eventos e tem pegado muita pancada com isso aí né! Tem gente que se levanta contra a gente, diz que reserva extrativista é um santuário ecológico, é para preguiçoso... isso tudo aí a gente já confrontamos de frente. Mas eu acho que reserva extrativista é um modelo que veio para dar certo. E é um desenvolvimento sim. As pessoas... lá... desde que saiba extrair seu potencial da natureza, da floresta, com certeza traz o desenvolvimento... Mas, agora tem que ter as técnicas, o conhecimento de como é que se pode fazer esse desenvolvimento. Nós não podemos fazer isso: a pecuária é proibida, não é desenvolvimento... eu costumo falar, tem um cidadão aqui, um grande fazendeiro criador de gado, ele tem 10.000 cabeças de gado, ele emprega 1 vaqueiro... isso é benefício pra ele, mas para a população local não é! Agora eu até costumo brincar: a madeira desenvolve mais que a pecuária, porque você tira madeira, vai para a serraria, a serraria tem vários tipos de operários, dá emprego... agora a pecuária não! Da mesma forma a reserva extrativista, eu acho que na reserva extrativista existe sim desenvolvimento lá dentro... agora temos que descobrir, a gente não sabe onde é que tá... Hoje já tem alguns projetos que foram implantados na Resex e já está nos olhos das pessoas como desenvolvimento e pode está se melhorando esse desenvolvimento.

Iremar: Que tipos de projetos?

C1: Um dos projeto que tá como modelo é o projeto da extração do óleo do coco babaçu, podemos ampliar para outras áreas como a castanha, da castanha-do-brasil, e outras... despolpamento de frutas natural da região, também das cítricas que se planta... tem sim desenvolvimento! Um desenvolvimento que acho que é muito viável não só da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, mas também a solução de várias Resex's. Tem a questão do ecoturismo, temos rios, praias, serras, aves, fauna, flora, temos uma cadeia de belezas cênicas lá que tá sem ser explorado né! E a gente sabe que o ecoturismo é um meio que não agride a natureza... Então, pra mim, no meu ponto de vista seria uma saída para a reserva extrativista né! Seria o ecoturismo e implantar alguns projetos produtivos como a criação de tanques para criação de peixes, piscicultura... você estaria incentivando a comunidade a não está tirando peixe do rio - produzindo para o seu sustento e futuramente para o comércio e você estaria ganhando dos dois lados. A questão do mel da abelha, apicultura, também tem como desenvolver lá dentro. Temos toda aquela floresta lá, flora e tudo aí... Então, eu acho que isso de cara seriam os projetos que seriam viável. O ecoturismo, a piscicultura, apicultura e trabalhar essa cadeia artesanal, trabalhar com os artesanatos da RESEX, aonde você vai

agregar valor, e aproveitar as frutas, sementes, toda a cadeia produtiva da RESEX, a onde você estaria levantando dinheiro e desenvolvendo a reserva.

Iremar: Então, você disse que na Resex tem ações, tem potencial de desenvolvimento, mas mencionou que tem tido iniciativas mas, também algumas dificuldades, o que você acha que falta ainda para melhor desenvolver a reserva, que propicie as famílias moradoras.

C1: Eu acho que... eu ainda continuo batendo naquela mesma tecla de sempre, eu acho que a conscientização dos moradores lá dentro, dos próprios moradores... as pessoas tem uma tradição e você sabe que isso é difícil de se mudar, seu jeito de pensar, de falar, você já está se desenvolvendo... do zero passa para o um aí vai para o dois, e aí vai crescendo, assim por diante, a palavra chave é capacitação; capacitar essas pessoas em seminários, oficinas, mostrar como é que estas pessoas podem crescer, subir, e assim buscar o desenvolvimento... se não tiver isso aí... você sempre vai continuar... Tipo assim, na reserva extrativista nos temos uma grande produção de farinha, mas a gente sempre sofre em relação ao preço da cidade... Você faz a saca de farinha de 60Kg, vende aqui agorinha tá 40 reais... Se as pessoas tivessem sentado na comunidade, se reunir: vamos melhorar a produção, vamos fazer a farinha toda boa qualidade, com certeza estaria empacotando uma tonelada, duas toneladas de borracha – de farinha. Com certeza estaríamos vendendo esta farinha por um preço melhor. Mas a gente nunca pensa nisso, isso é só uma comparação dos problemas que nos temos lá dentro, que se agente for parar para pensar, coisinha pouca - conscientização e capacitação, coisas assim, para sair de vez desse entrave, desse gargalo que impede a comunidade de crescer.

Iremar: Quando você tá falando dessas possibilidades diversas, que agente chama muitas vezes de diversificação de produto, isso inclui também a borracha? Pode-se dizer que o látex da borracha também é um elemento novo nesse processo?

C1: Com certeza! Também porque o governo assinou um convênio com a embaixada da Noruega, um novo projeto aí, e vamos falar o RESEX 3 né talvez, dinheiro da embaixada da Noruega, um projeto aonde, eu escutei a entrevista do ministro, o Minc lá, do meio ambiente, falando que, até os seringueiros dando entrevista, que a TECBOM, que é a tecnologia da borracha vai ser, realmente, dentro do projeto da Embaixada da Noruega, vai ter um dinheiro para capacitação, compra de equipamento, então pode se dizer que a borracha é o novo desenvolvimento da reserva. Até porque hoje o mercado tá garantido, aquele tipo que é a assim folha defumada líquida FDL tá 5,00 reais, agorinha, com perspectiva de aumentar mais. Hoje a borracha que está sendo produzida no Acre, segundo informação que eu tenho, no Acre e uma parte do Pará, tipo assim não tá dando, a produção tá sendo pequena, pelo tamanho do mercado que se tem né! A borracha tá sendo exportada pra fora, vai para França; é que hoje o mercado tá consumindo toda borracha e ainda tá faltando borracha, então é a grande saída, o grande desenvolvimento que vem pra reserva é a produção da borracha, principalmente desta da FDL que é uma borracha de boa qualidade e com boa garantia de preço, de mercado.

Iremar: Você conhece bem aí os moradores, o público morador da Resex do Rio Ouro Preto, e mesmo os outros extrativistas da região, você avalia que de repente esse momento da borracha, novo momento aí pode colocar em risco as outras atividades que aos poucos os extrativistas vieram desenvolvendo, pra poder se garantir aí, não ficar como na borracha depois... e agora vem esse “bum” da borracha pode colocar em risco as outras atividades que vem desenvolvendo como você falou uma iniciativa de: apicultura, óleo vegetal, a própria borracha que já alguns ainda estão tocando...e aí de repente essa nova, onda.... a farinha... isso pode representar um novo retorno só para o látex, ou vocês tem feito uma discussão, para ver no sentido de “vamos entrar mais essa atividade mais continua com as outras”, como é que você avalia isso?

C1: Eu avalio que não, eu acho que não. É porque isso serviu de um aprendizado né, para aquelas comunidades... hoje na reserva extrativista quem está melhor, morando lá, são as pessoas que tem 3, 4 atividades, quem centralizou com certeza tá na peia... quem diversificou,

palavra chave, complicada, quem fez mais de uma ação, de um produto, de uma atividade, com certeza melhorou, isso tá servindo de espelho para os outros, num tenho nenhuma dúvida que ele tá servindo de espelho pros outros... acho que a borracha só vai a somar, até porque o látex só é de junho a novembro, do período de extração do látex, e outra coisa, as pessoas... é o período de uma atividade que nem todo dia o cara vai, então, isso não quer dizer, que o cara possa trabalhar com apicultura. Para trabalhar com látex, não exige muito né! Sobra sempre um tempo, um horário para outras atividades... Então, só vem a somar, até porque a associação hoje, a gente vem trabalhando essa questão com as pessoas, que a gente, nossa população sempre tem que tá diversificando a produção; temos que ter mais e uma atividade. Por exemplo: se você tiver só galinha numa comparação, ela vai ter o preço lá embaixo, então tem que criar o pato, o carneiro, o porco... você tem que diversificar a produção, senão você vai para o ralo... Então, sem sombra de dúvidas, eu posso afirmar aqui, que não há risco, a questão da borracha derrubar as outras, assim é... tirar todo um trabalho dessas atividades...

Iremar: Quando você fala que esse projeto novo aí com a Noruega pode ser o RESEX 3, só para agente compreender, você poderia dizer quais foram as áreas de atividades do RESEX 1 foi para essa atividade, o RESEX 2 para essa, só para ficar mais claro!

C1: O RESEX 1 ele foi mais na questão de aparelhamento, aparelhamento é o que? Compra de equipamento, em qualquer área: seja na área de transporte, produção, comunicação e os demais, então foram... aparelharam as comunidades; as comunidades ficaram com barco, motor, etc., ficaram aparelhadas. O RESEX 2 ele veio mais na questão de capacitação, ele teve problemas e foi liberado pouco... Segundo informações o dinheiro foi liberado 30% do RESEX 1, e hoje tá saindo outro Resex, é por isso que tô falando Resex 3 porque é dinheiro do 1 que sobrou e que foi fazendo de outra forma. Então, o RESEX 1 foi mais capacitação... Nós já tivemos a primeira discussão sobre o projeto da Noruega... o que que o projeto da Noruega faz, o que foi feito de início? Foi feito uma reunião, em cada comunidade, foram feitas 11 reuniões, aonde foi levantado o potencial de produção de cada comunidade. Então, o projeto da embaixada da Noruega vai trabalhar cadeia produtiva da RESEX, então lá foi centralizado, cinco ou 6 cadeias produtivas, borracha, copaíba, extrativismo, plantas medicinais, potencial do açaí, vê outros e outros, criação de pequenos animais. Então o projeto da Embaixada da Noruega vai capacitar as pessoas, tipo, eu quero produzir tal, x de produtos. Então vamos, tem quantos em uma comunidade, três, quatro, se junta todo aquele pessoal, o que quer trabalhar, vamos supor criar galinha, o que que eu preciso, tem capacitação, para tudo tem que ter técnicas... Então, vamos capacitar essas pessoas e vamos financiar, de maneira a fundo perdido, com acompanhamento da associação e dos técnicos do Instituto Chico Mendes, os equipamentos: o que precisa para criar porco, para pocilga, precisa de um óleo pra cortar madeira, um arame... precisa de quê? A matriz vamos comprar, o projeto vai comprar... então, essa é a idéia de início do projeto, talvez possa mudar, mas a idéia do projeto é trabalhar no potencial da produção, então vão capacitar, e produzir. A segunda etapa é viabilizar a comercialização também desse produto, porque não adianta ter o produto e não ter para quem vender. Então vamos também fazer essa ponte, trabalhar Brasília e por aí a fora e buscar mercado para o produto que vai ser produzido dentro da RESEX, não só do Rio Ouro Preto mas das demais Reservas Extrativistas que o projeto vai estar presente. Então, ele vai capacitar, vai comprar e vai financiar de maneira direta os equipamentos para a produção e vai viabilizar a comercialização, intermediar.

Iremar: Eu queria fazer uma última pergunta para você, voltando um pouquinho para o Plano de Utilização, para compreender o momento, em que vocês estão discutindo - o Plano de Utilização e mais do que isto, estão discutindo o Plano de Manejo da Reserva Extrativista, esse Plano de Manejo tem haver com esse Plano de Utilização, como isso se encaixa no planejamento do uso dos recursos, de potencial da reserva?

C1: O plano de manejo de uso múltiplo, que agora mudaram, colocaram Plano de Uso da RESEX, que é a mesma coisa, eu achei que ficou até melhor essa palavra... eu acho que sim,

ele vai mudar pouca coisa, ele vai estar paralelo, vai ser um documento a mais. O Plano de Utilização vai ficar dentro do Plano de Desenvolvimento da RESEX, então, aonde você vai poder estar alterando uma coisa que ficou fechado no Plano de Utilização... No Plano de Manejo você vai poder estar fazendo essa abertura. E a gente sabe que a lei dos SNUC fala lá que a gente tem que ficar de olhos bem abertos no que a gente quer ou não quer porque o Plano de Manejo, ele não é uma carta fechada, precisa saber que só pode mudar a lei após 05 anos é que podemos mudar nele, né? Então aonde você vai fazer, a comunidade vai fazer todas aquelas alterações de algumas coisas, que eu já citei antes na entrevista, que a gente vai ter que inserir para o que quer, como e aonde fazer, diferente do Plano de Utilização, o Plano de Manejo que deve dizer o que pode ou não fazer. Essa é a diferença do Plano de Manejo (mesmo que plano de desenvolvimento da reserva) e Plano de Utilização, essa é a diferença do Plano de Utilização que só fala que não pode, e o Plano de Desenvolvimento da Reserva vai dizer, como pode fazer; aonde pode fazer.

Iremar: Bom, antes de fechar gostaria de deixar para você... tem alguma coisa que você gostaria de comentar daquilo que falou um pouquinho, deixar uma informação a mais ou seja tenha alguma consideração a fazer com relação a essas perguntas, ou alguma coisa que você gostaria de acrescentar.

C1: É só acrescentar, é a questão do ... eu me lembro bem que você falou, da área de entorno da RESEX, né! Antes da entrevista e... eu acho que isso é mais para refletir, né! Hoje a reserva extrativista ela está meio desprotegida, hoje eu estando lá dentro da reserva eu sinto um pouco desprotegido, porque, não existiu um projeto, até a associação encaminhou um projeto na Carteira de Projeto que nos fizemos para o MMA e não foi aprovado, apesar sua importância para trabalhar o entorno não pelo projeto não ser um projeto bem, elaborado e sim por tempo, quando o projeto entrou lá na Câmara Técnica, ele já chegou com o tempo meio defasados né! Poderia estar entrando em uma análise é a questão do entorno? Hoje as pessoas que estão do lado do entorno, a lei anterior disse que era de 10 km, agora a lei disse que pode se estender até não sei quantos quilômetros, porque de repente tem uma nascente lá, e a pessoa pode estar desmatando todo na cabeceira lá do igarapé que fica no entorno e fica mais de 10 km, porque a nascente corre para dentro da reserva né! Então a lei deixou esse espaço aberto, que o entorno pode se estender... Só para refletir a questão que não teve um projeto, um cuidado na questão do entorno, ter um conhecimento, fazer aquelas pessoas do entorno entender que do lado ali, o que eles fizerem ali vai refletir lá na Reserva, de repente um fogo, aí o fogo entra na RESEX, um igarapé que dá acesso a Reserva de repente pode botar um veneno, para matar um peixe e esse veneno vai, o morador vai tomar aquela água lá e vai se contaminar, de repente um igarapé dá acesso... têm um caso que tá dentro da reserva. O fazendeiro desmatou toda a mata ciliar e esse igarapé secou, faltou um conhecimento para aquelas pessoas, fizeram aquilo ou fazem até hoje porque, não é porque querem, mas, na maioria das vezes é porque não tem o conhecimento... É uma falha do RESEX, não trabalhar a população do entorno da sua reserva. Trabalhar de que forma? explicando... trabalhar nessa situação, para estar somando com nós e não causar problema... Precisamos fazer um projeto no futuro para trabalhar essa questão de entorno da RESEX, não só da do Rio Ouro Preto, mas das demais RESEX's.

Iremar: Só tenho a agradecer, e quero perguntar a você se posso utilizar sua entrevista inteira ou em partes para fins de pesquisa?

C1: Com certeza! Você podem usar assim da maneira que tiver à disposição para usar inteira ou em partes. A gente falou aí... a gente só falou aquilo que tem consciência, não mudou, nem alterou e nem diminuiu nada; a gente só falou o que realmente que eu pude assim presenciar e o que a gente já viveu nesse 16 - 17 anos de Reserva Extrativista, a gente já tem alguma experiência nesse ramo, nesse lado...

Iremar: Valeu, obrigado

Entrevista realizada dia 24/09/2008
Local: ASAEX – Guajara Mirim-RO.

COLABORADOR C2

Iremar: Você poderia nós falar o seu nome

C2: Meu nome é Colaborador C2; é, sou natural de Guajará-Mirim mesmo eu nasci aqui em Guajará-Mirim, sou filho de (...) que é o nome do meu pai biológico.

Iremar: C2, antes de você morar na Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto por onde você morou por essa região?

C2: O meu pai como eu falei, não era seringueiro, ele era Carpinteiro naval, então a gente era de Guajará-Mirim, nós andamos por Costa Marques, andamos lá no Guaporé ele sempre construindo Barco, quando meu pai se separou de minha mãe agente veio aqui pra Guajará Mirim ai foi quando eu já tava com oito anos de idade minha mãe se casou de novo, ela se casou com senhor Pedro Vargas que era um senhor muito legal que terminou de criar a gente e ai a gente foi pro primeiro seringal que a gente foi que foi o Parati que é no Pacaás Nova, que na época era do Miranda Cunha, passamos um ano só lá e voltamos ai com nove anos de idade eu fui pro Ouro Preto; então, foi em 69 quando entramos no Ouro Preto. Fomos pra comunidade Petrópolis. Na época fomos trabalhar caucho... Bom, meu padrasto, porque eu não trabalhava, tinha nove anos de idade. Ai ficamos dessa época passamos a trabalhar a seringa e daí em 84 parei de trabalhar a seringa... em 84, já trabalhava por conta na época, que era assim que a gente chamava, que seringueiro chama por conta é quando o seringueiro sai da casa do Pai e da Mãe, e ai eu sai e foi trabalhar no garimpo porque foi na época que o Madeira tinha bastante ouro, ai eu sai em 84 e fiquei esses anos de 84 até 90 trabalhando no Garimpo. Ai em 90 eu voltei pra Ouro Preto que no caso ai já era a RESEX que já tinha se tornado Reserva Extrativista .

Iremar: então você chegou a participar desse movimento de criação da Reserva Extrativista ou não?

C2: Não eu não participei do movimento da criação eu só ouvia falar, vi até quando teve a primeira assembléia geral dos seringueiros de Guajará -Mirim que foi feita pelo CNS, mobilizada pelo CNS aqui em Guajará-Mirim que foi primeiro encontro de todos os seringueiros pra criação das RESEX mais eu não tava, não vou mentir porque eu não estava presente. Eu tava presente assim, passei de passagem mais eu não tava nem entendendo, porque quando você não participa você nem entende.

Iremar: Bom nessa vivência na RESEX do Rio Ouro Preto, foi desencadeado logo após a sua criação a criação da RESEX um Projeto chamado Projeto RESEX, pelo Ministério do Meio Ambiente, IBAMA, do CNPT/IBAMA, e eu queria saber então se você conhece esse Projeto, que atividades vocês realizaram a partir desse Projeto e se esse Projeto também trouxe melhorias pra vocês...

C2: Como eu falei em 90 foi criadas as RESEX's. O Projeto RESEX 1 teve as discussões dele mais eu não tava muito à par, por que eu não era diretor, mais eu lembro que foi em 95 mais ou menos que começou o primeiro desembolso do RESEX 1. Sei que ele era, o Projeto no papel era muito bonito e não participei diretamente das atividades do RESEX aqui na cidade, porque eu não era Diretor. Na época eu participei assim, dentro da comunidade; o que eu na época sei, que o Projeto levou pra Comunidade no início dos trabalhos do Projeto foi a Organização Comunitária, que no caso seria as reuniões de base com a Diretoria da associação com as comunidades. E teve sim algumas coisas muito boas do Projeto que no caso foi a compra de muitos materiais. Agora tinha um despreparo muito grande do nosso povo e até mesmo das pessoas que estavam na frente sem ser a diretoria, mas as pessoas que estavam na coordenação do Projeto que também acredito que não tinha muita experiência com o povo da Floresta; a gente não sabia administrar; então teve algumas coisas que no papel era muito boa mais que não deu certo.

Iremar: Porque quando você fala da organização de base, pra ficar mais claro o que consistia essa organização de base e se você lembra que tipo de equipamentos que foram adquiridos pra que foram usados.

C2: Bom, as reuniões de base a idéia era de fazer organização como, a organização que foi pensada no Projeto era formar liderança, formação de novas lideranças, na época agente uma necessidade muito grande de se formar lideranças e teve, inclusive eu fiz parte dessas reuniões de alguns seminários que isso tudo foi do Projeto RESEX e viagens intercâmbios com outros companheiros de outras Cidades de outros Municípios de outros Estados e até mesmo de outros Países, eu cheguei até a viajar então e foi do Planejamento do desenvolvimento do Projeto RESEX. Mais nem todo mundo conseguiu encaixar o espírito da coisa. Então ai os bens que foram adquiridos com o Projeto RESEX foram vários, agora a administração é que não foi muito boa, mais que conseguiu vários motores para comunidades, que seria para o escoamento dos produtos da comunidade, motor para as comunidades, alguns barcos... e até mesmo na época dos seringueiros não tinha este costume de ter parabólica, gerador, e foi adquiridos alguns geradores tem algumas comunidade que conseguiram manter isso no caso a minha comunidade conseguiu manter tanto como a parabólica televisão ate hoje funciona o gerador então muitas comunidades recebeu infelizmente o gerenciamento que não foi muito bom, tivemos também um caminhão para escoamento do produto, então teve varias coisas boa agora o gerenciamento que não foi bom. (risadas ao fundo – sede a ASAEX)

Iremar: muito bem tentam você avalia positivo ou então no geral ou negativamente o projeto ou os resultados trouxe melhorias a partir da sua própria experiência como você avalia o projeto RESEX.

C2: Eu vou ser sincero com você Iremar! Eu acredito que trouxe pouca melhoria mais trouxe porque teve algumas coisas que no inicio do movimento, eu sei que não deveria tá falando isso porque tem gente que não fala isso, mais teve alguns projetos antes do RESEX que botou as nossas comunidades em mau costume, então estas coisas foi prejudicial para a comunidade com pagar diárias para participar de reuniões essas coisas isso foi prejudicial foi muito prejudicial porque a idéia do projeto era a comunidade aprender andar com as próprias pernas e quando você passa a pagar diária para as pessoas ela passam a gostar do paternalismo então isso foi prejudicial muito prejudicial demais foi a única coisa que eu achei prejudicial.

Iremar: muito bem e importante que agente vai compreendendo que a dinâmica com o desenvolver das coisas ela vai tomando rumo que as vezes nem sempre se espera né! Mas bom dentro deste contexto nós sabemos da existência do chamado plano da utilização do projeto RESEX ele tem alguma ligação com Projeto RESEX, você participou disso e qual a importância do Plano.

C2: Olha o Plano de Utilização ele foi discutido com as comunidades na época do Projeto RESX, no inicio do Projeto RESEX foi em 95, fizemos o nosso Plano de Utilização. Esse Plano de Utilização ele foi sim discutido com as comunidades, agora foi em uma discussão assim que até hoje eu não me convenço. É veio... O primeiro Plano de Utilização que foi criado lá na Reserva do Alto Juruá e o Plano de Utilização nosso ele tem o mesmo modelo do Plano de Utilização lá do Alto Juruá porque veio um técnico e uma liderança na época do CNS e que chegaram nas comunidades e que fazia reunião com as comunidades pra discutir o Plano de Utilização, mais é... a discussão era, lia-se um artigo do Plano de Utilização lá do Alto Juruá e dizia olha, isso aqui está escrito assim, o nosso deve ser mais ou menos isso por que senão não vai ser aprovado pelo IBAMA, ai eram aprovadas as coisas nesse sentido é eu fiquei aborrecido na época, e participei de reuniões dentro da nossa comunidade, não gostei mais agente tinha outros pensamentos mais infelizmente não deu de mudar muito na época, porque na democracia e assim é aprovado pela maioria. Então, nas comunidades era aprovado pela maioria, mas a gente e as discussões foram nesse nível, então eu achei que não foram muito boas por que você estava copiando algumas coisas e muitas vezes o que é bom na tua casa Iremar não é bom pra minha.

Iremar: E a execução dele, a execução do Plano de Utilização, como é que você avalia?

C2: Iremar é como eu acabei de te falar, ela não foi muito boa, não está sendo ainda muito boa, por que tem algumas coisas que estão no Plano de Utilização que as pessoas não pediram, engoliram, então como engoliram porque ou engole dessa maneira ou por outra praticamente eles correm o risco de sair da RESEX, então as pessoas não tem como dele, então é complicado quando você vê esse tipo de situação, porque as pessoas não tem o Plano de Utilização com dela mesmo ou das comunidades, então muita gente passa por cima do Plano mesmo, e aí está infringindo o regulamento, as normas da RESEX. O Plano de Utilização ele não é uma lei ele é uma norma, então tem muita gente que inflige as normas por causa disso, esse é o meu pensamento.

Iremar: por que ele ficou como uma espécie de camisa de força?

C2: isso, metido de goela a baixo.

Iremar: Então, nesse sentido ele, no objetivo que era de se tornar um instrumento de planejamento, da forma como foi feito ele se tornou uma camisa de força e logo as pessoas não obedecem por que não está de acordo com a realidade delas, isso ou com a vontade delas?

C2: Principalmente agora Iremar, porque quando esse plano foi criado, nós já estava numa fase do extrativismo, que a Reserva Extrativista ela foi criada pensando... ninguém pensava em outra coisa que não fosse corta seringa. A geração de renda do seringueiro era só a seringa mesmo. E quando o Plano de Utilização foi criado a seringa, a borracha no caso que a gente extrai da seringa, é... já tava um pouco decadente; o preço e de lá pra cá; a coisa degradingou que o preço foi lá embaixo, teve uma época aí que a gente não conseguia nem vender borracha, nem que você fizesse borracha pra fazer um chiclete você não conseguia vender! Então diante dessa situação o plano de utilização ficou um pouco inútil por causa que, o Plano de Utilização não pensa muito em agricultura, não foi pensado nessas coisas, em extração de madeira em mexer com outras riquezas que tem dentro da RESEX. Não foi pensado no Plano de Utilização, ele foi muito focado em cima da borracha e isso foi lado prejudicial; na época eu já dizia olha gente: nem todo mundo vai viver só de borracha, mais as pessoas diziam: não nós estamos criando isso pra dar garantia que tem de cortar só seringa! *E hoje Iremar, a gente... 90% das pessoas lá trabalha só com a agricultura e a agricultura que era pra gente trabalhar na RESEX era a agricultura de subsistência e, no entanto, agora está sendo a geração de renda e isso não é Reserva Extrativista é complicado.*

Iremar: E então assim aproveitando esse gancho dessa sua leitura, do que é RESEX e o que não é RESEX, eu acho até que em função dessa sua experiência. Mais assim quando a gente percebe que há muito um discurso em torno do chamado desenvolvimento, mais você que tem essa experiência de movimento e essa vivência como extrativista e que enfrenta esse desafio do agro-extrativismo olhando pra esse sua experiência de vida, o que você entende por desenvolvimento?

C2: A gente não pode dizer assim que estamos na estaca zero, por que a gente vai estar mentindo. Iremar, a gente tem algum desenvolvimento na RESEX, tem! Não é assim todo mundo, toda a comunidade. Porque o que a gente precisa mesmo é, toda a comunidade está comendo bem, e o que eu entendo por desenvolvimento é desde a geração de renda e até mesmo a educação, a saúde, tudo isso pra mim é desenvolvimento é coisas que nós... da minha época pra agora, claro que teve desenvolvimento, pouco na Educação mas teve. Na minha época não tinha escola, agora tem escola até a quarta série, só que pra nós é muito pouco... ainda é muito pouco; mais o desenvolvimento foi pouco, mais eu vejo que a gente precisa desenvolver muito. A gente tem algumas gerações de renda que no caso são alguns projetinhos, como criação de abelhas que está funcionando devagar mais tá; tem a extração de óleo vegetal que está funcionando devagar mais está... e estamos voltando, por incrível que pareça, a cortar seringa de novo, então eu acredito que deu uma melhoradinha, esse ano já veio dar uma melhoradinha. Mas nós passamos um período de 1998 até 2006 que a gente não chorava porque o chororo ia ser muito grande mais que foi difícil esse período. Então o

desenvolvimento que eu vejo é ...o... o seringueiro ele gosta muito de comer, então ele ter o que comer todo dia e ter a satisfação de saber que o filho dele não vai ser analfabeto e ele ter pelo menos a saúde, que não seja totalmente digna, mas que seja digna ao menos do camponês, porque a gente sabe que nunca a gente vai ter ... a gente pelo menos não tem essas esperança mais não viu Iremar, de ter uma saúde de alto nível, isso a gente não conta mais com isso não, pelo menos eu que já estou com 50 é difícil eu alcançar alguém de vergonha que consiga colocar uma saúde digna para as nossas comunidades ribeirinhas, extrativistas, rural. Então o desenvolvimento que eu penso é isso, mais nós não temos isso não.

Iremar: Quando você olha pra o redor da RESEX que você vê o desmatamento o gado o boi tomando conta, as queimadas tomando conta, se intensificando, e quando eles falam que as Reservas e terras indígenas no Município de Guajará é um atraso pra o desenvolvimento, tem esse discurso principalmente eleitoreiro de muitos e eles comparam o desenvolvimento, esse desenvolvimento deles com o de vocês, como é que você vê, como é a sua leitura dessa idéia deles de desenvolvimento, dessa concepção de desenvolvimento com a concepção que você acabou de dizer, o que você vê por aí essa leitura deles, está até contaminando o agro-extrativista, algum morador da RESEX? Como é que você avalia isso?

C2: Iremar, eu vou falar no meu linguajar caboclo que dizem que “a dor é que ensina a gemer”, é no caso da RESEX a gente fica triste por isso, mas infelizmente o que tem acontecido é que, as pessoas vêm a devida qualidade de vida que a gente tem na RESEX, e a qualidade de vida que tem no seu entorno, é uma diferença muito pequena. E na realidade nós temos um problema muito grande na Reserva do Rio Ouro Preto, que nós temos 31 mil hectares, mais de 31 mil hectares que são ocupadas, que está dentro de RESEX, e tem uma proposta de desmembramento que a gente até hoje não sabe se isso vai acontecer ou não. Mais essa área de desmembramento e essas pessoas estão dentro da RESEX Iremar! E nessa área tem uma diferença de qualidade de vida muito grande! Então isso é, as pessoas, queiram ou não, se tú tem um carro bom e eu ando de bicicleta eu sempre vou ver quando tú passa e joga poeira no meu rosto eu vou pensar: “a se eu tivesse um carro também eu fechava pelo menos o vidro”. Então essa é uma situação muito complicada Iremar, a gente precisava o mais rápido possível conseguir alguma coisa pra ver se amenizava essa diferença entre o povo que vive dentro da RESEX e... Agora opinião minha, eu não sou a favorável de jeito nenhum com essa idéia que Reserva é um atraso na vida da Cidade eu não penso assim, eu penso que RESEX é muito rica, sabe ela tem como você.. a pessoa que tá lá dentro ela tem como sobreviver. Primeiro Iremar, a pessoa que sai lá de dentro da RESEX, quando ele vem pra zona urbana ele fica como um peixe fora d’água, ele não tem costume com esse calorão, com esse corre-corre, com essa falta de comida, porque um quilo de carne deve tá 12, 14 reais e lá ele consegue uma traíra de graça... então a diferença é muito grande. Mais o meu sonho é que a gente consiga um desenvolvimento e manter essa comunidade de onde ela nem sonha em sair se sai é obrigada. Mas que na realidade quem vive na RESEX o sonho deles é permanecer lá porque lá até o ar é diferente do da cidade... Então, o sonho é tentar, vê se consegue realmente um desenvolvimento das RESEX; e desenvolvimento é isso que eu falei no início que é ter geração de renda, saúde e educação, essas três coisas são o essencial, e é o mínimo que a gente precisa. Ai depois disso vem o transporte, porque o transporte também tá dentro dessa situação de necessidades da RESEX. Então essas quatro coisas pequenas, que é saúde, educação, geração de renda e transporte no caso seria carro, essas coisa mais são coisas mínimas para uma riqueza que agente tem lá dentro ser explorada e também isso não vai ser bom só para o seringueiro, eu acredito que vai ser bom para o mundo. Manter a floresta em pé para mim, isso á a gente não está fazendo favor para ninguém, tá fazendo uma obrigação, fazendo nossa parte para ver se este aquecimento global pelo menos barra um pouquinho... Não que vai terminar, mais que barra um pouquinho, a gente não sabe do futuro Iremar, mais a gente já se assusta com isso.

Iremar: tem alguma coisa que entre estas pergunta aqui e que eu fiz de repente algum assunto que você gostaria de reforçar do que foi falado ou é isso, em fim se você tiver alguma consideração ainda, está em aberto.

C2: Iremar eu não tenho muita coisa para falar, que eu tenho que fazer uma consideração, e uma coisa que a gente tem é um desabafo pequeno que a gente tem e são duas coisas: uma e que o nosso povo aprenda a eleger políticos e a outra coisa é que a gente sempre ora a Deus, que os políticos tenham vergonha na cara e faça alguma coisa.

Iremar: muito bem Custódio, você autoriza utilizar está sua entrevista para fins de pesquisas à partir desta projeto de pesquisa?

C2: sim autorizo, pode ficar à vontade.

Iremar: obrigado.

Entrevista realizada dia 25/09/2008
Local: ASROP – Guajara Mirim-RO.

COLABORADOR C3

Iremar: Estou entrevistando o Colaborador C3 (...), que vai contribuir com a nossa pesquisa e... José, vamos começar pelo seu histórico de vida! José antes de você morar na RESEX do rio Ouro preto, por onde você morou com sua família, você...?

C3: Bom, agradeço você ter escolhido a gente pra participar dessa pesquisa que vai ser muito importante para você e para nós também não tenha dúvida. É ... Antes de vir para a RESEX do Ouro Preto, sou filho de Costa Marques, nasci naquela cidade maravilhosa... fica no Vale do Guaporé. Eu vim para Guajará-Mirim a partir de 91. Lá em Costa Marques, a gente trabalhou em alguns seringais: né no seringal do Orlando Freire, Cardoso Freire; o seringal do seu Najá, me foge agora no momento o nome completo, mas era conhecido como Sr. Najá, no Rio São Miguel, estes dois seringais, tanto do Orlando como o do Najá era no rio São Miguel, próximo hoje a cidade de São Miguel do Guaporé... ali... próximo dali era esses dois seringais destes dois seringalistas. Depois começou todo um processo de desestruturação destes seringais; os bancos não financiaram mais esses seringalistas; eles foram abandonando, foi feito questão de loteamentos daquelas áreas, feito pelo INCRA, para assentar as pessoas e aí todo mundo foi saindo... e ficou lá alguns seringueiros, né... hoje ainda vivem por lá mas já exercendo outras atividades como pecuaristas e pequenos agricultores... Então, depois tudo isso viemos para cidade de Costa Marques e ficamos trabalhando como diarista, peões de fazenda, conseguimos um sítio nas margens do rio São Domingos, minha mãe e meus irmãos; e aí em 91 a minha irmã Ivani, a mais velha já morava em Guajará-Mirim na reserva do Rio Ouro Preto, com um rapaz chamado Pretinho. Aí em 91 eles foram fazer um passeio lá, visitar minha mãe e nós também e daí fizeram um convite, porque estava tendo um processo de organização social aqui na RESEX do rio Ouro Preto, foi quando a partir daí a gente começou ouvir falar do Chico Mendes, um sindicalista lá do Acre que estavam mobilizando, e através dele os seringueiros daqui de Guajara Mirim também estavam tentando se organizar para fugir das mãos dos patrões, dos atravessadores, dos arrendatários. E foi a partir daí, deste convite da minha irmã e de meu cunhado que a gente veio aqui para Guajara Mirim e passamos a morar na reserva do Rio Ouro Preto a partir de 91, 1991.

Iremar: ou seja a reserva já estava criada neste momento?

C3: Já, já tinha uma comissão conduzindo este processo criação de organização dos seringueiros, é... quebrando a questão da renda, então a partir daí a gente foi... em seguida começou e formou-se a assembléia geral onde criaram a Associação de Seringueiro de Guajará-Mirim (ASGM), antiga ASGM, que abrangia aí o rio Pacaás Novas, o Rio Novo e também o Rio Ouro Preto

Iremar: Então você participou desse processo de organização já propriamente a partir dessa comissão e da criação da ASGM vocês começaram então a fazer parte.

C3: Isso, exatamente, a partir da ASGM, daí começamos a fazer parte e participar do movimento, das reuniões de base com o Brent Millikan, não sei se ouviu falar... junto com o Raimundo de Barros foram os primeiros que entraram lá na comunidade fazendo as primeiras reuniões de base e também orientando e dando a forma de como a gente se organizar e criar o movimento; em si... foram os dois caras que foram os que fizeram as primeiras visitas as Comunidades de Base e conduziram todo o processo inicial.

Iremar: então a sua participação ela, foi então a partir dessas reuniões de base e do processo de articulação aí da organização social, a partir da ASGM?

C3: Exatamente

Iremar: Bom, então a partir da criação da ASGM do processo de estruturação da presença e de organização social dentro da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, teve um processo também de apoio a nova vida um projeto chamado de Projeto RESEX. Minha pergunta é se

você participou, se você conhece esse projeto, como você olha pra execução desse projeto e se esse projeto trouxe melhorias para a Reserva e quais os desafios dele também?

C3: O projeto RESEX, ele em si, teoricamente no papel era muito bom e foi no processo inicial. Nas primeiras parcelas que foram repassadas para associação criou-se toda uma estrutura física da associação, foram comprados muitos patrimônios para as comunidades... e uma das coisas que ele muito contribuiu foi com a capacitação de algumas lideranças das nossas bases: capacitou, preparou algumas pessoas, deu suporte pra algumas coisas boas acontecerem lá dentro da reserva. É.... teve o seu momento ruim de baixa, mais exatamente por falta de experiência dos diretores que assumiram a associação e também assumiram o desenrolar desse projeto na execução dele, então pensaram, pecaram né ... por alguma má execução e aí foi onde ele realmente veio a contribuir de forma negativa né, colocando um vício nas comunidades de algumas coisas que só queriam fazer se pagasse aquele negócio todo... pelo fato de que o projeto RESEX visava muito é muito apoio que eu acho que não deveria ter dado naquela época né, e deram e colocou aí um certo, um mau vício nas pessoas. Mais em um contexto geral acho que foi muito bom porque foi ele que realmente deu um pontapé inicial pra toda uma estruturação da associação, hoje não existe, mais volto a falar pelas comunidades não ter dado continuidade a tudo aquilo que ele iniciou porque o pensamento era o RESEX, dar um primeiro apoio nas várias atividades e a partir dali as comunidades pudessem tocar com seus próprios pés como nos dizemos no dito popular na linguagem popular e isso não aconteceu né..., infelizmente não aconteceu, a gente tem uma tradição que era mais ficar esperando e receber isso vem desde os padrões eles achavam que o RESEX era o seu padrão. Depois que acabou os padrões eles achavam que o RESEX atuaria aí como um dos padrões que eles eram acostumados ter, dar tudo e apenas cobrar a produção, mais não era esse pensamento era realmente preparar a comunidade pra em seguida a comunidade se auto-sustentar esse é um objetivo principal do Projeto RESEX. Acho que a parte técnica também foi o que deixou um pouco a desejar, porque não deram a continuidade devida para as comunidades, para as lideranças poder depois, amadurecer bem, pra que eles pudessem depois tocar sozinhos. Acho que falhou um pouco o Projeto RESEX na parte técnica, assessoramento técnico teve... mais na hora que realmente ia deslanchar os projetinhos que foram implantados com o projeto RESEX falhou um pouco e aí realmente não engrenou a coisa como agente pensava que iria engrenar. Mais eu acho que de uma forma geral contribui muito, pena que hoje agente já não tem mais o projeto. Uma outra coisa que acho que foi um ponto negativo é que o RESEX trouxe é que ele fechava muito outras portas que a gente queria abrir. Ele se prontificava em apoiar em tudo, e por este espaço quando a gente ia tentar pleitear outros projetos em outras instâncias eles falavam vocês tem o RESEX e o RESEX banca tudo e a gente não vai poder fornecer este projeto que vocês estão reivindicando para sua unidade de conservação, aí realmente um dos pontos negativos que eu achava que até hoje eu acho que ele deixou, este ponto negativo que é você ficar muito centralizado no RESEX, e não buscar outras fontes que existiam e que ainda este, e que são muito boas para comunidade.

Iremar: na gestão do projeto RESEX a gestão do projeto, ela passou diretamente pela associação ou pelo IBAMA, e qual o resultado disso, ou seja, primeiro ficou restrito, a associação, tudo era repassado pela associação junto com o gestor na época CNPT.

C3: Isso o projeto era repassado totalmente para associação, as demandas, a responsabilidade de administrar, executar era da associação, o IBAMA entra somente com a assessoria técnica, prestação de conta, aprovação da prestação de conta, ajudava na prestação de conta em fim, mais a excussão era realmente da associação, então por isso que com eu falei ainda agora e aí os diretores tinham muita experiência na parte de administrar projetos e pensaram, pecaram em alguns momentos, né... eu fiz parte de uma diretoria que fez uma coisa ruim para o projeto, teve lá uma diretora da gente que usou dinheiro em atividade não era em atividades não prevista no projeto, nos prejudicou, teve lá um processo de quebra de confiança com o

IBAMA, e a partir daí desta questão não foi mais possível mais de trabalhar com a ASGM, foi o momento da extinção da ASGM, quando houve este desvio de recurso.

Iremar: então ainda no projeto RESEX só para clarear e compreender esta dinâmica, então vocês recebiam os recursos todo de uma vez ou por parcelas, mediante um plano de trabalho?

C3: Era mediante um plano. Todo ano a gente fazia um plano de trabalho (POA) Plano Operacional Anual. Este plano era feito mediante as atividades que pretendia fazer naquele ano, aí era feito todo orçamento, e aí tinha lá o valor x e aí projeto RESEX desembolsava este valor e jogava na conta da associação para a associação poder executar estas atividades previstas neste plano, então ele era repassado mediante todo ano o plano operacional anual.

Iremar: quando você falou desta questão da deficiência técnica por parte do órgão de acompanhamento vocês também previam também dentro do POA estas capacitações, que tipo de capacitações que vocês lembra que vocês não colocaram neste projeto, se ele passava pelo POA.

C3: Pois o agente não se atentava muito em se preocupar muito como em capacitar pessoas para nos auxiliar, porque o projeto definia de onde vinha esta assistência ou auxílio...

Iremar então não entrava diretamente no plano de vocês?

C3: Não, já era passado, já era feito pelo IBAMA, contratava seus técnicos fora do plano para assessorar as atividades que agente previa no plano de execução. Então, foi bom em alguns momentos, mais também teve lá suas falhas, que é normal no meu ponto de vista e normal é uma coisa tão bonita teoricamente no papel mais quando vai para execução de uma forma ou de outra alguém não cumpriu direitinho com sua programação e deixa a desejar.

Iremar: Como você avalia então, após a conclusão do projeto RESEX, isso que você detectou e falou como problema ou vício de pagar diária pra trabalhar, como você avalia após o RESEX, isso foi superado, este desafio de trabalhar sem tá pagando diária ou ainda enfrenta desafio ainda hoje nesta atividade ou não enfrenta, em atividades nos projetos; como você avalia.

C3: não ainda enfrentamos mais a gente está querendo mudar este ponto de vista, e até porque os comunitários têm que se conscientizar que a gente tem que prestar um serviço pra a própria comunidade em momentos como voluntário; temos que nos doar, se agente quiser realmente resgatar e mudar este conceito, este mal costume, então acho que focou ainda no estado ruim, só para você ter um exemplo ninguém quer vim para frente da diretoria e exatamente pelo fato de não ter recurso para bancar a famosa ajuda de custo que agente pagava na época que ganhavam muito bem através do projeto RESEX pagava três, quatro, cinco diretores que ficavam aqui, era uma sede muito bonita toda estruturada com secretaria, recepcionista, telefone, era uma coisa de luxo de primeira, e aí tinha três, quatro, diretores recebendo uma ajuda de custo muito boa, então o projeto em si vamos dizer que uma boa parte do recurso dele que foi gastado nas questões administrativa com ajuda de custo com ajudas de diária que muitas vezes nem tinha necessidade e foi bancado, tava ali para ser usado então o pessoal usava né e aí então este foi o não costume que hoje estamos querendo quebrar está sendo realmente difícil, tem várias atividades que é possível serem feitas mais não tem com quem custear as diárias então os caras falam aí então eu não, só vou se realmente tiver! Vou... ele não sabe se doar em nome de sua comunidade em nome do seu movimento, um pouco do seu tempo... Também não queremos dizer que ele seja obrigado a ir trabalhar se tem nem uma remuneração, até porque ele tem sua família para sustentar, mais tem momentos que é possível né! Tem momentos que é possível você se dedicar e para a gente poder realmente resgatar o movimento que tanto lutamos para criar, que hoje está realmente num momento difícil.

Iremar: ainda nesta perspectiva do Projeto RESEX a gente tem informações que foi neste contexto que vocês elaboraram o Plano de Utilização, ou seja foi elaborado para RESEX de Ouro Preto tanto como para outras unidades federais também o plano de utilização da RESEX. Você sabe da existência desse plano e você participou dele? Como é que você avalia se ele foi importante ou não para a Reserva?

C3: Se tinha a necessidade de se elaborar o plano e a gente participou, das idéias, dando a idéia de como a gente pensava fazer em ter esse plano e fomos tendo como exemplo planos de outras unidades; como as do (Alto Juruá) da Chico Mendes eles trouxeram, temos como exemplo, plano de tal Reserva Extrativista e agente pode aqui aprovar da forma que está aqui, ou modificar alguma coisinha, acrescentar alguma coisinha. E foi feita assim de uma forma não sei precipitada, acho que deve se preparar e orientar, explicar melhor à comunidade para poder aprovar um plano. E aí foi feito um plano de utilização o qual dizia o que agente podia fazer e o que não podia, e aí, de certa forma, a gente fechou algumas coisas hoje consideradas ruins pra gente. Fizemos aí uma amarração que hoje nos atrapalha em algumas coisas... a maioria dos moradores pensam assim. Então por isso há uma necessidade de reformular, alterar o plano, até por que o SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação hoje pede que se faça isso e há uma necessidade de mudança e tem que ser feita agora conforme a Lei do SNUC, baseada na lei do SNUC. Então, algumas coisas ficaram meio fechadas e não determinadas também, ficou muito vago a lei... que na verdade, não é uma lei, mas um termo que a gente para o uso sustentável da Reserva, que não tá claro para os moradores e amarrando assim: você deve pescar só tantos kg de peixe, é permitido pescar pra subsistência, mais não diz é proibido levar pra cidade determinada quantidade de peixe. Então essas coisas ficam meio que soltas e não entendidas pela comunidade e outros fatores que não estão claros no plano é a questão do uso da porcentagem do uso da sua localidade da sua colocação tem lá 5% mas só diz que você pode usar 5%, mais não diz lá no plano quanto que vale isso em hectares e o morador pode usar, também é uma coisa que agente tem que alterar e deixar claro: é tantos % equivalente a tantos hectares que você pode usar por ano ou a vida toda, por exemplo. Então várias coisas que ficaram meio que soltas vagas no ponto de vista da Comunidade e também no nosso ponto de vista como liderança. Então, é preciso de imediato, enquanto não se aprova o plano de manejo, pra gente trabalhar tudo lá dentro da reserva, acho que é preciso de imediato reformular esse plano pra que possa ser a ferramenta que dê permissão pra agente usar determinadas coisas, fazer umas ou algumas atividades dentro da Unidade.

Iremar: Você lembra-se de que ano é o plano ?

C3: Em 1995 o plano é de 1995, foi aprovado, foi feito um processo e levado lá pra o IBAMA Brasília, passou pela análise técnica Jurídico do IBAMA e aí eles alteraram alguma coisinha pra se encaixar na lei e mandaram de volta, foi quando agente leu depois. E lendo nas reuniões de base mostrando, coisa também que agente pecou em não estar todo tempo lendo nas bases lendo isso, falando sobre isso, que era exatamente pra hoje os moradores ter uma definição melhor sobre o Plano de Utilização e como lideranças pecamos. Mas, eu passei pouco tempo aqui como liderança na ASGM... eu passei só oito meses como liderança, foi quando aconteceu aquilo que eu mencionei anteriormente aí agente sai e eu só estou voltando para a (ASROP) agora, fomos eleito em 2007 outubro. Durante esse tempo eu foi presidente da ASAEEX de 2000 a 2002 onde agente criou também essa outra associação por motivo de Administrações que passaram pela ASROP, nós da parte do Alto Rio Ouro Preto não concordava muito com o tipo de administração que eles faziam aqui então por isso o motivo de termos criado outra associação pra poder fugir aí da mão de alguns diretores que eram meio inadequados para o movimento extrativista.

Iremar: E ainda nessa questão de Plano de Utilização você mencionou que não foram colocadas naquele momento e que isso prejudicou o entendimento e próprio processo depois dentro do que era permitido e não permitido. Agora quando você olha pra esse plano com todas essas falhas, como você avalia a importância dele pra Unidade de Conservação e assim bem claro até onde que ele atendeu para servir de garantia e até onde que ele garantiu a proteção de Reserva.

C3: Acho que nesse sentido ele tem algumas coisas boas, tem seu lado negativo mais tem também o positivo. Pelo fato de termos lá o Plano que determina o que deve ser feito e o que não deve isso ajudou na possibilidade da unidade em proibir determinadas coisas acho que foi

bom. Porque tem companheiros que realmente, companheiros e pessoas de fora que se não tivesse lá uma lei, uma norma, vamos dizer assim, que não é lei definitivamente, mais uma norma de uso de entrada e de saída e manipulação da Reserva da exploração do uso da Unidade, acho que se não tivesse a coisa era meio descontrolada, eu dizia, não era por aí. Mas, por outro lado ele ajudou agente a segurar a questão das invasões, que tem lá o plano que proíbe, as pessoas que não são extrativistas fazer essas e essas coisas, dando apenas o direito aos extrativistas e isso é muito bom para o extrativista então nesse sentido ele contribui muito com a permanência dos tradicionais e também da existência da Reserva da Unidade

Iremar: Quando a gente olha então pra esse papel da Reserva Extrativista, aí com a presença das pessoas ali dentro e ao olhar para o discurso de políticos da região que afirmam que reserva é sinal de atraso para o desenvolvimento de Guajará-Mirim. Como você entende o papel da RESEX no desenvolvimento da região. Tem desenvolvimento na RESEX?

C3: Certo, acho que de certa forma sim, talvez não tenha mais porque não tem suporte suficiente pra fazer esse desenvolvimento, acho que a partir da hora que for autorizado com plano de manejo a exercer várias atividades dentro da unidade isso vai com certeza ajudar por que aí vai poder se desenvolver várias atividades e vai haver desenvolvimento, que atenda os anseios da comunidade, através do plano de manejo que antes não podia se produzir. Por exemplo, na questão agrícola na agricultura de subsistência, tem lá um limite que só pode desmatar tantos hectares, dois hectares... Então isso não dá, não é suficiente pra você produzir muita a questão da agricultura até por que não pode mesmo, é uma área de conservação não ia poder derrubar muito pra produzir muito, então é inviável a agricultura da Unidade. Para o produto extrativista a Castanha a Borracha é houve a queda do mercado por isso atrapalhou né desenvolvimento da produção do produto extrativista, a castanha que tem um mercado bom todos os anos, mais também não tem a exploração dos castanhaís; pra realmente ter um desenvolvimento bom na área da exploração da castanha, e quando o discurso de alguns administradores do Município que dizem que isso é um ponto negativo, que Guajará-Mirim não desenvolve pelo fato das Unidades de Conservação que cercam o Município, eu discordo... No meu ponto de vista há possibilidade dele se desenvolver e apoiar o desenvolvimento do Município sem mexer nas Unidades, existe milhares de hectares de áreas degradadas que podem ser trabalhadas que podem ser recuperadas e oferecidas aos pequenos agricultores das áreas daqui do Município áreas agrícolas do Município de Bom Sossego, Cachoeirinha e distrito de Iata. Enfim, isso na verdade é discurso pra enganar as pessoas, na realidade e isso não é discurso de político que quer ajudar o seu Município, de pessoas, empresários que quer ajudar seu município. Acho que há todo meio para trabalhar as áreas que precisam ser trabalhada, que são as áreas degradáveis, e mesmo nas unidades, eles precisam dar mais apoio, tanto empresários quanto os políticos, para trabalharmos o desenvolvimento, que elas são unidades de conservação as reservas extrativistas e são de conservação mais não são intocadas né ele dando apoio as populações, com certeza, vai ter um desenvolvimento produtivo da cadeia produtiva do município que vai ajudar muito isso tanto as comunidades quanto o município em si, não tenha dúvida disso.

Iremar: e a partir dessa decisão e para você o desenvolvimento e só essas ações produtivas ou você consideraram outros elementos importante para esse entendimento para este desenvolvimento ou só as ações produtivas já levam a este desenvolvimento.

C3; acho que tem a questão do entendimento da própria população a própria população das unidades quanto à população em geral do município, acho que a partir da hora que todo mundo se conscientizar da importância que tem a unidade de conservação isso vai mudar muito na questão como um todo. Então eu acho que este é um lado que falta desenvolver a idéia das pessoas que o entendimento sobre unidade de conservação sobre a importância dela para toda a comunidade para todo estado e para todo país, das pessoas ser bem trabalhado, acho que este é um lado que tem que ser bem trabalhado para as pessoas poder entender e também contribuir, porque a partir da hora que eles entenderem né, a pessoa que não reside e

que acha que as unidades são instrumentos que atrapalham, a partir da hora que eles entender que as unidades são fundamentais para o Município e para as populações que habitam aí sim vai ter todo um entendimento positivo e todos vão ajudar neste processo.

Iremar: Neste contexto do desenvolvimento da RESEX como entra na sua leitura a importância destes serviços saúde, educação; como que você analisa estes fatores: eles são importantes para este desenvolvimento ou eles podem acontecer alheios a estes fatores, a estes serviços básicos.

C3: Eu acho que eles são necessário, necessárrissimo, eu poderia dizer que a educação principalmente, acho que, temos que trabalhar a educação dos nossos jovens a saúde também e sobretudo importante, trabalhar a saúde da mulher saúde da comunidade em geral e os jovens também se conscientizar de todas as doenças que podem se contaminar seres contaminados em fim eu acho que são fatores fundamentais para termos aí uma população extrativista sadia uma população rural sadia e educada principalmente educada das suas obrigações e dos seus deveres dos seus direitos e deveres né acho que educação e saúde são dois fatores importantíssimos e temo que trabalhar e uma das preocupações desde quando foi criada e das evasões que tem muito nas unidades, acho que pelo fato que nunca foi dado um suporte adequado para o funcionamento dos colégios dentro das unidades por este fato muitos saíram muitos abandonaram suas colocações né! Os pais se obrigam a vir, para dar suporte para os seus filhos, aqui na cidade para estudarem com a intenção de realmente educarem seus filhos e tem uma outra surpresa que é realmente o filho caindo no tráfico e as filhas na prostituição... isso é triste né, porque a gente já temos vários companheiros... Nossos companheiros que eram muito bom lá e de trabalho na unidade, e hoje estão no mundo do crime né! isso a gente não esquece nunca por isso ainda há uma necessidade de trabalharmos esta questão, dar oportunidade para que todos estudem lá mesmo..., sistemas de colégio interno, tem que haver uma solução para que ele não saia, continue estudando lá e continue trabalhando exercendo sua atividade tradicional para a gente é fundamental e vamos ver se consegue no futuro trabalhar esta questão.

Iremar: para fechar nossa conversa qual ou quais os seriam os maiores desafios que você vê que o movimento enfrenta hoje ou que a reserva extrativista enfrenta e quais seriam estes maiores desafios.

C3: Primeiro para mim como diretor da ASROP e resgatar a dignidade do movimento e a moralidade deste movimento depois trabalharmos com apoio financeiro para a gente manter novamente a coisa engrenada, e a outra situação é a invasão dentro da nossa unidade, a forma que as pessoas entraram, para que as pessoas estão entrando de forma descontrolada o próprio desmatamento também está dando uma preocupação os próprios moradores estão desmatando, até por uma necessidade né! A gente jamais quer proibi-los disso. Mas, a partir da hora que agente conseguir outros meios para eles sobreviver lá dentro eles vão parar de desmatar, mas então são quatro ou cinco fatores importantíssimos que teremos de trabalhar de imediato: a recuperação do desenvolvimento né, como eu falei, a questão do desmatamento que é preocupante no meu ponto de vista e também está invasão, que estão entrando lá, e sem autorização sem nem um controle sem respeitar nossa população e as instâncias que respondem por aquela unidade né, é necessário trabalharmos aí a parte educativa a divulgação desta unidade e também realmente ver se agente consegue fazer com que as coisas engrenem e volte andar aí como a gente viu aí a dez anos atrás como andava. Para a gente é fundamental com certeza; a gente vai conseguir e é um desafio muito grande esperamos que com algumas mudanças administrativa do Município a gente consiga e volte a trabalhar e desenvolver nosso movimento.

Iremar: Humm, ok, já que você está tocando neste fator do Município qual tem sido a sua participação neste campo propriamente dito político ou de partido político o que isso você acha que tem contribuído também para sua leitura, quanto para sua experiência enquanto liderança né, extrativista, como é que você vê.

C3: Que é fundamental, contribuiu muito o próprio projeto RESEX. Foi uma das ferramentas importantes neste processo particularmente comigo né, eu apreendi muito nas capacitações da RESEX e depois vivenciando com o político a gente aprende muito, e em outras e outras capacitações do CNS - Conselho Nacional dos Seringueiros, a própria OSR teve oportunidade de ser diretor membro do Conselho Fiscal da OSR - Organizações de Seringueiros de Rondônia, aonde também tivemos várias capacitações... Mas, a questão política e muito boa eu sempre digo que nada funciona se não tiver a participação da política em si, à política em si não é ruim, a política em si é boa né! Agora alguns políticos que distorce o objetivo da política né! Partidária, em fim eu acho que ele contribui muito a porque político não tem político que realmente ajuda no processo das organizações das políticas comunitárias né! Muitos já ajudaram e eu espero que ela ajude, continue realmente ajudando e isso só não acontece mais até porque nós lideranças mesmo não procura né! A gente fica meio afastado não querendo mistura política partidária com política comunitária mais isso tem que andar juntos. Eu acho que a gente tem que esquecer este lado de termo sindicalista né! O pessoal tem uma visão de sindicalista que é muito radical né! Não trabalhar com a política partidária, mas temos que trabalhar juntos as políticas comunitárias e política partidária são dois tipos de políticas. Mas temos que tá sempre andando juntos para poder resolver os problemas e implantar atividades dentro das unidades de conservações. Então, eu acho que eu me dou muito bem com os vereadores da nossa Câmara. Me dou muito bem com o prefeito e espero me dar muito bem com os que vierem e estou sempre ali, cobrando né! Como diretor, muitas das vezes sou mal interpretado, porque eu tenho uma forma muito dura de cobrar, mais eu jamais vou deixar de cobrar os direitos das minhas comunidades e os meus direitos né! E também nunca vou fugir dos meus deveres isso a gente sempre tá lembrando para não esquecer, ficar só cobrando os direitos e não lembrar dos deveres, esquecer, isso eu sempre falo para comunidade que a partir da hora que a gente cobra muito os nossos direitos, a gente finda esquecendo dos nossos deveres. Então tem que pesar, apesar das coisas, tem que sempre tá lembrando das duas coisas que são fundamentais para ser bem aceito na sociedade, ser bem visto na sociedade como um todo. Acho que é isto que devemos trabalhar, não perder as esperança eu acho que é fundamental não perder as esperança e dias melhores com certeza viram.

Iremar; E esta esperança além desta participação política isso passa também pelo processo de formação de novas lideranças ou com os que estão aí para tocar o barco?

C3: não acho que o processo de novas capacitação são muito importante, acho que tem muita gente nova vindo e criancinha que tinham cinco anos agora já tem vinte né! São jovens que já tem uma boa visão do movimento, então eu acho que ele tem que ser capacitados, é necessário e de urgência... capacitados de urgência... acho que é fundamental preparamos para que no futuro quando nós nos aposentarmos eles estejam prontos para dar continuidade neste processo que eu tenho certeza que jamais, jamais vai parar e vai morrer este movimento sindical, movimento organizado tem que continuar, que ele também é uma ferramenta em defesa do seu povo, da própria comunidade e o próprio sistema aceita isso; o próprio sistema nos orienta a continuar com isso. Eu acho que uma categoria sem uma representação não é uma categoria não é um seguimento... então eu acho que agente tem que continuar com isso há necessidade de preparar novas lideranças e com certeza tem gente que está pronto para ser preparado.

Iremar ok eu só gostaria de perguntar que diante destas questões todas que você falou têm ainda alguma coisa que você gostaria de reforçar tem algum ponto destas questões ou se dá por satisfeito, como que você avalia...

C3: Acho que um pedido a vocês que ao decorrer da nossa conversa a gente esqueceu de mencionar várias parcerias que agente teve... eu acho que a universidade, uma das parcerias que deve continuar existindo né, é um instrumento importantíssimo para um suporte para as comunidades e ajudar as comunidades nesta caminhada... já é prova que realmente vocês

estão contribuindo muito. Espero que contribuam mais né, e com a parte da ASROP, que a gente tem esta parceria... eu espero que agente consiga formular esta parceria... que esta parceria dê certo como vem dando com a ASAEX né e um dos pedido que eu tenho a fazer e você depois de preparado, continuar contribuindo, continuar trabalhando seja neste, com este movimento deste município, seja com o movimento de outros estados... o importante é sempre estar ajudando, dando suporte as pessoas, à segmentos e as classes que realmente precisam.

Iremar eu só queria ti perguntar se você autoriza a gente utilizar esta sua entrevista em partes ou integral se for preciso para fim de pesquisa deste projeto do qual eu te informei...

C3: Com certeza está autorizado, você escolhe aí as melhores partes que você achar que seja importante, que vai contribuir para este processo que você está fazendo... espero que tenha contribuído né! e vou torcer que dê certo e que isso dê bons frutos...

Iremar: com certeza, além do mais só tenho a agradecer, obrigado

Entrevista realizada dia 24/09/2008
Local: residência – Guajara Mirim-RO.

COLABORADOR C4

Iremar. estamos então conversando com o Colaborador C4 (...), que vai me começar falando um pouco da sua, da sua experiência de agroextrativistas, seu nome completo pra gente por favor... e a primeira pergunta, antes de morar na RESEX do Rio Ouro Preto por onde é que você morou, pra gente começar a conversar.

C4. Bom meu nome é (...), o nome da minha mãe é Autina Pereira da Silva, o nome de casada é Altina Pereira dos Santos, meu pai chama João Vieira dos Santos os dois já faleceram, sou Amazonense e vim pra cá pra Rondônia com 10 anos de idade sou da cidade de Canutama no Rio Purus no Amazonas, então é, a minha experiência de vida com extrativismo eu considero muito interessante porque eu não vivi só no estado de Rondônia, então eu conheço é a vida do extrativista do ribeirão do Amazonas que é bem diferente daqui, quando nós chegamos aqui encontramos bem diferentes as coisas no sentido que, aqui tinha a história do abono que o seringalista dava ao seringueiro, que lá no Amazonas não tinha... e aqui essa movimentação já era muito forte, a concorrência pelo seringueiro na época de 70... Quando eu cheguei aqui em Guajará Mirim em 69, a concorrência pelos seringueiros era que nem contratar bons jogadores, quem dava mais era quem levava o seringueiro pro seringal, quem dava mais dinheiro, que a gente chamava de abono, é o que levava os melhores seringueiros pros seringais, então eu cheguei aqui em 69, trabalhei no Rio Ouro Preto em 69, 70 e 71, em 72 fui pro Rio Cautário... do Alto Rio Cautário trabalhei em 72 lá e 73 baixei... em 73 mesmo vim pro Rio Cautário, mas mais embaixo no Canindé, então fiquei 5 anos no Rio Cautário seringal Canindé... em 78 sai do Canindé já, já tava casado nesse período, casei lá no Cautário, todos os meus filhos nasceram no seringal é quando eu vim pra cidade.

Iremar: quantos filhos?

C4: Seis, quatro mulher e dois homens, minha filha mais velha tinha oito anos, então precisava estudar, foi quando eu deixei a família na cidade e continuei é, trabalhando no seringal como comandante de um barco seringalista Sebastião Fandim, levando seringueiros e trazendo borracha, sempre borracha, depois quando sai do seringal fui trabalhar sempre com borracha, trabalhei na usina de beneficiamento de borracha, trabalhei 4 anos na usina de beneficiamento de borracha.

Iremar: Em que lugar isso?

C4: Aqui em Guajará Mirim, então da borracha nati, natural é uma coisa que eu domino um pouquinho, porque trabalhei como seringueiro, cortei seringa, fiz borracha em bola, fiz borracha CVP, só eu que trabalhava na usina com borracha fazer o beneficiamento primário dela, depois fiz um cursinho também de tecnologia de borracha, pra entender a parte técnica mais da borracha, então eu tenho (risos) uma certa intimidade com borracha. E aí como eu morei muitos anos também no Pacaás Novas, e quando houve o primeiro encontro dos seringueiros, em fevereiro de 89 eu fui indicado. Então, a minha ida, o meu passaporte pro movimento extrativista, foi indicação dos extrativistas do Pacaás Nova, então eu fiquei na primeira comissão do CNS, pra organizar a criação da associação, da primeira associação, como representante do Pacaás Nova. Na primeira comissão, e participei isso em 89, em março 13 de março de 90 a gente criou a primeira associação. Mas em dezembro de 90, em novembro de 90, a gente criou a Organização dos Seringueiros de Rondônia, eu também fiz parte da primeira Comissão Provisória, e na primeira diretoria, fui fiquei como conselho fiscal, primeiro conselho fiscal. Aí depois é a minha continuidade, eu vivi uma época que alguns colegas brincavam que eu tinha duas caras, que eu representava a ASGM, CNS e a OSR. Eu também fiz parte do Conselho Deliberativo do CNS em 98, 80 89 em março de 89

Iremar: isso primeiro

C4: isso primeiro encontro de seringueiro março de 89, e aí a partir de aí eu fiquei quase 9 anos na presidência da OSR, 8 anos e pouco fiquei de 94, 93... 93 a 2002 da... faz nove anos Iremar. é,

C4: E aí tive uma passagem pela cooperativa COOSERON, fiquei apenas 10 meses, foi quando saiu minha indicação pra CNPT, pra ser gerente da Reserva e em 83, como é desculpa em 2003 e tô até hoje, agora em setembro fez 10 de setembro fez cinco anos.

Iremar. Então, com relação ao processo de criação da RESEX do Rio Ouro Preto, então desde a primeira reunião aqui, que daí se criou a ASGM...,

C4: eu participei de todas as reservas dos extrativistas de Rondônia, as quatro federal e as 21 estadual, eu participei de processo de criação de todas;

Iremar: e é nesse processo de criação aqui no modo particular da RESEX do Rio Ouro Preto, qual foi a maior dificuldade, ou seja, o maior desafio que vocês enfrentaram naquele momento ou foi tranquilo a criação da RESEX do Rio Ouro Preto,

C4: não foi, não foi tão tranquilo... e eu como se diz proprietário da RESEX do Rio Ouro Preto, foi criado em cima de terras particulares, eu cheguei a ser ameaçado de morte e vivi uma semana de terror, teve que ser feito denuncia do Ministério da Justiça, em Brasília. Brasília acionou a Polícia Federal e fez o cara que tava me ameaçando assinar um de Termo de Conduta...

Iremar. ajustamento de conduta?

C4: É ajustamento conduta, o cara também achava que título do terreno dele tinha ficado dentro da reserva e era porque eu quis colocar... foi uma semana de terror a minha mãe chorando, as meninas querendo que eu não saísse mais de casa, e eu não conhecia o cara, e o cara também não me conhecia, e os dois morando aqui em Guajará Mirim... e em uma semana, como teve uma pressão política muito grande, e é o Instituto de Estudos da Amazônia fez uma denuncia, direto no Ministério da Justiça, o Ministério da Justiça já acionou a Federal aqui pra tomar providências, intimaram os camaradas rapidinho, foi como apareceu este fato, então não foi tão pacífica, que tinha muita oposição política, quase, quase ninguém era a favor é da Reserva a não ser os extrativistas. O poder econômico todo era contra, vereadores, prefeito, todo motivo que tem muita gente contrária da criação da Reserva, considerando que a reserva foi invadindo as propriedades, foi que houve um acordo com o IBAMA, concordou, a sociedade civil, concordou, CNS, OSR, ASGM, em excluir acho de 31 mil hectares, numa fração da Reserva, e que não fui excluída até hoje, e que hoje ainda continua sendo o maior problema da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto é a questão fundiária, que não foi resolvida, 18 anos de sua criação, foi criada em 13 de março de 90, e até hoje não foi resolvida a questão fundiária.

Iremar. inclusive deu a ela o título de nesse ano já a reserva que mais desmatou né?

C4: é agora,

Iremar. (risos) em função dessa situação desse problema

C4: Tem justificativa porque tem dito isso porque a reserva do Rio Ouro Preto tem o maior desmatamento? Tem o maior numero de habitantes, é a maior reserva da entres a federal, é a maior reserva de extensão territorial, 204.580 há, tem 180 famílias de extrativista, mais 240 na área de exclusão de pecuaristas e produtor rural, então que da uma faixa de 420 famílias, não compara com a reserva do rio Cautário, que tem 9 famílias, não compara com a reserva do Barreiro das Antas que tem 5 famílias, então nunca o desmatamento deles vai comparar com a do Rio Ouro Preto;

Iremar. então ainda tem essa informação esse dado que não se coloca na divulgação o que é o fato de ser os que estão nessa área de exclusão;

C4: Área maior de 13.000 hectares que dado estatístico do SIPAM, é já foi desmatado das 31.000 há 13.000ha, então o maior desmatamento é da área que foi proposta a ser excluída e que hoje não foi mais excluída, e os extrativistas são a favor da exclusão, que área está

descaracterizada, cheia de boi, ou pelo contrario, que eles querem mesmo é que resolva o impacto, que não da pra ter fazendeiros e extrativistas dentro da mesma área,

Iremar: é,

C4: Então, o maior problema que eu vejo da Reserva do Rio Ouro Preto hoje, é a questão fundiária, não resolvida, tendência fundiária.

Iremar: logo depois desse processo de criação e de que deu suporte legal pras famílias, aí viverem dentro desse espaço mais ou menos quantas famílias que tinha, nesse momento ou o que sentiram apoiados pela criação da RESEX, foram morar...

C4: Na época primeiro, é levantamento diagnostico socioeconômico da Reserva tinha 120 e famílias, só que das 120 famílias que tinha na época moravam mesmo na reserva, diferente de hoje que tem 180 mais tem uma boa parte que não mora definitivamente, tem casa aqui na rua, passa uma semana lá outra cá, e essas 120 famílias, vivia exclusivamente do extrativismo, ou já um pouco de agricultura, mais ate na época da criação já se vivia muito do extrativismo, aumentou muito a agricultura, de la pra cá, a borracha caiu de preço, aí o seringueiro teve que passar a ser agricultor forçado, porque o seringueiro não gosta de fazer roça não, eles faz roça porque não tem outra alternativa de vida;

Iremar: que o modo de vida dele é diferente?

C4: É diferente, costumado a trabalhar na sombra, seringa debaixo das florestas, e trabalhar no sol não é uma boa opção para o seringueiro, e

Iremar: dentro desse contexto de criação, ou logo após a criação da Reserva Extrativista pra dar suporte nessa tentativa de proteção do espaço e de dar suporte pras famílias aí, foi instituído, um chamado projeto RESEX, você conhece esse projeto, você participou dele, que atividades foram desencadeadas, com esse projeto,

C4: A o RESEX 1 eu assisti a execução dele, porque quando eu fui diretor da ASGM, agente trabalhou com outros recursos do CNPT, que não era do projeto RESEX, então eu não administrei o recurso do RESEX, eu assisti a execução do RESEX, e assisti; é... teve projetos de muito boas intenção mais muito mal planejado, e eu fui por oposição esse projeto, que os coordenadores de Brasília, eles consideravam que eu fazia oposição, que eu fazia posição ao projeto de dizer que eu não acreditava que desse certo o projeto da maneira que estava sendo implantado, eu era questionado pelo Iremar:contrario,

C4: Contrário, não era eu dizia prevê isso, no final do projeto RESEX, não que tinha como objetivo é criar alternativas de rendas para as comunidades, ele teve outros objetivos, desenvolver as comunidades tinha limitação; processo de capacitação, formação de lideranças, houve avanço; mais o processo produtivo, não houve resultado positivo, houve intenção mais os projetos mal planejados que não tinham começo meio e fim; comprava uma parte de equipamentos, não comprava outro e esse projeto não ia nem ser implantado, houve viveiros de mudas sem sucesso, criação de minhoca americana, e pagava funcionário pra cuidar de minhoca e não deu resultado, projeto de açaí que açaí é uma fonte economicamente viável, mais foi mal... não chegaram nem a implantar máquina nada, só comprou os equipamentos, nunca construiu a casa que estava prevista, então teve um projeto de criação da melhoria da qualidade de galinha que comprou só galo (risos); então comprou só galo, a intenção era boa só que foi mal discutido e mal planejado, teve gente que nem tinha galinha e recebeu galo e no outro dia comeu, (risos) então economicamente foi um desastre pro projeto RESEX, ele não deixou e por outro lado criou um vicio na comunidade de só fazer as coisas se fosse pago, a gente ta revertendo esse quadro, já fazendo um mutirão de limpeza de rios, tá fazendo mutirão pra construir uma casa, pra roçar um, limpeza de estradas, e hoje, antes os comunitários convidavam, quando eu cheguei de volta pra gerenciar a RESEX, era qualquer coisa que convidava pra fazer um trabalho , perguntava logo se tinha diária, no projeto RESEX, e nós trabalhamos essa capacitação das comunidades, no inicio de capacitação em associação de cooperativismo, em organização social em si, a gente trabalhou muito com questão do companheirismo, e trabalhar como voluntários, trabalho em equipes ou em

grupos... Mais como o projeto RESEX quando veio com muito dinheiro que pagava todas as ações acabou, em vez de ajudar desestimulou esse trabalho que tinha sido iniciado pela ASGM, no nosso primeiro mandato;

Iremar: o trabalho coletivo foi substituído pelo pago?

C4: pelo pago é pelo pago

Iremar: ou seja a remuneração de acordo com a remuneração é que tinha participação da comunidade;

C4: convidou pra uma atividade qualquer, tem dinheiro pra pagar diária, se tivesse ia, se não tivesse não ia;

Iremar. mais isso já tava isso o projeto já previa isso, ou foi os que administraram que tentaram dar sentido ao projeto, e passaram a adotar essa pratica?

C4: O projeto em si, a intenção do projeto não era mal, ele foi mal conduzido mesmo porque o objetivo do projeto era dar condição das associação se sustentar futuramente sem receber doação mais de ninguém, criar e caminhar com suas próprias pernas;

Iremar. por isso investiram nessa infra-estrutura, compraram muitos e vários barcos, motores, pras comunidades e investimento, e investimento como por exemplo, na educação e na saúde, não foi recurso do RESEX, a infra-estrutura que o RESEX encontrou já de escola, como por exemplo, quando criou a associação não tinha nenhuma escola, quando nós no final do primeiro mandato, antes do final agente tinha oito escolas funcionando na Reserva, 4 posto de saúde, com equipamento de primeiros socorros;

Iremar. isso foi mais ou menos em que ano, essa primeira gestão através da ASGM;

C4: Em 2001 a a inicio de 2003 Jose Maria. março de 2001;

Iremar. Então, foi a partir daí que vocês começaram essa estrutura e já encontrou discórdia;

C4: Até hoje essas escolas que reformaram, foram construídas na nossa gestão, no primeiro mandato da ASGM que não foi restituído do projeto RESEX, e muitas pessoas pensam, vão lá acham que esse foram conseguidos do projeto RESEX, na fundação do CNPT, afinou, afinou, no dia da fundação do CNPT da ASGM dos 140 milhões que era cruzeiros, foi quando a gente montou toda o CNPT;

Iremar: então o projeto RESEX quando chegou já encontrou;

C4: Já tinha escola, já tinha posto de saúde, e aí então por isso ele pra dar esse suporte, nessa área mais produtiva, mais na área produtiva.

Iremar: e capacitação? e ai ficou só na entrega dos equipamentos e a capacitação algumas coisas ocorreram ou ela, deixou pra fortalecer esse processo produtivo ou ficou só na capacitação mais pra mexer com borracha e outros produtos foram envolvidos na capacitação?

C4: Não, na verdade, capacitação pra produção não houve, não houve. Foi só na organização social e infra-estrutura;

Iremar: e aí olhando para esse cenário todo de é com essa ifra-estrutura e com essa capacitação pra organização social e mesmo com essa deficiência no processo produtivo de não ter dado cobertura mais nessa, ou seja, nessa como você falou, ficou pela metade as ações pelo que concluiu o exemplo que você colocou do galo e olhando pra esse cenário o que e como você avalia o que foi de melhoria pra vida dos moradores e que pontos você acha que não, que foi negativo, você falou algumas coisas

C4: Não, o que foi positivo, o projeto ajudou a dar sustentabilidade a proposta dos extrativistas, porque as próprias governos federais, primeiro criada Ouro Preto é Alto Juruá, Chico Mendes e a Reserva Cajari, o governo criou pra servir de modelo, então a intenção do governo, demorou pra criar outras reservas federais porque o governo queria, primeiro ver essas quatro dando certo, foi por isso que surgiu a Organização dos Seringueiros de Rondônia e analisou, o governo não queria criar outras unidades e seringueiros de outras comunidades curso e padrões e tudo invadidas por pessoa, se nós não criar essas unidades mesmo com a figura estadual, e pra isso que servia a figura estadual. Quando o governo resolver criar outras

unidades estaduais, não vai ter mais o que criar, porque as áreas foram perdidas, foi por isso que surgiu as reservas estaduais de Rondônia, criou moda e surgiu reservas estaduais e vários outros estados, o primeiro estado a criar a figura da reserva estadual foi em Rondônia e o trabalho que foi vivido depois que o CNS chamou apoio no início até não era a favor, a OSR se mobilizou criou a associação dos municípios de Costa Marques, Guajará Mirim e Machadinho D'oeste aonde tinha maior força dos seringueiros, Jaci Paraná. A associação do soldado da borracha já existente em Pimenta Bueno, Ariquemes e formou esse bloco que a gente chamava OSR, trabalhava com o sistema Guarda Chuva, ela uma entidade estadual, dando sistema, apoio as associações, então nesse sentido então o projeto RESEX, só da esse suporte a que pra consolidar essa RESEX, ela deu esse suporte pra vocês olhar pras outras também, também e deu suporte, o projeto RESEX deu suporte a sustenta sustentabilidade, ligada a figura da reserva Extrativista.

Iremar: Hum e a essa figura quando você puxa essa figura, essa figura foi mais no sentido de equipar as pessoas pra elas ficarem lá s pra proteger e aí tanto que não se envolveu muito no processo produtivo e isso foi proposital, ou não foi... só pra eles pudessem estar ali só pra mais ou menos so pra poder se manter lá, pra não ir embora e aí com isso proteger há proteger

C4: na verdade agente não prevê o futuro é tanto que o Plano de Utilização das 4 reservas eles são muito fechado, que na época os extrativistas e as pessoas que nos assessorava acreditava muito na sobrevivência, sobre os produtos extrativistas, na borracha, da castanha, no óleo de copaíba, e também no açaí, num se esperava que a borracha ia ter uma queda tão grande de preço e ia se tornar inviável a sustentabilidade da qualidade de vida do extrativista... Então não se pensou na madeira no Plano de Utilização da Reserva. As quatro federal não permitem exploração madeireira. Nisso foi alterado pra fazer o plano de manejo comunitário com madeira... Então, eles foram fechados, precisava-se dizer o encaminhamento do extrativismo e as coisas mudaram; hoje a atividade econômica do extrativista é a agricultura e a farinha que produz;

Iremar. e é então nessa compreensão como você tá dizendo que vocês participaram dessa elaboração do plano de utilização e aí mesmo tendo essa, tendo essa contradição, contradição não, mais é naquele momento se olhava só como tu disse os produtos extrativistas e tinha essa perspectiva de que ele seria, eles seriam suficientes, para dar sustentação pra vida do extrativista, só que aí também não se previu outras utilizações, mais esse não prevendo outras utilizações foi só porque naquele momento se tinha a utilização de que só com os produtos extrativistas era o suficiente, porque o projeto RESEX ia dar esse suporte pra continuar as famílias tendo sustentação, por isso não se olhou ou porque era o mínimo que se poderia se garantir para que ficassem lá e protegessem a unidade de conservação,

C4: eu acho que o projeto perdeu mesmo a sua direção... agora uma coisa que eu considero que contribuiu foi o desenvolvimento humano, no conhecimento; conhecer as comunidades se organizaram é socialmente, isso o projeto contribuiu pra isso...

Iremar. então ao pensar então no plano de utilização, há falando nisso esse plano de utilização teve participação na elaboração do plano de utilização? A comunidade participou?

C4. participou, foi discutido em todas as comunidades e aprovado na assembléia geral. Teve um técnico que era apenas facilitador. Na verdade o plano de utilização da RESEX do Rio Ouro Preto, foi copiado da de Chico Mendes, então primeiro foi elaborado a de Chico Mendes e os outros copiou, pode pegar o Plano de Utilização da Cajari de Alto Juruá e a de Chico Mendes que tudo são iguais, foi uma falta que se fez, mais discutiu com as comunidades, tem algumas diferença que, algumas partes de Chico Mendes seco e outra parte... e na verdade os plano de utilização são muito parecidos. A diferença é da reserva que é margem e a reserva que é terra firme, se não tem peixe, então não tem norma para peixe.

Iremar. e só foi se tirando aquele que não competia dentro do espaço, (risos) Agora assim, acho que da forma como você falou né, teve essa participação, e se chegou a uma definição

porque as informações e aquele momento não se definiu por se fechar nos produtos extrativistas, porque naquele momento, era, ou seja, a reflexão que se tinha acumulada da participação é que aquele suporte, que tava tendo era suficiente, ou seja, não tinha aquela necessidade e, não é que se omitiu ou se escondeu, não se quis discutir outra possibilidade, é que naquele momento então tinha viabilidade o extrativismo! É, e quando se olha hoje pro Plano de manejo, plano de utilização desculpa, como é que a comunidade já movimenta ele, ou já refletem criticamente sobre ele, e porque isso

C4: A, eles querem mudança no plano de utilização, porque considera que o plano de utilização ta muito restrito, limitando muito e o extrativista em determinadas ações que ele poderia trabalhar. Por exemplo, exploração de cipó, só pode ser feito se for realizado um plano de manejo, o plano de utilização diz, que só pode fazer isso se for com o plano de manejo, e aí em função do custo que tem esse plano de manejo.... Depois veio a lei do SNUC, de 91 que complicou mais, o plano de utilização ele foi um documento básico, pra elaboração do plano de utilização, foi a portaria 51 do IBAMA, que deu noção a portaria 51 do IBAMA pra caso o requisito que deveria ter no plano de utilização, mas aí veio o plano do SNUC e fechou, só pode ter esse tipo de exploração se tiver o plano de manejo participativo da unidade, da unidade toda não é mais um plano de manejo individual; qual é o plano de manejo da unidade toda. A partir de ter o plano participativo da unidade, pode fazer turismo, pode fazer é turismo ecológico que tem o plano de manejo participativo, nem o turismo ecológico pode executar mais lá agora, pode ser uma alternativa de rendas para as comunidades futuras que atualmente não pode A gente deixa de vender açaí, a gente deixa de vender essas nascentes de cipó, vassoura óleo, peixe, esses negócios, porque ta querendo deixar, mais legalmente não poderia vender;

Iremar: porque não ta contemplado?

C4: porque não tem manejo;

Iremar: Hum, então o plano de utilização na sua avaliação então ele foi fundamental no seu processo de organização da ocupação do espaço;

C4: Foi, ele ajudou a ordenar esse espaço, e ate preservar a reserva né, porque limita o que pode usar e o que não pode usar. Apesar de ter muitas falhas, mas contribuiu muito porque ele tem uma noção dos limites, o quê que o morador podia fazer, ele disciplina o que o morador pode e o que o morador não pode fazer, e também as penalidades que deve ter que discuti os planos.

Iremar: Você que conhece bem os moradores da RESEX, e diante dessa proposta de ta fazendo o ajuste, né nesse plano de utilização, nessa perspectiva de ta construindo o plano de uso participativo, você percebe que essa ansiedade por fazer as alterações, elas vem no sentido de manter essa característica da Reserva Extrativista ou a perspectiva de alteração já é a perspectiva de ta tirando algumas, ou seja, flexibilizando algumas regras, algumas no sentido de garantir mais a permanência deles, ou uma forma de tá conseguindo ampliar mais atividades, mais essa ampliar mais essa atividade, é nessa perspectiva de garantir a unidade e integridade da unidade ou a iniciativa nesse sentido de que quer, tendo em vista o olhar sobre a redondeza, sobre a vizinhança dentro da própria área ali de exclusão, da forma como os outros os colonos e vizinho estão trabalhando, há alguns fazendo riqueza, como o pessoal diz né, isso significa uma ameaça para a unidade essa proposta sustentável, ou gestões para alteração, ou tu não vê como ameaça? Como é que analisa isso?

C4: Em parte sim a o desejo de alterar. O desejo hoje é o seguinte, as reservas que não tem plano de utilização ela não vai ter mais essa figura. O Plano de Manejo, e pode se ter até o mesmo apelido, mais pode ser anexado, as que já tem, não vai ser excluído, vai ser anexado ao Plano de Manejo, de usos múltiplos da unidade. Vai ser feito os ajustes, mais a Diretoria Sócio Ambiental do Instituto Chico Mendes ela dá prioridade na elaboração do plano de manejo, ela prefere que seja feito primeiro o plano de utilização, trabalhado primeiro o plano de utilização. Mas o analista ambiental não, são contra essa proposta, até pelo seguinte, como

é que você vai colocar, no plano de utilização um exemplo: é permitido os comunitários fazer manejo com peixe, sem ter certeza se tem peixe! Então, se faz a primeira parte do plano de manejo de estudo socioeconômico, de fauna de flora, fazendo esse suporte vai ficar mais fácil de trabalhar o plano de utilização. Vai ficar mais fácil pra fazer esse plano de utilização, o diagnóstico diz se tem o potencial pesqueiro ou não, então se tem o potencial aí o plano de utilização pode dizer que pode. Então, não tem contraditória, o plano de utilização dizer que pode mais não tem. Então, essa é uma versão que vem de cima, de trabalhar primeiro o plano de utilização. E depois o plano de utilização é uma parte significativa, antes do plano de manejo participativo, é quase meio caminho andado. Ele define o como deve ser usado, a unidade tal; mas o anseio dessas comunidades... acho que vai ser uma quebra de braço muito forte. Porque é o seguinte, hoje os comunitários avaliam que no uso do seu roçado para subsistência e até mesmo como meio de alternativa de renda, eles têm um prejuízo muito grande. As árvores que são derrubadas elas são queimadas e eles não pode aproveitar as árvores do roçado nem pra fazer carvão que seria... Você avalia que o prejuízo que seria econômico a renda econômica de 1 há de floresta nativa derrubada, aproveitando a madeira desse hectare, com carvão, com madeira que, algumas tenham valor comercial, teria duas, três vezes mais de que o benefício do que ela vai dar com o uso da mandioca. E isso tá sendo perdido, tá virando lenha, então vai ser uma discussão fortíssima porque o grupo técnico e o ICMBIO não vai querer concordar com isso, mas os extrativistas na alteração do plano é uma das coisas que eles querem alterar, é o direito de utilizar o uso da lenha do roçado;

Iremar: que passa pela concessão do uso múltiplo?

C4: que passa da concessão do uso múltiplo, que tem as suas restrições pra depois ninguém ficar colocando roçado só onde tem muita água para aproveitar, mais que eles querem, e eu acho que é justo essas alterações deles, e que tem em mente previsto;

Iremar: e dentro dessa concepção, e dentro desse olhar sobre o que você tá colocando dessa certa resistência, em função, já vem em função da concepção do desenvolvimento né ou seja daquilo que o extrativista e que o grupo técnico é

C4: Hoje não porque o extrativista antes não considerava perca mais que hoje considera perca e aí prejuízo, eles consideram prejuízo incalculável, desperdício das árvores que eles derrubam, por necessidade pra plantar suas roças e se perderem apodrecer esse roçado ou pegar fogo, porque não pode nem fazer carvão.

Iremar: E dentro desse, quando agente trabalha com esse chavão, essa palavra desenvolvimento, há aí a gente percebe pela sua fala, já essas compreensões que as comunidades tem feito a partir dessa realidade né! como esse exemplo da madeira, aí, pegando essa experiência toda sua, o que que tú entende, e aí olhando pra figura da RESEX e pra sua presença no órgão aí de gestão desse processo, o que você entende por esse desenvolvimento? E aí vem em seguida já pra complementar se na RESEX tem desenvolvimento?

C4: Já houve desenvolvimento significativo, no mundo da educação agente pega o levantamento socioeconômico de 94, e vê quantas pessoas tinham analfabeta, que não assinavam o nome que não lia nada... e hoje você vem quantas tem alfabetizada, houve avanço na educação; na saúde pouquinho, porque na saúde foi municipalizada, a infraestrutura que colocou quando a saúde não era municipalizada; e hoje oito posto de saúde na área da ASGM, de Pacaás e Rio Ouro Preto, mas hoje que não pode mais. Só tem agentes comunitários; tem três agentes comunitários de saúde; houve um avanço na qualidade de vida da moradia com o reconhecimento do Ministério da Agricultura das Reservas Federais pra ser beneficiado, projeto apoio moradia e fomento (PRONAF), não, foi dois projeto que entrou na Reserva do Rio Ouro Preto, e de Já são quase 100% dos moradores. O apoio a moradia e fomento que é a construção de casas de 150 do moradores, enquanto o PRONAF, uma boa parte foi beneficiada com o projeto do PRONAF. Então, hoje a maioria das casas são cobertas de brita, assoalhadas, cercada de tabua... A natureza ganhou com isso também, porque pra

fazer essas casas derrubava palmeiras a açazeiros pra derrubar ripas pra fazer as paredes, derrubava outras peças pra fazer paxiubinha pra fazer o assoalho, e na quantidade grande de palmeiras que se derrubava. Se derrubou agora, duas ou no máximo três pra poder cerca a casa toda, e de quatro em quatro anos, cinco anos, seis anos, precisa trocar a cobertura da palha e a de brasilit dura muito mais. Então, eu considero esse avanço muito grande na qualidade de vida na questão da moradia. A questão dos créditos também pra o próprio seringueiro, coisa que não é dada que ele vai pagar, e pra ser pago. Transporte foi outro avanço grande que, a maioria das comunidades tem barco próprio, motor próprio... O que ainda pega é o transporte terrestre do Pompeu pra Guajará Mirim. As próprias associação não foram capaz... tiveram, o projeto RESEX botou um caminhão pra fazer esse transporte é, pra associação, mais não foram capaz de administrar bem pra manter bem funcionando até hoje.

Iremar: Então isso tudo foi, ou seja, dentro dessa leitura do desenvolvimento, ou seja a RESEX tem um processo estabelecido ou em construção em algumas áreas, ainda tendo em vista, esse acesso ao crédito ainda esta processo de trabalho de conversão do trabalho para depois tá pagando; esse crédito ai tá em execução?

C4: tá em execução, tá no período de carência ainda;

Iremar: Humm, e quando então a gente olha pra essa tarefa são algumas que você mencionou, tem outras!?...

C4: Por exemplo no ano passado foram, no ano trasado, foram plantados 27.000 pé de café, coisa que no passado não era permitido, o gerente da unidade não permitia, não deixava plantar! Eu fiz uma avaliação com alguns técnicos e disse olha, é melhor conservar 1 há de café que ficar por, segundo os técnicos dura quinze até quase 20 anos numa área, de que cultiva o cultivo da mandioca que, de dois em dois anos tem que colocar uma nova área. Só que já ta surgindo uma discussão com os analista ambiental, de proibir o plantio de café, e hoje já estão discutindo, acham que é mudança de cultura... que é, não sei o quê...

Iremar: então há leitura que nem toda a atividade que reduz desmatamento e diminui a antropização cada vez mais, não significa então ainda pra alguns analistas o desenvolvimento, ou poderia ser ameaça ao desenvolvimento porque o fator cultura da comunidade pode ser alterado!

C4: isso

Iremar: embora agente tenha ouvido pelo menos por parte de alguns deles, que, ou seja o veneno não entra pra tratar nessa cultura do café, isso é comum, é geral pra todos essa orientação,

C4: é é geral)

Iremar: é porque isso é um outro contraponto. A gente chama de cultura do café orgânico, é uma atividade produtiva sem poluentes né! E isso significa também qualidade de vida porque o café todos consomem né?

C4: Agora digamos que dos 27.000 pés de café plantado sobrevivam uns 15.000; no ano que vem a estimativa é de no mínimo 1 kg por pé; se ter na produção de 15.000 pés de café...

Iremar: significa no ponto de vista econômico para aqueles aquela família

C4: ajuda os que plantou... é uma ajuda muito grande... tirando por base um 1 kg por pé né

C4: pegando por base

Iremar: 1 kg por pé, que ai quando você pega essa quantidade de 15.000 kg, pega por ai e divide essa quantidade por famílias, que tem como você atender a demanda do consumo e ainda gerar uma renda, e ainda sendo um café orgânico você ainda tem como trabalhar numa perspectiva!

C4: E ai a comunidade tá se buscando parcerias, e dentro de hoje... Porque teve uma das coisas que fez com que o RESEX não deslanchasse e desenvolvesse o esperado é que trabalhou só o IBAMA, sozinho; não aceitava parceria; não tinha abertura pra parceria igual a que tem hoje, buscando parceria com universidade no caso projeto energia sustentável buscando nova alternativa de trabalhar com babaçu, produzir derivados do babaçu como o

sabonete e ter energia aqui. Então, a estrutura do CNPT antes não permitia isso, IBAMA, era o IBAMA trabalhava só em comunidades. Às vezes dentro do próprio movimento extrativista já se sacou inclusive eu venho dizendo isso a tempo, que não é possível se desenvolver sozinho sem buscar parceria. Por exemplo, nós tentamos tocar o projeto de Turismo Ecológico em duas reservas extrativistas Currallinho e Pedras Negras sozinhos e não fomos pra frente; não é o ramo do seringueiro, não tinha como tocar; tem que fazer parceria com quem é do ramo... e hoje já tem mais essa abertura pra buscar parceria;

Iremar: então dentro dessas varias possibilidades aqui de desenvolvimento, de ações que levam cada vez mais a uma melhoria, então dá pra compreender que o seu entendimento por esse desenvolvimento, podemos resumir que é ações que integrem a vida da comunidade e não tá restrito apenas a algum barco, máquinas...?

C4: Não, não, precisa ter outras alternativas; e eu venho sempre dizendo, ou se cria o geração de renda para os extrativistas ou vão virar todos agricultor e pecuarista, é isso que a lei não permite, mais, a intenção era essa, porque não tá tendo outra alternativa de renda;

Iremar: esse desenvolvimento que está sendo trabalhado, de certa forma atinge toda a RESEX ou se diferencia de quem tá mais na parte de rio ou quem tá mais na parte seca, tem alguma diferença nesse sentido

C4: você fala na qualidade de vida?

Iremar: é desses benefícios

C4: não ele foi geral ele atacou todos os pontos da reserva.

Iremar: ok, e assim pra gente fechar, se você fosse fazer uma análise hoje, o projeto RESEX passou pela etapa 1 e 2, poderia só precisar mais o que foi a primeira etapa e a segunda etapa, do RESEX, só pra gente ter isso bem mais claro; que ações que compreenderam no primeira etapa e depois na segunda etapa; só pra gente ter isso um pouquinho mais claro.

C4: Na primeira etapa do RESEX, ele foi concluído. Pelo menos usou o recurso todo de maneira é... alguma parte podemos considerar errado, porque os projetos foram mal, não houve sucesso, os projetos, isso tudo projeto né, no projeto RESEX em si, os subprojeto é dentro da Reserva não obteve sucesso. No RESEX 2...

Iremar: Mas o 1 era pra que tipo de atividades, foi pra comprar, foi esse que foi só pra comprar equipamentos, ou no 1 também tinha questão de capacitação;

C4: Tinha no RESEX 1 tinha questão de capacitação principalmente em cooperativismo, associativismo, e também um pouco de produção, mais só que não era uma coisa bem ordenada, pegar um produtor por exemplo, o projeto do açaí não só comprar freezer, batedeira, gerador, colocar, montar infra-estrutura, pegar o produto beneficiar e colocar no mercado e ter esse acompanhamento. Não chegou nem usar nenhuma batedeira de arroz, como é, desculpe de açaí. Comprou as coisas e acabou pelos cantos, porque não foi montado e planejado fazer um barracão, instalar as máquinas tudo, freezer tudo, pra trazer a polpa aqui pra cidade; não foi feito nem a primeira venda, pra mostrar o caminho como deveria ser feito... a intenção era boa mais não foi concretizado!

Iremar: e aí o segundo?

C4: O segundo foi muito turbulento, tanto que o dinheiro do RESEX 2 foi cancelado! Saiu um dinheiro pingado que não deu pra fazer nada; só pra sustentação da administração das associação; pequenas coisas de piscicultura, caixas de abelha a gente comprou, viveiro de muda, chegou a treinar comunitários pra viveiristas pra fazer mudas nativas; era pra ter implantado oito viveiros, foi implantado só três... porque houve um quebra de acordo com a EMATER, compromisso... O projeto comprava os equipamentos e a EMATER entrava com a assistência técnica; a EMATER não garantiu a assistência técnica, só capacitou o primeiro grupo e depois acabou o contrato com o INCRA e saiu os técnicos que dava assistência técnica, causou prejuízo pro RESEX 2; porque também, foram treinado 18 extrativista pra trabalhar com mel é com abelha; e a gente comprou, o projeto RESEX 2 bancou os materiais à feira, completinho, é do macacão ao potinho de vender mel; já um exemplo de outros

projetos a gente procurou fazer coisas pequena mais completa, e essas pessoas tiveram condição, só não foi pra frente porque não houve acompanhamento; não houve assistência técnica, aquela parte de assistência técnica por parte da EMATER. Mas tem gente produzindo... umas cinco famílias produzindo mel, que tiveram a cera, que tiveram a primeira caixa, luva, macacão, bota todos acessórios até o potinho pra botar a primeira etapa e o camarada começar a caminhar com as próprias pernas, se não fosse a falta de acompanhamento técnico teria sido um sucesso o projeto da apicultura;

Iremar: Huumm, há ok isso facilita pra gente compreender um pouco; conversando com o Ademir, ele falou sobre um novo projeto, um acordo com a Noruega que de certa forma representaria o RESEX 3, há esse e quais são assim os objetivos, tem assim esse novo projeto e quais são os objetivos mais diretos?

C4: Um pouco, é um dos objetivos do projeto do Noruega é garantir a sustenta... como é o nome da palavra; é sustentabilidade econômica da reserva e ambiental; a proteção; de garantir a proteção também ambiental das unidades de conservação; um pouco começado por ela. Mas dessa vez a gente tá mais organizado. O quê que nos já fizemos se preparando pra receber o projeto da Noruega: nós fomos em todas as comunidades reunimos os comunitários e perguntamos com o quê eles gostariam de trabalhar, e formamos grupos de produção em cada espécie; grupo de agricultores; grupo de quer trabalhar com erva medicinal; grupo que quer trabalhar com galinha; grupo que criar porco. Fechamos cinco grupos: grupos de artesanato, grupo de piscicultura, grupo da pesca e grupo de criação de galinha, e grupo de ervas medicinais; então hoje chegando o recurso tá disponível, não precisamos ir na comunidade; a gente tá indo ver o que a comunidade quer; a gente já sabe o desejo de cada comunidade com que gostaria de trabalhar.

Iremar: Humm, então esse já foi um diagnostico prévio socioeconômico já pra organizar essa, mais ai ele vai trabalhar;

C4: A idéia é, a intenção nossa não é trabalhar um grande projeto, são projetos específicos, a comunidade Nova colônia quer trabalhar com criação de galinha então implanta um projeto pra aquela comunidade sobre criação de galinha não a reserva inteira. A comunidade Pompeu quer trabalhar com artesanato, tem um projeto pontual pra lá, tem um grupo lá que quer trabalhar com artesanato, então se vai ter uma capacitação; em toda comunidade ficou os cinco grupos sabe. Saiu gente, teve gente pra montar os cinco grupos: o grupo da pesca; o grupo da criação de galinha; o grupo das ervas medicinais; grupo do artesanato; grupo do extrativismo e grupo da agricultura. Como a agricultura é o maior grupo, que da agricultura já sobrevive, predomina a maioria dos moradores, absoluta, 99% vive de agricultura; então é só ordenar a coisa que já existe.

Iremar: E aí vai criar suporte para, só pro processo de produção ou também envolve processo de comercialização nesse processo?

C4: Também envolve comercialização, e quando se trabalhar o projeto é de criação de peixe, já se vai também pesquisar pra quem vai vender esse peixe; aonde vai colocar esse peixe e assim todos os produtos! É um exemplo até...

Iremar: pesca, artesanato, ervas medicinais, agricultura

C4: e extrativismo

Iremar: e extrativismo Humm

C4: Ah, então esse já vem em função das experiências já dos outros, ele já vem mais pensando nas, no que a gente poderia dizer, chamada cadeia produtiva né, fortalecer o poder produtivo e... selecionando as pessoas que tem interesse de trabalhar com cada coisa, dizendo se você não tem interesse, então não fique no grupo, porque daí se vamos ter uma capacitação pra, por exemplo de artesanato, ninguém vai convidar a comunidade toda, já se sabe disso

Iremar: Huum, já se sabe quem são

C4: quem são, aí reúne o representante de cada comunidade, grupo só pra capacitar. Inclusive já deu resultado, esse trabalho de base, que naquela capacitação do projeto de energia

sustentável, a gente já buscou as pessoas que disse que tinha interesse, já não foi pego mais no laço, como costuma dizer; já veio as pessoas que disse que tinha interesse em aprender.

Iremar: Huumm é, não isso é interessante, diante dessas perguntas, ao todo dessa conversa tem algum ponto que você gostaria de reforçar ainda dessa nossa conversa ou alguma coisa que você acha que ficou, que foi abordado pouco e gostaria de frisar mais, pra agente fechar a conversa ou...

C4: não eu gostaria de colocar só uma preocupação é muito pessoal minha, é o esfratecimento, a desarticulação do movimento social,

Iremar: Huumm isso é muito forte

C4: É a desarticulação a falta de liderança das comunidades que, e em toda comunidade tem muito esse deslize de não ter liderança e a OSR e o CNS, não tão fazendo o papel deles, de ir buscando e regando os valores da comunidade, e com isso torna enfraquecido o movimento extrativista.

Iremar: e isso você vê com uma ameaça pro sucesso dessas propostas não ter

C4: Eu vejo como uma ameaça, porque seria um grande parceiro do ICMBIO o CNS forte, a OSR forte, e a associação forte, que nessa política de desenvolvimento extrativista, precisa ter esse fortalecimento, pra OSR e CNS e as associação ter domínio sobre suas bases, dizer olha não, não vamos vender na beira, por exemplo, não vamos vender madeira enquanto nós não temos um plano de manejo, não vamos pescar sem ter a pesca legalmente autorizada, sem o plano de manejo, não se ta tendo esse respaldo das associação dos movimento social, pra ir com outra comunidade ou não peraí vamo, defender, vamos garantir a credibilidade do movimento social.

Iremar: porque isso também remete pra outro ponto que dentro do plano de utilização, esse que construiu também dentro das comunidades das reservas também grupos de tipo comissão

C4: comissão de proteção

Iremar: que vem fruto do plano né

C4: veio fruto do plano

Iremar: e aí então a

C4: A comissão tem um papel fundamental só que essa comissão nunca pode se estruturar a ela na Reserva do Rio Ouro Preto, agora eu quis estruturar ela, e já veio a idéia de renovação do plano de utilização, aí não tinha sentido estruturar agora, porque vai mexer no plano agora, chegou energia pras pessoas das comunidade, tem os nome e tudo que foi selecionado pra fazer parte da comissão de proteção, mais aí com a elaboração do plano de manejo tem que alterar o plano de utilização, que ta defasado, como por exemplo, tem contradição já com a lei, o plano de utilização da reserva diz que é permitido criar gado, a lei que é maior do SNUC, diz que só será permitido criação de animais de pequeno porte, então como o plano de utilização diz que o morador poderia criar gado dentro do seu limite permitido, de uso da floresta de até 15 hectares. Tem alguns moradores que tem gado mais essa já é uma contradição do plano de utilização que vai ter que adequar a lei, vai ter que dizer que não é permitido criação de animal pequeno de grande porte.

Iremar: Huum é, então nessa, ainda focando então nessa situação da representação social, o papel do movimento social, o vem como uma, a situação por qual passa a desarticulação e essa desarticulação é só em função da ausência de representatividade porque esses representantes estão, é cada vez as pessoas estão se preocupando é em garantir é sua própria sobrevivência, ou é porque eles se desencantaram com o movimento que as conquistas já foram suficientes ou simplesmente...

C4: Não foi falta de que a OSR trabalhou pra preparar esse futuro, e não deu certo as coisas, mais o pensamento era se ganhar autonomia própria vida própria, as associação sobreviver, sem depender de ajuda de projetos externo, que os projeto de doação internacionais de nada, associação conseguisse sua alto subsistência, sobreviver sozinho, é por isso que agente pensou, foi aí que surgiu a idéia dos plano de manejo de madeira em Reserva Extrativista, pra

sobreviverem sem depender de ajudas externas, e hoje as associação tão fragilizada porque não tem nenhum tipo de ajuda de custo, porque os projeto que tão vindo aí, não vai fortalecer a infra-estrutura das associação, e são projetos direcionados a fortalecimento da comunidade, de uma maneira equivocada que não admite que diretor receba ajuda de custo, não admite ter dinheiro pra pagamento de água, luz, manter a infra-estrutura das associação, isso acabou, então precisa o movimento sentar e se planejar pra tentar encarar o futuro. Porque o RESEX bancava isso, o RESEX bancava pagamento de água, luz, telefone, pagamento de ajuda de custo pra liderança e a secretária, acessória, então bancava toda a infra-estrutura do Chico Mendes, do CNPT, do IBAMA e também bancava a infra-estrutura da sociedade civil e da associação representativa da comunidade da Reserva, quando tirou isso, esvaziamento, pouca gente encara ficar sem salário aqui na cidade, não tem como ficar.

Iremar: e isso acaba refletindo na própria representatividade

C4: Acaba refletindo na própria representatividade

Iremar: Além de todo esse enfraquecimento das organizações maiores né que não conseguem dar, o retorno de mobilização de capacitação e nenhum tipo de inovação;

C4: Eles não conseguem é nem se organizar internamente, um programação que tinha de reunião acho que comunitária de cada dois meses, não existe mais hoje eles não tem como ir pra lá, que as comunidade não tem combustível, os diretor não recebe nenhum tipo de ajuda pra se manter quando ta fazendo esse trabalho, tão porque é em suas colocação porque é em sitio, fazendo rodízio, deixando um cuidando, diretor seja ele o secretario ou tesoureiro ou quem quer que seja, alguém que tenha alguma renda a parte pra se manter aqui, não existe uma diretoria, um conjunto de diretoria atuando, a ASAEEX tem 3 pessoa, que tão de vez enquanto junta, a ASROP, hoje tem um tesoureiro faltando, o presidente saiu candidato, o Elso assumiu mais não para aqui, não tem nenhum tipo de ajuda então e justo vai trabalhar pra cuidar da família

Iremar: Então é um desafio né,

C4: é um grande desafio, que se esperava, se tentou mexer com comercialização na associação pensando nisso, conseguir capital de giro, pra associação comprar e vender, pra sobreviver, dali sair a renda pra manter um equivoco, não foram bons gestores, faliu, Iremar: Hum ok, C4 é um desafio, acho que é por aí, quero só aproveitar que pra ta gravando, quero só perguntar se você autoriza usar essa entrevista inteira ou em partes dela para fins de pesquisa do projeto de mestrado o qual estou fazendo

C4: Pode usar inteirinha.

Iremar: Ok. Obrigada (risos).

Entrevista realizada dia 04/10/2008

Local: Colocação/Sítio Bom Jesus – Ramal do Seringueiro – Guajara Mirim-RO.

COLABORADOR C5

Iremar: Eu estou aqui então, entrevistando o senhor Colaborador C5 (...), conhecido popularmente com (...). Então, hoje é dia quatro de outubro, aqui no Sítio Bom Jesus, Ramal do Seringueiro, Comunidade Nova Esperança né? Então para a gente começar seu (...), (vou então lhe chamar por este o ultimo primeiro nome), mas, é claro que vamos registrar o seu nome completo (...)! Senhor (...) C5, antes do senhor morar aqui na reserva do Rio Ouro Preto onde o senhor morou, por onde foi que o senhor passou nesta vida antes de chegar aqui na reserva do rio Ouro Preto?

C5: Bom, nós fizemos uma caminhada, vamos falar assim... Eu nasci aqui na Reserva do Rio Ouro Preto né! Que naquela época era seringal Ouro Preto né! Numa colocação denominada colocação São José e meus pais se chamavam José Manuel Teófilo da Silva e minha mãe Maria (.....) do Carmo uma índia legitima, era filha de Macurap... O meu pai outro caboclo nordestino que nasceu no Ceará, mas se criou no Rio Grande do Norte, veio como Soldado da Borracha e veio para o Amazonas, e teve uma sorte e a felicidade naquela época de 43 a 46 de casar com uma índia... De uma sorte gerou dois casal de filhos... E este, dois casal de filho, os dois primeiro já morreu e tem um vivo que conhecido como (...) e Maura Manoel da Silva um casal agora... E tivemos uma vida aqui naquela época... de 51 a 60 e fomos para um seringal chamado Rio Branco do Revorredo, onde minha mãe era de lá, índia legitima, moramos lá há cinco anos... Voltando de lá, eu não lembro a data, chegamos em Guajará-Mirim em 61; teve aquela enchente grande aí e voltamos ao Rio Ouro Preto novamente... eu já era molecote e estudei pouco... passei um ano de escola... naquela época era difícil a educação... era do tempo da palmatória, mais eu aprendi um pouco, valeu a pena... e aí voltei a companhia dos meus pais e aprendi a cortar seringa e fazer a borracha defumada naquela ocasião, e ajudei o meu pai até a idade de nove pra os dez anos e até a morte dele. E aí meu pai morreu... e minha mãe morreu... e foi sepultado no barracão, depósito chamado Petrópolis. Minha mãe morreu em 1964, meu pai em 1971, quer dizer a distância de sete anos um pro outro. Nessa época eu já tinha casado... já tinha uma família. Casei com dezenove anos. Meu pai faleceu aí eu continuei minha vida independente dos meus pais... Criei uma família com quatro filhos, três mulheres e um homem. Fizemos dezoito anos e sempre trabalhando para os patrões... Acabou os patrão naquela época na década de 70 a 77... E aí nós ficamos quase abandonados, mas na cultura que tinha de fazer a borracha defumada... e a borracha tinha um mercado garantido naquela época! Então a gente não se preocupava porque sabia que tendo a borracha tinha o dinheiro e tinha como sobreviver... Aí começamos a trabalhar em forma de arrendatário... Esse arrendatário, as pessoas que diziam que era dona do seringal, eles arrendavam uma colocação de seringa com (....) em media de 200 a 250 madeira e a gente pagava em média também entre 150 kg de borracha bruta a 200kg, quer dizer, que era uma renda no período de um ano. Bom, passando essa fase desse arrendatário, veio uma fase difícil pra gente que foi na época que a borracha começou a defasar o preço, e aí os grandes seringalistas que diziam que eram donos de seringal que na verdade não eram naquela época, começaram a dizer que os seringais não eram deles que um dia ia ser nosso as colocações de seringa. Agora não sabiam a forma, mais que a gente por outro lado, éramos obrigados, se nós quisemos produzir a borracha, tinha que arrendar aquela colocação. Aí veio a grande informação que no Acre já 90% dos seringueiros já eram donos das suas próprias colocações de seringa... E nós tínhamos esse sonho também naquela época de ser o dono das nossas próprias colocações de seringa. Muito bem! Aí começamos a se articular uns com os outros, aliás conversar, vou falar na nossa linguagem... “será que isso vai acontecer mesmo de verdade...!?, uns dizia vai outros dizia não vai...” - vai não vai, muito bem... Aí houve uma visita de um grande técnico na época era o Jéferson Guedes, que naquele tempo não era o IBAMA era o IBDF (Instituto

Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) e ele entrou no seringal Ouro Preto e começou a explicar pra gente que ia ter um grande encontro dos seringueiros naquela época já em 1989, onde ia ser discutido um plano que cada seringueiro serão donos das suas próprias colocações... Aquilo pra gente foi uma alegria por que a gente pensava assim “poxa! pagar 200kg de borracha ou 150kg, o seringalista que diz que é dono do seringal não dá uma ajuda em nada só diz que vai fazer um contrato no período de um ano e você é obrigado pagar 150 a 200 kg de borracha dentro de dois meses julho e agosto, pesava pra gente... a gente tinha uma dificuldade grande e enfrentava naquela época... já se a gente passasse a ser dono da nossa própria colocação esses 150 a 200 kg de borracha já nos ia servir pra gente suprir as nossas necessidades e não dar pra aquela pessoa que a gente dava de graça, digamos assim...”. Bom aí houve esse encontro e uma discussão muito grande e a gente naquela época, a gente tava neutro na situação. Então tudo que diziam pra gente, a gente aceitava e achava que era bom aquilo, que era o bom... esse vai ser bom! Então qual a intenção de vocês? Bom houve esse encontro na época, entre dezessete, dezoito e dezenove de fevereiro de 89. Houve essa discussão aí qual é o entendimento de vocês, qual que vocês escolheriam? Ficaria com a colocação ou continuaria a pagar renda...? Aí todo mundo gritava: “não paga renda de jeito nenhum!” Ninguém queria pagar renda, a colocação tem que ser nossa. Muito bem, então vocês serão os donos das colocações. Mas tem uma luta pra frente... - qual é essa luta? Essa luta é que o INCRA o ITERON, o Governo do Estado e o Governo Federal vai fazer um levantamento de quantas colocação de seringa tem no seringal Ouro Preto e quantos moradores permanecem em cada colocação. Ouve essa busca de informação (...) em abril, maio e fizeram um levantamento demarcando as áreas da Reserva. Ninguém sabia nem o que era a reserva extrativista, criar a Reserva é bom pra vocês porque vocês passam a ser donos das suas próprias colocações! Poxa! Isso pra gente era uma alegria! Agora nós somos donos das nossas próprias terras... nós vamos poder produzir, criar aí a vontade e não vamos ser explorado pelo seringalista ou pelo atravessador que é o marreteiro... isso era bom demais... aceitamos. Tudo bem... fez o levantamento, apresentaram um mapa com a criação da reserva do Rio Ouro Preto... tinha uma proposta de ser 52 mil hectares de terra. Olhando aquele mapa, todos os seringueiros de Guajará Mirim, Pacas Novas, Rio Novo e Rio Ouro Preto, teve uma pessoa que parece que se tocou, que é o Valmir da Silva Galvão, e vendo assim no encontro em Guajará Mirim no Centro de Treinamento São José: “como é que o seringueiro vai ser dono da sua colocação de seringa, vai ter a sua colocação de seringa, mais ele não ter o direito de terra pra ele plantar o feijão o arroz e milho e nem vai ter onde quebrar a sua castanha, por que a reserva esta sendo demarcada beirando a margem do rio onde a água chega, fica tudo inundado no inverno, e o seringueiro vai plantar em quê? Em cima de balsa...?” No meio de muitos, algum toca a idéia e discorda. Ai só que todo mundo disse não! (faz gesto de discordância com as mãos) “Nós queremos a reserva extrativista pra nós, mas, pegando a terra firme que pra lá tem a castanha, tem a copaíba, tem o açaí, tem o patoá e os animais de caça e pesca...” ai foi que ninguém aceitou a criação da reserva naquela época de 52 mil hectares. No decorrer de 89, ai foi essa discussão aí... O ITERON fez um outro mapa englobando área do soldado da borracha, essa área que hoje nós moramos. Naquela época foi criada uma comissão provisória, uma Comissão do Conselho Municipal dos Seringueiros de Guajará Mirim. Essa comissão foi composta por 09 membros, 05 do Rio Ouro Preto, 03 do Rio Pacas Novas e 01 do Soldado da Borracha, pra representar o soldado da borracha. Na época, essa comissão foi criada provisoriamente para trabalhar a criação da reserva e a demarcação. E uma dessa comissão naquela época, uma das pessoas mais votada naquela ocasião foi eu com 62 votos e o José Uilsom Nunes, que foi o Boneco, com 60 votos, e então eu fui indicado - nomeado como o presidente da Comissão naquela ocasião, eu sem saber o que era presidente da Comissão, o que aqui era aquilo! Mas fui à luta, uma caminhada que a gente foi descobrindo com o tempo... Essa Comissão, digamos que tinha como se diz assim, uma grande valia para os órgãos governamentais, que a palavra deles era como uma grande

fechadura, um cadeado... já que fechou tá ok né! Na criação da reserva eu fui escolhido como presidente da Comissão Provisória, fui chamado para rever a criação de reserva na época, já em 12 de março de 1989 e aí eu analisando sem saber como que era o mapa, que tamanho era o mapa, com que, e este mapa e tudo, e como e que se diz, tudo na valentona... vamos colocar na nossa linguagem na valentona... o pouco de contabilidade que eu tinha analisando, 52 mil hectares, que era a primeira proposta, para 204 mil hectares, eu achei que era uma vantagem muito grande, que tava bom demais era muita terra!... eu digo tá bom demais... Então senhor Manuel Teófilo, na época o presidente do ITERON era o doutor Valério, “o senhor concorda com este mapa aí, tá bom deste tamanho!?” Só tava eu naquela época eu que tinha que dizer o sim ou não né! “Se o senhor falar o sim concorda que este mapa é o suficiente o que vocês querem para criação da reserva do Rio Oro Preto, eu agora mesmo ligo para a Mary Alegreti que está em Brasília no Gabinete do Presidente da República com o projeto na mão, que era para o presidente assinar, está dependendo só de uma palavra assim do presidente da Comissão...” Aí eu analisei e vi que está triplicado né... eu disse tá bom! tá bom! tá bom... e menos de duas horas do Ok, já tinha assinado a criação da reserva de extrativista. Tudo bem... criou a reserva estamos felizes da vida, mas nós não pensamos que daqui uns dias vinha a demarcação de implantação da reserva, que diacho era implantação, planta... era como plantar uma coisa no roçado né!, ninguém entendia nada de implantação de reserva extrativista, isso eu e umas dezenas de seringueiros. Tudo bem, passou esta época... passando esta época aí já começamos a se organizar para criação de uma associação. Que tinha de criar uma associação de seringueiro ou uma cooperativa, qual era melhor ou um sindicato de seringueiro de Guajará Mirim, aí ninguém sabia o que era sindicato, ninguém não sabia de associação, não sabia o que era cooperativa... as pessoas explicava para agente, as pessoas que tinham mais entendimento, mas a gente estava completamente na época Iremar, assim como se diz “num barco no meio do lago sem um remo sem poder remar nem com a mão né! sem sabe para onde empurrar... a gente ia né! Não sabia qual é o melhor o sindicato ou a cooperativa ou a associação, qual é a diferença dos três... não a cooperativa, e mais ou menos a associação, só que é diferente... uma associação é mais viável para vocês ou um sindicato... o sindicato trabalha a favor da sociedade, procura defender os interesses da sociedade. Uma associação não, já é membros influenciados mais tem um grande poder, tem mais vantagens que vocês vão associar vão contribuir com uma quantia X de valor em dinheiro... Mas ninguém sabe o que diacho é isso, que bicho é esse de sete cabeças quem vem nascendo aí que a gente não sabe, mas é melhor pra vocês!... Muito bem, então aí cria-se a associação... Criaram essa Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim (ASGM). Nessa época também a gente já estava se mobilizando pra criação de uma representação estadual que, era uma associação denominada naquele tempo de Conselho Estadual dos Seringueiros de Rondônia. Não passou porque o Conselho Nacional dos Seringueiros não aceitou e já tinha uma associação representante dos seringueiros em Rondônia. Então batendo em cima disso então, vamos criar uma Organização dos Seringueiros do Estado de Rondônia... Houve um grande entendimento, uma grande discussão, criamos uma comissão sem cargos... os cargos eram iguais de sete membros. Os sete membros trabalharam por um período de 08 meses. No período de 08 meses chegou a um acordo esse Conselho Nacional dos Seringueiros e a Associação de Seringueiros de Rondônia precisava dessa organização. Criamos essa organização, aonde eu fui primeiro presidente por um mandato de dois anos. Quando tava com dois anos eu comecei a entender o que é uma reserva extrativista, uma associação, um sindicato... Aí começamos a amadurecer. Bem, nesse período da Criação da Comissão da Organização dos Seringueiros de Rondônia eu fui para Guajará Mirim pra ser o representante dos Seringueiros na Capital e no Estado. Passou o mandato de dois anos, foi na época que foi discutido a questão do Plano de Utilização da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto. É bom o Plano de Utilização, mais tem o plano de utilização (...) que onde ele vai copiar alguns itens, alguns pontos, alguns artigos, mas se vocês aceitarem vai alterando e modificando alguma coisa... Iam fazer uma assembléia

geral, não tô lembrado a data agorinha, primeiro foi feito uma discussão de casa em casa com os seringueiros... muitos diziam tá bom... aceitava e foi pra assembléia geral... Mas na assembléia geral, a gente já tinha alguns incentivos, porque era o plano de utilização... e muitas coisas, a gente pensava assim: não vender madeira nós não vamos vender porque? Porque nós não precisa, a borracha dá sustentabilidade pra nós viver na reserva, tem um preço bom, você faz 200kg de borracha por mês, faz 300kg de borracha por mês então dá pra se manter... Então não vender madeira. E o peixe? Também não vender peixe e as madeiras que tá morta no mato, também não nós não precisa, deixa pra nós fazer canoa, fazer o esteio da nossa casa, fazer galinheiro, fazer essas coisas assim (...) as coisas pra nós mesmos porque ...? Porque nós não pensamos que daqui mais uns quatro ou cinco ou dez anos as coisas não ia ser daquela maneira que nós estávamos planejando naquele momento. Nós tava planejando naquele momento uma coisa que era pra nós naquele momento, mas não pensamos no futuro... só pensamos naquela hora, que aquilo era o que nós queria e aquilo que nos tava impedindo pra nós mesmos, nós não queria nem pra nós, nem pra nossos filhos e nem pra outras pessoas... então nós não pensamos no dia de amanhã se ia haver alguma mudança e hoje nós já temos essa experiência. Muito bem... Passando, essa época aí, foi criando associações no Estado de Rondônia: Machadinho D'Oeste, Costa Marques, Jaci Paraná e foram criando associações municipais. Depois de criar as associações fomos trabalhar a criação da Reserva Extrativista em todo o Estado de Rondônia.

Iremar: Desculpe interromper, só pra fazer uma, aí dentro do que você falou sobre o plano de utilização, você falou de um ponto importante que foi aquilo que vocês colocaram lá, aquilo que no momento vocês tinham como visão do que era suficiente e o que não precisava né, foi nessa concepção? Então assim quando o senhor olha para o Plano de Utilização, naquele momento que vocês discutiram ele, e que começaram a implementar, como é que vocês avaliaram a importância desse Plano, ou seja, ele foi importante pra vocês naquele momento, ele fortaleceu a luta de vocês em alguma coisa nesse processo de consolidação da RESEX ? Como é que o senhor avalia ele aí? como o senhor já falou que hoje ele tá defasado né, mais aí nesse processo, nesse contexto de criação dele, você criarem ele, ele foi simplesmente um instrumento pra vocês garantirem a RESEX enquanto demarcação ou a homologação dela lá por Brasília, ele serviu só pra isso ou além disso também pra vocês se consolidarem aqui no entendimento de RESEX, como o senhor vê isso ?

C5: Bom, a gente vê hoje o Plano de Utilização, na verdade ele foi um plano criado por nós, discutido em pouco tempo... Eu acho que ele serviu por um espaço de tempo, que ele garantiu tanto não somente a gente que hoje mora aqui nessa reserva, mas garantiu também uma parte da conservação da própria floresta... Não foi ruim, ele é bom e ainda pra quem entende ele, ainda ele é bom... ainda porque se nós antes tivesse feito ele abertamente, podendo utilizar isso ou isso, ou através de plano de manejo, talvez hoje a floresta que tem dentro da Reserva do Rio Ouro Preto não tivesse ou talvez tivesse uns 60% 70% ainda intacta. Porque quando você olha o passado, o presente de hoje e pensando no futuro, você vê que a nossa borracha hoje o preço não compensa... A pequena produção agrícola que a gente faz de subsistência também não é o suficiente... Então, você olha pro outro lado, olha a madeira... vê um preço que lhe atrai e lhe seduz... É o que acontece com algumas pessoas... aí você pratica um crime ou um furto de você mesmo... agora, isso não é bom pra nós, porque nós começa a fazer um furto de nós mesmos roubando a si próprio, vamos falar numa linguagem mais aberta, que amanhã pode servir muito mais ainda... Porque hoje você vende a preço de banana como nós vendíamos borracha anteriormente... e futuramente, você tendo um plano bem trabalhado, bem participativo pela comunidade, você vai ter uma renda muito mais suficiente, muito mais melhorada e um preço mais assegurado pra você... porque daqui mais alguns anos, daqui dez ou quinze anos, você vai ver a madeira nobres em áreas Indígenas, Parques Estaduais, Municipais e Federais, e em Reservas Extrativistas, e assim mesmo pouco, porque existem grandes influências e existem também grandes invasores que roubam o seu produto ou você

ajuda, vamos falar assim... A pessoa fazer o tráfico do seu próprio produto, que amanhã pode servir pra você, seu filho e seu neto... e isso é uma discussão que eu venho fazendo hoje pelo tempo que eu já vivi..., que, eu vendo, eu penso no futuro, não o meu, mas dos meus filhos, dos filhos dos meus companheiros que já estão de cabeça branca que nem eu, que amanhã nós temos reservado o que os nossos pais batalharam, conservaram pra nós continuar conservando, utilizando de uma forma que venha dar sustentabilidade, não só a nós, mas aos nossos filhos também é esse o meu entendimento.

Iremar: Agora só pra retomar naquela fala do senhor, que o senhor estava falando então nessa experiência aí no movimento seringueiro, o senhor tem participado e participou do processo de criação de outras Reservas Extrativistas no Estado de Rondônia é isso?

C5: Participei, participei assim, quando na época o governo Valdir Raupp, e o Osvaldo Piana, já tinha feito um decreto não o de criação, eu não me lembro o nome, por 06 meses as áreas de pretensão de reserva extrativista, nós discutimos muito sobre a questão da reserva extrativista em dois temas: ou cria-se uma reserva Federal ou Estadual... Na época o Banco Mundial estava financiando o estado de Rondônia o Governo de Rondônia melhor dizer, que era o Planaflores naquela ocasião; então se obrigou e surgiu da nossa parte dos trabalhadores rurais, os índios, os seringueiros e de participar também na discussão do desenvolvimento do Planaflores né... inclusive você acompanhou muito naquela ocasião... Muito embora fosse um pouco prematuro naquele tempo, mas a gente entendia um pouco e aí chegou um acordo naquela época 50% desse montante do dinheiro era para dar atendimento às reservas extrativistas, áreas indígenas e parte e só né! E outro 50% era para a máquina do Governo... Então o Banco Mundial naquela ocasião, botou o Governo Estadual como se diz, ou seja, num beco sem saída; ou criaria reserva estadual ou o Governo Federal criaria reserva extrativista federal... Então, na reunião teve a discussão eu lembro ainda na época, que até o Maranhão e aquele rapaz do (Iremar diz: Rodrigo?), não aquele outro o baixinho, o Luiz, o outro o Gadelha, sentou comigo e falou: (...), qual é a tua opinião... naquele tempo... Qual é a tua opinião, ou cria a reserva extrativista Estadual ou Federal, a minha fala, que eu vou dizer para o representante do Banco Mundial, que era o Francisco Vita, italiano né! - o que for mais ágil! e o que nós quer tanto faz, ser reserva extrativista Estadual como Federal... É assim que se criou de repente, se criou 17 reserva extrativista... Em Machadinho do Oeste e a reserva extrativista com 30 dias, a de Costa Marques, e aí depois quase em seguida, quase um ano veio a de Jaci Paraná, foi neste período(.....) com esta luta toda, já que no Maranhão já estava mais o menos entendendo o que era uma reserva Extrativista e também mais um Plano Utilização, mais já possível as comunidades como utilizar a floresta e seus produtos, diferente do Plano de Utilização da reserva do Rio Ouro Preto, Chico Mendes, Alto Juruá e Laranjal do Jará, bem diferente... Então foi assim.

Iremar: Em função desse processo de discussão, de acúmulo de experiências de vocês também, ou seja, o exemplo de vocês aqui serviu pra não ser seguido?

C5: Exatamente é isso mesmo...

Iremar: Então, dentro desse contexto que o senhor está colocando essa experiência toda, nós sabemos que o Governo Federal implementou um projeto pra fortalecer as reservas extrativistas e que recebeu o nome de Projeto RESEX certo? Eu queria lhe perguntar se o senhor participou dessa discussão desse projeto, que atividades envolvia aqui na RESEX, como é que senhor analisa esse Projeto, se trouxe melhorias ou não... Enfim, qual a sua visão sobre isso?

C5: Bom, na época eu já tava na Organização dos Seringueiros de Rondônia, já trabalhava vamos dizer assim, para o Governo Estadual, mas eu acompanhei assim meio de longe... Mas, o Projeto RESEX, que foi o Projeto RESEX 1, ele deu um impulso muito bom assim para os moradores da RESEX... mas nós, os seringueiros da época... Só que naquele período ele quis fazer, um vamos falar assim, quis reformar um sistema de vida de uma tradição nossa de seringueiro que só trabalhava na borracha e castanha. Naquela época anteriormente pra uma

pequena agricultura de subsistência... Houve vários projetos como: criação de galinhas, plantação de árvores frutíferas, que nem cupuaçu, açaí e mais outros produtos, só que muitas das vezes, eu sou uma das pessoas que às vezes falava assim: “rapaz eu posso até plantar um pé de pupunha ou cupuaçu, de outros produtos ou mesmo desse açaí, mas eu não vou esperar quatro anos pra ele me dá essa fruta aí, porque eu vou morrer de fome eu vou fazer minha borracha...” E isso passou pela cabeça de muitos, essa mudança que até hoje não tá bom ainda. E muita gente ainda hoje fica pensando assim: eu vou plantar um pé de açaí, mas eu vou esperar seis anos... Seis anos eu já morri! Mais não é, e é engano da gente... se naquele tempo nós tivesse pensamento que a gente tem hoje, a Reserva estava com muitos produtos, além da borracha, porque a borracha hoje, vamos dizer que tem o mercado, mas o preço não é compensativo, o mercado está aí... Mais porque isso? Porque existe um plantio de seringueira muito grande na Amazônia e (...) que as indústrias tem seus seringais pra fazer seus pneus, sua câmaras e nós aqui... Essa borracha tem uma diferença muito grande. E também é que, a borracha nativa ou a seringueira nativa da nossa época, 90% morreram... e nós morremos também... Então, tudo são seringueiras novas. Hoje você, dificilmente você vai achar uma seringueira que pegue duas tigelas. Você vai achar seringueira de uma tigela e raramente de duas tigelas. Porque aquelas seringueiras grandes que reproduzia o leite e dava em abundância naquela época, hoje não dá mais, já morreram... Então... e nós não nos preocupamos em plantar e ainda hoje continua, ninguém quer plantar seringueira... e quer que a natureza plante e nasça aí por conta do miguê, vamos nessa linguagem, que não tá sendo, então hoje nós estamos tendo essa preocupação assim, tendo essa preocupação não só com a seringueira, mas que nem o pé de uma fruteira, de um açaí, de um mamão, de uma bananeira, de uma outra coisa, porque a gente tá vendo que a situação hoje da borracha no Brasil ela tem um mercado a produção é boa, mas da seringa de cultivo, porque da nativa é muito pouca.

Iremar: Seu (...), quando o senhor falava do Projeto RESEX, o que ele possibilitou, ou seja, ele tentou criar foi uma estrutura para o extrativista, pra ele tentar criar um processo de produção... foi isso e o que deu, o que resultou isso? Foi pra frente porque que não foi ?

C5: No meu entendimento hoje e no passado, eu acredito que a reserva foi criada, então o Governo se preocupou, tinha reserva e tá certo, mas o que tá faltando pra reserva? Tá faltando escola que tinha na época, tá faltando posto de saúde que não tinha, que tá faltando aí transporte, o transporte era pequena e cada comunidade comprou (...) e que tá faltando mais... Poxa tá faltando garantir a presença deles lá, porque o Governo pensou assim: será que a borracha desse seringueiro daqui a dez anos vai continuar dando sustentabilidade a ele ou não? Vamos tentar criar um outro incentivo pra ele pra ele não viva só da borracha. Então naquela época a gente não pensou assim, a gente pensou assim não, a borracha, ele é produto suficiente pra ajudar a nossa sustentabilidade econômica, social e cultural... Então é isso que nós queremos então... acabou... não pensamos no futuro.

Iremar: Mas e aí teve por exemplo, o Governo pensou isso, aí nesse projeto teve técnico pra acompanhar essas ações ou o pessoal foi por conta?

C5: Não! Teve técnico pra acompanhar, os técnicos tentaram nos educar num outro sistema vamos dizer assim. Só que nós chegamos naquela época numa conclusão que esse sistema não era o que nós queríamos, porque ia demorar muito - o que é demorava muito; nós vive da borracha, hora nos corta hoje a seringueira, amanhã a gente já vê a borracha, olha pelo tamanho da borracha da 20kg você já calcula que dá tanto em cruzeiro, e dá pra comprar um saco de farinha, um saco de arroz, um saco de feijão e de mais outras coisas..., se eu corto no meio e faço 300kg de borracha eu compro meu mantimento e todo material pra minha família, minha filha e minha esposa... e compro mais até um bebida pra me divertir... Naquele tempo dava, hoje não dá mais e a gente não pensava nisso. Quando veio a decadência do preço da borracha e que a gente começou a pensar. Poxa! ninguém pensou que um dia a borracha na Amazônia, não é nem em Rondônia é na Amazônia, ia chegar nessa situação que tem a borracha, mais não tem quem compra. Mas porque que ninguém quer comprar? Houve outra

grande falha nossa, que muita gente não gosta de falar isso, é que houve um incentivo falso do próprio seringueiro, e eu fui um que fiz isso mais porque me ensinaram, a misturar leite (sova) leite de (pau garote) leite do pau que dava borracha, misturava na borracha e isso foi um grande erro nosso um grande fracasso. E porque que nós fizemos isso...? Na busca da ganância e do dinheiro, na ganância de fazer uma produção grande e depois veio o engano que foi quando o mercado não quis comprar mais por que as usinas não aceitavam mais, porque a borracha não prestava mais, tava toda contaminada com leite de outra árvore que não valia pra nada e foi uma grande falha nossa na época e nós somos conhecedores disso... vivemos isso no passado e hoje não queremos viver mais isso no presente e nem no futuro.

Iremar: Então o senhor avalia no geral, quando o senhor olha pro Projeto RESEX, a etapa 1 e a chamada etapa 2 dentro dessa estruturação e a esse processo de assessoria, como o senhor avalia num geral o Programa, o Projeto em si, e a execução dele, o senhor avalia como positiva, mais ou menos, como é que o senhor vê isso?

C5: Hoje eu vejo como ele a princípio ele foi positivo... mas, no meio ele foi negativo; mais foi negativo porque nós mesmos... os próprios técnicos que tentaram nos incentivar e fazer com que nós acreditássemos. Nós colocamos na nossa cabeça que aquilo não era o que nós queria, então dá entender que nós..., foi bom, porque trouxe recursos e implantou, mas foi ruim porque nós não cuidamos... nós esquecemos daquilo e abandonamos e hoje nós estamos arrependidos porque se nós tivesse continuado com aquele programa, o Projeto hoje tava implantado e nós tava com melhores situações de vida. Hoje nós queremos isso, mas hoje está difícil conseguir, porque já foi feito e nós queremos que faça de novo, que nem agora ultimamente, foi feito um viveiro de muda pela terceira vez e não teve êxito e eu fui um dos criadores desses viveiros de mudas desde o princípio... e eu ainda alertei o técnico dizendo: espero que esse viveiros de mudas não sejam como os que já vieram anteriormente, que ele tenha êxito... mas parece que ele subiu no barco e desceu no mesmo buraco é incrível isso acontecer.

Iremar: Mais porque isso? Foi por causa assistência técnica ou da assistência técnica e do seringueiro?

C5: Eu vejo assim por dois lados, um a má vontade de cada um, e outra, é que a gente no Plano de Utilização diz que você não pode ter as mudas... pode produzir a muda pra você reflorestar a sua própria área, mas você não pode comercializar ela e isso vem um desânimo pra gente, porque você fazer um viveiro de cedro, se você plantar 100 mudas de Cedro (...) você já reflorestou sua área e os outros 100 você vai fazer o quê? quem que vai comprar de você? A própria comunidade não vai comprar porque ele vai fazer a sua também e já reflorestou a terra. Então perde um incentivo grande pra nós... agora se nós fizesse assim não, eu vou fazer cem pra mim e o resto eu vou vender aí tinha êxito e os viveiros hoje estavam tudo funcionando... e o Plano de Utilização veta isso (...) é por isso que nós estamos batalhando em cima do plano de utilização pra vê se nós altera ele de uma forma não exagerada também, porque nós temos que ter o cuidado de alterar ele de uma forma reduzida pra que ele dê condições pra nós não semente vender as mudas, também a madeira do seu roçado, a lenha, o carvão, que seja possível aproveitar... mas que você também refloreste aquela área... mas de que forma? Plantando a Castanheira com outros produtos que daqui mais dez a quinze anos você tenha ele também produzido pra você e pra os seus filhos. Hoje a visão é essa que muita gente fala, mas como é que nós vamos fazer isso, nós podemos fazer mais de que forma!? Fazendo um projeto... mais quem vai fazer esse projeto? Nós temos que fazer pra nós porque o projeto já veio fazer pra nós, nós que não cuidamos.

Iremar: Então dentro dessa sua fala a gente percebe que tem uma leitura inclusive dessa ultima pergunta que é sobre desenvolvimento, eu queria aproveitar essa reflexão, eu queria fazer essa pergunta pro senhor. O quê que o senhor entende por desenvolvimento? E se tem desenvolvimento aqui na RESEX e aonde é que tá... como é que tá..., como é que o senhor avalia isso? O que é no seu entendimento desenvolvimento?

C5: Olha, eu nem sei responder bem o que é desenvolvimento, por que há vários tipos de desenvolvimento. Por exemplo, hoje a Reserva ela é desenvolvida hoje de uma forma social, mais culturalmente pouco... a cultura nossa mudou muito. Hoje a nossa cultura é diferente do passado, porque nós estamos entrando em uma modernização que até a nossa própria comida é diferente... o nosso próprio calçado é diferente..., a nossa própria dança é diferente... a própria musica é diferente... Quer dizer que então que nós estamos apagando uma cultura, uma tradição passada pelos nossos pais e nossos avós... Pra nós hoje que os nossos filhos amanhã vão mudar muito mais ainda, eu vejo desse lado assim um desenvolvimento, mas um desenvolvimento ao contrário; muitas pessoas vem e diz assim: não eu não vou ficar na Reserva Extrativista porque eu não posso vender madeira, eu posso pescar pra comer, eu não posso pescar pra vender, eu não posso pescar de tarrafa eu posso pescar de flecha. Poxa... não é isso, não é bem assim... Então, se nós fizemos isso no passado, proibimos isso, se às vezes a gente já pensou que tá faltando caça, tá faltando peixe, nós não estamos preservando isso... se nós estamos preservando nós estamos deixando outros que vem e leva, porque às vezes você fala para o seu colega: não mais ele só levou um pouquinho, só levou um pouquinho hoje, amanhã ele leva mais um pouquinho, depois ele leva mais um pouquinho e você fica sem nem um pouquinho... daqui a pouco não tem nem para você e nem para ele... Isso está acontecendo na reserva do Rio Ouro Preto não sei nas outras reservas.

Iremar: Quando você falou desta questão sobre desenvolvimento você falou da questão cultura né, além da questão cultural, qual as outras coisas importantes para o desenvolvimento na reserva, os outros fatores aqui como: devia ter uma escolinha aqui perto e esse serviço de saúde, educação, isso é parte do desenvolvimento, ou seja, isso são fatores importante para o desenvolvimento na reserva ou da RESEX, dos extrativistas.

C5: E seria se funciona-se de fato... Se seria importante? e é importante né! existe escola agora, a escola para as crianças que hoje são crianças e amanhã serão futuro donos da reserva também... é que o grau de escolaridade destas crianças só tem até a quarta série... passo da quarta serie aí vem desentendimento até entre a própria família, porque as vezes são obrigado as esposa e seus maridos sair com a família e irem morar na cidade ou a mulher ir trabalhar de doméstica praqui, praulá... e o marido fica trabalhando sozinho na sua colocação de seringal ou no roçado né! e aquela criança que sai da reserva muitas das vezes não tem um continuidade daquela leitura, perde a visão do que ele era no passado e cai na vaidade do mundo e se perde na ganância que o mundo oferece na prostituição, tanto os rapaz com as moças né... Isso por um lado é bom porque veio a educação para dentro da reserva, mais por outro lado prejudicou bastante né, muito mesmo, agora para desenvolver, posto de saúde existe, muito posto de saúde, mais cadê o medicamento e cadê o agente de saúde? não tem! Desenvolveu... por um lado desenvolveu sim, mas pelo outro não teve oportunidade de desenvolvimento... parou, parou porquê? Porque às vezes eles capacitam um agente de saúde morador de reserva, quando ele se torna uma pessoa capacitada, ele não fica na reserva... quando ele sai, ele vai embora, ele está com o seu diploma na mão, ele vai em busca de melhoria na cidade e consegue, e a reserva fica desassistida... isso é ruim para nós.

Iremar: E assim dentro dessa RESEX por exemplo, já passaram vários projetos... Tem projetos em execução... Tem algum desses Projetos que o senhor acha que pode ajudar ou contribuir para o desenvolvimento, vamos dizer econômico e também da própria qualidade de vida dos moradores? Tem algum Projeto em execução que o senhor acha que pode contribuir é um inicio disso ou não?

C5: É, tem alguns Projetos em andamento que são bons Projetos... pra nós é muito bom... que é esse Projeto da criação de abelha é um projeto muito bom, só são poucas as pessoas que tem interesse, porque tem medo do ferrão da abelha. Então é um Projeto bom que tá em início de processo, mais 90% estão desistindo. E tem um outro Projeto que está em andamento também que é essa nova borracha que é o FDL, é uma borracha boa pra se trabalhar, só que também não tem incentivo... o mercado tem, só que o incentivo do próprio morador, vamos falar assim

do próprio seringueiro que já tá cansado que nem eu já de 50 anos pra cima, ele tem vontade de fazer, mais ele acha melhor, ele vê e olha pra outro lado e diz: Poxa! será que hoje eu tenho a borracha e amanhã eu vou ter o dinheiro no bolso? Ele pensa duas vezes... Não... eu prefiro a farinha por que se eu não vender, mais eu vou comer ela, eu e a minha família... eu vou criar uma galinha um pato ou um porco, por que na hora que eu não puder vender eu mato e como, eu a minha família, e a borracha! Tem ainda aquela dúvida na cabeça das pessoas. Pois é, então hoje o seringueiro quer produzir... ele pensa duas vezes antes de produzir a borracha essa FDL... ele pensa já passamos por essa deficiência sem a borracha... não tem o dinheiro ou tem o dinheiro, mas não tem a borracha é inverso. Por que o cara fica naquela, quando tem o dinheiro não tem a borracha, quando tem a borracha não vende... o cara diz: eu não vou mais fazer a borracha porque eu não vendi... Eu passei quase cinco dias eu passei seis meses com a borracha em Guajará Mirim e não vendi pra ninguém... Poxa! isso é um desânimo muito grande... isso vem com que a Reserva hoje, todo ano tá caindo aí 20, 30, 50 hectares de mata por causa dessa influência que não tem incentivo. Agora, se o Governo Federal dissesse assim nós vamos comprar a sua borracha, mesmo que fosse barata mais que comprasse.... Pois é... então Iremar, existe isso na vida de hoje, agora nós temos um sonho, eu tenho esse sonho de um dia nós se organizar mesmo em uma associação forte e brigar com o Governo Federal pra ele garantir a compra dos nossos produtos... não somente da borracha, mais de todos os produtos que saírem da reserva, o Governo do Estado e Governo federal comprar o nosso produto aí você vai ver uma reserva forte, um povo organizado e corajoso, esse é o meu ponto de vista pro futuro pra deixar pra os nossos filhos.

Iremar: Eu quero te agradecer, mas antes disso tem algum ponto que durante a sua fala que você acha interessante reforçar, ou o senhor acha que tá bom ou tem mais alguma coisa pra acrescentar nessa fala sua...

C5: Eu acredito que não Iremar, porque eu falei tudo que eu já vivi no passado e hoje, e o que penso no futuro..., fui dentro das metas fixas ali, (...) fiz um relato grande.

Iremar: Eu quero aproveitar pra gravar e perguntar pro senhor se o senhor autoriza o uso dessa entrevista para fins de pesquisa na Universidade?

C5: Autorizo sim, autorizo com todo o meu coração, até porque é um documento pra você e isso vai servir pra nós no futuro... com certeza sim.

Iremar: eu que agradeço seu (...)

Entrevista realizada dia 07/11/2008

Local: Colocação/Sítio São Francisco – Ramal do Pompeu – Guajará-Mirim-RO.

COLABORADORA C6

Iremar: Hoje dia 11 de novembro de 2008 vamos entrevistar dona Colaboradora C6 (...), que mora aqui no sítio na colocação São Francisco ramal do Pompeu. Para a gente começar antes da senhora mora aqui na Resex de Ouro Preto onde a senhora andou onde a senhora morou a senhora poderia falar para gente ?

C6: bom, eu vim com 11 anos da Bolívia do Brasil e morrei com a finada Sebastiana que era irmão do finado Sebastiano, e ai ela fez minha matricula para eu estudar e ai estudei a 5, 6,7, 8 série; ai na oitava serie eu inventei de arrumar um casamento ai o marido não deixava eu estudar ele não gostava muito era muito ciumento ai... eu parei de estudar tive 6 filhos tudo do mesmo pai ai não deu certo ai eu me separei porque ele bebia demais, ai eu passei a morar com este homem que estou morando hoje.

Iremar: como e o nome dele?

C6: Aderbal de Oliveira Vargas... ai nos viemos para o seringal... Eu tava com trinta anos de idade; naquele tempo ainda não era reserva, tempo ainda, tempo do patrão; ai eu vim cortar seringa para termina de criar meus filhos que naquele tempo era tudo pequeno, naquele tempo não tinha escola aquele dentro né, e para não deixar na rua para não aprender outras coisas ne ai eu trouxe para cá pelo menos eu fui ensinar a trabalhar; ai eu aprendi a cortar seringa ajudei o meu marido a criar meus filhos né; foi o tempo ainda de patrão a gente devia até a gente pegava qualquer colocação qual era melhor, a gente escolhia e a gente ficava num canto e outro ai foi o tempo que passou a ser Reserva ai.

Iremar: a senhora participou da criação da reserva?

C6: Participei da criação da reserva o tempo que veio o (como é meu deus o nome dele que me esqueci) que veio fazer uma reunião grande aqui dentro com todos os moradores que era para realmente perguntar se para melhoria da gente, se ia melhorar depois que passa-se a gente a ser dono das colocações, porque a gente não era dono das colocações dizer que nos não somos dono nos só estava cuidar da colocação então foi o tempo que se criou esta reserva ai criamos o plano de utilização.

Iremar: ainda plano de criação ainda da reserva à senhora participou das assembléias também fora.

C6: Participei, participei fora também até por quer naquele tempo que passou a ter reserva foi criada a secretaria das mulheres que era a OSR - Organização dos seringueiros de Rondônia. Naquele tempo as mulheres elas tinham muita vergonha elas tinham vergonha de se apresentar, uma que elas não tinham conhecimento não tinha estudo, então elas escolheram que deveria, e me apontaram para representar na secretaria das mulheres. Criamos uma secretaria que era para representar as mulheres no estado. Então começamos a trabalhar por isso que eu participei de todas as reuniões que foram criada junto com associação que eu andava, trabalhando, até porque nos trouxemos um pouco de desenvolvimento que as mulheres não sabia nem fazer uma vassoura, tudo o marido tinha que comprar; ai nos trouxemos muito treinamento de corte de costura, treinamento de cipó, de madeira treinamento de doce para nos aproveitar estas as frutas que se estraga né, as frutas aproveitava fazendo doce e ai ensinaram elas a aproveitar também que trouxemos treinamento de coró ecológico coró vegetal. Bom este tempo foi eu que acompanhei porque estava na secretaria as mulheres ai foi criado muito, só que foi ruim porque eles viam davam aquele treinamento mais não terminava de fazer o acabamento e agente ficava assim nunca fizemos um como se diz, e um treinamento definitivo que desse para a gente desenvolver, vender, para nos criar uma alternativa econômica aqui dentro, então foi isso que não tivemos muito de aproveitamento que foram aproveitados também foi onde as mulheres foram dando aquele passos tivemos também reuniões né, com as mulheres, para ensinar né, se apresentar, ai as

mulheres foram criando ai já foi o tempo que elas já começaram desenvolver, como se diz, e elas olhar para o lado dela de participar e ela mesmo representar né! Ai foi o tempo que apareceu graças a Deus, que apareceu outra mulher que queria assim ficar no meu lugar porque achava que eu, não era nascida aqui né; ai eu também falei, não, eu fico no movimento até a hora que vocês quiserem, a hora que vocês não quiserem também eu fico muito agradecida porque por causa de vocês eu caminhei andei, conheci. Eu agradeço por isso, porque é tão bom quando você tem um pouco de conhecimento, conhece outras pessoas, troca idéia com outras comunidades, com outras famílias né; ai se a gente não planta isso, você vai olha em outra comunidade como eles fazem né! Então foi muito importante para mim... Ai foi o tempo que criemos este Plano de Utilização que hoje em dia tá prejudicando mesmo nós.

Iremar: assim um pouquinho antes, o projeto RESEX a senhora ouviu falar dele a senhora participou dele.

C6: Participei deste projeto RESEX, até porque o presidente (associação), dizia que era um dinheiro de fundo perdido, nos não peguemos ai eu falei para o meu esposo que o banco não perde que tudo que é financiado pelo banco você tem que pagar ai ele disse não isso é fundo perdido né, ai muita gente foi na onda dele né, até porque o homem tirava a mulher também né, ai ficaram devendo e muita gente não pago ai esse projeto trouxeram pelo menos para dentro né, esse negocio de barco, (pensando) motor, peladora de arroz, tudo isso que eu nem vejo mais nada.

Iremar: mas quando ele trouxe isso ajudou as comunidades, com e que foi?

C6: Bom, é... até porque ele ajudou, só que muita gente não soube aproveitar, nós não soubemos aproveitar porque, tem um ditado assim né, “tudo que é dado pensa que a gente não deve cuidar” né, fala assim, não isso, é nosso vamos cuidar né, quer que estrague fala assim isso e nosso vamos acabar então nos não sabemos cuidar, ai ele trouxe um bucado de desenvolvimento para nos né, nos não tinha pelo menos como transporte, esses barcos que foram feitos foi o tempo do Jorge né.

Iremar: essa capacitação que a senhora tava falando antes elas também era desse projeto RESEX ou era outra ?

C6: Não, esses treinamento que nós tivemos, essas capacitações, tivemos esse treinamento um pouco... Não sei se o senhor conhece a Fabíola a menina que trabalhava lá no CNPT que era a Fabíola ela trabalhava junto com o Ricardinho não sei se ele, ai um pouco do treinamento era da ASAEX e outro pouco do treinamento era da OSR da secretaria nacional das mulheres e CNS que era o Sindicato (lê-se Conselho) Nacional dos Seringueiros quem representava era a Jacira em tão não esperava né, trazia estes treinamento para mulher para aqui pra dentro a então não foi propriamente com o recurso do projeto RESEX.

Iremar: mais a senhora participou de alguma capacitação que foi do projeto RESEX?

C6: participei esse pelo menos treinamento do coro ecológico não foi do RESEX foi da SEBRAE, agora a RESEX trouxe essas coisas, desse material, essas coisas de motor, esses barcos né, e muita gente tirou esse dinheiro pensando que não ia pagar e muita gente não tinha condições de pagar, mais muita gente pagou;

Iremar: mais ele quem pegava tinha que pagar era do projeto RESEX tinha que pagar este dinheiro que emprestou dele ou foi do Prodex

C6: Não foi do Prodex, você tirava o dinheiro e da RESEX tirava o material trouxeram para reserva, ate porque iam fazer aquela ponte ai mandaram o charque e não mandaram os material ai pro Napoleão, ai trouxeram o galo e não trouxeram as galinhas ai teve muita gente que comeu o galo.

Iremar: ele ia morrer de tristeza (risos) e a senhora esta falando do plano de utilização né, como foi esta participação de vocês, como é que era; se era em reuniões; se era em assembléia e o que aconteceu? foi importante? como a senhora avalia?

C6: Bom no momento foi preciso uma assembléia das duas reservas, até dos Pacaás Novo veio gente para participar, só que era daqui do rio Oro Preto. Ai vieram o pessoal lá de

Brasília, vieram tudo para a gente criar este plano de utilização. Primeiramente conversaram com nós né; como naquele tempo tinha gente que ele não tinha, se você falava assim você vai fazer assim desse jeito, eles falavam assim: “tá certo, tá certo”, todo muito concordava até porque eles não tinham conhecimento da coisa, até porque muita gente não sabia nem o que era um plano de utilização, ele pensava que era uma coisa boa e ele pensaram assim, e foi feito por nós mesmo e o CNPT que aprovou né. Então este Plano de Utilização (que nós tinha no primeiro plano de utilização), que nós colocamos que um hectare de mata dava para se manter né, sustentar; foi colocado um hectare, eu também participei como é que a gente vai colocar a roça né; a gente tem que deixar dar uma chuvada quando a gente vai colocar o fogo do lado contrario do vento, não colocar perto de castanheira, não colocar perto de igarapé. Tudo isso nós sabemos; muita gente queima a mata porque quer, porque conhecimento nós tem, porque muito treinamento nós tivemos sobre a desmatção. Então aí foi criado também que nós não podemos vender mais o peixe, não podia vender muitas coisas, e nós mesmos botamos esta regra que tá atrapalhando nossa vida né! Porque eu vou lhe dizer uma coisa, cada vez tá ficando pior para nós; eu até parei de fazer meus artesanatos porque você chega em Guajará, por onde você anda é todo mundo fazendo isso e pra quem que nós vamos vender né!? Então parei de fazer; aí foi criado muitas regra que nós não pode... só um hectare de mato... aí nós conversando em uma reunião com Zé Maria, nós falamos que não dava para nós se manter com um hectare de mata, aí foi quando ele liberou para dois hectare de mata.

Iremar: por ano ou cada um sempre?

C6: por ano, porque aqui agente derruba um hectare por ano não presta mais, você tá vendo o sapé? Vira sapé.

Iremar: então, ou seja, quando vocês aprovaram no plano e porque vocês tinha outra atividade que vocês fazia ou que dava lucro ou que dá lucro, não que tinha atividade econômica.

C6: É porque cortava seringa né, porque a gente cortava seringa pensado que não ia desmatar muito; eu tava falando para o meu marido que se achar um colocação boa eu vou voltar a cortar seringa mais ele, porque você faz a farinha. Pra vender eu passei quase mês na cidade para vender minha farinha; eu não vendo minha farinha por menos de 50 reais eu falo mesmo, capricho na minha farinha que para quando chegar né não ter coisa, mais tem farinha de 40 reais a saca; aí eu passei foi um mês para vender minha farinha bem vendida. Um mês aí para mim voltar, eu não teve tempo né para trabalhar, tá com três dias quando já cheguei e na roça trabalhando plantando não tenho tempo.

Iremar: agora esta discussão que vocês estão tendo do Plano de Utilização como é que a senhora avalia agora, ou seja, agora olhando para a experiência de vocês, que vocês aprovaram daquela vez e olhando agora o que vocês acham que é preciso pensar para melhorar o plano de utilização?

C6: bom, no meu ponto de vista eu... deveria de, como se diz; o plano de utilização porque, veja só, nós derruba um hectare de mata nos derruba né! Nós podia tirar o carvão para vender né! Ali se estraga, apodrece a madeira no chão, nós podia fazer o carvão. Aquelas madeiras boa, digamos Itaúba né, que tem no meio outras madeiras que tem no meio, que podia tirar; aproveitar aquelas vigas, aquelas coisa né; então isso nós não podemos, então não podendo fazer até o carvão. O Zé Maria eu falei para ele, aí ele fabu se você fizer eu não me responsabilizo dessa coisa; então como nós vamos sobreviver só da farinha, porque essas terras são fracas! Essas terras aqui não dá feijão, milho, só mandioca; arroz e banana branca, feijão não dá. Você mora aqui era pra ter um feijão, um milho, você tá morando no mato, com certeza você tem que comer daí e vender; aí estas terras tão fracas, então nós deveria de ampliar este plano de utilização porque às vezes a gente faz um plano de manejo né, para a gente aproveitar as madeiras que apodrece, as madeiras caídas né, para vê se a gente faz um carvão alguma coisa.

Iremar: então a senhora acha que precisa ser repensado e ser criado uma outra alternativa

C6: é porque não dá né... Eu sinceramente não vou me arisca né, realmente eu conheço a lei né, o que pode e o que não pode; eu não vou me ariscar, uma que hoje em dia eu sou até evangélica e esse aqui é proibido né; vou me ariscar tá roubando as coisas? Se você é uma liderança você tem que dá exemplo para os outros e se os outros estão fazendo coisa errada com certeza você tem o direito de dizer: “rapaz você tá fazendo coisa errada vai prejudicar os demais”. É o que acontece aqui, muita gente tira as coisas escondido, não sabe que depois vai se prejudicar que nem o peixe. Vem gente: “rapaz eu quero ir para tua casa para pescar”; eu falo logo, se você quiser comer um peixe vou pesco e faço uma caldeirada para você, só não pode é trazer peixe porque vai fazer falta para meus netos, para meus filhos. Depois agora, tem muita gente que vai lá para a casa e leva um cachaça, uma coisa aí vai tirar peixe; não sabe que vai fazer falta para ele, põe risco, que o peixe não acaba, mais tudo acaba, porque é da natureza; mais só tirando, tirando e não botando né, acaba! Então isso é muito importante. Eu agradeço, porque falo para o meu marido que ninguém tire, que tire! Mais só que a gente, como se diz, que também nós temos que reparar até a casa do vizinho também né! Porque nós colocamos que nós temos que reparar né! Se o vizinho tiver fazendo coisa errada nós também tem o direito de falar. Mas muita gente diz e assim fica com raiva um do outro né; aí eu falei assim “rapaz cada qual, porque não cada qual, que depois vai fazer falta para ele né! Graças a deus nós trabalha e nós nunca tiramos madeira, pode o Ibama andar no nosso terreno, que tem muita madeira graças a deus, tem muita madeira boa. Tem muita madeira boa no nosso terreno. Até porque o vizinho tava tirando e o Zé Maria tirou de lá, que tava na fundiária tirando, e tiravam madeira lá por traz e o Zé Maria tirou o cara lá; tinha até uma moradia lá dentro; esses terrenos é de dois mil metros.

Iremar: e quando a senhora falou antes né quando vocês criaram o plano de utilização como a senhora falou ele amarou vocês um pouco né

C6: Amarrou sim, porque veja só, antes nós vendia o coro do jacaré, vendia um bocado de coisa, o peixe nós vendia também para comprar um sal, uma coisa nós vendia porque o Ibama não ia lá atrás da gente. Hoje em dia nós não pode vender o peixe né! Muita gente vende porque tem coragem de fazer, eu não tenho. Nós vendia o peixe, o coro do Jacaré, dos porquinhos, como é a queixada, vendia o coro do bicho do mato, que tirava o coro e a gente vendia. Hoje em dia, nós não pode fazer isso; e uma coisa que eu sempre falo com o meu marido, se nós mora aqui numa reserva, se o Governo criasse pelo menos, digamos assim, para a gente, uma ajuda, tipo como eles criaram para as crianças né, porque nós não pode desmatar; nós temos a castanha que isso e já nativo, nós tem Patoá muito pouco, Açaí esse nós tem, se nós tivesse um transporte definitivo para nós vender o açaí né! Se todo mundo se juntasse: vamos tira açaí, até que dava, porque muita gente vem da rua e leva o nosso Açaí (risos). Então era bom, o meu marido tá doidinho pra ir cortar seringa lá para cima, eu tô pensando que tem muita caça aqui né, e a luz também, quanto que nos faz falta a luz nos pega um peixinho né, já podia colocar na geladeira né, todo dia comer; aí nós pega um peixe tem que secar ou salgar né, as vezes até estraga; se mata um bicho também é do mesmo jeito, porque quando os filhos quando vão para rua não querem mais voltar, porque eles tem um outro coisa... Eu acho que se não mudar este plano de utilização como vamos viver; eu estou preocupada mais é com o PRONAF. Eu falei para o meu marido que vamos ter que cortar seringa porque não vai dar para viver de farinha não este ano que vem já vamos começar a pagar o PRONAF.

Iremar: para vocês o que serviu o PRONAF para o que vocês utilizaram isso?

C6: utilizamos esta carroça aí, uma égua, um motor-catitú para ralar macaxeira que tá tudo aí, que falta fazer a casa de farinha; tem uma maquina de moer milho; compramos um roçadeira, o que mais...

Iremar e aí termina a carência o ano que vem;

C6: Termina... E eu tô vendo que é uma coisa mais viável para nós mesmo, era conseguir um trator, um arado para arar sapé para fazer coisas, para nós aproveitar... Eu acho né que aí

melhorava nossa situação... eu acho né, porque este negocio só fez endividar nós, pelo menos esses motor, o moto-bomba só para melhorar nossa vida né, mais nada para ter lucro para sobreviver. A única coisa boa que nós fizemos foi o negocio do pique de castanha, que pelo menos isso, todos os anos nós tira a mandioca 2 hectares de mandioca, também nós tem né; também nós tem 1 hectare bom de fazer, mais todo mundo vai fazer farinha para este projeto e ai

Iremar: vai depender disso e o preço vai tá barato

C6: pois é eu tava falando para o meu marido que eu tô preocupada, preocupada falei para o meu marido, porque nós vamos se endividar... Outro dia eu até reclamei dele, porque a carroça ai, eu já to cansada de carregar as coisas no carrinho e a égua aí só parindo.

Iremar: então neste sentido a senhora acha que é preciso mudar várias coisas no plano de utilização estas questões para aproveitar a senhora mencionou muito.

C6: E porque, olha, aqui tem muito babaçu, nós temos muito babaçu, por onde você anda tem muito babaçu, mais o que tá faltando é nossa associação; você sabe que até nossa própria farinha a gente paga a nossa contribuição né; eu acho né, porque eu trabalhei 3 meses na associação eu fazia assim, eu trabalhei três meses assim; se eu tivesse passando pano, e chegasse um sócio, eu deixava e ia atender ele, ver o que ele tava precisando e o que ele queria. Ai então o que tá faltando, nós chega com a farinha nos não tem para quem vender; vende para um, para outro, enquanto o que associação podia procurar é vender a farinha para fora né! Mesmo que a gente vende-se por menos preço para ele, para ele ter o lucro, mais, mais que tivesse venda de nossa farinha, chegasse, vendesse e já voltava para cá, nós não tem; nós paga nossa contribuição... eu tô vendo que até nossa associação tá falida, nosso carro... Eu já to pensando que o prefeito vai sair e já vem o outro, mesmo uma vez por semana ele tem ajudado muito, já penso você faz sua farinha e vai levar para a rua, é o transporte que come a gente e o transporte.

Iremar: ai é quando a senhora olha e que participou muito também desses momentos... se eu perguntar para a senhora o que a senhora entende por desenvolvimento

C6: sobre desenvolvimento

Iremar é sobre desenvolvimento Raquel e o que eu entendo por desenvolvimento como se diz ajudar ajudou muito a desenvolver né, nossa convivência pelo menos melhorou muito nossa vida né esse PRONAF; mesmo esse projeto que nós fizemos mesmo que a gente esteja endividado né, mais ajudou a cresce né!

Iremar então neste caso a senhora avalia que na RESEX tem desenvolvimento

C6: Bom eu tô achando que não tem sabe, porque nos se endividamos e eu não vejo... desenvolveu nada porque o desenvolvimento era para crescer, desenvolver, multiplicar né, e esse aqui veio para endividar nós e nós não tem como pagar, eu já falei para o meu marido que vamos trabalhar e vamos pagar; todos os meses vamos tirar 200 reais, vou tirar de onde não tive, mais vou depositar estes 200 para pagar e tem muita gente que não vai pagar; muita gente já falou para mim: (...) eu nem me preocupo com isso, nem preocupo com este negocio do PRONAF, nem me preocupo, porque eles sabia que a gente não tinha da onde tirar, como que vieram só para endividar isso eu falei, não mais nós tiramos porque nós que somos de maior somos responsáveis; cada pessoas responsáveis, ninguém obrigou nós tirar;

Iremar: mais e porque faltou assessoria técnica para vocês ou não, o tempo mesmo não colaborou.

C6: não é porque eles falaram que nós não sabemos aproveitar e porque nós vamos tirar coisa que nem vamos utilizar, só para nós se endividar, porque quem vai dar 700 e pouco numa máquina que nem ocupa? Tá novinha! Nós não ocupa e o pior é que nem pedimos, o pior é que nem pedimos, veio no projeto, colocaram no projeto e tá aí.

Iremar: quem fez este projeto?

C6: bom, foi nós com o presidente e com o pessoal do banco.

Iremar: mais além da situação deste projeto a senhora olharia assim para a RESEX, como a senhora avalia, é possível ter assim... como gerar assim desenvolvimento aqui na RESEX, aproveitando sua força ou a sua parte natural e o que falta?

C6: o que tá faltando para nós é ter comércio, para vender nosso produto né, pelo menos a castanha né, nós temos, tem o Açaí também, se tivesse que da venda, porque ninguém vende aqui, os outros que vem aqui e leva para a rua; mais era viável um trator ou senão ampliar este plano de utilização para que nós pudesse aproveitar esta madeira que está se apodrecendo e nós não temos como tirar.

Iremar: bom assim, só para nos podermos fechar tem alguma coisa que a senhora gostaria de falar algum porto que a senhora esqueceu e lembrou, algo que gostaria de destacar?

C6: Bom um ponto que eu gostaria que já que nós não pode desmatar, não pode fazer isso, eu gostaria assim que criassem uma alternativa para a gente se manter aqui dentro né! Porque nós não somos urbanos né, que viesse uma pessoa e olhasse avaliasse para nós ter um sustento aqui dentro né, porque muita gente eu acho que vai abandonar isso né, porque não tem como cada vez tá ficando pior para nós, isso eu sempre coloquei na reunião quando eu participava. As pessoas falam, (...) como que os filhos dos seringueiros vão ficar na colocação, que uma que deveria ter estudo também aqui até a oitava série para os filhos não ir para rua; outra que era, nós tinha que ter essa energia o que tá faltando é isso, tá faltando a luz e alguma coisa que ajude né. Para nós sobreviver aqui dentro né, porque viver de farinha e artesanato não tem para onde vender, eu até parei outro dia o professor da cidade, ele comprou um colar que era até meu, fui mostrar para ele e ele achou bonito e levou.

Iremar ok dona (...), eu agradeço pela suas contribuições eu queria perguntar se a senhora autoriza usar esta sua entrevista para fins de pesquisa só para fins de pesquisa, ou seja só para fins de pesquisa não pode ser usada para revista ou para outras coisas.

C6: bom eu acho que não tem nem um problema né

Iremar: não...

Entrevista realizada dia 06/11/2008

Local: residência na cidade – Guajara Mirim-RO.

COLABORADOR C7

Iremar: estou entrevistando o colaborador senhor (...) Colaborador C7. Bom para início da nossa conversa antes do senhor vim morar aqui na RESEX do Rio Ouro Preto por onde o senhor morou?

C7: Bem eu quando sai daqui da cidade eu fui mora no seringal do Rio Branco que fica nas margens do rio Guaporé isso foi em 1979; ai eu trabalhei 10 anos naquele rio e de lá eu sai e vim direto ai trabalhei 2 anos como pescador e 2 anos como trabalhando aqui na cidade principalmente na abertura dos aeroportos trabalhei 2 anos carregando panela nas costa levando comida para a piãozada- e ai eu achei que não tava dando certo o meu sogro arrendou as colocação na Rio Preto ai eu ele me convidou para ir para lá.

Iremar: o senhor lembra que ano mais ou menos

C7: isso foi em que ano mais ou menos isso foi em maio de 1978 e ai eu fui para lá, comecei trabalhando em 78 e gostei do rio ai eu sai mais , só que cada ano que agente trabalhava mudava e colocação. Por exemplo em 78 e 79 trabalhei no Floresta , em 80 trabalhei no Ouro Negro ,81,82 e 83 eu trabalhei no Concórdia) em 84 e 85 trabalhei em Macaxeiral, só que nesse intervalo, quando acabava o tempo desde 84. quando parava de cortar seringa, ai eu ia pra esse lugar que eu abri justamente hoje em dia onde a gente mora eu ai pra lá ai quando chegava o tempo da seringa ai eu voltava pra cortar seringa; em 86 eu trabalhei, eu fui trabalhar no Bicho, no igarapé do Bicho; no fim de 86 eu voltei e não trabalhei mais pra canto nenhum, ai fui cuidar diretamente da roça e cortar seringa ai mesmo até hoje

Iremar: Nesse processo de criação da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, quando começou as primeiras reuniões o senhor a participar desse processo?

C7: Cheguei

Iremar: Como foi que o senhor participou o que o senhor faz?

C7: É porque sempre existia as assembléias da na época era a ASGM (Associação dos Seringueiros de Guajará Mirim) e naquela época nós tínhamos como Presidente da ASGM o Boneco; depois que o Boneco saiu, ele perdeu a presidência, e inclusive teve ai um roubo de um dinheiro, eu vou dizer logo roubo porque foi roubo mesmo, ele perdeu foi afastado e ai muitos concorrentes apareceram pra assumir a presidência da ASGM. Então no tempo foi extinta a ASGM e criou-se outra associação e no momento eu não estou lembrando, mais parece que foi a ASROP mesmo; desde aquele tempo ASROP ai o presidente foi o Jorge da Silva Costa, que é o atual “Bêbe leite” conhecido, famoso e esse “Bêbe leite” ele sempre dava furo na associação, todo tempo lesava os seringueiros do Rio Ouro Preto; toda vida enquanto ele foi presidente todo tempo ele lesou, e o pessoal achava e dizia que sempre ia tirar ele porque não tava dando certo, ele tava enganado e roubando e fazendo isso e fazendo aquilo, mais era só papo, quando chegava o tempo de outra assembléia: agora vamos tirar o cara, vamos tirar o cara! Quando era na assembléia ai todo mundo votava nele, ele comprava o pessoal e aqueles que ficavam de fora que se doía, que não queria aquilo, começaram a imaginar uma outra associação dividir e foi o que aconteceu; ajuntaram-se na época o Luciano o Marcos os Avilhaneda o ... não tô lembrado quem foi o outro... há o Custódio também tava e ... não lembro mais, com o apoio do Antonio Saldanha, Chico Oliveira; aquele homem apoio muito naquele tempo ele era o Vice-Prefeito na época, mais ele apoiou. Ele, o pessoal quando vinha tratar dos documentos aqui na Cidade ele apoiava com a refeição, ninguém passou fome por causa disso, ele sempre apoiava alguma coisa de um jeito ou de outro ele apoiava. Então foi tempo que formou-se, sempre tinha aquela reunião pra articular, pra ver quem podia ser os diretores na época, e o primeiro como primeiro presidente foi o José Avillaneda... ai ajuntaram ...

Iremar: isso da ASAEX ?

C7: é, justamente que... que fundaram a ASAEX. Ai os da ASROP se doeram por aquilo e comeram a botar como diz o ditado meter catinga, ai dizendo que a ASAEX não ia prestar que era uma ASAEX (merda, balaio de gato) ai falaram todas aquelas besteiras, que logo, logo ia acabar, mais os diretores que assumiram eles foram tão responsáveis que até hoje existe e é a melhor associação que tem no momento pelo menos conta ela não tem, ela pode não ter nada mais conta ela não, enquanto que a outra ela estar inadimplente pra tudo.

Iremar: o senhor participou destas reuniões da criação?]

C7: Não dessas ai reuniões eu tive poucas tive pouca participação, nas reuniões de criação da Resex.

Iremar: Mais o senhor já morando lá, já ou seja foi o período da criação né ?

C7: É eu já morava lá mais só que eu pouco participei da criação.

Iremar: A nossa outra pergunta é sobre o Projeto Resex, o senhor sabe da existência do Projeto Resex, o que o senhor sabe sobre ele das atividades, e se o Projeto Resex trouxe alguma melhoria pra Reserva dom Rio Ouro Preto, o que o senhor tem a dizer sobre isso?

C7: Bem sobre o RESEX só melhorou uns dias, enquanto saiu o dinheiro porque na época saiu também um financiamento do RESEX; pra algumas pessoas inclusive nós pegamos esse dinheiro e na época era pra abertura de estrada de seringa e nós usamos ele; nós fizemos um trabalho bom a gente produziu bastante, porque foi uma ajuda só que pra muita gente não foi ajuda foi um atrapalho, muita gente achava que ele como muitos falaram que era um dinheiro de fundo perdido, então não se preocuparam em trabalhar, gastaram o dinheiro e acabou-se. Tanto prova que hoje em dia tem muita gente lá da ASROP que deve, nunca pagaram e então o pessoal se acostumou, se acomodou muito; à partir daí o pessoal começou a se acomodar porque só esperava o Projeto chegar e chegava, usava, gastava, acabava e parava por ali, ai ficava esperando o outro. Não souberam aproveitar, pouca gente aproveitou, inclusive a gente mesmo aprovétou pouco também porque e também pela falta de acompanhamento de muitos projetos. Os caras só fazia... eles só fazia iniciar, como por exemplo, a criação de galinha: perguntava: quem vai querer criar galinha? Eu quero, eu quero, então, tenho arame, tenho tela, tenho dois galos que foi dado; mas vai produzir o quê com dois galos?

Iremar: E as galinhas?

C7: Nunca chegaram; então aí muitos receberam o material: tela, arame, cavador, boca-de-lobo, enxada, pá, terçado e até machado saiu e o material estragou todo porque ninguém fez nada, acabou-se. Então isso ai eu considero que foi um atrapalho, mal administrado, não teve acompanhamento; o técnico chegava só pra dizer que ia ter aquele Projeto e que ia sair. De fato saía mais não acompanhavam, ninguém sabia como lutar com aquilo, como fazer... então, se acabava em nada... é um pouquinho do que eu sei.

Iremar: Ok e esse pouco, por exemplo, quem conseguiu (...) quem conseguiu aproveitar , desse pouco como o senhor falou, conseguiu fazer alguma melhoria ou ninguém conseguiu aproveitar nada ?

C7: Algumas pessoas conseguiram, eu pelo menos consegui ainda uma parte de algum materialzinho que eu plantei o primeiro café, ainda é obra do primeiro eu ainda aproveitei ainda fiz sem assistência nem nada mais eu consegui, e muitos não fizeram foi nada, nada, nada mesmo, mais nada mesmo!

Iremar: Receberam algum equipamento também?

C7: Todo mundo recebeu.

Iremar: e o que era que recebia?

C7: Receberam carrinho, receberam enxada, receberam martelo, um cavador boca de lobo, receberam é....

Iremar: Pra transportar receberam alguma coisa?

C7: E o Projeto o melhor que fez o melhor Projeto que saiu e que até hoje muitos tem inclusive nós tem foi os barcos...

Iremar: que era pra transportar a produção que ia ser gerada.

C7: Exatamente, foi a melhor coisa que saiu lá que até hoje tem, que muitos tem, inclusive lá em casa é aquele barco e o motor, o resto não foi, o resto foi bom, no tempo do Boneco. Por exemplo, dinheiro do Projeto RESEX, foi comprado um bocado de motor gerador, antena parabólica televisão e isso aí na primeira semana muitos queimaram e aí acabaram logo, logo, não foi um mês!

Iremar: mais era cada um que recebia isso ou era a comunidade?

C7: Cada comunidade, cada comunidade.

Iremar: Então o senhor acha que o processo de administração, ou seja, a assistência técnica pra vocês, para o Projeto produtivo e também essa parte administrativa dessas compras acabou comprando coisas que vocês acham que não precisava ou precisava mais ... seria dispensável

C7: Não... é..muita coisa não precisava e o objeto que precisava pra gente trabalhar não teve. Eu considere assim nossa parte... foi considerado os barcos bom, o motor também; claro que uma televisão com gerador é bom demais, mais foi entregue para as comunidades; quando quebrava a comunidade não se preocupava em mandar consertar, ficava esperando pra própria associação voltar e recolher e mandar consertar de novo, onde já se viu isso, não pode.

Iremar: Não conseguiu fazer uma própria organização na comunidade?

C7: Não, não

Iremar: Nesse período daí que teve como Projeto RESEX, teve um processo de discussão sobre o Plano de Utilização da Resex, o senhor acompanhou isso participou até onde o que o senhor acha?

C7: De algumas reuniões eu participei, quando às vezes era lá, era perto eu participava, mais quando era nas outras comunidades eu participei de uma duas reuniões sobre isso; onde muitos e eu fui um que achei muito dura a situação dos outros companheiros não entenderem pra que lado ia pesar pra nós, como foi o caso da questão da madeira, isso é muito discutido é muito ruim mais por que ...

Iremar: porque que não entrou o plano ou entrou...

C7: entrou no Plano só que de um jeito muito duro, porque ninguém podia mexer em nada, nada. E nós queríamos, muitos queriam que esse Plano servisse pra nós. Por exemplo: eu tô com essa casa aqui querendo fazer essa casa, melhorar ela; que a madeira dela não presta; e precisa da madeira. Só que essa parte foi colocada lá, o seringueiro que precisasse da madeira pra fazer a casinha dele que podia tirar e usar, mais muitos consideram que não, que não podia, porque o seringueiro ia se acostumar, não ia fazer a casa ele ia vender; e foi eu quem coloquei, pode ter uma fiscalização. Por exemplo: o cara tirava, ia ao IBAMA e dizia eu tô precisando de tantas vigas, tantos caibos, que eu preciso fazer a minha casa e podia ter essa orientação, alguém vinha olhar a casa do cara e se precisa mesmo então liberava aquilo, agora se o cara vendesse aí seria punido. Mais eles não quiseram e disseram que não, não e não. Tá certo é uma coisa que... mais, enquanto que muitos carregam, vende à vontade e agente não pode tirar uma madeira; e é uma revolta minha que até hoje tá parado isso aqui, por causa de que são dez vigas e vinte caibros que eu preciso e não posso, então eu considera esse Plano muito duríssimo pro lado da gente.

Iremar: Esse lado então o senhor aponta como um problema, que não foi trabalhado?

C7: um problema

Iremar: Teve alguma outra parte no Plano que foi trabalhada apesar de ter esses problemas, teve alguma coisa que o senhor concorda dele, alguma parte que serviu pra questão da Reserva em si, tem alguma coisa que o senhor considera importante.

C7: Tem, tem coisas que eu considero, como a proibição da pesca e da caça é muito bom isso porque o pessoal na época entrava a vontade pra caçar e pescar, matava os bichos e fazia e não tava nem aí. Ali onde eu moro existia um pescador que é o primeiro dono um pescador, ele saía daqui, a família dele morava aqui ele ia pra lá passava dois três dias só cassando;

enquanto tivesse cartucho ele tava atirando ai uns dois três dias dava dó de vê a catingueira e ia morrendo, morria de três, quatro queixadas aquilo era um absurdo aquilo eu fui contra toda vida. Então essa proibição foi uma coisa muito boa, a proibição de muita coisa que eu vi lá, por exemplo, a pescaria de arrastão e malhadeira, de arrastão mesmo, como foi uma vez eu vi; e inclusive esse cara já morreu, ele levou uns caras pra pescar e um arrastão ali no Pompeu; pegou tanto tucunaré, que quando foi de tarde as caixas que ele levou pra enxerem não coube, o motor do cara tava quebrado morreu um monte de tucunaré aquilo era um absurdo aquilo, então a proibição nessa parte ai eu achei muito bom a proibição e valeu a pena porque se não tivesse feito isso ...

Iremar: Então nesse ponto o senhor acha que foi importante.

C7: importante.

Iremar: Então hoje o que vocês tem lá se é pouco ou se é muito foi graças a essa proibição se não poderia não ter nada. Bom quando o senhor olha pra RESEX de maneira mais geral; bom primeiro assim dentro desse tema que a gente tem ouvido falar muito chamado de Desenvolvimento. Primeiro queria perguntar pro senhor o que o senhor entende por desenvolvimento?

C7: Bem dentro da Reserva com o pouquinho que eu entendo por desenvolvimento, foi, foi as entidades de apoio criarem escolas, por exemplo, pra dentro da reserva, isso ai é um ponto de desenvolvimento, uma coisa que antigamente não existia. Outro ponto de desenvolvimento é o, tá certo, fraco mas que tem, sobre alguma coisa sobre a saúde. Por exemplo, hoje em dia as entidades parceiras que apóia lá; tem aquele pessoal da SUCAM que aquilo é muito importante lá no Pompeu, em lugar do cara vir pra cidade ele já fica lá e se trata por lá mesmo. Então, ali eu considero uma parte do desenvolvimento que teve na RESEX.

Iremar: E quando o senhor olha pros outros espaços também vamos dizer assim produtivos. Como é que o senhor vê essa situação e agora vamos falar de projetos que geram desenvolvimento.

C7: Pois bem antes de chegar nessa parte que nós que é uma fonte principal do que nós temos lá principalmente na comunidade, foi o desenvolvimento de algumas pesquisas que começaram a exercer dentro da Reserva como por exemplo o da borracha FDL, essa borracha de hoje em dia; esse é um desenvolvimento muito bom por que se o cara soubesse aproveitar, ele tava ganhando dinheiro bastante e de boa qualidade, e não como aquela porcária que nós tínhamos antigamente porque aquilo era uma porcária uma imundice .

Iremar: Porque ela dava muito trabalho?

C7: Além de dar muito trabalho o próprio seringueiro, foi o que fez a sujeira. Por que o Banco comprava a borracha e financiava o seringalista, o seringalista não queria saber de qualidade de borracha ele queria saber de quantidade; ai falava pro seringueiro o cara eu quero borracha! O seringueiro queria pagar a conta dele mesmo então dizia “pêra aí”, juntava tudo que era porcária e metia na borracha, desde barro, pedra, pau, aquelas porcária que dá na seringueira que chama cabeça de nego. Metia no leite, metia na borracha o patrão comprava não tava nem ai e entregava pro banco, o banco quando mandava para as usinas, nas usinas apareciam as porcarias e ai foi quebrando, o banco foi perdendo o crédito nos caras e ai quem se lascou foi nós como seringueiros porque deixou de sair dinheiro pros seringalistas e nós deixamos de ser servidos pelos seringalistas também; então aí quem começou a fazer a sujeira fomos nós todos, os seringueiros e patrão...

Iremar: Todo mundo querendo ganhar ?

C7: Todo mundo querendo ganhar, no fim todo mundo se quebrou. Porque ai o seringalista deixou de receber o financiamento dele e nós deixamos também de ser financiado pelo patrão; então ficou tudo... Aí foi tempo que chegou a época da nossa borracha perder o valor e não teve quem quisesse comprar. Eu fui um que trouxe um tempo uma borracha pra vender trouxe uns 600kl. O único comprador era o finado Pedro Oliveira: rapaz chega aí! Tem um monte de borracha no quintal, rapaz eu não tô comprando; agora os caras não estão querendo receber

mais borracha. Pô cara e agora, eu tô vivendo só disso! Rapaz o que nós pode fazer? O que eu posso fazer contigo é o seguinte: tú deixa a borracha aí eu te dou um ranchinho e tú vai trabalhar, quando os cara resolver comprar a borracha eu te aviso; e aí ficou: se eu comprar tua borracha aí tú me paga a gente desconta, tá bom! Não tinha outra alternativa, não tinha, e aí eu peguei o ranchinho, levei, trabalhei, fui trabalhar na roça e quando foi no fim do ano eu vim de novo e aí rapaz? Nada! Nada! Então o que a gente vai fazer? E aí em Janeiro eu vim... Aí rapaz, os caras disse que eu podia comprar a borracha mais só que desse preço! Se na época custava por exemplo o preço de dois reais, não tava valendo a metade do preço o preço da borracha porque na época você comprava duas latas de óleo com um quilo de borracha, quando o cara foi resolver pagar não tava dando meia lata de óleo e as coisas tinham subido... Iremar, estava naquelas alturas; e aí o cara foi descontar, fez o preço de tudo e descontava; rapaz só naquele ranchinho que agente levou comeu quase tudo! Rapaz aquilo dava muita raiva, mais o cara aí fazer o quê? ia matar o cara, ele não tinha culpa também.

Iremar: Então essa mudança então ou seja, pra da borracha a tecnologia nova da borracha melhorou muito?

C7: melhorou muito gerou desenvolvimento...

Iremar: Quais outros produtos tiveram melhorias também pra vocês, que esta contribuindo com isso?

C7: Bem, a questão do... A única coisa que nós tivemos foi a borracha, a melhoria da borracha, mais aqui também a gente começou trabalhar na farinha e a nossa farinha melhorou muito; com a algum bate papo com a algumas reuniões sempre um alerta, um alerta principalmente que diz: rapaz vocês tem que fazer farinha, mais façam de boa qualidade que tem venda e realmente antigamente saia umas farinha muito feia lá. Agora não tem pouca gente que faz farinha feia a maioria e regular, não boa mais regular. Então isso foi um crescimento que teve também não muito mais que cresceu. E agora com esse Projeto aí, só que os caras não estão querendo; aproveita tudo, mais se todo mundo fizer .

Iremar: O Projeto que o senhor fala e ligar ao óleo vegetal é?

C7: isso, então naquela época também teve outro desenvolvimento nas comunidades, sim pra as comunidades, como por exemplo: a energia solar, isso foi uma coisa que ajudou e muito as comunidades, os cara já assistiam televisão tinha sua água fria e diretamente; as vezes muitos diziam a isso aí não é meu, mais é dele sim, mais que sempre, como aí no Pompeu você vê aquela situação ali: aquilo muita gente diz a isso aí eu não me sirvo disso, mais se o cara for prestar bem atenção, eu mesmo sou um, tantas vezes eu cheguei lá, pô me dá uma água fria aí cara, não é tão bom o cara beber uma água fria! e muita gente não vê isso e diz a quilo não serve aquilo é... Mais que alguma coisinha de algum jeito serve sim.

Iremar: e assim só para quando o senhor falava sobre o plano de utilização daqui e vocês estão atualmente discutindo o plano de manejo junto com o plano de utilização o que você acha que precisa mudar neste plano de utilização e aí junto com plano de manejo para adequar melhor com a idéia de vocês vai para o plano o que vocês acham que deveria muda aí;

C7: isso deveria no meu entender, a parte que me atinge, e que deveria te fixado e por exemplo, o óleo de copaíba que não tá regulado que muita gente tá tirando mais não tá regularizado; muitos tiram mais não tem a garantia vou dizer assim; outra coisa que eu diria e a roça que nos estamos diminuindo muitas rosa aqui na reserva

Iremar: esta diminuindo porque não ta abrindo mais ou estão aproveitando melhor aqui tem;

C7: aliás, tudo aproveitando melhor aqui tem e muitos estão se conscientizando com as queimadas que não deve ser feita a derrubada, então os caras estão aprendendo a preservar mais a natureza, mas os que trabalham deveria aproveitar melhor pelo seguinte: o cara derruba uma roça, dentro da roça tem muita madeira que deveria se aproveitar; os caras não querem que aproveite, deixar apodrece o carvão, muita lenha que sobra, estraga, que apodrece, mais não pode aproveitar, então para isso deveria ter fiscalização, para isso tem gente que trabalha nos órgãos competentes que atinge está parte do meio ambiente que deveria ir dá uma olhada

lá na minha opinião, de perto; chegar lá junto e ver, mais não vão, só ficam de longe, não pode fazer isso não - pode fazer aquilo e na realidade eles não sabe o que a gente precisa e como a gente vive lá, deveriam olhar de perto acompanhar.

Iremar: dentro desta situação de desenvolvimento da RESEX que projetos ou que também faz para do espaço mais que atividades né, estão podendo gerar rendas para vocês hoje que e um fator importante ?

C7: Agorinha a renda que nós tamos se valendo dela é a renda da farinha, principalmente é da farinha, porque muita gente trabalha em roça, mais não planta arroz, não planta milho, só planta a mandioca e mais nada lá e da roça, no meu caso lá e diferente eu não compro arroz, o arroz que eu consumo é da roça mesmo; então quer dizer que eu aproveito mais um pouquinho do que os outros, enquanto todo mundo deveria fazer isso porque talvez há necessidade do pessoal lá diminuísse, mais então o pessoal lá hoje em dia, a maioria do pessoal de Ouro Preto é aposentado, então aqueles aposentados sustenta aqueles caras que não são.

Iremar: então o senhor está apontando de certa forma os esteio da família depende do que entra na Reserva?

C7: exatamente

Iremar: isso e um fator positivo para reserva para manter a reserva ou um fator negativo, como o senhor ver isso

C7: Eu vejo um fator negativo para a juventude, por que eles não querem saber de trabalha e produzir mais; porque antigamente não tinha isso todo mundo trabalhava, tinha que trabalhar senão não comia e agora tanto faz se trabalhar ou não trabalharem come do mesmo jeito e o pessoal só vai beber álcool, tem aquele pessoal da Floresta e não só da Floresta está acontece isso

Iremar: e isso não contribui para o desenvolvimento da unidade e do bem estar da família,

C7: não, não

Iremar: o que o senhor acha que preciso assim no ponto de vista que se fosse pensar algum projeto ou alguma ação para lá para diminuir a dependência da graninha dos idosos e para evitar esta situação em que a maior parte da jovens ta...

C7: isso eu acredito que deveria ter uma conscientização maior de alguma entidade educação para a mocidade nova deixar de tá mamando nos velhinhos porque a maioria e isso lá e o que eu vejo, quase em todo lugar, porque atrapalha, atrapalha o desenvolvimento, porque os caras não trabalha, não produz, senão fosse isso os cara cortava sua seringa, sei lá, tinha que produzir

Iremar: agora o fato de eles não tá trabalhando não gerando o desmatamento!?

C7: e

Iremar: isso é modulado ou tem outro lado, como eles trabalhar sem fazer desmatamento

C7: é exatamente isso que eu me refiro, porque hoje ainda este o trabalho da borracha é isso ai e um fator muito importante, porque antigamente era nossa principal renda fonte de renda e agora como tá voltando a melhoria do preço estão incentivando o trabalho aliás, a produção isso deveria voltar a ter produção sem precisar de desmatar, sem precisar de nada; antigamente eu fui um mesmo que comecei botar roça, derrubei mato porque não tinha como da onde tirar; mais à partir que novamente tem valor a borracha, alguém que tá comprando e tá pagando, que não tá tão ruim, tá bem de preço, tá bom, da pro cara sobreviver, mais cadê, quem quer fazer? Tão acostumados a não fazer, então se todo mundo cortasse borracha não desmatava e tava produzindo;

Iremar: dentro desta perspectiva do aproveitamento melhor das áreas já desmatada como é que o senhor tem trabalhado esses espaços; o senhor tem trabalhado só com macaxeira ou com outros tipos de cultura também ou com outras atividade

C7: não, eu que agora eu tô plantando primeiro o arroz, planto a mandioca como agora tem um hectare lá, que eu tô ajeitando, tô plantando o arroz e a seringa e depois vou encher de

café, depois que a gente tem não é preciso desmatar é só limpar e colher acabou-se a desmatagem.

Iremar: o senhor fez algum consorcio dentro de alguma área de plantiu do senhor;

C7: fiz no meio do café nos estamos plantando a seringa no meio do café e o açaí e tem uma parte que tinha plantado agora paguei para o (...) e comecei limpar, foi plantado o açaí e o cupuaçu, e o cupuaçu já começou a dar já tá, já tem bastante.

Iremar: isso são alternativas de aproveitamento e de geração de renda

C7: de aproveitamento é e pro mato, pra capoeira não ficar aberta, você planta algumas árvores como o é o que nós estamos fazendo agora estamos plantando.

Iremar: isso pro senhor é desenvolvimento ?

C7: pra mim é, pra mim é

Iremar: dentro dessas perguntas todas tem alguma coisa que o senhor não comentou que o senhor gostaria de falar ainda ou já está satisfeito ou de repente tem alguma coisinha que o senhor deixou de falar e gostaria de mencionar?

C7: bem a coisinha que eu gostaria de sempre eu tocar sempre que falo eu gosta de tocar é sobre a questão da Usina, que muitos companheiros não estão cumprindo o tratado

Iremar: Usina que o senhor fala é de óleo vegetal

C7: é exatamente, eles não estão cumprindo quando tinha o coco bastante eles já estavam fazendo isso estavam trabalhando... e agora esse ano faltou o côco, esse ano vai ser um ano de queda mesmo de óleo, porque não tem coco; alguns cachos que tem, alguns cachos que tá caindo e vai buscar mais não tem. Então já tá fraco e os companheiros não estão querendo contribuir nessa parte.

Iremar: isso no seu entendimento tende a diminuir ainda mais o uso da micro-usina em função além da, como o senhor disse então do pouco envolvimento e ainda mais com a diminuição do coco. Porque que o senhor acha que ta diminuindo o coco?

C7: isso ai é natural, todo ano tem isso e a castanha é a mesma coisa, tem ano que produz muito e tem ano que produz pouco. Então isso ai é uma coisa que a gente já tem que se acostumar e esperar isso.

Iremar: é um ciclo da natureza ?

C7: é um ciclo da natureza mesmo.

Iremar: é importante essa informação, porque a gente não tem essa clareza, de achar que todo ano os cachos vão ser a mesma quantidade.

C7: é, porque o ano passado você vê que todas aquelas palheiras que onde você olhava estava cheio de cachos e agora você pra ver um cacho ali tá difícil, não tem no próximo ano com certeza vai ter bastante

Iremar: é e essa é uma preocupação, que tem coisas que dá para as pessoas intervirem, se tiver mais envolvimento pode ser um pouquinho de cada, um pouquinho de cada que da uma quantidade.

C7: exatamente pra não faltar muito mais já está faltando, já falta bastante, já falta um pouquinho, então quando faltasse muito o cara que tivesse interessado pra não faltar.

Iremar: bom a última, na verdade eu só queria verificar com o senhor se o senhor autoriza usar as suas informações pra aqui que eu gravei pra fins de pesquisa, se a gente pode usar as suas informações.

C7: não tem problema porque por mim são coisas que eu não to escondendo nada de ninguém, são coisas claras que aconteceu e está acontecendo

Iremar: Além de eu ter gravado aqui nós temos uma carta de sessão tipo uma autorização por escrita pra depois colocar junto como o processo que vai acompanhar e ai eu vou pegar pra lhe apresentar e pro senhor assinar pra nós. Bom eu quero agradecer por essa conversa porque o projeto de Pesquisa ele só existe se tiver colaborador pra gente poder ir compreendendo a dimensão das coisas e vendo como é que agente pode também na nossa reflexão a partir também da Universidade estar oferecendo informações que possam também ajudar aqueles

que planejam as atividades, aqueles que estão assessorando vocês, aqueles que estão na Gestão pra que possam ter formação ou outras leituras também sobre aquele espaço pra ver o que eles podem melhorar também a ação deles. Então nesse sentido eu queria agradecer .

Entrevista realizada dia 07/11/2008

Local: residência na cidade – Guajara Mirim-RO.

COLABORADORA C8

Iremar: Estou gravando com colaboradora C8, ah...Neste momento agora são quase dezenove horas do dia 07/11. Antes da senhora vir morar na rio Ouro Preto por onde é que a senhora morou?

C8 : Eu morrei no Mucambo no Rio Mucambo, no rio Abunã que diga, era o Rio Abunã e o Mucambo era a colocação, o seringal lá! A gente moramos lá, e eu tinha seis pra sete anos, saímos de lá e viemos pra Ouro Preto e ai me criei e até hoje já tô velha com cinquenta anos aqui na Ouro Preto.

Iremar: Há então já faz algum tempinho... Mas a senhora nasceu aqui em Rondônia mesmo ou não?

C8: Não eu nasci no Pará, mais sou naturalizada como rondoniense, cheguei, me registrei como rondoniense. Mais, fui batizada como paraense e sempre tenho a precisão e curiosidade de todo ano ir na terra que nasci, inclusive agora em dezembro tô indo lá.

Iremar: no Rio Ouro Preto a senhora morou em que lugar?

C8: Nós moramos no Macaxeiral; foram dois anos no macaxeiral, mais uns três anos na Maloca, na Fumaça que diga e depois fomos pra Maloca. A Maloca é o nosso setor

Iremar: Onde até hoje a senhora tem um lugar.

C8: temos, nós temos nosso lote, planta, temos a nossa colocação.

Iremar: Bom a minha segunda pergunta é o seguinte, a senhora participou do movimento de criação da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, a senhora acompanhou algumas?

C8: Nas primeiras reuniões?

Iremar: Nas primeiras ou mesmo depois, enfim?

C8: Logo no começo eu não participei não. Minhas crianças eram pequenas; meu marido que participou direto, desde a primeira reunião, eu não. Eu vim participar já a alguns anos que eu fui diretora e secretária da ASROP e tirei três anos de mandato.

Iremar: Há então a senhora fez parte da diretoria da ASROP.

C8: Fiz parte da diretoria

Iremar: que foi a primeira organização do Rio Ouro Preto?

C8: A primeira era a ASGM, como teve um probleminha acharam por bem mudar para ASROP pra vê se conseguia não pagar as dívidas que tinha, mais foi em vão, terminou pagando todas as dívidas do mesmo jeito.

Iremar: E a senhora então foi membra da Diretoria?

C8: eu fui membro da Diretoria e participei ainda do pagamento das dívidas atrasadas que tinha já.

Iremar: Entrou pra administrar as dívidas também. Bom, nesse contexto depois que a senhora começou a participar, da entidade da associação (tosse), a senhora conheceu o chamado Projeto RESEX, a senhora participou dele?

C8: Participei! A gente, como era e eu era diretora durante três anos, nós tivemos se não me falha a memória, foi três repasses do RESEX, mais muito pequeno que não daria condições de trabalho, até porque quando Resex vinha, já vinha estimulado pra que ia fazer. E ai, a nossa necessidade dentro de Reserva pra fazer o trabalho com a comunidade era outra, então ficava muito dificultoso pra fazer o trabalho dentro da Resex. Por isso que eu acredito que o Resex não andou muito, é... apesar de o RESEX ser um RESEX muito grande, mais nem ¼ saiu pra reserva; sumiu no meio da viagem... por lá; não sei o que aconteceu num veio; só vinha era um repasse pequeno; o maior repasse que teve foi de (tenta lembrar)... não tenho na memória agora quanto que foi, mais que foi pequeno e foi devido uma maneira, que era da maneira que eles queriam, era pra fazer isso - fazer aquilo, que não era a necessidade tanto que a gente queria fazer dentro das bases.

Iremar: E esse recurso que entrou que senhora lembra dessa época foi pra que?

C8: Pra limpeza de rio, pra limpeza de varador, pra reunião de base... foi só isso mesmo!

Iremar: teve pra motor e barco?

C8: não! Não compramos barco na minha gestão, não foi comprado nenhum barco e nem motor;

Iremar: mais assim lá pros comunitários...

C8: Também não, não foi comprado pra nenhum. Já tinha, na época que eu entrei era bastante equipado; todas as comunidades tinham três motor, tinha de tudo, tinha de tudo lá (tosse). Só que daí foi vindo, foi acabando, o pessoal foi acabando... Ai quando terminou o meu mandato eu não quis mais sair, por uma opção minha que eu não quis, por que a comunidade pensa que agente não trabalha porque não quer, não ia lá fazer reunião porque não queria; mais não é, é por que não tinha condição e você tem um gasto grande pra fazer reunião. Então tudo que eles queriam era igual criança, fosse ou que não fosse, então não dava de ser. Então a gente era muito massacrado pela comunidade mesmo, que dizia que a gente não queria trabalhar porque não queria. Mais não era isso, era o RESEX que não saia, num tinha como ir. Eu achei por bem não querer mais trabalhar na associação, porque a gente não consegue fazer aquilo que quer, então é melhor estar fora, o que a gente quer não... o que é de necessidade dentro da comunidade, essa é a verdade! Então, eu achei melhor estar fora e daí pra cá...

Iremar: Agora assim, olhando pro Projeto RESEX, mesmo depois que a senhora tenha saído, o Projeto ele trouxe alguma coisa de importante de melhoria pra comunidade ou, o que deu?

C8: Eu acredito que trouxe sim, porque foi feito abertura de castanhais lá dentro. Na minha gestão, varadores, foi feito limpeza de rio... não é essa grandes coisas, mais teve sim, na nossa comunidade teve sim. Porque só naquele rio que era cheio de pau, vai e faz uma limpeza, é uma grande melhoria também, e o varador também, que era tudo carente, então foi feito sim.

Iremar: A senhora falou das reuniões de base...

C8: Ah! as reuniões de base nós fizemos bastante; só não fizemos mais porque não dava mesmo de fazer, porque o Projeto saia uma parcela em um ano e quase com dois anos ia sair de novo, aí como que se tem pra trabalhar?

Iremar: E vocês tiveram acompanhamento técnico no Projeto?

C8: Tivemos um técnico era até o Flavio;

Iremar: Eles eram os colaboradores de vocês na gestão disso

C8: Isso na gestão do Projeto

Iremar: E como a senhora avalia a participação dos técnicos ?

C8: Há o Flavio ele foi muito bom; o Flávio, inclusive ele vestia a camisa mesmo o Flavio que trabalhava com a gente. Só que é aquela questão que eu te digo, não tinha condição de fazer trabalho porque o Projeto saia em um ano e às vezes com dois anos que ia sair à outra parcela. A gente ficava sem condições de trabalho e a comunidade quer saber que a gente vá lá e faça o trabalho que estão precisando. Às vezes eles mandavam chamar a gente pra fazer uma reunião lá no alto, como que ia se não tinha nenhuma gota de gasolina; se não tinha como colocar nem o diesel do caminhão pra ir? E muitas vezes o pessoal diz: “há é por que o pessoal da direção não querem nada os diretores”. Não é gente, é as condições! Da maneira que tá, se hoje os projetos não apóiam uma ajuda de custo pros diretores, meu prazo que dou é que daqui a uns cinco anos não tem um diretor mais nas associações por causa disso... Como é que eles vão, são seringueiros acostumados a viver lá na mata trabalhando, aí larga suas colocação vem ser um diretor de uma associação e aí não tem uma ajuda de custo, ele não vai comer “majar do céu” ele precisa ter uma renda pra ele viver e essa é a carência que eu tô vendo hoje, muito mais que no meu tempo. Porque no meu tempo ainda tinha uma ajudinha de custo pelo Projeto, passando de dois em dois anos, quase de dois e dois anos saia, mais saia, e agora que não sai mais, que não tem mais.

Iremar: Esse é um grande desafio.

C8: É um grande desafio, você chega lá na associação, cadê fulano? Ah, tá lá pra reserva fazendo farinha! Coitado, tem que ir pra lá. Agora a comunidade não vê isso, a comunidade quer que ele esteja na associação e ele não pode, que ele não ganha nada, ele tem que arregaçar as mangas e trabalhar senão vai morrer de fome!

Iremar: E aí nesse período do RESEX, também teve a questão de elaboração do Plano de Utilização da RESEX do Rio Ouro Preto, a senhora acompanhou isso, participou... Como é que a senhora avalia o Plano de Utilização?

C8: Não, não foi do meu tempo não.

Iremar: Ou seja, assim, eu digo assim, como participante, como extrativista, teve lá pra Resex do Rio Ouro Preto a elaboração do Plano de Utilização.

C8: Ah teve sim, mais eu não acompanhei a elaboração porque foi na primeira vez, nas primeiras reuniões, que foi criado lá na RESEX, aí criaram, tanto que os seringueiros eram tudo “cego”! Não sabiam nem o que era Plano de Utilização, tudo que eles diziam o seringueiro diziam: “tá bom assim os seringueiros, é assim mesmo que nós queremos!” Então, totalmente prejudicou eles. Aí depois que eles vieram ter conhecimento do que era o movimento, e que tava prejudicada, aí não teve mais jeito.

Iremar: Esse prejudicado era, porque que a senhora fala?

C8: É porque tem muitas coisas que tá fechado, e que eles não conseguem, que hoje eles querem realizar fazer os trabalhos, e não conseguem porque está fechado no Plano de Utilização, muita coisa está fechada, então é por isso.

Iremar: Aproveitamento, a senhora diz então de coisas da Resex!

C8: Aproveitar a madeira que tá caída no chão, que estraga todo ano e é muito e é um dinheirão que é queimado. Podendo pegar aquela madeira e tá todinha e fazer aproveitamento; então você não consegue por que tá fechado no Plano de Utilização que não pode fazer isso. E aí o seringueiro passa necessidade, passa fome lá dentro que eu sei disso... Mais, não tem como trabalhar por causa disso, se tivesse o aproveitamento de cada seringueiro e botasse, já não digo nem um hectare, pelo menos meio hectare de roça e tirasse toda madeira e aproveita-se, poxa! Tava tranquilo! Só que não aproveita... Tem lutado, ele vem lutando, vem brigando, às vezes vem e conversa, fala: gente não tem jeito, tá fechado no plano de utilização só se mudar se não mudar, nem pensem, se vocês forem pensar em fazer vão pegar cadeia.

Iremar: E ultimamente esta sendo discutido o plano de utilização?

C8: Tá sendo discutido mais geralmente o IBAMA não quer abrir mão, o IBAMA não abre mão disso.

Iremar: O que senhora acha, com essa reformulação aí, será que o extrativista vai conseguir melhorar também pro seu lado essa situação?

C8: Eu acredito que sim por causa que com o Plano de Utilização você pode fazer o remanejo do açaí, do buriti, do patoá e de outras plantas que tem lá, plantas medicinais, ou até do peixe, se tiver muito peixe que remaneje. Os que tiver lá né, então com certeza vai melhorar a situação dos seringueiros lá dentro e eles não vão ficar só derrubando mato; derrubando por que é lamentável. Eu lamento isso em todo canto que eu vou eu lamento. O seringueiro deixou de ser seringueiro pra ser pequeno agricultor. Você não vê quase seringueira dentro de Reserva do Rio Ouro Preto é por que já existe pouco, tá desmatando, a gente tá desmatando e antes não era assim, plantava mesmo só pra o seu consumo e pronto.

Iremar: Mais porque que não tá mais tendo seringueiro?

C8: A questão do preço da borracha tá muito baixo... Baixou demais, tá muito baixo. Teve um ano que na minha gestão, teve um ano que o pessoal com a borracha e não podia vender, até que nós conseguimos um contrato e aí nós conseguimos comprar a borracha barata mais comprava é o que tava fazendo. Dia pra cá vem caindo, a safra da borracha diminuindo, diminuindo e eu acho que tem que os Governos Federais junto com as organizações fazer um trabalho de conscientização pra o seringueiro volte a trabalhar de novo.

Iremar: É esse é um grande desafio. Mais a senhora então avalia que o Plano de Utilização (tosse). Se a senhora olhar hoje, se não tivesse o Plano de Utilização, o que a senhora acharia que situação estaria?

C8: Se não tivesse estaria tudo invadido, tudo invadido, da maneira que foi assim um pouco complicado, mais tinha que ter se não tivesse, já tinham até expulsado os seringueiros de lá e tinham entrado quem tem dinheiro pra tirar o seringueiro de lá e fazer campo e botar gado.

Iremar: É complicado a situação, mais assim, quando a senhora houve falar muito nessa palavra desenvolvimento, quando a senhora aí, com a sua experiência de extrativista, o que a senhora entende por esse desenvolvimento?

C8: Desenvolvimento sustentável. Olha eu, acredito que agorinha, agorinha mesmo tá muito emperrado o desenvolvimento, mais que quando tiver o plano de manejo aí sim aí pode dizer que vai ter o desenvolvimento sustentável, pois tem aí é riquíssimo de açaí só não trabalha quem não quiser! Trabalhar com Açaí, trabalhar com Buriti, trabalhar com Patoá, enfim outras coisas que aí sim, com certeza vai ter um grande desenvolvimento na Reserva do Rio Ouro Preto.

Iremar: Mais a senhora acha que só atividade produtiva já vai gerar desenvolvimento ou tem outras ações, que também vão ter que ser desenvolvidas ou que tem que ser melhoradas?

C8: Eu acho que tem outras ações que devem ser melhoradas. Por exemplo, a borracha é uma que tem que ser melhorada, essa é a principal por que o foco da Reserva Extrativista é a borracha que tem que ser melhorada.

Iremar: A senhora acha então que, é possível, ou seja, ter desenvolvimento na Resex; hoje tem alguma iniciativa que a senhora acha que já é iniciativa de desenvolvimento, ou coisa que precisa melhorar?

C8: Tem o IBAMA tá fazendo aí uns cursos pra fazer borracha, então já tá iniciando o IBAMA tá aí tentando, vê se resgata novamente a Produção da Borracha mais ainda, que ainda tá pendente é os preços da borracha que está baixo (tosse).

Iremar: Que mais a senhora acha que precisa trabalhar lá, a senhora falou também a questão do açaí. O açaí é um deles.

C8: É o Açaí é um deles que eu acredito que o pessoal que tiver mesmo.... Por que não é toda pessoa que serve pra tirar açaí não. Às vezes tem vontade, mais vai lá depois desiste e não quer mais saber. Mais se toda pessoa que tem açaí lá e que quer trabalhar pode dizer que vai viver tranquilo, porque aqui nós tem uma população de açazeiro de mais de 150 açazeiro. Chega na época do açaí acaba-se tudo.

Iremar: Então a senhora acha que é possível melhorar a vida do Extrativista?

C8: Com certeza é possível, eu acredito que ainda pode melhorar 100%.

Iremar: Só precisa de iniciativa pra isso.

C8: É só de iniciativa. O primeiro passo é o Plano de Manejo, sair esse plano de manejo sustentável. Não sei se sai madeira ou não sai. Porque o pensar do pessoal da Rio Ouro Preto é fazer uma plano de manejo madeireiro. Eu falei que isso não é por aí não... madeireiro... Aqui vocês tem o Açaí, vocês tem Buriti, vocês tem Patoá. Enfim outras plantas medicinais vocês tem; você vê o tanto de faveira, de unha de gato, de tudo que tem lá, que pode sim fazer um plano de manejo e vender e se vende. Tem o Babaçu que tem hoje. Hoje dentro da Reserva do Rio Ouro Preto aquela Mini-usina de babaçu que só falta mesmo é ampliar mais o pessoal e chamar pra si a responsabilidade e dizer: vamos trabalhar de verdade e pode até vender o óleo fora de Guajará-Mirim. Tá faltando é mão-de-obra do pessoal que não tá trabalhando. Pra mim eu ainda acho que tá fraco a questão de lá, eu não sei se porque foi centralizado, lá pra trás eu não sei... Mais que era pra estar mais forte... Mais até eu, que no dia que o rapaz chegou lá, que era pra botar no Pacaá Nova, que até o rapaz ficou meio assim com raiva de mim por causa disso. Eu falei que (Pacaás Novas) não tinha a matéria prima pra manter essa usina e não tinha, foi comprovado que não tinha. Quem tinha era Ouro Preto. Ouro Preto tem mais também depende dos moradores trabalhar. Mais tá de parabéns ali a Nossa Senhora dos

Seringueiros aquela usina; que possa ser disponível para as outras comunidades a luz pra eles lá também. E a esperança das outras comunidades é que eles estão lá mais esperando que vá, que passe também, que esse é um Projeto Piloto, mais que dê certo pras outras comunidades. E também nem toda comunidade tem a matéria prima que seria o babaçu, mais ai tem babaçu, tem buriti, tem patoá e tudo dá óleo, ai eu não sei se o motor queima.

Iremar: E a diferença é quantidade mais em fim; Ok tem alguma outra coisa que a senhora gostaria de falar agora nas considerações, alguma coisa que de repente nas outras a senhora não terminou ou que lembrou de alguma informação que gostaria de mencionar ainda?

C8: Não faço como diz o outro, acho que não, nós temos na questão Resex do Rio Ouro Preto, apesar que, eu saí da diretoria, mais eu faço um trabalho na Organização do Seringueiro, sou da Secretaria da Mulher faço um trabalho. Agora mesmo fiz um trabalho de saúde, tô fazendo, terminei o trabalho acho que por esse ano. Mais o ano que vem se Deus quiser nós vamos dar continuidade ao trabalho e saúde e nós vimos fazendo um trabalho a muitos anos já a mais de dez, que eu tenho um trabalho com as mulheres seringueiras com artesanato, com vários tipos de artesanato (inclusive até nós fizemos uma reportagem na revista Marie Claire), e tava vendendo bastante só que depois o pessoal lá dentro pararam ai parou e vender.

Iremar: Ok, eu quero lhe agradecer a sua contribuição e queria até perguntar pra senhora autoriza usar, ou seja, essa sua informação pra fins de pesquisa ou seja pro trabalho que a gente esta fazendo ai do mestrado, e toda a informação que a gente tem levantado ele é só pra esse fim, ou seja pra fins de pesquisa, não é pra jornal, não é pra revista não é pra nada, é só pra esse fim de compreensão e avaliação dos projetos e ai por isso que eu pergunto.

C8: Ah, deixa eu dizer uma coisa que eu esqueci. É que é muito carente dentro da Reserva do Rio Ouro Preto e é lamentável é que os filhos dos seringueiros só fazer até a quarta série, hoje nós estamos com o pessoal da universidade e dizer que vamos alavancar isso pra ver se consegue pelo menos o 1º grau lá dentro da RESEX, por que é tanto menino inteligente que não reprovam nenhum ano, mais que quando chega na quarta série fica parado, porque não tem condição de estudar; o pai não pode trazer aqui pra rua por que não tem condição mesmo, e as crianças ficam ai paradas e ai seria bom e a questão de eu autorizar pra pesquisa tá autorizado.

Iremar: É e esta registrado... E é importante porque a gente não vai... Nos resultados da pesquisa é importante que a gente destaque justamente essas observações de vocês, porque é que estão vivenciando ali, sabem a demanda que é, que nem sempre os órgãos, eles estão atentos pra essa questão.

Obrigado.

Entrevista realizada dia 07/11/2008

Local: Colocação/Sítio Deus é Amor – Ramal do Pompeu – Guajará-Mirim-RO.

COLABORADORA C9

Iremar: Estou entrevistando no dia 07/11/08 as 14:10, estou aqui com dona (...) Colaboradora C9, popularmente mais conhecida dona (...) no seu Sítio Deus e Amor, na Comunidade Ramal do Pompeu. Bom dona (...), mas vamos chamar pelo mais popular, dona (...). Antes da senhora vim morar na Resex do Rio Oro Preto, onde a senhora morava antes de chegar aqui?

C9: eu nasci no Porto Acre, aí... e sou filha de Sadoque Batista de Souza e Francisca Gonçalves de Souza. Dali do Porto Acre nós fomos trabalhar no Cautário. Com 13 anos eu saí da casa da minha mãe acompanhando um homem que era meu esposo, e aí eu fui percorrer todos os seringal de Remanso pra cá; começou no Cautarinho; conheço o São Francisco, Cautarão, São Domingos, São Miguel, Manoel Correia, eu conheço esses rios aí para frente, eu conheço tudo mais tudo mesmo.

Iremar: porque que vocês se mudavam tanto assim

C9: não por causa do seringal; porque às vezes a gente não se dava bem no seringal né! Não é que nem hoje, que às vezes a gente não se dá bem com os vizinhos, mais tem que agüentar que a colocação é nossa, aí não dá para mudar; não é que nem nas outras épocas, se a gente não se desse bem em um seringal, porque às vezes a colocação não era boa, aí a gente ia para outra colocação; só de cortar seringa a gente vivia, só de cortar seringa, mata onça, mata gato né! esse era nosso trabalho né, como hoje é.

Iremar: aí a senhora passou por estes seringais todos

C9: passei

Iremar quando foi que a senhora chegou à região do Rio Ouro Preto

C9: eu cheguei aqui em 86, aí eu fui trabalhar lá em cima na Colônia; da Colônia eu fui para o Sapezal, comprei uma colocação no Sapezal e aí do Sapezal eu vendi e vim trabalhar no “Pedro Doido”; daí eu vim embora para Guajará, que foi no tempo em 91. Quando foi a criação da reserva, foi em 91, eu até larguei o meu marido, porque o homem subiu no palco e disse: vocês garantem passar três anos só bebendo leite de castanha e tomando patoá e comendo palmito sem depender de marreteiro? e todo mundo bateu palma, aí eu fiquei com raiva porque todo mundo bateu palma, porque ninguém conseguia ficar três anos comendo só patoá, açaí, leite de castanha, aí eu passei 10 anos em Guajará; depois eu resolvi volta pra cá porque a vida para quem é acostumado a viver no mato, não consegue viver na cidade; tem tudo para viver na cidade mais não consegue, aí morar no mato para mim é uma felicidade por um lado, por um lado é muito bom.

Iremar: então quando teve esse movimento pela criação da RESEX pelo o que senhora acabou de dizer a senhora estava morando na cidade, mas a senhora acompanhou isso? Sabia disso

C9: Não eu não tava morando na Cidade não, eu tava morando aqui nós baixamos pra reunião que o Raimundo Barros foi que mandou buscar nós; nós saímos daqui que não tinha nem entrada isso aqui eu uma picada era uma picada isso aqui. Onde bem ali na frente, faleceu um filho de um colega meu o Assis, o finado Assis que é falecido hoje também.

Iremar: a senhora participou de algumas reuniões?

C9: participei durante os seis dias da reunião eu participei de todas elas até o final das reuniões

Iremar: e a sua participação foi só no início depois que senhora ficou morando lá a senhora não acompanhou mais ou mesmo assim a senhora continuou acompanhando?

C9: Não eu não acompanhei mais não, só fazia mesmo, o meu acompanhamento era só fazer comida quando os pessoal vinha aí de fora que nem o Brother o aquele outro o (...) era o Brent aí depois veio aquele outro técnico o Rufino o Celso, veio outro moreninho como era pó nome dele ? (...) o Jeferson, era só fazer comida pra eles porque eu passei até a fazer comida

que dei até um pouco de apoio pra os moradores que era tanto morador Iremar, tanto morador saindo daqui passando fome que você nem imaginava aqui logo que foi formada a Reserva

Iremar: Porque aqui ?

C9: porque não tinha marreteiro e a gente já tava acostuma com marreteiro vir deixar na porta da casa da gente que ninguém... e agente tinha muita vergonha como você ta vendo como até hoje meus filhos tem vergonha de vir falar com as pessoas, tinha vergonha de sair na rua comprando as coisas. Primeiro que naquele tempo o sapato da gente era sapato de seringá, a roupa era uma roupinha toda rasgada, melada de seringá também e aí a gente tinha vergonha e aí a gente passou muita dificuldade por causa disso, porque ninguém nunca tinha coragem de chegar na frente dos comerciantes e dizer eu quero isso, eu quero aquilo não e se não fosse o pai da gente ou o marido da gente, a gente não saía não.

Iremar: e então como o pessoal ia pra lá daí saía dessa situação e ia pra lá e tinha o apoio de vocês lá

C9: eu dava apoio a eles fazia comida pra eles as vezes eu vendia as vezes eu dava que tinha dó daquelas famílias, que nem a família do seu Paulo a família do compadre Manoel do compadre Manoel (...) toda essas famílias eu apoiei na minha casa aquela família do Boneco também, sempre eu gostei de ajudar essas pessoas, porque o negócio não foi fácil no começo não, não foi fácil. Hoje não, hoje tá graças a Deus!

Iremar: e quando, logo depois que teve a criação da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto

C9: Veio melhorar sabe com que, com ao Projeto.

Iremar: então é desse que eu quero perguntar pra senhora, quando teve o Projeto RESEX a senhora ouviu falar do Projeto RESEX?

C9: Ouvi sim...

Iremar: a senhora participou dele? Em que a senhora participou? Como é que a senhora avalia ele?

C9: Eu participei, bom hoje eu avalio de uma maneira, porque naquele tempo a gente avaliava de outra maneira. Porque quando veio o Projeto pra compra de um trator que foi trocado pelas antenas parabólicas, hoje a gente se arrepende de ter feito isso porque se nós tivesse um trator uma terra como essa a gente arava, ninguém precisava desmatar Iremar, você adubava uma área e você trabalhava que nem aqui tem duas hectares aí você arava essas duas hectares aí você passava anos e anos trabalhando nela , quando não agora nós não tem trator, nós precisa derrubar um hectare aqui um hectare acolá que não pode derrubar muito uma hectare não da pra nada e duas é demais, uma é pouca e duas é demais

Iremar: e na época então assim o projeto RESEX quais foram os benéficos que ele trouxe e quais foram os problemas que a senhora percebe?

C9: Rapaz o primeiro problema que eu vou te dizer que o Projeto RESEX trouxe foi que ele deixou a população, eu vou logo falar o português bem claro, deixou tudo preguiçoso que os nossos não sabem cortar seringá.

Iremar: Porque?

C9: Você sabe porque, porque ele beneficiou por um lado e por outro lado ele fez o camarada ficar preguiçoso tá entendendo, tá aí meu menino que não sabe cortar seringá não sabe botar roça não sabe fazer nada. Por causa do Projeto, sabe porque, na hora que ele tinha de estar trabalhando pra ir trabalhar pelo Projeto ele tava fazendo outra coisa pra ir assistir televisão de noite ou então atrás de um litro de gasolina combustível pra ir assistir televisão de noite, e muitas coisas favoreceu por um lado e por outro lado já não, tá entendendo, já desfavoreceu. Quer dizer que aquela hora que agente tinha que trabalhar, eu quero que tú me entende, trabalhar pra arrumar uma coisa o Projeto RESEX já contra mão aí agente não trabalhou então ficou naquele jogo, como até hoje tem gente ainda esperando pelo Projeto RESEX tá entendendo. Tú vê nessa questão de biojóia ninguém quer trabalhar na questão do Babaçu; tú vê quantas pessoas quer trabalhar, não quer, eu não to tirando muito bem do Babaçu, eu to me dando muito bem graças a Deus com o Babaçu, mais já tem gente por aí que não quer de jeito

nenhum. Olha, agora mesmo tá todo mundo ansioso, que Deus ajude que dê certo, que saia o financiamento das casas, como é que é o da moradia, auxílio moradia; pois é... então, o Projeto RESEX ele não tinha que ser aplicado assim ele tinha que ser aplicado de uma outra maneira que nem um plantio, como hoje nós estamos começando a entrar nos plantiu reflorestamento então tinha que entra nisso aí .

Iremar: Mais não tinha?

C9: tinha não, que nem buscar preço pra própria seringa que é a nossa tradição aqui dentro é a seringa, você vê que quando a mulher veio fazer o treinamento aí muitos pegam o treinamento mais não continua o trabalho então eu acho que o Projeto RESEX prejudicou as famílias aqui dentro pelo um lado ele favoreceu mais por outro ele prejudicou

Iremar: e a assessoria técnica no projeto?

C9: não teve assessoria técnica aqui dentro, ele nunca deu certo; sabe por que? não é culpa do técnico não, porque ele e gente muito boa; aconteceu que muitas vezes eu entendo e outro não entende, digamos, você não entende, eu não sei o que é para tu fazer, então eu vou fazer meu trabalho sozinha aqui digamos, eu vou fazer um plantio aqui né, eu preciso da orientação técnica, mais eu não entendo pra que serve um técnico! Porque muita gente, isso vocês tem que explicar quando for em reunião, o técnico é pra isso, aí eu mesmo não vou buscar, então quer dizer que os técnicos passaram por aqui e só comeram dinheiro, mais pra nós não valeu a pena, por que eu te digo e eu mesmo eu fui uma, porque se eu entendesse o que era um técnico, eu tinha ocupado muitas vezes o Rufino e o Celso que eram muito meus amigos, até hoje são, mais eu nunca ocupei esses dois homens porque eu não tinha conhecimento, eu não sabia pra que era um técnico; falava em técnico, pra que serve hoje; não, hoje eu sei, mais antes eu não sabia e ainda tem gente que não sabe assim. Os que são componentes de uma diretoria... Aqui dentro tem gente que diz isso, então não sabe nem o que é diretoria quanto mais um técnico, então o técnico é aquela pessoal que ele só vai vir na tua casa se você chamar não é verdade e muita gente não entende não vai chamar então tem que sabe...

Iremar: e no Projeto RESEX tinha técnico?

C9: tinha

Iremar: a senhora lembra de alguma s atividades que tinha dentro do Projeto RESEX e que foi concluída?

C9: a criação de galinha, a criação de minhoca, a criação de porco, o plantio de coco que nós não sabia. Olha nós não sabia nem como era o coco, nós achava que era comprado, que estragou todinho no Pompeu. Hoje se for aquela quantidade de coco lá pro Pompeu eu sou a primeira a ir buscar mil pé pra cá, mais naquela época ninguém foi-se, estragou tudo, que nem o plantio de Guaraná, também se estragou tudo lá .

Iremar: mais foram vocês que falaram que queriam ou não?

C9: não eles que fizeram por conta deles, mais mesmo assim se a a gente soubesse e tivesse uma orientação técnica, que dissesse seu técnico o que é isso, pra que é isso aí, como é que agente faz? Mas ninguém entendia. Então agora do jeito que esta e com a clareza que está agora é que era pra ter o Projeto RESEX, agora era a hora do Projeto RESEX não era naquela época não. Porque naquela, nós éramos que nem índio e nós estávamos sendo pegados, nós sendo amansados ainda, era Iremar, estou te falando! Tem gente que tem vergonha de falar a verdade, mais eu estou te falando a verdade. Nós não entendia de nada, nada, nada, nós só sabia cortar seringa e quebrar castanha, isso era o que nós sabia, que hoje nada disso tem.

Iremar: e o Projeto RESEX trouxe alguma melhoria? a senhora falou de antena parabólica , que teve. Teve outros equipamentos que veio equipamentos...

C9: teve, veio forno, veio plantadeira, veio uma serie de coisas, motor rabeta, veio barco, veio um bocado de coisas.

Iremar: e quando a senhora olha assim mesmo tendo tido esses problemas que a senhora levantou ele deixou a gluma coisa de positivo o Projeto RESEX?

C9: ele deixou na mente da gente, porque se hoje existisse o Projeto RESEX, hoje nós sabia aplicar ele bem aplicado, foi uma coisa que ele deixou na mente da gente, eu acho que não é só eu que digo isso.

Iremar: porque vocês participaram de capacitação?

C9: isso, isso, isso... hoje com o Projeto RESEX do que nós perdemos pra traz, hoje se nós, se fosse hoje, hoje nós sabia movimentar ele, porque o Projeto RESEX nós mesmos jogamos fora; foram nós mesmos que jogamos fora, não foram outros não.

Iremar: então a senhora esta de certa forma, avaliando que mesmo com aqueles erros, mais aquela abertura de olhos que vocês tiveram, de como terem usados pouco os técnicos, aquela lá foi como se fosse um passo de vocês pra fora da Reserva.

C9: foi uma lição, uma lição pra nós.

Iremar: muito bem, uma outra pergunta pra senhora que vai nessa linha do Projeto RESEX, é que nesse mesmo período várias Reservas Extrativistas elaboram seu Plano de Utilização. A senhora sabe do Plano de Utilização daqui da RESEX a senhora participou, como é que a senhora avalia isso como foi a sua participação?

C9: olha naquela época a gente fez o Plano de Utilização, que eu participei aqui daqueles dias todinhos, daquela semana lá de assembléia e nós dissemos aquilo, tudo aquilo, porque, veja bem Iremar! Nós cortava seringa, nós trabalhava com seringa, nós trabalhava com castanha, nós achava que nunca num dia da nossa vida nós ia precisar de uma madeira. Primeiro nossa cama era de palha de açaí, no canto da parede nós não precisava de uma mesa pra nós se sentar pra comer, nós se sentava no chão; eu não tô te dizendo que nossa vida era que nem índio, pior do que o índio talvez, e nós achava que nós nunca ia precisar de um pedaço de madeira, hoje se acabasse a seringa, está se acabando a castanha, porque veja bem, esse preço aqui que eu tirava 70 barrica de castanha, hoje eu não tiro sete latas, todas tiradas pelos fazendeiros. Então a gente achava que nunca ia precisar, nunca ia precisar de um peixe pra vender, nunca ia precisar de uma planta medicinal, então a gente botou tudo pra viver aqui, tirar e consumir tudo aqui dentro; eu vou tirar uma madeira e vender pro meu vizinho que ele tem lá no terreno dele? Eu vou tirar uma madeira pro curral do meu vizinho que ele tem lá no terreno dele? Tú tá entendendo, então nós fizemos o Plano de Utilização fechado em cima daquilo que nós vivia; nós achava que a borracha nunca ia cair de preço, porque é aquela coisa se o preço da borracha voltar como ta voltando agora, tú acha, quem é que vai mais mexer com madeira, nem eu, vou deixar minhas biojóias e já tô pensando em tirar uma colocação pra mim cortar Iremar, é... tú já pensou! Então a borracha é o nosso ouro é o que nós é acostumado a trabalhar com ela.

Iremar: vocês tiveram orientação técnica quando foi elaborado o Plano, tiveram técnico que acompanhou essas coisas .

C9: não, pra nos orientar não, nós mesmos dissemos com a nossa boca que nós queríamos assim, por que nós achava que nunca ia precisar das coisas que hoje nós precisa, e algum dia da minha vida eu pensei de trabalhar com óleo de coco aqui dentro com coco não!

Iremar: Mas e assim, quando a senhora olha assim, que por mais que vocês aprovaram dentro daquilo que vocês sabiam fazer, mas se a senhora olhar, comparando daquele tempo pra hoje, qual foi a importância de terem aprovado o Plano daquele jeito, mesmo com só aquilo que vocês sabiam fazer, com aquilo que vocês faziam vocês aprovaram esse Plano e quando a senhora olha hoje, olha pra traz assim e o que a senhoraalaria: há se não tivesse o Plano de Utilização, como é que seria?

C9: Ave Maria, por um lado se não tivesse o Plano de Utilização eu acho que nós tava num Deus nos acuda, porque nós não tinha mais reserva não!

Iremar: a é

C9: Porque veja bem, se não tivesse o Plano de Utilização, não era proibido eu vender a minha colocação eu já tinha vendido pra um fazendeiro e ele já tinha desmatado tudo não é verdade; se não fosse o Plano de Utilização nós não tinha mais peixes no Rio Ouro Preto,

porque os profissionais já tinham tirado tudo... então, não existia mais reserva se não fosse o Plano de Utilização.

Iremar: então a senhora avalia que esse foi um lado importante desse Plano?

C9: foi pra mim foi, esse aí foi!

Iremar: E quando vocês ... hoje, agora olhando hoje, como é que vocês estão olhando pra esse Plano de Utilização ou pra outro Plano, como é que vocês estão olhando e pensando?

C9: Rapaz nós estamos olhando pro Plano de Utilização com uma coisa assim que ele está amarrando os nossos pés e as mãos, porque nós estamos endividados e a única solução que tem aqui dentro pra gente tirar um dinheiro pra pagar nossas dividas é a madeira; é a madeira e não tem jeito não. Já procuramos de todo jeito, é a madeira. Não é vamos tirar ela e derrubar ali a madeira não, vamos tirar do roçado; aproveitamento da madeira, que nem as madeira da roça, por que olha veja bem; você vai botar uma roça, uma roça ela vai dar 2.500 a 2.600 por aí assim, do lucro que você vai ter dessa roça você vai ter 700 reais e se você tirar 3 árvores, você vai fazer 9.000 reais tá entendendo! Então, nós queremos aproveitar, se nós pudéssemos aproveitar (...) é aí que o Plano de Utilização tá empatando nós, porque se nós pudéssemos aproveitar a madeira da roça, a madeira de (lei), nós tirássemos umas toras, tirasse pra vender, o resto da madeira nós tirasse e transformasse em carvão, era uma boa. Mas nós não podemos fazer isso porque o Plano de Utilização não deixa nós fazer isso. Então, a madeira se estraga é um desperdício que nós temos; nós bota um hectare e perde essa madeira todinha! Nós estamos estragando o que pro futuro nós vamos precisar, é isso aí que eu vejo no Plano de Utilização.

Iremar: e atualmente vocês estão discutindo essa questão do Plano de Manejo

C9: estamos

Iremar: vocês estão fazendo algum debate sobre isso já ?

C9: estamos

Iremar; como é que esta sendo o debate entre vocês extrativistas e os técnicos?

C9: e a instituição Chico Mendes né!

Iremar: como é que esta essa discussão?

C9: rapaz eles não querem mudar não! Não querem mudar não de jeito nenhum o Plano de Utilização, eles querem ficar assim e cada vez mais eles estão (...) porque agora eles estão aplicando a lei do SNUC e a lei ela é bem mais fechada do que o Plano de Utilização, até gado né, porque você vê que tem uma fazendinha ali que ele abastece aqui o ramal do Pompeu e lá o ramal do Seringueiro de leite né, eles estão querendo tirar os fazendeiros da RESEX, os pequenos fazendeiros, os pequenos criadores, então eu acho que só Deus... eu não sei Iremar como vai acontecer isso aí não.

Iremar: mais isso tem sido discutido com vocês ou eles que estão dizendo?

C9: tem, tem sim só que nós deixamos a cargo deles.

Iremar: Porque?

C9: não porque nós mesmo não pode resolver, porque se nós disser assim: rapaz que fique os fazendeiro aí, que eles permaneçam aí e pare no que está, não desmate mais, tá entendendo, e viva só no que está aí... aí eles vão achar que nós é que estamos querendo botar banca! Por isso nós deixamos a cargo do Instituto Chico Mendes é eles é que devem resolver isso aí, mais que pela a gente, a gente deixava os fazendeiros aí, até porque era bom assim, cada um que pudesse, tivesse condições, criasse suas quatro ou cinco cabecinha de gado, pelo menos vinte tava bom, pra tirar o seu leitinho, num dia de um festejo como tem aí. Não precisava a gente tá correndo atrás pra comprar um pra aqui e pra acolá, a gente mesmo pegava do terreno da gente e matava né, bom eu penso assim.

Iremar: mais e as outras coisas com relação a negócio de peixe e outros recursos de madeira, na madeira também esta em discussão isso?

C9: Ta, não o peixe a gente nunca pode, a gente discutimos um pouco mais ficou assim pra cada família tirar só dez quilos cada família, o máximo sabe é dez quilos por dia na tarrafa, só

mais pra vender não, comercializar não. Outra coisa que nós estamos discutindo também é a ariranha, mais só que o interesse dos técnicos aí é muito pouco, pouco, pouco, pouquíssimo.

Iremar: Como é que a senhora dha par sua experiência, por tudo que a senhora já tem participado de cursos de capacitações e de atividades na reserva. O que a senhora entende por desenvolvimento, o que quer dizer isso pra senhora, desenvolvimento.

C9: eu vou te falar uma coisa, pra mim o desenvolvimento está muito bom, tá muito bom, bom, bom mesmo! Tu sabe o que está faltando. Eu digo assim, pra mim a minha pessoa tá entendendo. Porque quando eu vou assim pra um treinamento, eu aprendo mesmo, eu aprendo e trago e fico mesmo trabalhando naquilo, tu sabe qual é o problema, tu sabe que é o mercado, mais o desenvolvimento está bom demais.

Iremar: aqui na Reserva tem desenvolvimento? Como é que a senhora vê isso aqui dentro da Reserva, assim o desenvolvimento no geral vamos assim dizer.

C9: Rapaz o desenvolvimento aqui no geral está meio devagar;

Iremar: tem alguma atividade que está sendo mais aproveitada ou tá no geral está parado?

C9: porque as atividades aqui que é mais desenvolvida aqui tu sabe o que é, é a produção da farinha não é verdade! É a produção da farinha; borracha essa daí...

Iremar: está retomando, promete... e vocês acham que isso vai dar certo e que vai ser um fator de desenvolvimento a borracha?

C9: não, a borracha vai sim, se ela continuar do jeito que ela tá chegando o preço vai sim, vai ser muito bom; agora a farinha não, a farinha vai botar a reserva pra trás. Porque veja bem, nós somos 180 moradores daqui da Reserva, no mínimo todo ano cai 180 hectare no chão e aí quem toma de conta é o sapé, então por aí você tira, todo ano 180 como é que vai ser? Isso é quem bota só uma e esse ano todo mundo pediu duas hectares e 2 ha. x 180 famílias. Então uma coisa que eu digo assim pra você, que se eu fosse alguma coisa da Associação ou do Instituto Chico Mendes eu não tinha aprovado a casa de farinha aqui dentro, porque vai ensinar os nossos jovens só a desmatar, só desmatar...

Iremar: o que a senhora acha que precisa ser ensinado?

C9: eu acho que precisa ser ensinado, é como eu tô ensinando pra os meus meninos aí e trabalhar com, assim com as matérias primas sabe: o babaçu, pachiubinha, trabalhar nas biojóias, trabalhar nas plantas medicinais, é isso aí que eu digo, porque senão daqui a dez anos nós vamos ver essa mata todinha no chão, toda no chão. Em todas as reuniões que eu vou eu digo isso.

Iremar: então nesse sentido a senhora acha que se continuar nesse sistema só e tiver o incentivo do mercado só pra farinha o risco é de se concentrar como geração de renda só na farinha e isso significa, a cada dois anos, o aumento do desmatamento.

C9: isso

Iremar: e essas áreas de capoeira está sendo trabalhado algum projeto pra se recuperar elas?

C9: Está não Iremar, esta não, é o que deveria fazer, mais não tá não de jeito nenhum, está completamente parado, bom, até aonde eu conheço não sei lá pra outras, porque deveria se trabalhar né.

Iremar: A senhora falou que a senhora trabalha com biojóias. Nessa área do aproveitamento dos recursos naturais pra transformar como a senhora falou seja farinha de babaçu seja óleo, seja os artesanatos, ou seja outras esses produtos, eles colaboram com esse desenvolvimento aqui na Resex ou ele é simplesmente uma coisa passageira?

C9: Não, não, colabora sim, pode ter certeza que colabora. Olha Iremar, não por morte, mais o único ano que eu vou botar roça é esse ano, eu (...) e não boto mais, meus meninos estão tudo trabalhando com artesanato, tudinho aqui em casa que eu tô ensinando e estamos indo graças a Deus.

Iremar: muito bem, a senhora ocupou algum cargo já na associação ou em conselho aqui dentro ou representando a RESEX, representando algum espaço?

C9: sou vice-líder da comunidade; eu nunca foi líder da comunidade, só de vice-líder e agora de vice-tesoureira da Organização dos Seringueiros..

Iremar: da OSR?

C9: é da OSR

Iremar: de que período que período que a senhora foi

C9: desse agora que esta terminando o mandato agora

Iremar: há desse agora

C9: dia 17 de janeiro tem a nossa Assembléia

Iremar: Bom disso que eu perguntei pra senhora, desses pontos que eu perguntei, tem alguma coisa que a senhora não falou que a senhora gostaria ainda de falar ou de repente, a senhora deixou ou esqueceu na hora que tava falando, e que senhora acha que importante deixar registrado, que a senhora gostaria de falar?

C9: Eu tenho Iremar. Sabe o que eu tenho na minha mente aqui eu vou falar pra ti. Eu mesma queria arrumar um recurso ta entendendo, assim que tú que vive trabalhando assim com as comunidades, eu queria que tu desse um jeito, muitas vezes eu queria ter tido a oportunidade de falar contigo sobre isso, pra colocar aqui dentro Iremar uma escola de aprendizagem, assim de aprendizagem aqui dentro ta entendendo, e eu mesma queria fazer parte desse grupo tá entendendo, porque Iremar, eu vou te falar uma coisa, eu sou uma pessoa que eu trabalho com esse negócio de vidência, e até outro dia... trabalho com garrafada, fazendo cura para as pessoas, e ai vou te dizer uma coisa, está entrando a doença DST a AIDS. Eu trabalho com a Jacira dos Açaizeiros, e tá entrando essa DST aqui dentro a DST não é a AIDS não, é a Doença Sexualmente Transmissível e o que tem de menininha doente e rapazinho não esta escrito. Então seria muito bom uma pessoa que tem aquele lugar adequado, aquela hora pra ter aquela palestra com eles; olha tal dia vai ter aqui né, eu até que eu pedi, eu fiz esse Projeto lá pra OSR e ai foi aprovado, mais só que ai colocaram ai no barracão, emendaram ali no barracão; poxa! Não era pra ficar lá, vinha exclusivamente aqui pro ramal do Pompeu mais só que ai colocaram ali do lado, não era pra colocarem ali do lado. Eu falei era pra colocar na comunidade, mais na sede da comunidade, mais infelizmente nós não tem sede da comunidade aqui sabe, pra ensinar os rapazinhos a cantar, rezar, as mocinhas bordar, fazer isso, fazer aquilo sabe, pra tirar um pouco, porque você vê, eu vou nessas festas por ai, eu fico observando, meninos de 6, 7, 8, 9 e 10 anos tomando cachaça; tú já pensou uma coisa dessas! Nas festas isso não pode acontecer, daqui mais uns anos como é que está a nossa reserva

Iremar: Porque que será que esta acontecendo isso?

C9: Rapaz eu tenho pra mim que é um descuido, eu tenho pra mim que os integrantes da reserva eles deveriam ter mais um pouco de cuidado, mais um pouco de atenção, não cuidar só da natureza, como cuidar dos moradores também.

Iremar: e as famílias, como é que a senhora o vê o papel das famílias nesse caso, porque está acontecendo isso?

C9: É eu acho que isso ta acontecendo mais sabe porque, devido a situação financeira, porque não tem de onde os pessoal tirar a não ser da roça; tirar o saco de farinha você está entendendo, é por esse lado aí que eu tô vendo, porque olha eu vejo meninazinha pequena se trocando por um quilo de açúcar, se trocando por uma sainha, se trocando por uma sandália, tú ta entendendo, meninas de nove anos, meninas de dez anos. É porque tu anda só nesse trecho aqui, mas anda lá pra cima pra tú vê como é que é as coisas. Tú vê meninas com quinze anos pra cá já com o marido do lado, já separando de um e já arruma outro, tá uma barbaridade nossa reserva, e droga esta entrando dentro da nossa reserva também; é a droga, a bebida, a prostituição esta entrando aqui dentro, tem que dar um jeito nisso aí.

Iremar: é preocupante porque desenvolvimento não é só, como a senhora estava falando não é só cuidar da floresta é cuidar das pessoas também.

C9: Pois é isso aí que eu quero que tenha uma pessoa, eu já falei com o Zezito, só que o Zezito falou que eu quero ser mais que os outros e não é não, é que eu trabalho com isso, eu trabalho com as famílias e vejo.

Iremar: é preocupante, tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar.

C9: não

Iremar: Então, eu só quero agradecer e a ultima pergunta é se a senhora autoriza utilizar as informações que eu lhe perguntei antes sobre o Projeto e tal, se a senhora autoriza a gente usar essa sua entrevista pra fins de pesquisa pra o qual a gente esta fazendo, que eu lhe falei anteriormente mais aí eu preciso saber isso se a senhora autoriza o uso dessa sua entrevista nesse sentido que vamos e que não ser colocado lá entrevista toda é o seu nome vai ser só pego algumas partes né. A senhora autoriza e que além de gravar aqui a fala eu tenho uma folha pra gente escrever

C9: Pode sim, pode ser porque olha eu vou te dizer uma coisa aquilo que os olhos não vêem o coração não deseja, você vê, tem gente lá fora que pensa que aqui a Reserva é um céu aberto sabe, é uma jarra, cheia de rosas tá entendendo, mais não é não, não é de jeito nenhum.

Iremar: é composta por gente e tem todos seus desafios, muito bem, bom obrigado.

Entrevista realizada dia 07/11/2008

Local: residência na cidade – Guajará-Mirim-RO.

COLABORADOR C10

Iremar: Agora são 19:58, estou com o (...) Colaborador C10, conhecido popularmente como (...) né, mais é o (...), em sua residência, aqui no bairro Santa Luzia e aonde nós vamos então começar nossa entrevista. Bom antes de você morar na RESEX do Rio Ouro Preto onde foi que você morou?

C10: eu iniciei morando no Rio Cautário, inclusive eu nasci no Rio Cautário, num lugar chamado Bom destino, e de lá pra cá, eu fique lá até 1960, sai de lá, tinha cinco anos de idade né! A gente veio pro Rio Pacaás, que hoje é também uma Reserva Extrativista, e adonde nós fomos morar num seringal chamado São Francisco que fica dentro do igarapé São João; lá a gente morou um ano, daí nós viemos pro Pacaás de novo, prum lugar chamado é, Lago de Lama é donde a gente viveu longos anos. A maioria da minha infância foi lá, e na época não tinha escola, não tinha essas coisas e o patrão, a esposa do patrão, é ela sabia ler e escrever muito bem e tinha um primo deles, dela e dele do patrão, que ele se prontificou de alfabetizar a gente né! E aí nós caminhava é quarenta minutos... Naquele tempo a gente cortava seringa, que não era difumado, cortava seringa e defumava e caminhava no varador pra ficar até nove, dez horas da noite e assim a gente... A minha a maioria da infância foi lá, voltando de lá sai em 75 do Pacaás, inicio de 75. Até é maio de 76 eu fiquei aqui em Guajara Mirim aí trabalhando aqui na rua, daí 76 voltamos pro Cautário novamente, adonde fiquei até 1982, no Cautário, já tinha família, já tinha casado nessa época e daí nós, em 82, a gente perdeu um filho lá, aí a gente ficou desgostoso e vim pro Forte Príncipe da Beira. Eu morei até junho de 83 no Forte e de 82 a junho de 83, a gente veio embora pra cá eu já tinha perdido meu pai lá no morando no Cautário. Meu pai tinha falecido, a gente veio pra Guajará Mirim aí eu fiquei aqui; cheguei em Guajará, fiquei um dia, aí eu fui pro Ouro Preto. Aí entrei no Ouro Preto, cortei seringa no Ouro Preto de 83, de julho de 83 até 87, numa colocação chamada Boca do Monte em 87, aí 88 é aquela época a gente era arrendatário; a gente arrendava a colocação, pagava a renda pros patrão... Aí em 88 eu não quis cortar seringa, aí em inventei de ser o atravessador; aí eu arrendei o seringal chamado de Distrito lá né, que era do finado Conrado. Aí eu arrendei lá o seringal e tinha trinta e duas colocações de seringa; aí o que eu fazia, eu arrendava, eu arrendei da ex-dona, e cada um arrendava, eu peguei aquele um monte de gente; peguei recursos financiava com mercadoria essas coisas, aí eu arrendava. Eu cobrava naquela época e a dona do seringal arrendou o seringal pra mim por 100kg de borracha por cada colocação no verão e eu arrendava por seringueiro por 130 kg; aí se fosse quatro estrada era mais, dependendo se fosse três estrada sempre menos e assim eu trabalhei um ano né! No inicio e no final do ano é já de 88, é foi quando o saudoso Chico Mendes apareceu aqui em Guajará Mirim. E daí nós marcou um encontro que daí o movimento já, a gente já havia falado pelo radio mais a gente não tinha conhecimento daquilo. Chico Mendes veio aqui em Guajará Mirim e aí tinha uma pessoa que trabalhava na época no IEF que é o Jeferson que hoje ele trabalha no IDARON, e o Jeferson teve contato com o Chico e daí foi quando a gente... O Chico marcou um encontro e aí já aqui em Guajará Mirim já pra se iniciar o movimento né. Aí o Jeferson subiu o rio, ele e o Carlinho Axa que é outra pessoa que também, deve tá na Sedam hoje, subiram o rio... aí tinha um pessoa que foi o Francisco Carantino, ele foi a pessoa que trabalhou muito em gerencia de seringais, tinha todo o conhecimento, ele começou a subir o Rio Pacaás, Rio Novo, Ouro Preto, colocando pessoal, só que quando tava todo nesse movimento, foi quando assassinaram Chico Mendes e daí o encontro que ia acontecer no mês já não aconteceu, que era pro mês no inicio de janeiro, já não aconteceu, aí já foi acontecer já em fevereiro, final de fevereiro. Aí já veio o Raimundo Mendes de Barros, que era primo do Chico Mendes, acho que tu conhece ele que, foi vereador lá em Xapuri. O Raimundo veio e a gente se ajuntamos naquela época e eu acho que

quatrocentas e poucas famílias, tinha entre Ouro Preto, Pacaás e Rio Novo. Como a história era segura o movimento de extinguir o patrão ou arrendatário porque todo mundo achava que era uma exploração né, e além de você pagar aquela quantia X, cobrava mercadoria cara; então aí se fez o encontro; aconteceu o encontro, aí a discussão foi em cima disso. Na época a gente não tinha uma visão que que era a Reserva Extrativista, o que que era uma associação; aí se discutia se criava associação no movimento pra poder dar início da criação da Reserva Extrativista. Aí se discutia ou se é melhor criar uma associação, aí o outro dizia, ah, ou então um sindicato. E naquele (...) a gente começou a discutir; o certo é que em todas aquelas discussões é a gente terminamos criando, é sendo criado uma Comissão. Um que representando o conselho a nível regional, a nível de estado e regional. Aí vamos escolher nomes; vamos criar uma comissão e escolher nomes, e aí na época apontaram fulano e fulano... aí teve gente que disse não o Boneco, não porque o Boneco ele já é atravessador, só que eu fiz aquilo obrigado, porque num era a coisa que eu fazia, era praticamente porque a necessidade obrigava. Mais não era porque eu tinha aquele pensamento de ser patrão né! Aí inclusive a Deise falou não, o seu (...) não porque ele já é atravessador e tal! É mais em cima daquilo o povo sempre como é, acabaram me escolhendo; aí escolheram eu e o Manduca, o Aldenor, o Valmir Galvão é o Zé Maria e eu não lembro, ah o seu Luiz Gregori, seu Luiz Gregori é um soldado da borracha, aí saiu nós seis, aí os seis não, vamos pra lá, vamos pra votação. Tinha mais nome, mas eu num tô lembrado mais eu sei que deu, era pra sair seis dos nomes saiu seis. Eu fui uma das pessoas mais votadas na época é, eu nem lembro, acho que com 70 ou foi 90 e poucos votos na época; daí depois veio o Manduca e assim foi indo. Aí foi feita a comissão. Aí que aconteceu o encontro em Rio Branco e tal dia tal de março. Aí essa diretoria que foi escolhida de representante já participou; aí nós fomos lá representar em Rio Branco. Participamos do encontro lá, aí foi escolhido uma pessoa pra representar a nível de Estado, que tinha a comissão, mais tinha que ter um pra representar, aí nós escolhemos o Manduca. Achemos por bem aí escolhemos o Manduca, inclusive ele foi uma ótima pessoa é, na época, só que foi pra ficar de presidente da Comissão né. Manduca ficou um pouco tempo, mas aí vem aquela briga: cria a associação - não cria, se discutindo, trabalhando em cima. Aí vem a questão de se criar a Reserva Extrativista. Cria uma comissão entre INCRA, EMATER, EMBRAPA é na época IEF, IBDF. Eu sei que nós ficamos dezoito dias nesse Ouro Preto com aquela equipe e fazendo levantamento de solo, dessas coisas; eu e o Manduca fizemos parte dessa Comissão; o Zé Maria foi escolhido, mais o Zé Maria na época ele era funcionário da Ibel que era uma usina de borracha que funcionava aqui atrás, bem por aqui assim né, (aponta a direção onde a usina era instalada), aí ele era uma pessoa que já tinha trabalhado muito no seringal, tinha origem, mais ele estava empregado né! Aí ele participou do Encontro em Rio Branco, aí voltou de novo pro trabalho e aí a gente participamos dessa Comissão e aí escolhemos tudo e tal e tinha uns atravessador que ainda ficou lá dentro, que era o Seu Leal, era o Jorge Manusaki, Élio Manusaki, e não me lembro quem era a outra pessoa; tinha outra ainda que eu num... ah, o Manoel Soares também que era morador lá, era atravessador. Mas só que depois nós dois puxemos ele né! E assim se iniciou o movimento... Aí cria a Reserva Extrativista? Tá, tá, tá, e aí vamos se criar! Aí vamos criar a Reserva Extrativista. Aí o Manduca, nós tava no Ouro Preto quando saiu um aviso chamando é o Manduca, que justamente, já era pra assinatura da criação da Reserva, do decreto. E aí o Manduca tinha que ta, isso ainda lá no Ouro Preto, o Manduca, tavam chamando assim, vamos dizer, assim como hoje, tem que tá amanhã meia noite em Brasília. Aí ele veio da comunidade, saímos de lá, aí o Manduca vai pra Brasília, que era o último mandato do Sarney. Nas últimas horas do mandato do Sarney foi assinado o mandato da Reserva do Ouro Preto, que é o decreto de 99.960 né! Aí foi criado a do Ouro Preto, foi criado a do Chico Mendes e outras; foram as quatro federal: Ouro Preto, Chico Mendes, Cajari e Alto Juruá, isso foi criado tudo num dia só! Criamos a Reserva e tal, agora vamos trabalhar nela e trabalhar na Associação. Aí foi quando surgiu aí o movimento naquele tempo de abastecimento do pessoal. Tiramos os patrões e o pessoal ficou

tudo sem condições de comprar rancho, ir na rua né! Naquele tempo não era todo mundo que tinha barco né! Aí vamos criar uma comissão pra se trabalhar no barco. Marca outro encontro em Conselho, vamos escolher agora um representante legal pro conselho do Estado de Rondônia. Marcamos o encontro entre seringueiros e companheiros indígenas em Porto Velho. Aí o pessoal vieram de lá de Brasília e de lá de Rio Branco; aí foi quando me escolheram como representante legal do Conselho Nacional dos Seringueiro (CNS), aí eu fiquei participando como representante do Estado.

Iremar: e isso foi em que ano?

C10: Isso já foi em 92, de 91 pra 92, aí nós já tinha criado a Associação, não, aliás, não, aí em 90 em 1990... é foi, nós criamos em 89 o Movimento; em 1990 foi criado já como representante legal, fiquei do Conselho; aí criamos o Conselho; é o representante legal do Conselho pra representar o Conselho. Aí começamos a fazer investimento de mercadoria pra já na população do Ouro Preto e tinha o Juan Carlos, acho que você conhece o Ruan, ele foi uma pessoa que ajudou muito e daí fomos trabalhar encima da criação da Associação, quando Chico Leonel, quem nem nesse barco, Chico Leonel viajou com nós; aí ele já pegou esse barco. Aí o Zé Maria já tinha parado, a empresa dele já tinha fechado, aí ele passou já a acompanhar o movimento de mais perto, aí criamos a Associação do Seringueiro. Aí o Chico Leonel foi o primeiro presidente da época, onde escolheu a chapa 1. naquele tempo não tinha aquela briga chamada de poder né! Aí o Chico Leonel foi o primeiro presidente e isso em 91. Criamos a ASGM. Aí vem a Cida e a Ana Maria, aí criou uma história, o Manduca tava em Porto Velho e o Zé Maria de criar um Conselho Estadual. Aí nós na época, era representante legal do Conselho, aí eu comecei a virar... não, eu acho que pra nós criar um Conselho Estadual não vai dá certo, porque já tem o Conselho a nível nacional. Aí eu entrei em contato com Rio Branco, o Raimundo veio de lá pra cá; criou uma discussão. O encontro foi marcado na Câmara e se cria e ta, ta, ta... Nessa discussão foi que a gente começou é, aquelas discussões de movimento, que ainda era, já tinha o Conselho Nacional e se criasse novamente o Conselho Estadual... Aí foi quando surgiu a idéia de se criar a OSR. Aí foi quando se criou, aí inclusive o Manduca foi primeiro presidente. Aí já começou... criou a OSR, aí já foi o escritório em Porto Velho. Aí já começou a representar os seringueiros a nível de Estado pela OSR. Aí até o encontro do Conselho em 2000 em 2000 em 2002 (...na dúvida pergunto se não é 92); é em 92 melhor, é que eu confundo, em 92. Aí criamos a Assembléia do Conselho e quando deu no representante legal, aí vamos escolher; tú vai ficar como vice aí eu disse rapaz eu..., Aí, vai ficar como Primeiro Secretario, daí vamos escolher, tú vai ficar como vice, você vai, eu digo eu também não quero, aí queria ficar como... aí eu queria..., eles faziam aquela zoada danada... Aí eu vou aceitar dá um tempo! Aí eu fiquei pensando até que eu disse: então tá bom! O coordenador na época que era o Julio Barbosa, disse: não tem outro e tú mesmo aí eu botei o meu nome como primeiro tesoureiro do Conselho em nível Nacional daqui de Rondônia. Aí eu tirei o mandato do Conselho que era 03 anos. Aí representava o Conselho... aí foi quando acaba o mandato do Chico Manoel, que era dois anos da ASGM... Aí foi quando veio a Assembléia da ASGM. Aí a gente brigaram para botar o nome à disposição... e nisso sei que saiu a diretoria na época que era do Chico Manoel. Aí eu ganhei as eleições na época.

Iremar: em 93!

C10: Isso em 93 ganhei as eleições... aí continuamos trabalhando na Reserva do Ouro Preto né! Tanto na parte de organização de movimento, na questão social né, mais a gente esquecia... eu sempre falava eu acho que é bom colocar uma pessoa para fazer das políticas públicas, porque as vezes você cuidava da mercadoria, da questão social, mais tinha alguém para fazer isso e a gente começou trabalhando nisso. Eu sei que a gente chutou e nós até tinha um costume de dizer que o Raimundo me ensinou muito, foi uma pessoa que ajudou muito a gente. O Dom Geraldo também aqui né, é que o nosso movimento aqui foi o movimento não cresceu, inchou demais né!

Iremar: foi muito rápido?

C10: É foi muito rápido, porque na época a gente não tinha muito conhecimento né, então eu achei que a coisa cresceu demais por isso que hoje talvez deu muito problemas. Eu sempre dizia para ter paciência que a gente aprende ler não no primeiro dia que senta no banco de aula; e a gente começou a crescer muito... eu sei que daí a gente foi... chegamos num ponto as entidades que na época financiava era a OXFAM, era DRC, acho que a DRC era do Canadá... eu sei que tinha a Pão Para o Mundo... tinha outros, o PEMACI, que financiou a ASGM. Como era uma associação nível municipal na época, ela chamava atenção de muita gente; tinha muitos participantes, muitos simpatizantes que chegavam né!

Iremar: logo pós a ECO 92?

C10: Justamente, e na época a gente foi muito assim visado, porque ninguém aceitava a reserva... Você vê essa Estrada do Pompeu, a reserva é criada dali de onde começa a serra, daquela da entrada do Soldado da Borracha... O primeiro decreto dizia vai ser criada ali e tinha um fazendeiro lá dentro que ele ficou muito doido, enraivado e ele no fundo tinham razão, porque eles achavam que iam perder tudo aquilo de uma vez; eles ameaçaram a gente e chegou num ponto de eles chegarem na Associação com revólver na Associação dos Seringueiros e me caçando, e a Rosalina na época era a secretária da gente, o Zé Maria e um senhor chamado Gregório que já é falecido me esconderam dentro do banheiro e disse “ele não tá aqui... ele não tá aqui”, e ele doido caçando assim que nem um louco e aí me esconderam dentro do banheiro e eles disseram: rapaz vamos ter que registrar ocorrência... Mas, aí por falta de sorte dele, sorte nossa e azar dele, ele fez uma loucura aí e assassinou uma menina, eu sei que ele teve de fugir daí... ele foi embora pra Bolívia e aí a gente ficou mais calmo. E aí a associação, ela só cresceu e eu consegui na época um quadro de 476 sócios; é entre sócios honorários e efetivos porque tinha aquelas pessoas que queriam, que nem aqueles do Ramal do Lago das (...) tinham muitas pessoas aí que eram ex-seringueiros que foram agricultor e eles queriam contribuir com o Movimento, mais aí como eles não ficavam na área da Reserva a gente botava eles como sócios honorários e eles contribuíram, só que aí eles podiam votar, mais não podiam concorrer... Era um medo e um cuidado que agente tinha, era esse deles tomarem o poder na época; e assim a gente foi crescendo aí isso em 93. E em 95 aí eu criei eu formei, eu abri umas discussões pra se criar 03 anos de mandatos na Associação, que justamente eram os três anos de mandato do Conselho: eu era o Tesoureiro do Conselho Nacional do Seringueiro e Presidente da ASGM. Aí quando termina em 95, terminou o meu mandato no Conselho e aí eu disputei a Presidência da Associação novamente; torneia a ganhar novamente e aí disputou o Zé Maria e o Chico Leonel novamente e eu tornei ganhar de novo! Só que aí já se discutia o famoso PROJETO RESEX I. Aí se criou a discussão do RESEX e foi aquela correria... O pessoal era o Tanuso, o Feitosa e na época era o Dr. Rafael, e aqui em Rondônia era o (...) e aquela discussão e vem, e corre, e vira e mexe, e eu sei que sai-não-sai e aquela... Até que a discussão do RESEX já era uma discussão antiga né! Mas em 95, aí até quando foi em (...) eu não lembro a data de 95, mas sei que foi no começo, acho que mês de maio por aí, aí me convidaram. Quando eu assinei a primeira parcela do RESEX I pra Reserva do Ouro Preto era um valor de (R\$ 739.000,00) eu lembro bem, como se fosse hoje 739.000,00 mil, aí vinha dividido em 04 parcelas: a primeira parcela seria 239.000,00 que era a parcela maior. Aí assinamos o Projeto, a parte que era do convênio que vinha pra Ouro Preto. Aí passou o prazo, a assistência assinou, eu sei que uns dois meses depois que eu assinei o Projeto, foi quando chegou a primeira parcela; aí chegou de uma lapada os 239.000,00. Só que no RESEX dizia o seguinte: que nele não podia se trabalhar com dinheiro vivo, tinha que ser cheque, se eu fosse comprar dez sacos de farinha, vinha por rubrica, gasolina tanto, tudo vinha por rubrica: gastos administrativos, materiais didáticos, todas essas coisas eram por rubricas. Então você tinha que dizer que, você não podia lutar com dinheiro, tinha que ser cheque, se eu ia pagar a água e luz eu tinha que fazer duas folhas de cheque, uma pra água e um pra luz que eu ia pagar. Na época, nós tinha um quadro de seis funcionários na Associação, então tinha que ser um cheque pra cada um. Então, vinha recursos pra um monte

de coisa; vinha recursos pra compra do caminhão que até hoje é esse famoso caminhão que roda por ai, e veio pra compras de motores, comprar rádios amadores (dez rádios amadores) e daí é veio recursos pra comprar um trator; na época nós queríamos um trator que justamente era pra fazer esse transporte, pra puxar nesse ramal que não podia entrar, que naquele tempo as estradas eram ruins. Só que na época o dinheiro que sobrou se eu não me engano era 26.000,00, parece que o dinheiro não dava de comprar o “bodinho”. Ai tinha a parte que você investia na parte de produção, alimentação essas coisas etc. e tudo era por rubrica. Como não deu, a gente comprou aquele caminhão e ele foi 46.300,00; aquele caminhão foi comprado em 95, mas ele é ano 94, porque o ano 95 custaria na época 46.700,00, o mesmo carro só que com essa diferença de ano. Ai a gente precisou comprar 94 e pagamos 46.000 e os 26.000,00 que era pra compra o “bodinho” que não daria mais, o que nós fizemos!? Eu fiz um ofício pra Brasília e na época o (...) eu esquece o nome da pessoa que gerenciava lá em Brasília, eu fiz um ofício pedindo se eu poderia usar uma (...) chamada pra investir em outras coisas. Ele falou que poderia se fazer. Ai nós fizemos as reuniões e discutimos em que poderia ser investido e como tinha aquela questão da parte de informação, que a gente preferiu equipar as comunidades com grupos geradores, parabólicas e televisão (..) pra eles ficarem mais informados e ver jornal... e a gente equipou na época. Como o Projeto era da RESEX do Rio Ouro Preto a gente não podia investir no Pacaás... Investiu no Ouro Preto... Ai nós compramos sete parabólicas, sete grupos geradores e sete aparelhos de televisão que naquele tempo era dividido em sete comunidades e equipamos as comunidades com esses equipamentos e compramos um meio de transporte pra eles; acho que compramos 84 motores rabeta se eu não me engano, aliás entre os grupos geradores e as rabetas deu 84 e a gente equipou... bem compramos mais uma voadeira a Chico Mendes! Eu sei que nós equipamos bem as comunidades na época, só que é aquele problema, a gente quando... aquilo que eu te falei no começo que, cresceu muito o movimento, então o povo não sabia de onde saia aquilo e a gente não teve aquele cuidado que tem hoje. Então as coisas (...) e ai a gente tirou o ano de 95, quando foi no final da Primeira fase do Projeto a gente não gastou tudo, sobrou um restante, acho que de 24 ou 26 mil se não me engano. O que eu poderia fazer, eu tinha que mandar um ofício pra Brasília justificando, ou então eu tinha que fazer a devolução do dinheiro porque eu não tinha gasto. Como na época eu era o tesoureiro do Conselho Nacional, que terminava meu mandato no inicio de 96, eu deixava o cheque assinado com a minha tesoureira (ASGM)... Então eu deixei o talão de cheque assinado e viajei pra Brasília e voltei de Brasília, fui pro Pacaás e nesse meio foi quando teve aquele problema, que ela desviou vários cheques em nome dela, do esposo dela, do filho e depois deu aquela briga toda, que acabou sobrando pra mim. E nessa briga toda foi quando surgiu... eu mandei um ofício pra Brasília e pedi uma auditoria, veio a auditoria de Brasília. Trouxeram o pessoal da Cooperativa pra ajudar e foi quando a gente começou a descobrir e eu fiz um ofício, mandei pro banco do Brasil o pedido das cópias de cheque e eu consegui, só de dez, porque dos outros segundo o Gerente tinha ido pra Manaus porque já estava com muitos dias. Registrei ocorrência na delegacia de Policia, só que era pra eu ter registrado na Policia Federal, que o Projeto era Federal, eu registrei na Policia Civil. Mais ai de qualquer maneira o Processo foi depois pra lá, eu registrei, fiz tudo isso. Como naquele tempo tinha aquela chamada é briga de poderes e tal, ai o pessoal subiu o Rio o próprio Zé, o Chico Leonel e foram fazer as reuniões e vamos ter que tirar... até ai tudo bem eu não... Ai fizeram as reuniões e ai tira-ou não-tira... Eu disse: eu não sou contra se vocês acham que eu fiz errado não tem problema, eu me afasto! Só que eles acharam melhor extinguir a associação que foi um erro da gente... foi isso ai. Ai o povo naquele tempo... diziam, não se não extinguir não vem mais dinheiro, tem que criar outra; tudo na ilusão do dinheiro, porque tinha muito dinheiro na época... ai se extinguiram a ASGM... Porque o pensar deles, eles tinham medo de extinguir e eu acho que eu recorrer e voltar! Eu pensei isso mais ou menos que... mas eu não imaginava isso porque quando eu vi o povo “não tira-tira”, eu fiquei na minha, eu não ia também brigar contra eles, mesmo sendo

inocente, porque o errado ficou na minha tesoureira e no meu contador, eles que acho que tramaram tudo, mais como o Projeto dizia que eu tinha pagar tudo com cheque, eu pra não ter problema deixava com ela e nisso aí deu esse problema e se extinguiu a ASGM e aí foi criado uma Comissão...

Iremar: foi em que período que se extinguiu ela?

C10: Foi em Abril de 96. Aí se extinguiu a ASGM, se criou uma Comissão. Aí bota a Comissão e ficou o Jorge que chamam de Bêbe Leite, o Chico Leonel, eu não me lembro quem foram os outros, até fazer outra assembléia pra se criar a Associação. Aí foi quando surgiu a idéia de se criar a ASROP, que o Jorge foi o primeiro Presidente e aí, como recurso tinha, bastante recurso pra vir, continuou vindo mesmo e veio. Mais até aí o Projeto RESEX ele foi Primeira Fase de 95, aí foi quando teve aquela briga toda e eu fiquei fora da Associação, fiquei só como sócio e em 97 o pessoal criaram uma briga com o Jorge e tal e queriam tirar ele e ele veio atrás de mim: Pô tú sai comigo? E eu resolvi sair de novo na diretoria com ele, aí sai e trabalhei dez meses com ele pedi as minhas contas e falei, não trabalho mais não contigo. Porque não deu certo, ele é um cara muito bom, mais ele tinha a política dele, diferente da minha e aí a gente não deu certo. Era igual a eu e o Zé Maria. O Zé Maria é um cara muito bom, mas no tempo que nós trabalhava, nossas políticas não combinavam a minha com a dele e aí sempre tinha aquela desavenças políticas, não como pessoa mais politicamente. E desde aí eu me afastei da diretoria e aí continuaram a ASROP e eu fiquei só sendo sócio, porque eu fui um dos sócios que mais contribuiu nesse movimento. Eu pagava na época que eu trabalhava no Conselho, naquela época tinha muito dinheiro também, e pagavam a gente bem, a gente recebia o valor de seis salários mínimos naquele tempo; eu pagava de sócio pra ASGM eu pagava um salário mínimo de sócio pra ajudar. Então, hoje eu sempre brinco com os meninos, o cara mais sócio que tem sou eu porque ...

Iremar: pagou adiantado?

C10: É, paguei adiantado, eu pagava até porque tinha uma menina que trabalhava lá também, e pra não ficar sem receber pagava o dinheiro, já pagava pra menina. E eu fazia questão, porque eu aprendi muito com o Movimento; me ajudou muito, gosto muito até hoje... E eu sei que, daí foi quando surgiu a ASROP e surgiu outras programações de criação no Rio Ouro Preto, já veio aquela questão econômica de se criar alternativas de renda e daí foram desenvolvendo e chegou no ponto que está hoje... Porque hoje pouca gente o movimento melhorou. Se tu olhar hoje, tu vê que as casas são boas... Mais o que aconteceu é que o pessoal antigo do Movimento como os pais dos meninos ali da Floresta do (...) do Frances do João do Ouro Negro aquele pessoal que (...) aquele pessoal tudo foram vindo pra cidade. Outros foram morrendo, falecendo e a família não ficava, tá entendendo, os filhos não ficam e foram desfalcando, foram vindo pra cidade. Muitos vieram pra rua pra trabalhar... Tenho muitos companheiros do Ouro Preto que vieram, que até hoje não estão bem, mais estão regular e tem alguns deles que estão sendo presos, são bandidos... essas coisas... tem vários deles que aconteceu isso! Então a tendência é assim... No meu caso, sou pai de cinco filhos do meu primeiro casamento e não tenho nenhum lá, hoje todos vieram pra cidade e vieram estudar porque lá... eu na época, nós criou o Movimento, criou escola, criou o posto de saúde e tudo, e desenvolveu um pouco... hoje é difícil uma pessoa lá que não escreva feijão e arroz é difícil, antigamente era pouco que escrevia, hoje não! É um ponto que o movimento cresceu nisso aí, você vê aquelas casas, você chagava numa casa daquelas pra fazer documento ninguém assinava seu nome. Hoje não, os caras, todo mundo faz o que quer, faz a cartinha, o bilhete; então a gente desenvolveu muito nisso aí e a maioria do pessoal. O França vive lá, mais o pessoal dele tudo vive aqui na rua. O Hércio mora lá, mais os filhos moram aqui na rua, o único que segura os filhos deles, do pessoal antigo que vive lá é o Domingo, e assim mesmo acho que já teve uns três aqui que já vieram. E o Napoleão tem um pouco, que é o Sandro que esta no Movimento... das famílias que está mesmo, que segura tudo lá é dos (...) ali na Fumaça, mais o resto tudo, os filhos vieram pra rua; então aí vai desfalcando e aí no

meu caso, eu tenho cinco filhos, mais dos cinco não tem nenhum lá dentro, eu tenho três aqui na rua. Uma é formada em letras já esta acabando a pós-graduação, acaba esse ano; ela é formada em letras já a três anos. Ai ela já escolheu a área pra trabalhar; ela trabalha com os Índios, ela gosta de estar no mato e tá acabando a pós-graduação agora no final de novembro. O outro meu filho é pintor, mora aqui na rua, mais é pintor. Ele trabalha com pintura, desenho, essas coisas, ele tem até um atelier que ele montou pra ele. E a outra casou como o menino e fica na fazenda, também no mato. Ai eu tenho o meu mais novo e a minha mais velha que resolveram mudar de Estado. Eles moram no Mato Grosso, em Cuiabá. A minha menina trabalha e o marido dela é funcionário de lá não é Ceron é Rede Cemat. E o outro meu menino trabalha em um Cartório de Registro Civil. Ele ganha muito bem e ele esta iniciando Direito também; casou também lá com uma menina de Brasília, é brasiliense a mulher dele, casou ano passado, formada em Administração; então ele pensa assim, papai eu me formando talvez eu volte pra ai; e até eu brinco com ele e digo: tá meu filho, volte porque quem sabe você não vai ajudar o Movimento! A pessoa que nasceu na origem se criou e teve a oportunidade de estudar então... e assim são muitos e hoje o Movimento chegou a condições que está hoje o Movimento... e o Movimento está enfraquecido, por que tem pouca gente, mais que já melhorou, você vê as condições de transporte, as condições de vida das pessoas. Você vê ali no Napoleão, pessoas que são bem sucedidas. E as pessoas que estão mesmo no sitio trabalhando, desenvolvendo, eles estão muito melhor do que na época dos antigos patrões.

Iremar: e dentro disso que você esta colocando, onde é que entra o Plano de Utilização, ou seja, que foi um pouco um instrumento pra poder organizar um pouco esse espaço ali com as famílias que lá ficaram, como é que você, a época do Plano de utilização, tu acompanhou? Como é que você vê o desafio e o avanço desse Plano de Utilização?

C10: O Plano de Utilização de uso da reserva ele foi uma coisa que se tu pegar o folheto do CNPT e IBAMA está escrito, José Wilson presidente na época, ai vem toda a minha diretoria. Foi criado na minha época em 1995. O pessoal que fez todas essas discussões eles até hoje mora no Ouro Preto que foi o Luciano. O Luciano era o primeiro Secretário da Associação e o Brother, acho que tu conhece, que era técnico do CNPT na época. Então o Luciano e o Brother foi que fizeram todas essas discussões sobre o Plano de Utilização da reserva do Rio Ouro Preto. Eu acho, não eu tenho certeza que ele foi uma coisa muito boa pra dentro da reserva pra ajudar a desenvolver não só a fiscalização como a questão de movimento sustentável, um monte de coisa pra dentro da Reserva. Acho que ele foi muito bom nessa parte. Só que no meu ver na época, eu acho que a gente foi muito rígido no Plano. A gente não tinha muito conhecimento, então o nosso povo, eu sempre discutia com o Raimundo, quando a gente ia fazer reunião de base, ele fazia uma lista com um monte na Pauta de ponto de discussão; eu falava Raimundo, eu acho que eu não quero que tu fique chateado comigo, mais eu acho que a melhor coisa é a gente fazer.. tu tem uma pauta de dez pontos, vamos discutir cinco e deixar cinco pra outras reuniões; eu colocava muito isso pra ele e ele me perguntava porque, eu dizia, os nossos companheiros na época, eram muito poucos os que escreviam, então você fica dois dias discutindo uma pauta com dez pontos de discussão, ai quando é com um mês você volta lá os nossos companheiros ninguém lembra o que você tinha discutido... e eu colocava muito isso pra ele; então é preferível você discutir três ou quatro pontos e deixar os outros pra outra vez, você não conseguiu (...)

Iremar: assimilar tudo

C10: É então eu colocava muito isso pra ele. O Plano de Utilização foi isso, eu acho que ele foi muito mastigado na época sim, mais o povo não conseguiu ter aquilo que era de bom e de ruim, eles não imaginaram isso. Então, os moradores lá não podem trazer nem um pau, um cabo pra botar numa enxada: vai aprova, aprova vai! Aprova de qualquer jeito! Então ele não imaginava que isso depois podia prejudicar eles na frente; o peixe a mesma coisa, mais foi bom, foi bom porque esse Rio Ouro Preto, Pacaás e Rio Novo o que tinha de pescador e

caçador não era fácil; o que tinha neste movimento... Então o regimento do Plano de Utilização, de uso ajudou muito por esta parte, inclusive para cá, para banda de Vila Nova, Ramal do Macaco, da Cachoeirinha, a gente não conseguiu combater logo isso, porque isso aí, a madeira foi tirada tudo, se você andar por aí, você ver só os moradores velhos.

Iremar: eu vi, estive ontem lá

C10: Então, a gente não conseguiu combater muito isso, mais ele ajudou muito, porque o povo começou a clarear a mente de cada um porque foi... Quando é proibido e então os pescadores não pode, então os próprios seringueiros até hoje mesmo, se subir um barco diferente aqui na Reserva Ouro Preto, já vem nego atrás para saber de onde é, quem é e de primeiro não, todo mundo entrava porque... Tu sabe que o Ouro Preto é um rio, aqui perto não, mais se tu andar lá pro alto, não sei se você já foi lá pro alto, mais se você andar de Petrópolis pra cima, tu vê a riqueza de peixe cara nesta época que nós estamos agora de novembro; se tu passar de Petrópolis pra cima, ir para Igarapé do Bicho e São José, o que tu vê assim... a água fica rasa, mais vai de barco, o que tu vê assim estivado de surubim... Então ele tem uma riqueza muito grande, isso vai até a Reserva Indígena que já pega a Cachoeira

Iremar: é a Urueu?

C10: é! Então o plano de utilização ajudou muito nessas discussões, porque veio a proibição da retirada de madeira a retirada de peixe. Às vezes, até muitos colegas que traziam, vinham para cachoeira e iam lá para o alto pescar e trazer, hoje já não fazem mais, eles trazem para comer. Vamos dizer assim, se eu to lá no Ouro Preto e eu to vindo, aí eu quero trazer uns cinco ou seis quilos de peixe para mim comer eu trago, porque eu estou trazendo para eu comer não para vender né! Então ajudou muito nisso, mais que algumas coisas a gente fechou, muita inclusive; tem muitas coisas que eles querem modificar né!

Iremar: mais isso também assim, você compreende que a situação foi ficando fechada assim porque a situação foi mudando, porque foi fechado trabalhar com a seringa porque tinha preço, porque tinha garantia na época e depois foi perdendo, isso foi em função disso ou não?

C10: não, eu acho que o Plano de Utilização não atingiu o preço da borracha e esta questão econômica e porque a borracha foi extinguindo, mais hoje porque a maioria das pessoas não querem mais cortar ela, porque eles acham muito barata, até porque hoje é difícil de se vender né! O cara compra, mais não é tanto, mais o que eu me refiro é que ele ficou muito fechado naquele época, as discussões vinha e a gente não tinha conhecimento do que era um Plano de Utilização

Iremar: e tinha por outro lado uma preocupação de aprovar para ser um documento?

C10: é eles tinha preocupação de aprovar logo, porque você só podia ter a Carta de Anuência pelo IBAMA se tivesse o Plano de Utilização; aí vinha aquela questão, só podia fazer financiamento se tivesse a Carta de Anuência; então o pessoal quando começou se discutir e aí era o Brother e o Luciano, eu acho que faltou abrir mais. Eu acho que o Brother, que era o técnico que foi quem começou as discussões, eu acho que faltou ele esclarecer mais o povo, porque era aquilo que eu falei, os nossos companheiros na época, era difícil de entender as coisas tá entendendo! Eu até falava com o Raimundo, e às vezes o Raimundo chegava lá e falava palavras difíceis e eu falava, Raimundo tú tem que falar o nosso linguajar daqui de dentro, porque eu até brincava com ele, porque às vezes pode chegar uma pessoa que pode chegar lá e falar palavrão lá com os caras e eles bateram palma, porque não entendiam nada na época. Hoje não, as pessoas que estão lá já entende, muitos poucos não sabem falar o português, mais já entende um pouco. Então, eu acho que o povo eles viram: é... não, nós tem que aprovar de qualquer maneira, vamos aprovar, vamos aprovar!... E não imaginaram alguma situação (...) que poderia acontecer na frente. Mais que ele foi importante foi, porque daí pode surgir o Plano de Manejo, que é uma coisa que pode. Eu sinceramente não acredito muito no Plano de Manejo, eu sou sincero em te dizer, é uma coisa muito boa mais, eu só acredito no Plano de Manejo se ele for tocado pelas comunidades, como em alguns cantos já está funcionando lá pras bandas do Acre; em Costa Marques se eu não me engano já começou.

Agora da maneira que iam fazer esse do Pacaás Novas, só mudando um pouquinho de assunto, eu não concordava, mais eu acho que se for tocada pela própria comunidade eu acho que funciona, eu tenho plena certeza, porque a comunidade vai se envolver... então eu tenho certeza que funciona. E daí eu acho que depende muito de um trabalho de conscientização do povo, porque essas reservas tudo são ricas tu sabe disso, são muito ricas e eu até eu converso com os meninos e eu acredito muito, só fugindo um pouquinho do assunto, nessa usina de óleo que vocês instalaram na Nossa Senhora do Seringueiro, o que falta mais é o povo é acreditar mais, porque eu sei que tem muito Babaçu, tem muito Patoá, tem muito essa questão de coisa, de produção de óleo que eu acho que dá de você... eu acho que falta o povo acreditar mais... Então, eu sou um eu só não to lá dentro, porque eu estou com um problema de saúde grande, mais se não fosse isso eu tava lá dentro, eu taria. Sou uma pessoa que eu gosto muito... eu, até a minha mulher fala: mais rapaz só pode tá no sangue! Eu gosto, eu só não to em todas as reuniões porque não posso, mais eu gosto de participar das reuniões, assistir jornal... eu gosto dessas coisas porque eu acredito muito; eu acho que o povo organizado é que você consegue tudo através da movimentação.

Iremar: é o que vocês provaram né; ou seja, começar inclusive foi quando eu olho essa situação, quando vocês foram, possibilitaram chegar com embarcação, com motor-rabeta pro pessoal que não tinha com sair, porque tudo era do atravessador ou do patrão, e isso da para entender que foi como um momento de liberdade, ter o seu próprio veículo de transporte para poder sair daí. Pegando um pouco então dentro do que você estava abordando, dentro das possibilidades e alternativas, quando você olha para a RESEX em quanto seja do Rio Ouro Preto, ou seja outra, a primeira questão seria assim o que você entende por desenvolvimento e se na RESEX do Rio Ouro Preto tem desenvolvimento? É possível de se fazer desenvolvimento com a sua riqueza que você falava agora a pouco?

C10: olha eu acredito que ela se desenvolveu muito, mais eu acredito que tem mais coisa pra desenvolver e a onde eu volto a te afirmar, eu acho que o povo para explorar mais, desenvolver mais, tem que acreditar mais no Movimento, porque eu acho, porque tu só consegue uma coisa se tu realmente for com fé, se tu acreditar né! Então, que a Reserva do Ouro Preto quanto a Reserva Pacaás e Rio Novo, são reservas muito ricas, eu falo porque o Pacaás, eu me criei no Pacaás e no Ouro Preto, eu fiquei de 83 até agora e são uma questão muito rica, um potencial muito grande, eu acho que tem como desenvolver, mais depende do povo acreditar, eu acho que ainda não é o suficiente, eu acho que precisa o povo acreditar mais, e tem um movimento que eu até falo para os meninos hoje, e aquele que tú comentou no começo, que é das políticas públicas, eu acho que é importante, porque se tiver a Associação se cria, se a diretoria mais diretores são 12 diretores, mais só hoje sempre fica dois, três né! mais dos três que fica aí, desenvolve sempre, fica vindo tesoureiro, secretario e o presidente... Tirar um deles só para desenvolver políticas públicas eu acho que avançaria muito mais. Porque você iria fazer um trabalho político de conscientização para o povo. Porque eu acho que as associações hoje, eu não sei a ASAEX porque eu me dou muito com os meninos mais eu não tenho participado das reuniões deles, eu acredito que ela está muito bem representada porque o Sandro e o Pirrico são pessoas que... Mais eu acho que a ASROP hoje ela precisa de mais um trabalho de conscientização, porque ela esta deixando muito a desejar até por causa das condições, mais você, digo por que quando tú chega lá, tú que anda muito, andou muito que nem eu, tú chegava lá em Manaus, lá no Pará, em Xapuri, Rio Branco, Cruzeiro do Sul, tudo eu andei por isso aí... Lá em Brasília tú via aquela ruma conversando, de Seringueiro, Agricultor, tudo conversando sobre o Movimento, tudo era discutindo sobre o Movimento, como se fazia, como era pra avançar, onde errou, onde acertou, e aqui nós vê diferente, está entendendo! Hoje nós já... mais já sempre as pessoas tentando resolver os problemas; mais antigamente não, então você via um grupinho de pessoas que sempre tinha alguém querendo falar mal do Movimento e eu acho que isso pegava mal pra gente; o que nós tem que fazer e tentar acreditar e tentar vê os pontos que errou e os pontos que acertou, porque aí você diz, eu

aqui eu erreí, mais aqui eu acertei e assim nós vamos ter que ir fazendo pra poder avançar, é aí onde eu, voltando da questão da exploração que tu falou ainda agora, só repetindo, eu acho que tem muita coisa pra fazer ainda, muita mesmo porque eu acho que ainda o que foi feito, eu acho que não foi o suficiente; eu acho que ainda tem muito mais...

Iremar: é até porque a gente tem... Eu tenho percebido uma constante movimentação de famílias saindo novamente e acho que isso acaba gerando também uma preocupação e por outro lado até onde que os órgãos responsáveis por políticas, que, que chegue até ou que deveria pelo menos chegar até as comunidades, estão de fato discutindo e fazer as coisas acontecer? Acho que esse é que é o grande desafio, as coisas acontecerem porque idéias ou possibilidades tem como, agora desde essa proposta com óleo babaçu ou com outras culturas, ou com peixe, ou com a própria riqueza florestal e a floresta em pé também. Mas ainda a gente sente que ainda, ainda tem um espaço a ser percorrido e que passa pelo processo de organização também e se não tiver, por parte de vocês, por parte dos que estão lá, um trabalho mais sistemático, acompanhando mais de perto, fica essa lacuna, fica esse buraco e se não tiver pressão como vocês fizeram em todo esse processo as coisas não acontecem

C10: não acontece

Iremar: se teve a Resex se outros, mesmo o PRONAF ou outros PRODEF, foi porque o movimento esteve...

C10: ali presente...

Iremar: e diante, agora assim, mais pra ir então fechando, tem mais alguma coisa que você ainda não falou e gostaria de tocar, ou que você esqueceu...

C10: eu voltando um pouquinho na questão desenvolvimento e desenvolvimento da questão econômica, a questão que você falou da saída das famílias, eu acho que isso acontece naquilo que eu te falei, uns que não estão acreditando, outros é porque a maioria do pessoal que vem de lá pra cá, eles chegam aqui vão trabalhar os que querem trabalhar, e aí eu vejo muitos companheiros ali da Nova Floresta que trabalham na Nova Era (empresa em GM); outros que trabalham na Coimbra, que não ganham muito, mais ganham o salário comercial que deve estar hoje o que uns 500 e poucos reais; aí ele trabalha, vai tira 500,00 pra um canto, a mulher vai em um salário mínimo em um restaurante, uma coisa e aí eles acabam tentando viver uma vida assim a questão financeira melhor pra eles. Então eu acho que a Reserva Ouro Preto e acho que não só Ouro Preto, como Pacaás e Rio Novo, eu acho que se o povo se reunir pra sentar, discutir, criar uma alternativa de renda pra eles, porque o que falta lá é porque eles hoje, a alternativa deles hoje mais lá é na mandioca a questão de agricultura e eu acho que eles têm que acreditar mais (...) e tentar; eu acho que ter um apoio também financeiro pra eles, que se eles acreditar mais, com certeza eles (...) mais com certeza a questão financeira melhora e isso está faltando, porque aí eles acham, não eu não vou ficar aqui não, eu vou pra rua, porque na rua eles acham que (...) e que na rua a coisa é mais difícil, o cara ganha um dinheirinho mais você tem que se esforçar mais. Hoje aqui o meu caso, hoje aqui eu não sou empregado eu sou desempregado, eu fui funcionário de uma empresa até 2005, eu fui de uma loja depois que eu sai do Movimento. Aí eu fiquei no sítio, depois voltei, aí eu me empreguei em uma loja de móveis, trabalhei um ano depois fui pra empresa de móveis fiquei até 2005, mais sempre eu ando no Ouro Preto sempre... sempre eu participando aí... ano passado eu participei da vice-presidência da Associação. Mais hoje, eu vivo aqui, sou jardineiro, só trabalha eu, minha mulher não tem emprego, só trabalha eu. Mas como eu tenho meu emprego de jardineiro, eu consigo manter a minha família, agora porque eu não vou pra lá? É como eu te falei, eu tenho um problema sério de saúde e eu não estou conseguindo viver, eu tenho que estar no médico toda semana, eu trabalho de jardineiro, eu vou cinco e meia da manhã quando da 9h ou 10h eu já estou em casa, o horário do sol quente eu já estou em casa e quando é de tardinha eu vou e aí o resultado, eu pego vários contratos de jardineiro e quando chega o final do mês, como esses meses que chegaram agora, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março abril até junho eu tiro uma faixa de mil contos, de mil e duzentos por

mês; tem mês que já chegou até da mil e setecentos contos. Quando chega a época do verão aí cai e eu fico tirando uma faixa de 500 reais, porque eu fico só com os contratos, então eu mantenho a minha família, mais assim apertado, porque se tu na cidade, quanto mais tu ganha, mais tu gasta, é diferente lá do mato, que lá você evita de pagar a luz, você evita de pagar água, você não paga a carne que você lá tem tudo; aqui tudo que você precisa pra comer aqui você tem que comprar e lá no mato você pode plantar... então eu acredito que seria muito (...) inclusive vocês vêm, eu vejo nos jornais, tu vê também que, as pessoas que moram no campo lá fora eles estão vivendo melhor do que na cidade, porque? Porque a questão financeira deles é melhor, eles tem mais condições. Então eu acho que dentro da Reserva Extrativista se tiver mais investimento pra população lá dentro, mais que eles têm que se conscientizar mais, ficar mais conscientizado, porque não adianta tu pegar e investir tanto se a pessoa não, pouco tá ligando pra aquilo, eu acho que tudo que você consegue com muita luta tem valor, mais e você consegue com muita facilidade, eu acho que a gente não dá muita importância. Então eu acredito que tanto a questão financeira deles lá, como a questão de (...) desenvolvimento sustentável e uma série de coisas lá dentro da reserva do Rio Ouro Preto eu acho que dos nossos companheiros acreditar e explorar mais, porque se tu consegui explorar com certeza a questão, a parte social deles e financeira deles melhora lá dentro.

Iremar: é... por que ontem eu ouvi uma crítica no sentido de que a Reserva, os moradores da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto estão envelhecendo, como assim, está só ficando lá os idosos, os aposentados eu não sei até onde que isso precede no geral, mais há uma preocupação nesse sentido, de que essa busca por tentar... já que lá é difícil gerar uma renda até pra poder estar se sustentando, por mais que tenha todos esses benefícios lá, mais ainda precisa esse complemento que não está tendo, e ao que parece por essa opinião, de que está ficando envelhecida a população; enfim mais de qualquer forma desperta essa preocupação, como é que você vai ter ali um processo mais sustentável se estão ficando aqueles que não tem mais condições de estar na batalha, na labuta; e por outro lado fica a preocupação, será que isso é uma estratégia dos próprios órgãos de com isso garantir que a reserva fique menos derrubada; sabe gera essa outra preocupação, por que não está tendo investimentos lá pra poder fortalecer, pra fazer com que as pessoas fiquem lá porque... O Movimento não está conseguindo captar isso ou porque está tendo ausência de políticas públicas pra lá... Então fica essa preocupação, e aí é começar e tentar olhar um pouco pra isso, porque de repente é como se fosse tudo planejado não!? Não vai nada pra lá porque as pessoas acabam saindo e ficam lá aqueles que não vão movimentar, não vão provocar alteração, não vai desmatar pra abrir mais roça e fica só dependendo de aposentadoria... Às vezes gera uma série de interpretações, isso eu não sei... como é que você vê isso?

C10: olha isso aí é uma preocupação, mais eu acho que a maioria das pessoas aposentadas que estão lá dentro é porque eu acho que eles gostam tá entendendo, porque se eles quisessem vir pra cidade eles já tinham falado isso e... Vir na cidade agora, de ter uma preocupação com isso que você falou eu também me preocupo, por que pode correr risco de todo mundo começar a abandonar e a questão... hoje se você não tomar cuidado pode ser que a Reserva fique intocável, se todo mundo vem saindo pra cidade vai ter que alguém tomar de conta, pra não deixar, porque se abrir mão tu sabe que acaba, então pode ser que ela fique uma área de preservação, sem ninguém poder mais... é um risco que pode correr, mais a outra preocupação que eu sempre converso aqui com minha esposa e com os meninos, eu tenho uma preocupação muito grande hoje é de todo mundo abandonar e vir embora pra rua depois de ter tanto se investimento, fazer investimento lá dentro e o pessoal vir embora, e os companheiros indígenas tomarem conta, porque eles já estão discutindo isso, tu sabe disso, que eles estão querendo tomar, se organizando pra querer pegar aquela parte do Rio Negro por traz o Pacaás, eles querem pegar quase tudo e é uma preocupação que eu até conversando com o Ludo lá do Pacaás e o Cláudio, é uma preocupação que a gente tem, é, porque as pessoas que faz parte das Comissão são os políticos, os políticos poderosos que talvez, como é o caso da Fátima que

uma pessoa do Movimento, o Valverde, mais vem aquela preocupação que eles não vão visar eles, eles vão visar o lado do partido... Se tu juntar o Ouro Preto Pacaás e Rio Novo não chega a dar mais de 500 votos hoje dos que estão morando lá dentro, mais se tu juntar só uma aldeia dos índios lá onde a minha menina trabalha tem 2.600 índios, só em uma aldeia... Então os políticos, por mais que eles queiram defender o Movimento, mais eles vão visar o lado que tiver mais votos e isso é uma preocupação que eu tenho, pode ser que aconteça se todo mundo começar a abandonar, eles já estão brigando pra conseguir...

Iremar: mais porque ela era terra indígena ou já foi alguma vez ou o que era?

C10: não, todo o tanto o Pacaás como o Ouro Preto foram terras indígenas na época dos patrões, tudo, tudo, tudo... Então naquelas épocas dos seringais que era aqui no Ouro Preto, o Pacaás foi o tempo de outros patrões (...) Benedito Amorin, Miranda Cunha e outros que já não lembro o nome agorinha, eles faziam na época a chamada expedição pra poder espantar os índios e aqueles que não se entregava entrava no fogo, na ...(...faz menção de atirar)

Iremar: e aquele Manoel Lucindo também?

C10: é Manoel Lucindo justamente e foram invadindo e os índios... porque matavam muitos índios naqueles tempos? Porque o índio, ele estava no território dele e a gente invadindo tá entendendo, e eu morrei na época, eu que fui criança, eu morava no seringal e tinha muito índio na época, mais nunca mexeram com meu pai porque meu pai era o seguinte, eles tampavam a estrada dele... se tampavam ele arroteava mais não cortava, quando ele voltava eles já tinham tirado a tapagem da estrada e nós moramos três anos em uma colocação chamada Apuí, nunca mexeram com o meu Pai nem com nós em casa, nós era pequeno dentro da casa da mamãe. No ano que nós saímos eles mataram uma família inteira só escapou a mulher por que caiu dentro da água e saiu descendo o Rio baleada com a flecha e o resto marido, filho mataram tudo na mesma colocação no ano que nós saímos. Já com o meu pai nunca mexeram porque ele conhecia gente que tinha má intenção com eles então se você chegava na estrada metia o terçado, cortava; eles já ficavam aborrecidos porque sabia que já tava desafiando eles né, mais se ele tampasse o caminho tu deagasse arroteasse e não mexesse, eles sabiam que tu tava respeitando eles aí depois eles mesmos iam lá e destampavam e não mexiam contigo mais; se tu é quer dizer, sempre deixava uma pena, sabe um sinal, eles deixavam no meio e tinha cara que chegavam e não queriam nem saber metia o terçado, jogava pro lado e eles já entendiam que realmente estavam insultando eles. Então é isso, os índios atacaram muita gente, aí aqueles pessoal perversos achavam que eles estavam errados e começaram a fazer expedição pra aqueles que não se entregavam eles matavam, porque aqueles que se entregavam eles levavam e assim foi o branco, tomou esse rio e hoje eles estão vendendo que tá ficando vazio eles querem... e a tendência dos índios é aumentar a família né, e aí eles já tem o povo da FUNAI que são pessoas capacitadas, que conhecem muito bem e começam a incentivar eles igualmente a nós, nós não temos a liderança que começa a incentivar, só que o povo, eu acho que nós temos que pensar mais isso, acho que os nossos companheiros que estão lá, os que estão aposentados, alguns que estão lá que não querem vir pra cidade, eu acho que se mantêm, acho que tentar construir família, acho que o filho cresce e não tem mais jeito (...) bota o filho na rua e fica lá, porque aí você segura e porque é muito importante a reserva extrativista.

Iremar: até acho que esse é um dado importante que você está tocando, que eu não tinha me atentado pra ele e que assim de certa forma, a essa convivência pacífica hoje no alto do Rio Ouro Preto, até porque a presença do seringueiro ali e as famílias que tem, não é uma ameaça para aquele espaço lá, ou seja, ninguém está detonando aquele espaço, então para os indígenas que, mesmo os que têm interesse, não é uma ameaça ou seja, tá beleza lá, agora se começa esse esvaziamento eles sabem que vão entrar outras pessoas e aí vai acabar detonado e aí acaba então abrindo essa possibilidade e então com certeza eles por andar por ali eles sabem!

C10: e justamente eles vão (...) tu chega do Ouro Preto e se tu tiver um tempo um dia, tu pega um barco dos meninos sobe, aí tu vai pro Sapezal, Floresta até a comunidade Divino Espírito

Santo, até o Ouro Negro que é onde mora o João Fabrício e esse pessoal que foram (...) e caso vão pra lá, até lá tem bastante gente, mais tu passa do Ouro Negro, mais só tem uma colocação que tem o filho do João Fabrício, ai tu vai achar um senhor chamado Sabalito, que já esta velhinho lá em cima, ai tu vai achar no Limão o Negão, acho que tu conhece o Nagô (...) sempre por ai... ai vai achar o (...) e daí tu só vai achar gente na Sipitiba, não, no Petrópolis tem um rapaz, mais acho que ele não ta lá, eu vejo sempre por aqui ele, fica lá muito pouco; tu vai achar na Sipitiba que é a Ivania, o Chico Avilaneda, Maisa Raimunda, ai acabou-se... pra cima ai tem o lugar do (...) que já aposentou e ta aqui na rua; ai tem o João Barroso que é num lugar chamado Santa Terezinha, daí pra cima no Igarapé do Bicho não tem ninguém; ai tu vai ter muitas colocações tudo abandonada, se tu vê o deserto que esta já pra cima... Então é uma preocupação ai quando chega de certo (...); de São José que era outro depósito, outra comunidade que não tem mais ninguém ai já (...) já entra na reserva indígena até a Cachoeira... ai pode ser que eles como ta ficando vazio, ninguém ta querendo, vamos ocupar! Porque nós somos assim, quando a gente quer conquistar uma coisa tu vê se a gente tem espaço e ai a gente vai entrando, então é uma preocupação que corre, eu tava colocando isso pros meninos, a gente tem que ter cuidado, porque senão vai chegar um ponto que a gente vai querer cuidar da Reserva Extrativista e não vai ter mais ninguém lá dentro, porque os índios vão invadindo, porque foi deles a terra antigamente, como vê que o branco esta saindo, abrindo espaço eles vão entrar.

Iremar: é... antes que entrem outros pra derrubar tudo né?

C10: justamente, e essas discussões, é foi até bom tu tocar no assunto, eles começaram a discutir isso quando foram movimentar o Plano de Manejo do Pacaás, só que eles achavam que o Plano de Manejo ia ser tocado por uma empresa né! Eles tinham medo da própria comunidade não desenvolver pra chegar no Plano de Manejo que eles iam trabalhar, passava pra... pelo Santo André, que é uma comunidade indígena, passava primeiro pelo Tanajura que... Tanajura, Santo André, Bom futuro, Rio Negro (...) que tem 2.700 índios.

Iremar : lá em cima...

C10: isso, pois é e ai essa era o Plano de Manejo onde eles iam trabalhar, eles pegavam o trecho da (...) é Margarida, ai vai aquele trecho Santa Isabel, Nova Esperança, Santa Galo e Nova Brasília até a nova Brasília é a ultima comunidade, daí pra cima tudo é indígena ta entendendo, ai quando esse pessoal começa a descer ai e só invadir, porque por aqui por trás já esta aqui na entrada do Pacaás Novas, já é um bocado na entrada, ai passa só do Tanajura ai pega uma parte de (...) ai acaba, e já entra de novo, e ai já entra o Santo André, Bom Futuro e uma parte do Rio Novo já é indígena, ai pega a esquerda, ai pega da boca do Rio Novo, pega direita e esquerda vai até o Rio Negro (...) do Rio Negro (...) segue só um lado que é Reserva Extrativista do Rio Branco, ai o outro lado já é tudo indígena; ai acima do Rio Negro tem um lugar alto, ai acaba, ai entra o do Branco de novo e vai pegando Margarida e vai ate Nova Brasília, só que por traz o Rio Negro (...) vai acompanhando ate nova Brasília o Rio Negro (...) é todinho área indígena...

Iremar: e pelo São Luis?

C10: sim, ai quando chega em Nova Brasília pra frente que é (...) de São João, ai tem só um morador pra frente, ai tudo é área indígena de novo ate o São Luis pegando o São João o Parati, e pega tudo isso ai e emenda com o (...) já lá por cima que já da na área dos Uru Eu Wau Wau, ai já emenda tudo ta entendendo, e ai ficou essa tira ai de um certo meio que pra quem quer trabalhar da muita coisa, mais se tu for visar o tamanho da área indígena pra nossa, a nossa é uma coisinha de nada, e ai como a família deles a tendência é crescer, tu sabe que o índio hoje ele mora uma semana aqui, depois ele esta acolá em outro canto, quando da fé ele já volta pra aquele mesmo canto e ai ele vê que todo mundo vai se afastando eles vão penetrando e invadindo.

Iremar: é eles vão ocupando o espaço...

C10: ocupando o espaço, tu vê que aqui por cima, aqui por trás e aqui dos lados já pega tudo área indígena, ai vai até o Rio Novo, porque o Rio Negro ele pertence... do Ouro Negro pra cima pertence a Vila Nova. Eu fiz o levantamento ai com o pessoal do IBGE e no mapa se tu pegar, ai eles entram ali por trás, ai já fica só um lado estreito pra... já pegando uma ponta, quando eles virem que todo mundo sai lá no Rio Negro, já tem pouca gente, que as primeiras famílias antigas já faleceram ai os filhos vieram aqui pra rua, ai tem alguns filhos que já foram falecidos, lá tem o João Fabrício, ai só tem o João Fabrício lá, porque já esta aposentado ele e a mulher e os filhos já esta tudo aqui na rua, parece que só tem um filho dele com ele lá, o resto ta tudo aqui na rua, mais ele gosta de lá, ele é um aposentado que não veio porque ele gosta mesmo de esta lá e porque é ele a mulher aposentado, se fosse pra viver só os dois aqui eles viviam muito bem. É quem... no Divino Espírito Santo tem o Carlos lá que chamam Carlos Prefeito, é aposentado ele e a mulher; ele não vem porque não quer também, porque ele não tem mais nenhum filho pequeno são só os dois; ali tem o compadre Chico (...) é aposentado ele e a esposa, mais também não tem filho pequeno e tem só o Evelino que é o (...) e ele gosta de está acompanhando, fica lá mais ai a preocupação é que tu sabe, que todos nós nascemos e tem um dia que chega o fim da nossa vida, então ou amanhã ou mais cedo ou mais tarde coitadinhos eles vão; chega um dia que Deus tira eles e ai eles vão... E eu até um dia desses, eu sonhando ate fugindo um pouco do assunto, eu sonhei que a comunidade Divino Espírito Santo ficava sem ninguém, ai a mulher me perguntou, eu digo que o (...) no sonho fazia uma viagem, vinha embora e os filhos tudo, abandonava tudinho... eu tava conversando e analisando, se Deus o livre, ele chega a falecer lá, ai o filho sabe Deus, diz não, meu pai não é mais vivo, agora eu vou pra rua e só fica a mãe, que a mãe deles é mais nova e a gente, não tem idade, mais as vezes quem já tem uma certa idade... ele já esta puxando quase 80 anos, ai corre risco dos filho abandonar, já tem um filho dele aqui na rua, que já é dois que já veio pra rua, e ai pode ser que vai abandonado e vai e corre risco de ficar então... é uma preocupação que gente tem e a associação na época. Hoje não só voltando ao assunto, que eu não toquei mais eu me lembrei bem agora, teve uma época, logo que a gente começou a criar o Plano de Manejo, que é a Utilização de Uso, melhor, ficou muito fechado e o povo não visou, as vezes chegava uma pessoa que morava aqui na rua e queria ir pra dentro, vamos dizer assim, que era um trabalhador mais que não queria ficar na rua e queria ir lá pra dentro, mais que a associação não permitia porque ele não tinha origem e eu já pensava diferente, se tu não é um empresário, não é nada, é um pobre trabalhador e quer tentar a vida como agricultor, como seringueiro, eu acho que a associação tem de abrir o espaço, agora tem de ter o cuidado primeiramente com ele, pra tentar conhecer, ver onde que ele veio, ta entendendo! E acho que nada impedia de ele, porque seria um meio de você ir preenchendo as colocações vagas que tem e ficou muito fechado isso, então chegava a pessoa ai.. não, não tem origem nunca foi seringueiro nunca cortou seringa? nunca cortei... ai você não podia nem ser sócio da associação, porque realmente ficou muito fechado era o caso da ASGM, como ASGM era uma associação que abrangia o município, ai tinha os agricultores na época aqui do Cachoeirinha, tudo eram sócios, mais o que eu tinha cuidado, sócio honorários, que tem aquele poder e aquele medo de tomar o poder, ai no lugar de ser uma associação de seringueiros na época, ser uma associação de agricultor... era isso que eu tinha o cuidado, mais tudo eram sócios e eram sócios honorários, que eles não tinham os mesmos direitos de benefícios que tinham os moradores de lá de dentro, porque o Projeto era direto pra dentro, mais ele tinha voz, ele tinha voto, não podia ser votado, mais podia votar em quem ele quisesse.

Iremar: e era uma forma de estar organizado também

C10: justamente, você chamava atenção eles... Eu tinha um quadro na associação na época de 476 sócios e mais uma coisinha que eu esqueci, é que em 95 eu produzi, a Associação de Seringueiros produziu no Ouro Preto entre Ouro Preto e Pacaás, 470 barrica de castanha na época da castanha, nós produzimos de borracha, a associação comprou do Rio Ouro Preto 76

toneladas, isso de borracha na época a Máquina São Paulo (cerealista), nós vendíamos pra máquina São Paulo, a associação comprou (...) 76 toneladas de borracha e 470 barricas de castanha. Então, era um meio do povo aí agora o que nós fazia, nós não tinha cooperativa, então nós criamos um grupo de pessoas que trabalhava com o abastecimento de mercadorias apoiando essas pessoas lá dentro, aí não precisava tu vir todo mês na cidade, só se tu quisesse, quando chegava aqui tinha um barco, inclusive seu Osvaldo (...) já falecido, ele foi uma pessoa muito importante que chamavam João Fabrício nesse movimento, faz pouco tempo que ele faleceu, que é o Pai da Rosalina, inclusive os filhos me convidaram pra missa de sétimo dia e ele falou, tinha o maior cuidado, ele subia com o barco de mercadoria e levava a mercadoria pro seringueiro e trazia a borracha ele cansou de encostar nesse Pompeu, o Adonias era o motorista dele, ele chegava no Pompeu e encostava lá de duas viagens 9, 10, 11 toneladas de borracha, quando a gente passou uma vez uma crise e a gente ainda não tinha o dinheiro, já tinha saído o RESEX mais a gente ainda não tinha dinheiro pra se investir na produção, aí eu tirei um financiamento no BASA na época e aí eu precisei de uma avalista, tinha um senhor chamada Chico Oliveira, ele foi falecido também, na época ele tinha um supermercado, era o Supermercado Oliveira, ele disse: eu te avalizo no banco! Ele avalizou no banco, aquele tempo eu tirei não sei se 14 mil cruzeiros novos naquele tempo. Aí o Rio tava seco! Trouxe a borracha, deu a primeira viagem, deu a segunda viagem, aí passou do prazo que era pra mim pagar, aí o gerente já veio comigo me cobrar, eu digo: *o... o rio tá seco mais eu tenho mais da metade da borracha no Lago do Pompeu*. Aí ele foi com o Chico Oliveira que foi o avalista da Associação, aí ele tinha um caminhão trucado daqueles na época, até hoje o caminhão vive como os cunhados dele, ele chegou com ele, o gerente era um senhor chamado Donizete, ele chegou com a chave e disse: *seu gerente o meu caminhão paga? já que o senhor não está acreditando no rapaz que a borracha está no Pompeu e que borracha chega de amanhã pra depois, se o meu caminhão pagar o valor do empréstimo ou financiamento que ele fez aqui, está aqui a chave do meu caminhão, fique com ele! Ele está parado lá na frente e o rapaz vai lhe pagar, se o senhor não está acreditando nele...* Aí ele: *não seu Francisco o que é isso! Se o senhor já está cobrando e o rapaz já tá com três dias que atrasou e o senhor está cobrando, então se o senhor acha que ele não vai pagar está aqui a chave do meu caminhão! E ele, não pode ficar parado!* Aí foi quando o gerente sossegou; acho que na época deu umas 17, 18 toneladas de borracha e aí a gente já vendeu e já pagamos. E então, eu fiz muito dessas coisas... Então eu sempre falo pros meninos que se você acreditar mais em si, o investimento maior da questão de abastecimento pra eles lá dentro, eu acho que funcionava melhor; agora só que tem que ser um trabalho muito bem feito, porque é aquilo que eu te falei, tudo que você consegue com facilidade às vezes acaba trazendo... Uma vez o Dom Geraldo me disse uma coisa muito importante, ele disse: Boneco, o dinheiro é muito bom mais trás muitos problemas meu filho; então por isso que eu te digo, tudo que você conseguiu com facilidade é bom, mais você tem que ter o maior cuidado porque, porque a maioria das pessoas vem pra cá pra cidade e estão voltando, uma por que quando chega aqui, tu arruma um trabalhozinho, tu vai no supermercado e aí tu compra duzentos contos por mês lá, o supermercado te financia pra tu pagar no final do mês, e tu trabalha durante o mês e chega lá, tu paga e faz outra ta entendendo. Então, se Associação ou a Cooperativa que, é, a associação e o estatuto não permite, mais na época eu criei um grupo de pessoas pra trabalhar com comercialização separadas e aí então por isso que a associação comprou muita borracha, castanha, farinha, feijão, essas coisas, porque nós investia lá dentro e aí a associação botava uma pessoa pra receber no barco levava a mercadoria deixava na tua casa, daí tu comprava tanto e já somava e tal dia eu to passando aqui, e chegava no dia e as vezes tu não tinha tudo, mais tu tinha metade a o barqueiro dizia: *eu vou lá no Pompeu, eu vou deixar uma carrada no Pompeu e tal dia eu tô aqui de volta*. Quando chegava lá já tinha, então tu vendia mercadoria pra cem pessoas, aí tu sabe que sempre dos cem... mais 80 pagavam, então nós não recebíamos os 100%, mais 80% era recebido todo mês, e aí ia cobrindo, nós botava uma

porcentagem de 30% e na a borracha a gente tinha mais uma porcentagenzinha que se eu não me engano era de 15%, então daria 45% entre a mercadoria e a borracha, então aí todo mundo produzia muito.

Iremar: é, e tinha essa assistência direta no local né!

C10: e tinha assistência, e isso ajudou muito, e depois que acabou aí o pessoal tá lá, eu to lá no meu sítio e to sem rancho, aí eu faço um saco de farinha e venho vender ele, aí eu vou ter que pagar frete de caminhão pra mim vir, vou ter que pagar pra voltar e vou ter que ainda comprar minha gasolina pra mim subir do Pompeu pra lá; aí você vem com dois sacos de farinha e não dá pra fazer nada; então isso foi uma questão que ficou muito difícil (...); muitas vezes lá dentro, foi esse problema, mais eu acho que se o povo acreditar mais e tiver um investimento, mais um investimento acho que é que nem aquela história, todo cuidado é pouco, que seja bem mastigado, viu bem... Eu acho que funciona a coisa, acho que se criava, até... Se criassem uma Cooperativa só pra mexer, eu não sei essa do... Vocês criaram uma aí do...

Iremar: é tem a da energia né;

C10: pois é, mais só que ele não dá direito pra compra e venda ou dá?

Iremar: dá.

C10: pois é, eu acho que não precisa nem criar outra, eu acho que se investir nessa idéia, como os meninos e quem sabe arrumar um financiamento e... Agora tem aquela história, ter cuidado, eu sou sócio da Cooperativa eu ter direito de comprar a minha % menor, agora se eu não sou sócio, eu vou ter que comprar ela como qualquer outro de outro comércio.

Iremar: mais eu acho que o caminho é esse mesmo e tem esses desafio um é a organização e o outro é conseguir sustentar um pouco isso porque pra retomar um processo desse tem que ter um fundo.

C10: justamente, tem que ter um fundo né?

Iremar: mas eu acho que é algo que é possível, pensar com muito carinho senão a gente começa a compreender um pouco mais por que as pessoas acabam saindo, nem sempre é porque quer, é porque não tem condições de sair de lá pra vender um saco de farinha só toda essa despesa que vai ter...

C10: não vale a pena.

Iremar: é não vale a pena, o seja não tem “saldo”?

C10: não tem, justamente porque você chega aqui vende cinco sacos aí tu vai pagar o frete de carro, tu vai pagar pra voltar novamente e ainda tem a gasolina que tu... e os dias que tu perde de lá pra cá, porque tu não vem aqui pra rodar menos de três dias, é quatro dias, pra quem mora lá pra cima, então eu acho que se tiver um investimento, agora tem de ser muito bem pensado pra não fazer mais, por que é aquilo que eu te falei no começo o nosso movimento, porque eu acho que era pra nós ter tido mais cuidado e nós tivemos muito problemas, então, porque na época que a gente trabalhava com isso, tinha movimento, porque o pessoal sabia que tal dia o barco tava lá no porto dele com a mercadoria.

Iremar: é eu acho que é algo a se pensar mesmo, muito bem.

C10: agora eu acho que fica... o povo acho que tem que acreditar mais no Movimento, porque eu não sei se... mais tem pessoas hoje que não estão muito acreditando, acha que não vai dar mais certo, não é mais, então eu acho você tem que acreditar até no último minuto e tem que lutar, porque se você desiste de lutar a coisa piora.

Iremar: esse é e quando acaba os veteranos dessa luta já estão cansados.

C10: vão cansando...

Iremar: e aí a moçada nova, inclusive acho que essa renovação é urgente.

C10: justamente!

Iremar: você tem que estar puxando, capacitando essa moçada nova.

C10: se tu pegar o levantamento antigo no Rio Ouro Preto tinha 156 famílias e era famílias, não era a família vamos dizer ali da Floresta o pai (...) France era uma família, hoje já estão

divididas, o Élcio é uma, o France é outra, o Joãozinho é outra, a filha do France já é outra ali no (...) tem bem uns oito filhos, cada um já considerado dono de... se é na época não era, o (...) era uma família era uma coisa, o seu Alfredo Carneiro com o Luciano era uma família, então eram 156 famílias, aí tu subia esse Ouro Preto, tu via gente por todo canto no Pacaás Novas era cento e poucos, o Rio Novo era o que tinha menos, acho que tinha 72, aí hoje se tu juntar acho que tudo entre Ouro Preto e Pacaás Novas hoje não dá mais em termos assim, porque as vezes eu, o meu filho arruma uma mulherzinha considero uma família, antigamente não; era família grande era 8, 9, 10 pessoas tudo em uma casa e aqueles pessoal antigo tudo.

Iremar: de certa forma dobrou hoje as famílias mais em quantidade enxugou.

C10: enxugou, justamente!

Iremar: é mais a dinâmica acho que aos poucos...

C10: tu vê que tem muita colocação vazia, hoje que não existe mais...

Iremar: eu quero aproveitar que agente ainda está gravando pra registrar, toda a entrevista tem que ter a autorização de quem está cedendo ela pra uso né pra fins da pesquisa na universidade e esta é a última pergunta que eu faço pra você se você autoriza agente usar sua entrevista ou seja, parte dela, pra fins de pesquisa se ela pode ficar a disposição pra esse fim, nada pra fim jornalístico nada pra fim de qualquer outro só para fins da universidade.

C10: Não, eu acho que dependendo de mim eu sempre costumo dizer pros colegas que aquilo que eu não posso ajudar mais eu também não atrapalho, eu acho que de mim não tem nenhum problema já veio outras pessoas da universidade de Porto Velho que já vieram também sobre Ouro Preto também eu não lembro o nome delas agora, mais é uma senhora bem branca ela, ela é muito conhecida ela já subi comigo e fez essa mesma entrevista assim ela tem todas e dependendo de mim não tem problema é aquela história eu podendo ajudar o companheiro.

Iremar: e a nossa proposta é de tentar gerar mais reflexões com bases nesses processos de experiências, pra a partir dessas reflexões, estar construindo algum material, algum instrumental que possa também dar algum retorno, de ajudar a pensar, porque junta a sua opinião com a opinião do outro ou da outra e quando você começa a manusear isso, percebe-se que dá uma linha, ou seja, há alguns indicativos aí, de perspectiva de superação e é isso também a contribuição que a gente pode estar diretamente, enquanto pesquisador estar fazendo é isso aí... Então, tá bom eu tenho só que agradecer pela nossa 1h e 24 minutos de entrevista porque a sua memória é fotográfica.